

WENCESLAU ESCOBAR

Apontamentos  
para a  
Historia da Revolução de 1893



2.<sup>o</sup> MILHEIRO

1920

OFFICINAS GRAPHICAS DA LIVRARIA DO GLOBO

PORTO ALEGRE

*Apontamentos*

Apontamentos para a historia  
da Revolução rio - grandense de 1893



# APONTAMENTOS

PARA A HISTORIA DA

## Revolução rio-grandense de 1893

POR

WENCESLAU ESCOBAR

2.º MILHEIRO

1920

PORTO ALEGRE - OFICINAS GRAFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO  
Filiaes: S. Maria, Cruz Alta e Uruguayana

*Maria Nassim*

## PREFACIO

---

Perpetuar a memoria de factos que depõem contra nossa civilisação, parece acto de pouco patriotismo.

Esta consideração me fez vacillar, por momentos, na publicação destes *Apointamentos para a historia da revolução rio-grandense de 1893*, porque essa historia é bordada de um tecido de atrocidades cruéis, que envergonhariam qualquer povo.

A reflexão mostrou-me o desacêrto deste juizo, porque se todos se detivessem diante esse escrupulo, não haveria historia.

Não existiria essa *mestra da vida*, onde o homem vae haurir lições sobre a sua trajectoria no planeta.

A humanidade teria de viver em trevas sobre o passado.

Os acontecimentos que a illustram não seriam archivados, nem os grandes crimes, que escapam á acção dos tribunaes regulares, seriam sujeitos á sancção de sua inflexivel justiça, ultima esperanza dos enteados do direito, dos que caem batendo-se contra a prepotencia vencedora.

Ella é o plenario onde as gerações futuras, de animo

calmo, julgam os successos humanos de maior relevancia, applaudindo os homens animados por grandes e nobres paixões e estigmatizando aquelles que, dominados por sentimentos malignos, offendem a moral, transgridem o direito e violam as leis da humanidade.

O meu alvo é, justamente, trazer á barra desse tribunal os dois partidos rio-grandenses — federalista e republicano — afim de que conhecidas as respectivas actuações, tanto no terreno das ideias como das acções, possam os posteros julgar com mais segurança qual o responsavel ou principal causante dessa grande desgraça, que, durante 30 mezes, inundou de sangue o Estado, espalhando por toda parte ruinas e mortes. Descer, depois de julgal-os como collectividades, á apreciação dos sentimentos, character e conducta de seus homens de mais destaque, tanto na paz como na guerra, de modo que cada um carregue com a responsabilidade de seus feitos meritorios ou infamantes, leaes ou perfidos, heroicos, humanos ou barbaros.

Até hoje só escreveram, mais largamente, sobre esta revolução e quando o calôr das paixões estava longe de ser

moderado ou extinto pelo tempo, partidarios da legalidade, naturalmente interessados em desfiguraem e até encobrirem factos repulsivos, de negregada memoria, que se hão de agarrar ás carnes da facção vencêdora como tunica de Nesso.

Não tenho a pretensão d'escrevêr com absoluta isenção de animo: sou homem, tomei parte pelo coração e pelas ideias nessa lamentavel lucha fraticida. Procurei, no emtanto, expôr os factos com a possivel imparcialidade, limitando para isso, a meu favôr, não só o quarto de seculo que já nos distancia desse cruento successo, senão tambem a madureza dos annos, poderoso calmante para ajuizarmos dos acontecimentos com menos paixão e mais justiça.

Como um dos principaes, que justifica nossa attitude armada, ahi está ainda vívida, triumphante — a Constituição rio-grandense — que ha 28 annos nos reduziu ao papel de christãos de uma Turquia comtista.

Hoje que o mundo procura modificar-se humanizando o direito sob uma fórma mais equitativa e verdadeiramente evangelica, numa unidade do Brasil, entre irmãos da

## PREFACIO

---

mesma familia, o egoismo partidario engendrou uma machina constitucional para uso e gozo exclusivo dos seus, não se lembrando que apenas são duraveis as obras que se fundam na justiça e na verdade.

Abrigada pela cumplicidade da União, com prejuizo de sua propria natureza organica, continua essa eclusa a antepôr-se á realidade democratica no Estado meridional, até que um dia, illuminados os homens pela clareza de maior perfeição moral, vejam nessa obra uma felonía a Federação, um aparelho de poder unipessoal sob vestes liberaes.

Nós, clamando sempre, até que chegue esse dia, continuaremos irreductiveis na defeza dos verdadeiros principios, cuja razão os poderes superiores da Republica reconhecem, mas, por fraqueza, têm em silencio, sancionado essa iniqua anormalidade.

Não nos desviará deste rumo nem o ostracismo perpetuo, a que se nos condemna, da gestão d'aquillo que tambem nos pertence, sendo esse, talvez, o maior padrão que nos ha de justificar perante as gerações por vir.

Para melhor ajuizar-se a revolução rio-grandense, é

## PREFACIO

---

indispensavel ter conhecimento de todos os successos que occorreram no Estado, desde o advento da Republica até rebentar esse movimento armado. Eis porque precedemos os capitulos que tratam, propriamente, dessa guerra civil, de uma introdução narrativa de todos esses successos.

O valôr da historia depende, principalmente, do perfeito conhecimento da causa remota dos factos, e, mesmo assim, é muito relativo, porque se suas lições aproveitassem ao mundo, não seria tão grande o registro das loucuras dos homens e dos crimes das nações.

Seja como fôr, o que temos em vista é fornecer elementos á posteridade para julgar com justiça esta convulsão social, sentenciando os homens pelas suas obras.

Não ha estatuas nem mausoléos, erguidos aos maus a custa das dôres e lagrimas dos opprimidos, que valham a immortalidade dos bons, gravada, como em laminas de aço, nas folhas impereciveis da historia.

*Wenceslau Escobar.*

Rio, Setembro de 1919.



*Conselheiro Dr. Gaspar Silveira Martins*  
*Chefe civil da revolução*



## INTRODUÇÃO

### I

No antigo regimen, a direcção dos negocios publicos da ex-provincia do Rio Grande do Sul, era disputada pelos partidos liberal, conservador e republicano.

Ao ser proclamada a Republica, estava o partido liberal, dirigido pelo Dr. Gaspar Silveira Martins, conselheiro e senador do Imperio, no auge de todo o prestigio, senhor de todas as posições officiaes.

O partido conservador, desalentado por inconcussa e recente derrota, e, ainda, nesta deploravel emergencia, scindido por odios e rivalidades, caminhava, a largos passos, para completo dismantelo.

O partido republicano, posto que fraco em numero, compunha-se, entretanto, de uma mocidade entusiasta e tenaz, vigorada pela sinceridade das convicções e pureza de moral politica, ainda não contaminada pela malevolencia da vida publica.

Na marcha evolutiva de nosso paiz por uma

organisação mais consentanea com a razão e a liberdade, era a imperterrita e abnegada vanguarda.

Apezar de derrotado no pleito cujo triumpho coube aos liberaes, não s'entibiou como o conservador; mais s'estimulou na propaganda de seus principios, na cruzada contra a monarchia, que já então, começava a tomal-o a sério.

Seguiu explorando com habilidade os erros e fraquezas desse regimen, assim como ás classes armadas, as quaes não se cansava de prodigalizar zumbaias e lisonjas, sobretudo a juventude que se destinava a carreira das armas.

A profissão de fé republicana, que, pouco antes do advento da Republica, fizera a importante familia Tavares, bem como grande numero de conservadores, deu-lhe muita força moral, engrossando-lhe consideravelmente as fileiras.

Tal era, ao ser proclamada a Republica, a situação dos partidos politicos no Rio Grande.

## II

Proclamado este novo regimen, foi nomeado o general Visconde de Pelotas governador do Estado. Os liberaes, apeados, d'improviso, de todas as posições, entregaram, a contra gosto, a direcção politica e administrativa dos negocios publicos.

Os conservadores fieis a tradicional arregimentação politica, aproveitando a optima opportuni-

dade, passaram a formar nas fileiras do partido republicano.

Os arautos da ideia triumphante, que, emphaticamente, se deram a denominação de **historicos**, a quantos não faziam publica profissão de fé ou não tinham sido partidarios dos tempos da propaganda, excluíram, de modo systematico, de todas as funcções publicas e electivas. Até álguns daquelles que pouco antes de 15 de Novembro tinham se declarado republicanos, alcançou esta odiosa exclusão. Ao inves de procurarem fraternisar todos os membros da familia rio-grandense, conjurando difficuldades a consolidação da nova fórmula de governo, seguros do apoio da espada, cujo unico dominio imperava, ameaçaram arrogantes com o braço mavorceo — “a guerra como na guerra”, tratando como suspeitos todos quantos com alacridade não entoavam hosannas a nova ordem de cousas.

Emquanto governou o Visconde de Pelotas, não foram tão acentuados os effeitos da reacção, porque o illustre titular se recusava a acceder todos os pedidos reaccionarios, com que, diaria e continuamente, lh'importunavam os apóstolos da nova fé.

Convencidos de não poderem reagir como desejavam, abandonaram o honrado general, justificando esse abandono, em manifesto dirigido ao Rio Grande do Sul a 13 de Fevereiro, “na invencivel incompatibilidade de pensamento politico e de normas administrativas” entre elles e esse velho servidor da Patria.

Começou, desde então, o nobre Visconde a sofrer, agravado pelo cruciante fêl da ingratição, os dissabores que lhe já iam causando a grande obra para a qual tão efficaz e poderosamente tinha corrido.

Logo após este rompimento, exonerou-se do cargo de governador do Estado. O desgosto produzido por esta primeira decepção, accrescido, talvez, por seu estado valetudinário; ou o escrupulo, senão patriotismo, de, na occasião, cercar-se de auxiliares que acabavam de servir a monarchia; foram, sem duvida, os motivos que actuaram no animo do valente general para tão prudente quão acertada resolução.

### III

Foi o Visconde de Pelotas substituído pelo general Julio Anacleto Falcão da Frota, que assumiu o governo a 11 de Fevereiro de 1890.

Já a este tempo, o partido liberal, que, após a proclamação da Republica, conservou-se, durante dois mezes, em cautelosa expectativa, sobretudo depois que deportaram seu chefe, tinha rompido em franca opposição á politica republicana.

A creação de pingues empregos para os directores dessa politica; os pródromos da reacção cuja violencia, claramente, se percebia pelo exa-gero partidario dos homens da incipiente instituição; a intolerancia contra quantos ruidosamente

não lhes festejavam, logo tidos em conta de "inimigos da Republica"; foram as principaes causas dessa memoravel opposição, dirigida pelo laureado publicista Carlos Kozeritz, a qual, tambem, valha a verdade, o despeito alimentou.

O general Frota não creou difficuldades a reacção pretendida pelos republicanos, invocada como uma necessidade á consolidação da Republica.

As demissões, a cuja rasoira só escaparam os empregados do thesouro do Estado, foram geraes.

Os funcionarios, que não renegavam de modo ostensivo as antigas crenças politicas, eram demittidos, por maiores e mais valiosos que fossem seus serviços. A justiça, junta ao prejuizo do interesse publico, não se levava em conta; o que se queria, eram incondicionaes. Só assim entendiam poder montar a machina para a segura victoria da eleição dos deputados á constituinte, do que, com vivo empenho, sem attenção aos meios, com febril e nevrotico afan se cuidava.

Quasi exclusivamente visando este objectivo, com despejo de á todos fazer pasmo, destoante dos jactanciosos qualificativos de "immaculados, regeneradores dos costumes e moral politica", secundados pelo ferreo regulamento Alvim, (1) proce-

(1) Cinco ou seis annos depois da publicação deste regulamento, o proprio snr. C. Alvim, que fez parte do Governo Provisorio, declarou pela imprensa que, no seio do gabinete, as emendas vencedoras que conferiram ao governo, por meio de agentes de sua livre escolha, a organização das mesas eleitoraes, foram de seu collega Campos Salles; que sua opinião foi manter melhorado o processo eleitoral da lei — Saraiva.

deram escandalosa qualificação eleitoral, donde excluíram para cima de trinta mil cidadãos contrários a nova politica, tal como estava sendo inaugurada pelos directores do partido republicano rio-grandense.

Diversos eram os meios pretextados para essa acintosa exclusão, todos, porém, frívolos, irrisórios e até cynicos.

A velhos de barbas brancas exigia-se-lhes prova de maioridade; a requerentes nascidos e creados nos lugares onde se faziam os alistamentos, attestado de residencia de mais de anno; a outros, cheios de circumspecção, notoriamente capazes, no intuito de afugental-os pelo ridiculo, pretendiam as juntas fazel-os passar por exame de leitura e escripta; ainda a um grande numero, o mais consideravel, deferia-se-lhes as petições, mas afinal, na relação dos qualificados, não appareciam seus nomes.

Recorrer destas arbitrariedades era trabalho improficuo, porque havia por parte da maioria das autoridades republicanas, na generalidade nomeadas entre os partidarios mais exaltados, o proposito firme de esbulhar da funcção do voto o maior numero possivel de adversarios, meio infallivel de victoria.

Aos chefes locais, amigos da situação, tudo se facilitava: uma simples indicação de nomes de cidadãos tidos em conta de companheiros, bastava,

para sem a minima exigencia, serem incluidos nas listas eleitoraes.

Estas iniquidades praticadas por homens que alardeavam um puritanismo sem jaça; este exclusivismo irritante de uma grande massa, senão maioria dos cidadãos do Estado, da gestão dos negocios publicos; esta intolerancia, levada a excesso, que dividiu o povo rio-grandense em vencidos e vencedores; foram, aos poucos, indispondo o espirito publico contra o partido republicano. Fingindo ou, realmente, não dando fé ao alcance deste estado d'alma da collectividade, não obstante de importancia capital nos paizes livres, a acção do governo do general Frota, que quasi se limitou a curar dos apréstos para a lucta eleitoral, foi, apenas, contrariada pela concessão do privilegio do porto das Torres ao Dr. Trajano Viriato de Medeiros, a despeito do alarido em contrario levantado.

Conjurada, afinal, pelo silencio esta contrariedade, cuja má impressão, sequer, ainda de todo não estava desfeita, já outra, de maior monta, sobrevinha, oriunda da creação do Banco Emissor do Sul.

A fundação desta instituição de credito era favorecida por amplas concessões privilegiadas, que, postas em pratica, causariam a morte de quasi todas as nascentes industrias rio-grandenses e tornariam impossivel o desenvolvimento de outras. No louvavel empenho de as defender, os directores da politica republicana oppuzeram-se, tenazmente, a seu funcionamento no Estado, mas, comquanto

tivessem mandado ao Rio um emissario entender-se a respeito com o general Deodoro, nada conseguiram.

Exautorados, assim, na questão, a ponto de só terem sciencia da installação do Banco por communicação dos gerentes, sentiram-se fundamente magoados, e tanto o governador como os auxiliares, em cumprimento do protesto que, se não fossem attendidos, tinham feito, abandonaram o poder.

A 9 de Maio, em novo manifesto dirigido ao Rio Grande, explicaram os pormenores deste incidente e justificaram, perante os correligionarios, a attitude politica assumida.

Saudados pelos amigos em manifestação publica na noite do dia desta resolução, Julio de Castilhos, que já, então, era tido pelo principal director espirital do partido republicano, disse, com soberba altivez, que assim só procediam aquelles que tinham por objectivo o bem publico, a grandeza de uma Republica honesta, pois, de outro modo, não teriam a heroica abnegação de desprezar o poder, "atirando os altos cargos que occupavam pelas janellas do palacio".

#### IV

Em substituição ao general Frota foi nomeado o Dr. Francisco da Silva Tavares, que tomou posse do governo do Estado a 6 de Maio de 1890.

Não era dos genuinos, mas tinha se declarado

republicano antes da queda da monarchia. O exclusivismo dos **historicos** em relação a quantos tinham o peccado original de não ser **puros**, trazia-o algo arredo e desgostoso, embora a respeito procurasse guardar mal dissimulada discrição.

Os pedidos de demissões, quasi geraes, pelas autoridades republicanas, tornaram-lhe espinhosa a tarefa de organizar governo. Sem apoio no partido republicano, nem no liberal, não podia administrar o Estado.

Acreditamos, entretanto, que este obstaculo seria conjurado, bastando para isso reflectir na versatilidade dos fracos e no pendôr natural de seus companheiros de origem conservadora, que ora militavam nas fileiras republicanas.

Estas duas circumstancias concorreriam para, dentro de pouco tempo, ter apoio em uma agremiação, que, sem ser forte, seria causa immediata de consideravel enfraquecimento do partido republicano, porque de seu seio sahiria quasi todo o pessoal para a constituição da nova facção, que, por ventura, formasse o dr. Tavares. Ou fosse por isso, ou arrependimento de terem abandonado o poder, ou, mais provavelmente, por uma e outra cousa, o que é certo é que os pro-homens do partido republicano, desde o primeiro dia do abandono do poder, começaram a conspirar para, de novo, empolgal-o, a despeito da simulada abnegação de terem no "atirado pelas janellas do palacio".

Intimos da mocidade academica que se desti-



nava á carreira das armas, cujo espirito tinham habilmente doutrinado em Porto Alegre; affeiçoados do commandante do districto, que, por calculo ou fraqueza, não reagiu contra o plano de revolta em expectativa; assentaram na deposição do dr. Tavares.

Tres ou quatro dias antes de verificar-se este facto, era thema obrigado de todas as palestras, mas pouco, pela novidade, se lhe dava credito.

Para leval-o a effeito, urgia um pretexto, a sombra do qual pudesse a força armada cohonstar a intervenção.

Estava-se a 13 de Maio, a grande data do anniversario da abolição do elemento servil. Comemorando este glorioso acontecimento de nossa historia, tocava uma banda de musica á frente do edificio da sociedade **União Republicana**.

Os boatos da deposição do governador continuavam a correr com insistencia, chegando, mesmo, a affirmar-se que seria levada a effeito, nessa noite, pelos alumnos da Escola Militar de parceria com populares.

Dando ouvido a esses dizeres alarmantes, o chefe de policia, com o louvavel mas erroneo intuito de prevenir qualquer occorrença desagradavel, mandou, amistosamente, pedir ao presidente da referida sociedade, então, o dr. João de Barros Cassal, para retirar a musica da frente do edificio, podendo fazel-a tocar no interior.

Barros Cassal, cuja mira foi sempre mais o

brilho ephemero das acclamações populares que a exacta comprehensão dos deveres de homem publico, e, como republicano, buscava pretexto para realizar o plano da premeditada deposição, respondeu: a autoridade manda, não pede.

Em vista desta resposta altaneira, foi a musica intimada a retirar-se da frente do edificio. Desobedecida, a autoridade foi obrigada a fazer-se respeitar pelo emprego da força.

Com este objectivo aproximou-se do lugar onde tocava a musica, ponto principal da reunião popular, uma pequena força de infantaria de tropa de linha, que foi recebida debaixo de vivas, provavelmente no intuito de verem se com louvores e lisonjas dissuadiam-na do cumprimento do dever. Surda ás acclamações e continuando a ser desacatada a intimação, deu o commandante voz de fogo.

Atirar sobre uma massa inerme de povo, é, sem duvida, uma brutalidade; foi, entretanto, o unico modo de ser obedecida a intimação.

Estabeleceu-se, como era natural, extraordinaria confusão: as casas de negocio, proximas ao theatro desta occorrença, fecharam as portas; o povo, espavorido, fugiu em todas as direcções. Desfeita a agglomeração, tres corpos jaziam por terra. Barros Cassal e mais dois obscuros cidadãos foram alcançados pelos projectis das "comblains".

O primeiro se restabeleceu completamente, só fallecendo um dos populares.

Estava dado o pretexto para a deposição do dr. Tavares!

Deu-o Barros Cassal com o risco da propria vida, pelo que foi aclamado o heróe do dia, o in-temerato republicano, o cavalleiro "sans peur et sans reproche".

Os alumnos da Escola Militar que, em crescido numero, achavam-se no lugar da reunião popular, e, dos quaes, muitos sabiam do plano combinado, correram pressurosos á Escola, aonde nessa noite entre os chefes do partido republicano, commandante do districto, director e lentes da Escola e commandantes dos batalhões, ficou resolvida a deposição do governador do Estado, sob o pretexto de evitar-se derramamento de sangue. Cerca de uma hora da madrugada do dia 14 de Maio, postados á frente do palacio do governo dois batalhões e seis peças de artilharia, guarnecidas por alumnos da Escola, foi o dr. Tavares intimado a abandonar o poder.

Seguramente por não achal-o digno da luz do dia, procurou, esse contingente do exercito brasileiro, occultar nas sombras da noite, na escuridão silenciosa das trevas, esse acto subversivo da ordem e de nefasta indisciplina.

Além de tudo, para depôr um homem rodeado apenas por tres ou quatro amigos inermes, tamanha ostentação de força!

Foi a primeira deposição que houve no incipiente regimen republicano.

Estava aberto o precedente.

## V

Nessa mesma noite, conforme o accôrdo pre-estabelecido, assumiu o governo o general Carlos Machado Bittencourt, commandante do districto.

O povo não teve interferencia alguma nesse extraordinario acontecimento, cuja noticia foi recebida, na manhã do dia 14, com geral surpresa.

Carlos Kozeritz, o intelligente jornalista que, diariamente, desferia pelas columnas da "Reforma" certos golpes contra os exaggeros da politica republicana, soffreu, por esta occasião, duras violencias.

Preso nas Pedras Brancas, onde se achava, esteve sempre, durante a prisão, de sentinella á vista, a qual, mais por escarneo que intenção homicida, ameaçava-o, de quando em vez, apontando-lhe a arma ao peito.

O desespero das filhas, a cujos olhos parecia eminente o risco de vida do velho e extremoso pae, devia-lhe augmentar a afflicção.

Este abalo moral soffrido pelo illustre escriptor, aggravou, consideravelmente, seu já precario estado de saúde, precipitando-lhe a morte, que teve lugar a 30 de Maio, no mesmo dia da publicação, no jornal de que era redactor, de minuciosa exposição das violencias e vexames de que fôra victima.

A incerteza de ser este attentado contra a autoridade constituida approvedo pelo chefe do go-

verno provisório, atribulou, por algumas horas, o novo governador; afinal, na tarde do dia 14, recebeu ordem de conservar-se no governo, uma vez que o assumira para garantir a tranquillidade publica.

O general Deodoro, certo de serem os autores deste condemnavel principio de anarchia os cabeças do partido republicano, mostrava-se reservado. Elles, percebendo a friesa, e, na duvida de merecerem, de novo, suas boas graças, fizeram o dr. Julio de Castilhos embarcar para o Rio, afim de, pessoalmente, entender-se com o dictador. Emquanto os republicanos, sem perda de tempo, envidavam todos os esforços para seguro exito deste lance politico, o dr. Tavares limitava-se apenas a mandar um emissario, sem nenhuma representação, fazer o historico do occorrido.

O certo é que no fim de poucas semanas, radiante de alegria, estava o dr. Castilhos de volta, conseguindo, afinal, que passasse a ordem dos factos consummados a deposição do delegado do dictador. E' possivel que se houvesse mais actividade por parte do dr. Tavares, o incauto general não sancionasse esse acto de rebeldia contra sua autoridade.

Durante o governo do general Machado Bittencourt, apenas de 10 dias, nada occorreu de notavel; sua administração foi simplesmente de expediente.

## VI

A 24 de Maio assumiu o governo o general Candido Costa, homem alheio ao manejo de negocios politicos e completamente cego em materia de administração.

Os republicanos trataram logo de festejal-o, porque sem absoluta certeza das instrucções que trazia, pensaram, e quiçá bem, que com finezas predisporiam a seu favôr o espirito do inexperto general.

Por este tempo, em principios de Junho, os chefes do partido liberal, a familia Tavares, seus amigos e raros republicanos historicos, formaram a agrupação politica que tomou o nome de União Nacional. Esta agremiação de partidarios de diferentes matizes, na maioria composta de cidadãos addictos ao partido liberal, cujo nome desde então desapareceu, adoptou, em synthese, o seguinte programma, publicado a 8 de Junho:

“Manter a ordem, as liberdades publicas, a integridade nacional, em uma epocha em que tudo era perturbação, perplexidade e aventura. Viver com o povo, para o povo e pelo povo, sem compromisso com nenhum governo, apoiando os actos acertados e censurando os que lhe parecessem contrarios ao bem publico. Finalmente affirmava que não era um partido que viesse disputar a outro partido a preeminencia na opinião ou na posse do officialismo.”

O general Candido Costa, certo do apoio dos republicanos, que não se cansavam de incensal-o, e com os quaes ia governando, sem, todavia, hostilizar a **União Nacional**, cujas boas graças procurava conquistar, conseguiu, por alguns dias, obstar a attitude hostile desta collectividade. Fazendo decidido empenho por lhe captar o apoio, appellava para o patriotismo dos directores. Foi corrente nada ter conseguido da maioria, constando, entretanto, que alguns de seus membros, entre outros o Visconde de Pelotas, estavam dispostos a entrar em accôrdo com o delegado do general Deodoro, chegando, mesmo, a tomarem o compromisso de levantar sua candidatura á presidencia da Republica, o que não se effectuou, segundo foi voz publica, em razão de ter o governador, no dia deste compromisso, recebido de Cesario Alvim, ministro do governo provisório, telegramma communicando a nomeação do dr. Julio de Castilhos para vice-governador. Não fôra isto, o Visconde de Pelotas teria provocado scisão na agremiação politica de que era um dos chefes e exposto a um desar a parte que, por ventura, o acompanhasse.

Este telegramma clareou a situação.

De então por diante, o órgão da **União Nacional**, que durante estas negociações guardou silencio, rompeu em franca opposição.

Pouco depois destes successos, chegou, na primeira decada de Agosto, de regresso do Rio, o dr. Julio de Castilhos, que, immediatamente, proclamou

a candidatura do general Deodoro ao posto de primeiro magistrado da Republica. Foi esta a principal condição, patente a todos os olhos, para, de novo, ser entregue ao partido republicano a direcção dos negocios publicos do Estado.

Esta candidatura prociou-a em discurso publico, após solemne affirmação d'estar feita a Republica, facto que negara dois mezes antes, quando o general Frota e amigos abandonaram o governo.

O que de tudo ficou evidente, foi que tanto os republicanos, como a minoria dos directores da **União Nacional**, de preferencia, só miravam, como todos os partidos politicos, o poder, entrando as ideias, neste objectivo, como elemento de ordem secundaria.

Afinal, foram, como era natural, no momento, preferidos pelo dictador os republicanos da propaganda.

Conjurados estes obstaculos e seguros da estabilidade na direcção dos negocios politicos e administrativos do Estado, voltaram toda a attenção para a eleição dos deputados á constituinte, prestes a realizar-se.

Foi por esta occasião que, tratando-se de confectionar a chapa official, o dr. Barros Cassal oppôz-se a inclusão de seu nome no numero dos candidatos, apesar de instado e rogado pelo dr. Julio de Castilhos, já então apontado como chefe do partido republicano. Segundo uns, esta resolução foi dictada pela transgressão do principio da eleição

prévia; segundo outros, pelo compromisso da eleição do general Deodoro. A não ser a vaidade de fazer-se eleger sem figurar na chapa official, o dr. Cassal foi correcto; o unico modo de ter liberdade de acção, era não tomar um compromisso de tal natureza.

Dês este tempo, Agosto de 1890, tornou-se dissidente um grupo de republicanos **historicos**, guiados por Demetrio Ribeiro, Antão de Faria e Barros Cassal, os quaes, como este, não se pronunciaram, francamente, senão depois de eleitos.

A **União Nacional** estava resolvida a pleitear a eleição, chegando para isso a publicar a chapa dos candidatos. Convencendo-se, porém, da impossibilidade da lucta, já por não ser permitido pelo regulamento **Alvim** a fiscalisação das mesas eleitoraes, compostas exclusivamente de adeptos incondicionaes da situação, já pela exclusão de seus partidarios da qualificação fraudulenta feita pelos homens do novo regimen, aconselhou aos amigos, em manifesto publico, pouco antes da eleição (15 de Setembro), a completa abstenção das urnas.

Nada, pois, houve de extraordinario no pleito; todos os candidatos foram eleitos por grande numero de votos!

Delegado de um governo revolucionario, cujo interesse immediato era legalisal-o, limitou-se a administração de Candido Costa, como a de todos os antecessôres, além dos despachos de mero expediente, a trabalhos eleitoraes, collocação de amigos,

creação de empregos e franca distribuição de postos da Gúarda Nacional.

O procedimento dos **historicos** estava em manifesto desaccôrdo com o puritanismo que alardeavam; não restava mais duvida ao espirito publico de que os "taes novos moldes", dos quaes se diziam portadores, em nada eram superiores, áquelles cujos ultimos clarões apagaram-se a 15 de Novembro.

Os repetidos attentados ás liberdades politicas juntos a falta de escrupulo na pratica de actos administrativos, iam desacreditando a nascente instituição, com formal prejuizo dos homens que a preconisavam.

Para este resultado concorreu tambem com igual, senão, maior força, a anarchia que, em geral, reinava em todo o paiz, sobretudo na Capital Federal, onde, com a ruina das finanças da Republica, se esbanjavam loucamente os dinheiros publicos; se faziam irreflectidas e escandalosas concessões; ruidosas promoções no exercito e na armada por acclamações nas praças publicas; onde, finalmente, a avidez de ganancia, ostentação e luxo preocupavam todos os espiritos, corrompiam caracteres e aviltavam de modo pavoroso a generalidade das consciencias.

A vista desta desorganisação que levavam os negocios publicos, e, no Estado, da féra intolerancia dos directores da politica republicana, a opposição, sentindo-se prestigiada por incontestavel



força moral, dia a dia, ganhava terreno, tomando também incremento o grupo dissidente de **republicanos historicos**.

Depois de oito mezes de governo, que, sem um unico fructo benefico, só fomentou odios e rivalidades, passou o general Candido Costa a administração do Estado, em Fevereiro de 1891, ao dr. Fernando Abbott.

## VII

O novo governador revelava-se partidario exaltado, como sóe acontecer áquelles que, militando num partido, passam depois a servir nas fileiras de outro. Naturalmente, para darem arrhas da sinceridade do novo compromisso, em geral, todos, em identicas circumstancias, se mostram "mais realistas que o rei".

O dr. Abbott nada entendia de administração, cuja materia, a julgar pelos factos, nunca fez objecto de seus estudos, nem antes nem depois da Republica. Vivia numa das cidades do interior do Estado, onde se entregava aos labôres de sua clinica e um pouco aos cuidados da industria pastoril. Não fôra a extremada paixão partidaria, sempre inimiga da justiça, nada obstava a que fizesse uma boa administração, porque, afinal, era honesto, intelligente, ameno no trato e insinuante, qualidades que, para o caso, de muito lhe poderiam valer.

Contra essa expectativa, porém, não só se antepunha a anormalidade dos tempos, mas igualmente o difficil encargo para cujo desempenho parecia ter sido escolhido a dedo, naturalmente por sabermos de quanto nelle era capaz a violencia das paixões.

Esse encargo era presidir as eleições para deputados a constituinte do Estado.

A **União Nacional**, ou seduzida pelas promessas de modificações no ignominioso regulamento **Alvim**; ou porque se tratasse da constituição do Estado, acontecimento que por sua importancia interessava todos os rio-grandenses; ou, o que é mais provavel, por uma e outra cousa, dispôz-se, unida e forte, a concorrer ás urnas.

O partido republicano, no aparelhamento dos negocios publicos para firmar unidade de direcção, gerou despeitos, feriu interesses, direitos adquiridos á sombra da lei, praticou injustiças. Estas incoherencias, erros, perseguições e violencias contra os adversarios, tinham-lhe acarretado consideravel desprestigio, de modo que, mesmo a despeito da fraudulenta qualificação, não era facil a victoria. Reconhecendo esta difficuldade, o dr. Abbott não trepidou no emprego de todos os meios para o triumpho.

Distribuiu aos milhares, de uma maneira assombrosa, em arrebatamentos de uma loucura verdadeiramente vertiginosa, galões de officiaes da Guarda Nacional, sem embargo de, no tempo da monarchia, ser este meio de angariar proselytos,

qualificado pelo órgão do partido — “instrumentum regni” da corrupção. Embora fosse um meio gasto de captar votos, todavia, era sempre uma distincção lisonjeira, predispunha os vacillantes, e um que outro espirito fraco, se conservava neutro ou francamente abandonava as fileiras da opposição.

A instrucção publica tambem foi convertida em instrumento eleitoral. Creavam cadeiras a discrição, para as quaes só eram nomeados cidadãos com cujos votos o governo pudesse contar. Não se indagava de condições de capacidade; tratava-se de garantir, pela ddiva do emprego, um ou mais eleitores. Por esta fórma foram nomeados para o magisterio muitos individuos que nem moral, nem intellectualmente estavam na altura do cargo.

Os professores vitalicios, cujos principios politicos não inspiravam confiança, afim de se lhes obstar o voto, eram removidos para lugares distantes donde estavam qualificados. Tal foi o açodamento, o desespero á caça de votos, que todos os ramos do serviço publico foram, mais ou menos, anarchisados, porque a torto e a direito nomeavam-se empregados e creavam-se empregos; nenhum o foi, porém, tão profundamente como a instrucção publica, cujas cadeiras pareciam ter sido postas em almoeda por quem mais votos desse.

Para dar conta da empreitada eleitoral, nada respeitou o dr. Abbott: tradições, moral, justiça, leis, tudo desaparecia diante a arbitraria impetuosidade de seu genio arrebatado; nenhuma consi-

deração o detinha, quando tratava de ganhar um voto ou aplainar qualquer difficuldade.

A **União Nacional** trabalhava com empenho; empregava ingentes esforços na reunião de elementos para a lucta. Explorava com acrimonia os desmandos e erros da nova situação; descarnava sem piedade a incoherencia dos propagandistas republicanos, cujas theorias e promessas de liberdade estavam em manifesta contraposição com os factos. Por outro lado, não era menor, talvez, mesmo, tivesse mais autoridade, a energica e tenaz campanha que tambem faziam os dissidentes historicos, igualmente, dispostos a concorrerem ao pleito.

A medida dos meios empregados pelo dr. Abbott, afim de evitar que lhe fosse hostile o pronunciamento das urnas, correspondia aos desesperados esforços da opposição. Nada o fazia recuar neste empenho, que, a julgar pelos actos, parecia de vida ou de morte.

Data deste tempo, pouco dias antes do pleito, a criação do **partido federal**, formado da junção da **União Nacional**, cujo nome desde então desapareceu, com o grupo dissidente historico. (2)

A formação deste partido foi mais uma medida de occasião que consequencia natural de communhão de ideias.

(2) O partido federal do Rio Grande precedeu ao partido federal republicano creado pelo snr. F. Glycerio e outros pró-homens da Republica; o jornal daquelle partido, porém, só em 1896 inscreveu no frontespicio a divisa — “órgão do partido federalista”.

E' verdade que os representantes destas duas agremiações assignaram um programma, mas o qual nunca os adeptos da **União Nacional** podiam subscrever-o convictos. Partidarios, até então, da divisão do poder publico, tudo quanto fosse negação deste principio, não deviam acceitar, salvo uma milagrosa conversão collectiva em cuja sinceridade não se pôdia acreditar. Entretanto, no alludido programma, essa divisão foi quasi extincta.

A possibilidade da victoria, tornando-se fortes pela união, tal foi o objectivo principal, senão exclusivo, desta liga.

E' innegavel que, nesta transacção, os dissidentes historicos foram mais habéis que os directores da **União Nacional**. E' possivel que estivessem convencidos nada conseguir quanto á fusão de ideias, mas, como as não sacrificavam, nenhum desaire lhes poderia advir, porque tinham tudo a ganhar e nada a perder.

O mesmo não podiam dizer os representantes da **União Nacional**, porquê subscrevendo um programma de tal natureza, feriam de morte as ideias fundamentaes do partido, tornando por isso difficil, senão impossivel, a fiel execução desse compromisso. Realmente embaidos, ou por calculo, de qualquer maneira levaram a peor.

Assim unidas as duas parcialidades politicas, cujos inevitaveis attritos foram, temporariamente, sustados pelas preocupações eleitoraes, concorre-

ram ás urnas com a denominação de **partido federal**.

A 5 de Maio realisaram-se as eleições e a ninguém sorprehendeu a victoria completa do governo.

Foi o que, mais ou menos, se esperava, uma farça eleitoral.

A absoluta totalidade das mesas compostas exclusivamente de partidarios do governo, não admittiam, com rarissimas excepções, fiscalisação. Nestas condições, apuravam discricionariamente votos para os candidatos officiaes, embora dados a candidatos da opposição. Algumas houve, cujo procedimento foi tão deshonesto, que apuraram mais votos que o numero de eleitores qualificados na respectiva sessão. Muitas, na impossibilidade de evitarem a derrota, deixavam de se reunir, frustrando por esse modo a eleição. Em uma das sessões eleitoraes da propria capital, tal foi a falta de pejo, que, na occasião da votação, a policia arrebatou violentamente a urna, tudo com sciencia, senão instrucção do governador, que nenhuma providencia tomou para punir os culpados deste attentado. Como se não bastassem as tropelias e fraudes praticadas pelas mesas eleitoraes, ainda, por sua vez, o mesmo faziam as juntas apuradoras dos municipios, completando a obra daquellas.

Foi este o mais eloquente signal precursor da liberdade politica, que promettia o novo regimen!...

Emfim, estava concluída a representação desta farçada.

A generalidade dos deputados eleitos, animados, sem duvida, das melhores intenções, não tinham, entretanto, conhecimentos especiaes para desempenhar o mandato de constituintes. Na impossibilidade, por isso, de ajuizarem com segurança technica o projecto constitucional que fosse apresentado, tinham de submeter-se a voz predominante da assembléa, a de Julio de Castilhos.

A maior parte dos que possuíam conhecimentos para collaborar com mais consciencia nesse trabalho, faltava independencia, intransigencia na defesa dos principios verdadeiramente democraticos. Poucos, muito poucos, sem pensamentos preconcebidos, pareciam comprehender que a constituição de um povo deve ser o palladio de suas liberdades e não alavanca de segurança partidaria.

Um mez após a eleição installou-se a assembléa, sendo-lhe presente o projecto de constituição assignado pelos drs. Ramiro Barcellos, Assis Brasil e Julio de Castilhos, mas, em realidade, obra puramente exclusiva do ultimo signatario. (3)

Em materia constitucional este trabalho era o unico no genero!

(3) Segundo as versões da época, Miguel Lemos, o chefe brasileiro da escola positiva de Augusto Comte, e Teixeira Mendes, outra summidade desta escola, não foram estranhos a este trabalho, o que é bem acreditavel, porque muitos de seus artigos são copiados textualmente do projecto de constituição republicana organizado pelo apostolado positivista.

Seu autor, não só para desarmar os republicanos historicos dissidentes, que viviam a preconisar a sabedoria dos principios da politica positiva de Augusto Comte, mas tambem para agradar o elemento militar, onde estavam muito em voga esses principios, tratou de modelar, embora de modo imperfeito, o projecto de constituição pelo systema politico ideado por este philosopho. Tal obra era, pois, a consagração da preconisada *dictadura scientifica*, o supremo ideal politico da poderosa mentalidade do sabio de Montpellier.

Realmente, a divisão do poder publico, nesse estatuto politico, era quasi nulla. O papel da camara dos representantes limitava-se unicamente a decretar despesas e a crear fontes de receitas; era uma simples camara orçamentaria, segundo a tecnologia comtista. Ao representante do poder executivo, o primeiro magistrado do Estado, cabia a iniciativa de todas as mais leis, que interessassem a prosperidade e bem estar da familia rio-grandense, as quaes só podiam ser revogadas mediante representação da maioria das intendencias municipais.

Por um tal systema constitucional ficava o presidente investido de grande somma do poder publico; era quasi, senão, um dictador, cuja attribuição ia até nomear seu proprio substituto legal.

Esta obra, pondo em evidencia o espirito de seita, quadrava-se perfeitamente á natureza autoritaria do dr. Julio de Castilhos.

Comquanto o patenteasse estadista divorciado da Republica, cuja negação ella era, prestava-se como excellente instrumento para realisar o objectivo que jamais perdeu de vista — fortalecer seu partido — sobretudo por ter quasi certeza de eleição para o cargo de primeiro magistrado do Estado.

Emfim, para governar sem dar contas a opinião, pois tanto vale sujeitar a revogação de leis a maioria de municipios, cujos representantes são, em regra, cidadãos illetrados, o estatuto politico rio-grançense é o mais bem ideado embuste democrático.

Esta constituição *sui generis*, “primeiro monumento de sabedoria do occidente”, como lh’a chamaram os comtistas, submettida a discussão, passou quasi intacta em 18 dias, apenas com o protesto de meia duzia de deputados, entre estes o dr. Lacerda de Almeida, emerito jurisconsulto, Francisco Miranda e dr. Alvaro Baptista.

Em reserva allegavam que a causa deste atropêlo na discussão, era o temôr da morte do presidente da Republica, cujos incommodos de saúde, por este tempo, tinham se aggravado.

O receio, nesta hypothese, da superveniencia de acontecimentos politicos que demorassem a constituição do Estado, suggestionado pelo dr. Julio de Castilhos, foi causa da precipitação da assembléa, que favoreceu seus intuitos, não só apressando a approvação dessa obra dictatorial, mas tambem sua eleição á presidencia do Estado.

De qualquer modo a assembléa foi mystificada, desviou-se da doutrina republicana, porque os principios de direito publico universalmente acceitos como bases fundamentaes da constituição de um povo livre, foram em grande parte deturpados.

Seguiu-se á approvação da lei organica do Estado, a eleição para o cargo de primeiro presidente constitucional do Rio Grande, sendo, unanimemente, eleito pela assembléa, no dia 14 de Julho de 1891, como “á priori” já se sabia, o dr. Julio Prates de Castilhos.

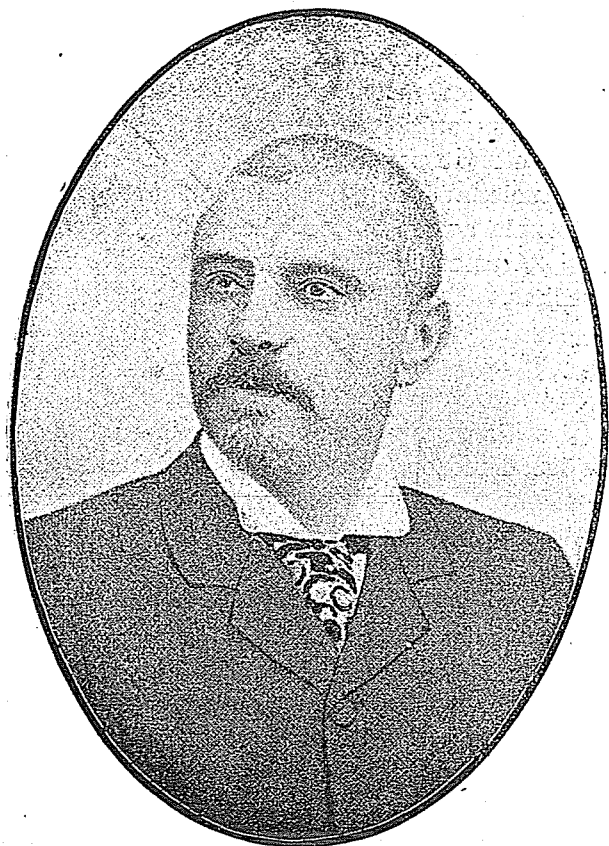
## VIII

No dia seguinte, sob festivas e ruidosas acclamações, começou o periodo governamental do novo presidente. Era, fóra de duvida, senão a primeira, uma das figuras mais preeminentes do partido, não tanto pelo talento, como pela relevancia dos serviços, força de vontade, intransigencia e contracção ao trabalho.

Como, porém, havia da mais humilde aldeia a mais rica e florescente cidade predisposição para a revolta e não associasse a prudencia ao tacto de habil timoneiro para evitar escólhos, difficilmente podia fazer a felicidade do Estado.

Os attentados ás liberdades, que, os corypheus do novo regimen, a mingua de opinião, foram, desde seu inicio, obrigados a praticar, explicam esta excitação de espirito.





*Dr. Julio Prates de Castilhos*

Os actos de acintosa prepotencia do dr. Abbott, ainda mais aggravaram este estado d'alma. Forçado, por falta de partidarios idoneos, a lançar mão, em muitos districtos, villas e cidades, de maus elementos, fomentou, sobremodo, o desassocego do povo, irritando-o, por tal fórmula, que esteve na eminencia de conflagrar o Estado.

Taes eram, ao iniciar seu governo, as condições em que o dr. Julio de Castilhos vinha encontrar o Rio Grande.

Se além de honesto e energico fôra homem de espirito conciliador, poderia ter desfeito a prevenção com que foi recebido e modificado a opinião, apesar de profundamente desgostosa.

Sua natureza, antecedentes e educação politica contrapunham-se a esta ideia consoladora. Sobre ser chefe apaixonado, era rancoroso por indole, avido de mando e poder, incapaz de comprehender as transigencias para um governo de paz e concórdia, de tolerancia e liberdade. E' bem certo, tambem, que a constituição dictatorial do Estado era o principal alvo dos incessantes e vigorosos ataques da opposição, que os generalisava a situação. Enfrentando-a com energia, percebia-se-lhe o pensamento raivoso de esmagar seus poderosos elementos.

Investido de amplo poder, não julgou empreitada impossivel. Montou a machina politica e administrativa com pessoal de inteira e absoluta

confiança, preferindo á sisudez e prudencia a altanaria corajosa de partidarios exaltados.

O erro desta orientação fel-o investir de uma parcella de poder publico não pequeno numero de cidadãos que, ás poucas letras juntavam mau nome. Muitos, de vara na mão, exorbitando das attribuições, começaram a confundir energia com violencia, a se entregarem á pratica de actos abusivos.

Longe de constituirem garantia de paz e segurança, por actos atrabiliarios, tornavam-se os principaes motores de perturbações, áfugentando a tranquillidade do ambiente de suas respectivas jurisdições. Os adversarios, sobretudo os de mais prestigio e valor, eram, sob qualquer pretexto, molestados, ameaçados, perseguidos e até victimas de violencias; eram os alvos preferidos desses homens ignorantes, que a vaidade do poder e a cegueira da paixão politica empanavam-lhes a visão da justiça. Julgavam, deste modo, prestar inestimaveis serviços ao partido, e subirem em consideração no conceito do primeiro magistrado do Estado, que, como elles, eivado de intolerancia, fechava os olhos a todas essas arbitrariedades, não antevendo o abysmo que ia cavando, nem as funestas consequencias de querer dominar pela força um povo, até então, acostumado aos beneficios da liberdade. Dest'arte o governo do dr. Castilhos em nada diminuiu a exaltação dos animos; tornava-se cada vez mais intensa.

A causa por excellencia, senão exclusiva, desse combustivel que havia, em proximo futuro, de ali-

mentar voraz incendio, era o impeccavel rancor contra os adversarios, aos quaes, sem dar quartel, negava todas as liberdades politicas, até a propria justiça, emquanto aos amigos e partidarios tudo lhes facilitava de alma aberta.

Muitos são os factos que confirmam a severidade de nosso juizo, mas nenhum evidencia de modo tão esmagador, como o occorrido na eleição municipal de Viamão.

O partido federalista, por conselho do directorio, não concorreu ás urnas.

Em Viamão, porém, desattenderam este conselho salutar, e, concorrendo ao pleito, venceram em duas das tres secções eleitoraes do municipio; venceriam em todas, se os mesarios de uma das preditas secções não apurassem os votos dos eleitores da opposição para os candidatos governistas. Sem embargo do protesto que, pela imprensa, fizeram esses cidadãos, cujos votos foram fraudados, foi a eleição desta secção a unica julgada válida em todo municipio!

Este facto teve lugar a quatro leguas da capital do Estado, com plena acquiescencia do dr. Castilhos, cujo empenho neste attentado á liberdade politica chegou ao extremo de mandar força armada para garantir a apuração desta eleição fraudulenta.

Se nesta circumscripção territorial pauperrima, onde a administração local dos adversarios nenhuma difficuldade séria podia crear ao governo do Estado, o dr. Castilhos mostrou tanto desprezo pelo

imperio da lei e força da opinião, em maior número seriam os actos de prepotencia, se o partido federalista concorresse ás eleições e vencesse em muitos e mais importantes municipios.

Emfim, tal foi a situação de mau-estar e compressão sentida por uma grande parte da commu-nhão rio-grandense, que, desenganada de alcançar pelos meios pacíficos a garantia efficaz de todos os seus direitos, já começava a afagar a ideia da revolução, vendo nella o recurso extremo dos opprimidos. Murmurava-se com insistencia que seria questão de pouco tempo, chegando, até, alguns, que se diziam melhor informados, a precisar o mez em que devia rebentar. O que é certo é que se havia plano a tal respeito, guardava-se o mais rigoroso sigillo. Nenhum trabalho se percebia que indicasse preparativo revolucionario, do que em verdade, a nosso vêr, não se chegou a tratar, não passando o pensamento da revolução de uma ideia subjectiva, que, aliás, diariamente, a largos passos, ganhava terreno.

Assim ia proseguindo o governo do Estado, em franco divorcio com a opinião, só merecendo applausos dos partidarios incondicionaes, quando deu-se o golpe d'Estado de 3 de Novembro, que dissolveu o Congresso Nacional.

O dr. Castilhos, diante tão extraordinario acontecimento, ficou perplexo; sem saber, a principio, que resolução tomar, decidiu-se, afinal, pela approvação do acto criminoso do presidente da Repu-

blica, ao qual, sem a minima demonstração hostil, prometteu "manter plenamente a ordem publica no Rio Grande."

A seu conselho, a assembléa do Estado, que por este tempo funcionava, muito de industria, deixou de reunir-se quatro ou cinco dias consecutivos, afim de não votar uma indicação do deputado dr. Alvaro Baptista, reprovando este insolito attentado á constituição da Republica. Reunindo-se, afinal, votou não ter competencia para tomar conhecimento da indicação apresentada!...

Esta corporação, cuja grande maioria movia-se á vontade do presidente do Estado, ainda mais accentuou sua passividade, quando, em seguida, a 11, convidada pelo dr. Castilhos, reuniu-se no palacio, e protestou, suggestionada por elle, contra a dictadura. Entretanto, na noite desse mesmo dia, depois da resolução tomada pela docil assembléa, ainda pedia ao dictador "forças e encouraçados para suffocar a rebellião."

A attitude assumida pelo presidente do Estado; a submissão incondicional da assembléa; o facto extraordinario de se ter declarado dictador o primeiro magistrado da Republica; por tal fórma exacerbaram os animos, já em demasia predispostos á revolta, que foi impossivel conter a revolução.

Assim é que, a 8 de Novembro, as guarnições de Bagé e Rio Grande, em franco consorcio com o elemento popular opposto ao governo estadual, pronunciaram-se contra a dictadura e seu dele-

gado no Estado. O general João Nunes da Silva Tavares dirigiu circulares a alguns correligionarios e amigos da liberdade, concitando-os a tomarem armas e reunirem-se, o que, com grande exito, elle já o fazia no municipio de Bagé. Logo após o levante destas guarnições, pronunciou-se tambem a de Santanna do Livramento, secundando-a no mesmo pensamento Rafael Cabeda, prestigioso chefe do elemento civil dessé importante municipio. Em seguida, ou quasi ao mesmo tempo, teve igual procedimento a guarnição de Uruguayana, tendo a frente o coronel Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, commandante do 6.º batalhão, que se tornou o principal campeão do movimento revolucionario da fronteira do Alto Uruguay. As guarnições de S. Gabriel, S. Borja, Quarahy, Jaguarão e um pouco mais tarde a de Alegrete, confraternisaram com as primeiras, francamente hostis ao acto dictatorial do presidente da Republica, que, antes de pratical-o, dizem, não sabemos, o fez sob promessa do apoio da força armada.

O movimento de forças civis era extraordinario em todo o Estado. Na Serra, o major Antonio Ferreira Prestes Guimarães, benefica influencia de toda essa região, fez grande reunião de povo, cerca de 2.500 homens, promptos a tomarem armas. Em Alegrete, S. Borja, S. Gabriel, Caçapava, Cruz Alta, Cachoeira, Rosario, Soledade, Rio Pardo, Santa Cruz, Viamão, o primeiro no pronunciamento hostil contra o golpe d'Estado, por toda a parte, em-

fim, foram enormes as agglomerações de cidadãos de todas as classes, que pressurosos corriam em defesa da liberdade.

Nas localidades onde haviam estas reuniões, eram depostas as autoridades, que obedeciam o governo do dr. Castilhos, as quaes nenhuma resistencia oppunham, não só por falta de força material, mas tambem de moral, que não podiam ter na defesa de um acto criminoso. Em poucos dias ficaram os revolucionarios senhores de toda a campanha e da maior parte das cidades e villas do Estado.

Abandonado pelas forças da União, até mesmo pelos proprios batalhões que lhe eram mais addictos; abandonado pelas forças navaes estacionadas nos portos do Rio Grande e Porto Alegre que, sem vacillar, declararam-se contra o golpe d'Estado; sem, absolutamente, contar com apoio de forças civis, e, portanto, na impossibilidade de, por mais tempo, manter-se no poder; foi, o dr. Julio de Castilhos, depôsto de presidente do Estado no dia 12 de Novembro de 1891.

Esta deposição teve lugar á immediata entrada de uma commissão popular no palacio, a qual lhe invocando o patriotismo pediu resignasse o poder, afim de evitar inutil derramamento de sangue. Manda a verdade dizer que, quando a commissão subiu as escadas do palacio, sabia ter o dr. Castilhos, forçado pelo imperio das circumstancias, tomado esse alvitre, tanto que já tinha mandado ma-

nifestar essa intenção ao povo reunido na praça publica.

Assim terminou o primeiro governo deste homem intolerante, autoritario e tenaz; comquanto soubesse querer, não soube, entretanto, conduzir-se nesta difficil emergencia, e tão desorientado ficou que, ainda num lance de frivola arrogancia, declarou, em manifesto publico, "que abandonava o poder á garotada desenvolta, cercado do apoio da opinião esclarecida e da força armada."

## IX

Assumi o governo um triumvirato composto do general Manoel Luiz da Rocha Osorio, drs. Barros Cassal e Assis Brasil, que, na ausencia dos dois primeiros, declarou, em manifesto publico, só ficaria a junta no governo o tempo necessario para cumprir sua missão patriotica: que manteria a ordem publica, oppondo-se decididamente, quaesquer que fossem as consequencias, ao acto arbitrario do marechal Deodoro.

O dr. Assis Brasil parecia só ter um pensamento: guerrear a dictadura. E' o que se infere do telegramma de 15 de Novembro, em resposta ao Barão de Lucena, concebido nos seguintes termos:

"O Rio Grande chora no grande dia desgraças da Patria abatida sobre sua constituição rasgada. Não toma parte nas festas: prepara-se para defesa da liberdade."

Talvez, dominado por essa ideia exclusiva, não se preocupasse com a conservação de algumas autoridades nomeadas pelo dr. Castilhos, motivando assim desgostos áquelles que tinham feito a revolução. Buscando a razão desse procedimento, opinaram uns ser ditado pelo desejo de chamar a si o partido do cunhado, outros, a meu vêr com mais fundamento, pelo proposito de evitar cahir o poder em mãos dos partidarios do dr. Gaspar Martins, que, valha a verdade, foi sempre o duende dos republicanos rio-grandenses de origem historica. Ou fosse por uma ou outra cousa, o que é certo é que essas autoridades solicitaram suas demissões e permaneceram fieis ao dr. Castilhos.

Poucos dias durou este triumvirato, porque vindo do sul do Estado o conselheiro Francisco Maciel, segundo foi dito para fazer parte do governo, os drs. Assis Brasil e Cassal, visto ser elle partidario de Gaspar Martins, mais por evital-o que pela verdade das razões allegadas, a 17 de Novembro, passaram o poder ao general Barreto Leite, sob pretexto de que assim seria mais uniforme a acção governamental.

## X

Os preparativos de resistencia á dictadura continuavam activos. No interior do Estado era grande a arregimentação de forças civis; na capital formaram-se varios batalhões patrioticos.

No dia 23 de Novembro, quando embarcavam para guarnecer a fronteira com Santa Catharina dois batalhões do exercito federal, chegou a noticia do levante da esquadra e da sequente resignação do poder pelo honrado, mas inexperto marechal Manoel Deodoro da Fonseca, primeiro presidente constitucional da Republica.

Passado este curto periodo de anciedade revolucionaria, foram todas as forças civis dissolvidas, começando, então, para o novo governo do Estado uma vida menos agitada.

O general Barreto Leite era um bom homem, mas sem preparo de natureza alguma para o governo. Dispunha de poucos conhecimentos e nenhuma experiencia no trato dos negocios publicos, de modo que tinha de ser guiado por conselheiros intimos. Dentre estes, preferiu o dr. Barros Cassal, que se tornou o mentor da politica do governo.

Os primeiros actos do general mereceram applausos; foram inspirados por verdadeira comprehensão democratica. A constituição dictatorial do ex-presidente Castilhos foi logo revogada. Fez-se uma nova e geral qualificação de eleitores, afim de corrigir o falseamento da primeira. Simples depositario do poder, tratou este governo, tendo em vista nenhum partido ou facção politica ter predomínio exclusivo na direcção dos negocios publicos sem a sancção do voto popular, de convocar uma convenção rio-grandense, cujos membros deveriam vir investidos de poderes extraordinarios, no in-

tuito de, soberanamente, resolverem como melhor entendessem ás conveniencias do Estado. Era um meio pratico de conjurar attritos desagradaveis entre o grande elemento de origem monarchica e os republicanos dissidentes de origem historica, cujos chefes Demetrio Ribeiro, Barros Cassal e outros aspiravam a suprema direcção da politica rio-grandense, a despeito do pequeno numero de amigos que capitaneavam. Todos os concorrentes á reunião em que se tomou este alvitre, acceitaram-no sem protesto.

Visando o mesmo fim, isto é, evitar possiveis divergencias, como uma especie de eleição prévia, ficou tambem resolvido que fossem as camaras municipaes incumbidas de indicar os candidatos á convenção rio-grandense.

A indicação recahiu em dois terços de cidadãos de origem monarchica e apenas num terço de republicanos historicos dissidentes, motivada pela escassez numerica desta pequena facção. Este resultado, attribuido a manejos, descontentou os chefes dissidentes, com o qual simularam, entretanto, conformar-se.

Concomitante a estes factos, o dr. Julio de Castilhos começou a fazer activa propaganda pela volta de seu governo, sob o fundamento de ser o legal. Seus partidarios, por toda parte, repetiam este estribilho. Explorando sempre o elemento armado da nação, ao qual nunca se cansou de lison-

jeiar, seguia tenaz a cruzada pela volta da pretendida legalidade.

Como contasse com o apoio incondicional de tres coroneis, commandantes de batalhões, e com o do proprio commandante do districto militar, tentou, a 3 de Fevereiro de 1892, secundado pelos batalhões 13 e 30, depôr o general Barreto Leite. A repartição dos telegraphos, contra a qual se manifestou a primeira tentativa desta sedição, atacada por um grupo de populares armados de *comblains*, foi corajosamente defendida pelos empregados, que, repellindo os atacantes, causaram-lhes a baixa de um homem.

Barreto Leite, no primeiro momento, foi obrigado a refugiar-se com a séde do governo para bordo de uma das canhoneiras da flotilha; ajudado, porém, por Barros Cassal, conseguiu congregiar elementos de resistencia, apoiado pelos alumnos da Escola Militar, força policial, paisanos armados e o 12 batalhão que, dois ou tres dias depois, chegou do Rio Grande.

Em vista da attitude destas forças, os commandantes dos dois batalhões preditos e os poucos amigos civis do dr. Castilhos, ostensivamente envolvidos nesta infeliz empreitada, recuaram, chegando o referido doutor a pedir garantias.

Este movimento na capital obedecia a um plano de revolução em todo o Estado, que foi correspondido por algumas localidades do interior, mas sem resultado. Presos os cabecilhas, foram os grupos

que já tinham reunido e iam reunindo, dissolvidos por numerosas forças civis do partido federalista, por toda parte, em armas. Entre os presos de mais nomeada, figuravam o coronel José Gabriel da Silva Lima e o dr. Fernando Abbott, que estava reunindo no municipio de S. Gabriel. Conduzido para Porto Alegre, esteve, a principio, detido no quartel da policia e logo depois em casa de sua sogra. Por esta ocasião foram igualmente presos, na capital, varios cidadãos, cujas prisões pareciam mais para salvar as apparencias do que merecido castigo a conspiradores apanhados em flagrante, porque quasi todos tiveram por carceres a Escola Militar, a secretaria de policia e até casas de familia, onde eram cercados de todas as considerações, não tendo, para os mais culpados, excedido o tempo de prisão de seis a oito dias.

Nalguns pontos da campanha, piquetes de partidarios do governo excederam-se na repressão dos que tentaram convulsionar o Estado, tendo, por isso, havido violencias á liberdade e iniquos attentados á vida. No municipio de S. Borja, além da morte do major Loureiro, em lucta franca, foi o tenente-coronel João Pereira d'Escobar, estimado fazendeiro, depois de preso, assassinado cobardemente e em séguida saqueado. No municipio da Palmeira teve igual sorte o capitão Mancha, homem desabusado e valente, cujos desaffectedos o temiam. No de Lavras foi morto o alferes Astrogildo Filho, de pessimos precedentes, mas de valor

e coragem, que difficilmente se deixaria prender. No de S. Thiago de Boqueirão tambem mataram um homem, ao tempo de abandonar o grupo dos parciaes é fugir celere para o matto.

Foram estas as mortes trazidas a publico por occasião desta tentativa revolucionaria; se houve outras, ficaram ignoradas, sepultadas no silencio perpetuo dos ermos.

Evitar, em absoluto, factos lamentaveis na repressão de convulsões sociaes, oriundas de luctas extremadas de partidos, é quasi impossivel.

Explodindo, a rédea solta, as más paixões, são, então, de modo mais facil alcançados pelas vindictas, perseguições e violencias, não só os homens de valor politico, mas, principalmente, os individuos que, por si, ou como instrumentos, se comprazem em maltratar os adversarios em tempos de ostracismo.

Chamados ao Rio os commandantes dos batalhões com o auxilio dos quaes tentou o dr. Castilhos depôr o general Barreto Leite, tiveram por unico castigo tornarem sem demora ao Estado, marchando em seguida para Saycan, campo de manobras, onde, por ordem do governo da União, reuniu-se toda a força federal estacionada no Estado, pouco depois destes successos. Dizia-se ser o principal fim do governo arredar o exercito da politica, objectivo que não conseguiu, parecendo, antes, com essa medida, mais tel-o agravado.

Sob pretexto de ter sido alterada a ordem pu-

blica, o governo do estado adiou as eleições para deputados a projectada convenção. Este adiamento fel-o de boa vontade, visto não ser sympathico a lista dos candidatos, onde só contava com um terço de republicanos historicos dissidentes, que, sem reserva, applaudiam sua politica.

A mingua de franco apoio de um partido constituido e forte, ia o governo do general Barreto Leite, sem orientação segura, vivendo, por assim dizer, de favores.

Fazia, em todas as localidades, diligentes esforços por adquirir partidarios incondicionaes, que reconhecessem a supremacia politica dos drs. Demetrio Ribeiro e Barros Cassal.

Mais evidente tornou-se este intuito, quando o dr. Demetrio, por uma pretendida "differenciação", tratou de saber quaes os candidatos que acceitaram "in totum" o programma do partido federal, confeccionado exclusivamente pelo alludido doutor, por inhabilidade dos directores da **União Nacional**.

Esta "differenciação", sem razão de ser, porque os deputados á Convenção, segundo o que se tinha combinado, deviam vir investidos de poderes extraordinarios, não estando, por isso, adstrictos a programma de qualquer natureza, foi um meio empregado pelo predito doutor de conhecer os candidatos, que commungavam em suas doutrinas e lhe obedeciam a senha.

Os ex-partidarios da **União Nacional** perceberam este manejo do governo, ao qual, entretanto,



ainda iam tolerando, na vã esperança de que taes difficuldades e pretensões desapparecessem com o imperio da opinião, oriundo do suffragio popular livremente manifestado nas urnas.

O general Barreto Leite, em lucta com a natural opposição dos adversarios; tendo a conjurar a má vontade que, por toda parte, começaram a manifestar os ex-partidarios da **União Nacional**; adoentado, e mesmo cansado, não só do emprego improficuo de esforços para formar partido, senão tambem da vida laboriosa que era obrigado a levar, passou o governo, a 3 de Março, ao dr. João de Barros Cassal.

## XI

O que até então fizera a sombra do nome do general Barreto Leite — esforço para constituir um partido proprio — ia-o agora fazer a face descoberta, sob directa responsabilidade pessoal.

A preocupação de aniquilar o prestigio do dr. Gaspar Martins, cujos partidarios, apezar de terem-no deportado, conservavam-se unidos por admiravel disciplina, era seu maior, senão exclusivo empenho. Como se não bastassem as difficuldades a enfrentar, naturaes em um periodo de organisação, ainda levantou contra si a geral opposição do jornalismo rio-grandense, que, em virtude de arbitrarío regulamento abolindo o anonymato da imprensa, ficava sujeito a acção vexatoria da policia.

A este tempo, Gaspar Martins, de volta do exilio, já se encontrava em Porto Alegre, onde chegou a 21 de Fevereiro. Sem tomar, até então, parte directa nos acontecimentos politicos, que se succediam no Estado, mostrava, entretanto, quer em conversas particulares, quer em manifestações publicas, preferencia pelo regimen parlamentar, deixando

pairar no espirito publico se o tinha tambem pela republica unitaria.

Logo que regressou da Europa, antes de embarcar para o Rio Grande, por intervenção de amigos, teve uma conferencia com o marechal Floriano Peixoto.

De chegada á presença do general, o notavel tribuno, na rudez de uma franqueza em que não era estranho seu excessivo amor proprio, foi dizendo “estar tudo errado; que



*Dr. João Barros Cassal*

precisava desfazer-se o que estava feito para adoptar-se a republica parlamentar.”

Floriano, na suspeitosa reserva de seu feitio moral, contestou que, se preciso fosse, até com a espada defenderia a republica presidencial, dando por terminada a conferencia.

Talvez neste facto se encontre a explicação de

ter o marechal Floriano obstado, por todos os meios, a ascensão do partido federalista ao governo do Estado, chegando até a promover a revolução para repor o partido republicano, depôsto pelo golpe d'Estado de 3 de Novembro.

Gaspar Martins não foi politico neste passo. Sacrificou seu partido e sobretudo o bem estar do Estado á vaidade da preponderancia de seu ideal politico, elle que dizia não fazer questão de fórma de governo!

Se transigisse, accetando a nova organização constitucional, promettendo apoiá-la com toda a força de seu prestigio e talento, cremos, Floriano ter-lhe-ia entregue o governo do Rio Grande, porque até esse momento não queria saber de Castilhos. Podia, então, em melhores tempos, e se a experiencia assim o aconselhasse, tratar de mostrar as vantagens de seu programma e pô-lo em pratica.

A nosso vêr, o excesso de amôr proprio fel-o errar, talvez na supposição de que para elle "o poder não fosse o poder"!

Um instante de mais desprendimento das veleidades mundanas e de mais ampla comprehensão altruistica e quiçá politica, quem sabe se não teria evitado o grande flagello da guerra civil?!

Em 31 de Março, a convite do general João Nunes da Silva Tavares, com excepção apenas dos chefes republicanos dissidentes, reuniu-se em Bagé importante congresso do partido federalista, afim

de elaborar um programma politico. Com a reunião deste congresso, fez o dr. Cassal, não sabemos se por acinte, coincidir a publicação de um projecto de constituição provisoria, mais ou menos moldada nos principios da politica positiva de Augusto Comte, quasi identica a constituição dictatorial do dr. Castilhos.

O congresso de Bagé julgando a attitude do governo contraria ao pensamento da revolução de Novembro, quer por este facto de importancia capital, quer por outras medidas legislativas, taes como a reforma judiciaria, o regulamento sobre a liberdade profissional, declarou-se-lhe em franca opposição.

Em seguida passou a confeccionar o programma politico do partido, sendo unanimemente adoptadas as seguintes disposições:

"Eleição do presidente por quatro annos, não podendo ser eleito para o periodo seguinte; governo desta autoridade sob responsabilidade de seus secretarios, com facultade de terem assento na Camara; eleição desta por periodo de quatro annos, por districtos eleitoraes, voto incompleto e renovação do mandato biennialmente por metade; iniciativa do governo na apresentação das leis á Camara, com excepção das de sua exclusiva competência; autonomia dos municipios; imprensa livre, competindo o julgamento das publicações criminaes aos tribunaes ordinarios."

Depois de approvedo este programma, quasi sem discussão, foi o dr. Gaspar Silveira Martins aclamado chefe do partido federalista, sendo o velho general Tavares, que presidia esta reunião, escolhido para candidato á presidencia do Estado, candidatura que só acceitou, mediante a palavra de honra empenhada por todos os amigos presentes de o apoiarem em todos os terrenos.

Animados por vivo e caloroso enthusiasmo, todos tomaram esse compromisso formal, dissolvendo-se logo, na melhor ordem, esta importante reunião politica, conhecida pelo nome historico de **Congresso de Bagé.**

Bem longe estavam os congressistas de suppôr que, muito cêdo, teriam de sustentar no campo da lucta, com armas na mão, a palavra de honra empenhada nessa memoravel assembléa politica.

O dr. Cassal, após as deliberações do Congresso de Bagé, viu-se completamente perdido na opinião, em situação difficil, apenas cercado por um grupo insignificante de amigos. Soffrendo energica opposição dos partidos federalista e republicano, a deste violenta e audaz, não só pela consciencia da fraqueza do governo, senão tambem porque já começava a sentir o bafo do calor official do primeiro magistrado da Republica, ia com difficuldade prolongando seus dias, vivendo do favor de muitos federalistas, que, uns por condescendencia, outros por não terem a quem passar as funcções autoritarias, continuavam, de bom ou mau grado, a exercel-as.

Esta situação, que cada vez se tornava mais insustentavel, ainda foi aggravada pelo acto irreflectido e impolitico de novo adiamento das eleições para deputados á Convenção rio-grandense, que, sem causa razoavel, por segunda vez se fazia.

Dando estas continuadas e repetidas provas de fraqueza e falta de seriedade, augmentava dia por dia o desprestigio, sobretudo em consequencia da surda conspiração que lhe movia o proprio presidente da Republica, de mãos dadas com o partido republicano, a quem queria entregar o governo do Estado, afim de evitar cahisse em poder dos federalistas, suspeitos, em sua opinião, de restauradores.

Percebendo claramente as maquinações do presidente da Republica e na impossibilidade de evital-as, afim de não rebentar-lhe a bomba na mão, de novo entregou o governo do Estado ao velho e cansado general Barreto Leite, a quem manejava a vontade.

## XII

Foi nestas condições que o adoentado servidor da Patria, em 3 de Maio, assumiu, segunda vez, o cargo de governador do Estado, no qual, ainda a custo manteve-se, sem opinião, 35 dias.

Emquanto isto, o vice-presidente da Republica s'esforçava por harmonizar a dissidencia; mais de um enviado veiu ao Rio Grande encarregado desta.

delicada missão. Seu principal fim era afastar do governo o partido do dr. Gaspar Martins, contra o qual se mostrava prevenido e até hostil. Esses enviados nada conseguiram, mas o marechal Floriano não desistiu de oppôr-se, a todo transe, fosse o poder parar ás mãos dos federalistas. Era o primeiro a enfraquecer e desmoralisar o governo orientado pelo dr. Barros Cassal.

Chefes militares, partidarios do dr. Castilhos, os mesmos que se tinham envolvido na conspiração de Fevereiro, contra cuja presença, por julgal-a perigosa, tinha reclamado, eram os preferidos pelo supremo magistrado da Republica para o desempenho de commissões das quaes, mais directamente, dependia a sustentação de Barreto Leite. Suas indicações desattendia, systematicamente, não cessando, entretanto, de garantir-o que a força armada seria incapaz de attentar contra seu governo. Todos os actos do vice-presidente da Republica, apesar dos protestos, revelavam a perfida intenção de depôl-o.

Mesmo assim, nesta situação agonisante, suggestionado por Cassal, no intuito de evitar que fossem eleitos em maioria partidarios do dr. Gaspar Martins, ainda por mais uma vez, adiou as eleições.

Era o terceiro adiamento!

A falta de elementos e inhabilidade do governo estadual, amiude postas em prova, dava largas ensanchas ao marechal para levar avante o plano de conspiração, secundado com força e vigor pelos

chefes republicanos que justificavam com factos a fraqueza da administração.

Por este tempo, fins de Maio e principios de Junho, já a intenção do governo da União, de mãos dadas com os dirigentes do partido republicano, era publica e notoria. O seguinte telegramma, passado pelo major Faria, emissario do marechal, ao general Bernardo Vasques, commandante do districto, prova de modo cabal a conspiração planejada.

Eil-o:

“General Vasques. — Respondendo vosso telegramma de hontem, transcrevo topico do meu communicado ao marechal, alvitre proposto Castilhos general Barreto Leite entregará poder ao general Vasques, chefe districto. Este chamará Castilhos, que não assumirá poder, sendo seu unico acto renunciar, escolhendo vice-governador do Estado inclinado acceitar accôrdo vossa escolha. Para evitar governo sem orçamento, seria chamado antigo congresso que renunciará as suas funcções logo depois de votadas as leis de meios, procedendo-se então a eleição de governador e do Congresso. — *Major Faria.* — Porto Alegre, 2 de Junho de 1892.”

Em consequencia da negativa do general Bernardo Vasques foi o plano alterado. Combinou-se, então, em assumir o dr. Julio de Castilhos o governo e passal-o immediatamente ao dr. Victorino

Monteiro, o homem indicado pelo marechal vice-presidente da Republica.

Em vista da indebita intervenção do governo da União na politica do Estado; dos preparativos ostensivos para a deposição do general Barreto Leite; resolveu o referido general, após duas ou tres conferencias entre os drs. Barros Cassal e Gaspar Martins, passar o governo ao marechal Visconde de Pelotas, o que, de facto, teve lugar a 8 de Junho de 1892.

### XIII

Entrou assim o partido federalista em pleno dominio do poder. Ephemero dominio porque, a 17 do mesmo mez, foi o illustre Visconde deposto, apesar de dissimular essa deposição com a transmissão do governo, que já não tinha, ao general João Nunes da Silva Tavares, em Bagé.

Tavares communicou, sem perda de tempo, ao marechal Floriano, ter assumido o governo, pedindo-lhe fizesse cessar a intervenção da força federal. Contestando, prometteu o vice-presidente da Republica guardar e fazer o exercito guardar a mais rigorosa neutralidade, sendo, entretanto, certo que no mesmo dia, 17 de Junho, que passava esse recado telegraphico ao general Tavares, passava outro em sentido contrario ao dr. Victorino Monteiro.

Em oito dias de governo, foi impossivel ao Visconde organizar a força policial, dotando-a de ar-

mamento moderno e officiaes de inteira confiança, de modo a poder, em dada emergencia, resistir effi- cazmente qualquer tentativa ou movimento sedicioso. Continuavam ainda a servir nessa força inferiores e officiaes adeptos á politica do dr. Castilhos, devido a imprevidencia ou demasiada tolerancia do general Barreto Leite. Quando o Visconde os demittiu, já era tarde; estava tramada a conspiração. Essas medidas ainda mais precipitaram os acontecimentos, tanto que, por occasião de trasladar-se o regimento policial de cavallaria para um novo quartel (e não de ter ordem de marcha para Bagé, como por calculo se assoalhou), o tenente Cháchá Pereira, que durante algum tempo tinha commandado essa força, sahiu ao encontro deste corpo, e já de accôrdo com os officiaes e inferiores, rebellou-o contra o governo do Estado, tomando em seguida o commando. Acto continuo marchou para a cadeia, com cuja guarda confraternisou. Os officiaes recentemente demittidos, bem como tres ou quatro que estavam presos, postos logo em liberdade, incorporaram-se incontinentemente á força rebellada. O motôr dessas prisões tinha sido o proprio tenente Cháchá, por descobrir, quando commandante da força estadual, durante o governo do general Barreto Leite, uma tentativa de sublevação, promovida por esses officiaes, a favor do dr. Castilhos. Agora, elle mesmo a promovia em favor do homem cuja politica até então hostil-sava!

O governo do Estado, sem elementos para suffocar esta rebellião, invocou do commandante do districto, general Bernardo Vasques, o auxilio da força federal, que lhe foi, com segurança por ordem superior, redondamente negado.

Se outros factos não provassem a saciedade a directa intervenção do vice-presidente da Republica na deposição do Visconde de Pelotas, este bastava para esmagar a quantos negassem a evidencia dessa perfida politica.

As provas, porém, são abundantes; essa intervenção tornou-se patente aos olhos de todo paiz.

Do Arsenal de Guerra, repartição federal, dirigida por um tenente-coronel do exercito, retiraram espingardas, com as quaes armaram grupos de paisanos para depôr a autoridade constituida. O general Bernardo Vasques, apesar de oficialmente sabedor desta occorrecia, nenhuma providencia tomou.

O tenente Cháchá Pereira, do exercito, á vista do commando do districto, sublevou a força policial; o coronel Thomaz Flôres, tambem do exercito e commandante do 13 batalhão, de revólver em punho, a frente de soldados de policia e de um magote de povo armado, do qual fazia parte grotescamente uniformisado o general Julio Frota, dirigiu-se para palacio; o ajudante de ordens do proprio general Vasques, a frente de seu piquete, armado e municiado, percorreu a galope

as ruas da capital, dando vivas a legalidade; o 29 batalhão, força federal, cujo commandante e officiaes em unanimidade eram intolerantes partidarios do dr. Castilhos, foi o preferido para, dias antes da revolução, estacionar na capital; o palacio, na noite do dia 17, foi ainda guardado por uma força deste batalhão; a estação da Margem, da estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana, foi occupada pelo major de engenheiros Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, que nomeou empregados militares todos favoraveis a revolução; o coronel Aguiar, commandante do 11 regimento de cavallaria, sahindo a paisano de Cacequy, dirigiu-se aos povos fronteiros da Republica Argentina, onde conferenciou com os chefes republicanos emigrados; finalmente, o alferes Cyrillo, outro ajudante de ordens do commandante do districto, tomou passagem na estrada de ferro e correu a apoderar-se, em companhia do capitão Jayme Telles, da estação de Cacequy.

Tudo isto foi praticado por forças do governo da União, por officiaes do exercito nacional, e, entretanto, o general Bernardo Vasques, commandante do districto militar, delegado do marechal vice-presidente da Republica, não teve uma palavra de censura contra os subordinados, assistindo a tudo impassivel, e quiçá satisfeito de ter fielmente desempenhado o papel de mandatario.

Tal foi a neutralidade do marechal Floriano Peixoto, representado pelo general Bernardo Vasques; na revolução de 17 de Junho!





*Marechal Floriano Peixoto*

governo não pôde nem deve prestar apoio moral sinão ao partido republicano e assim, chegada a occasião estatuida pela constituição federal, prestareis auxilio prompto e efficaz para o restabelecimento da ordem e tranquillidade da familia rio-grandense. Nessa constituição está, como sabeis notado o caso da intervenção das forças federaes; tendes, portanto, autorisação com plenos poderes para agirdes com aquelle criterio de que sempre dispuzestes.”

Esta confissão de só poder prestar apoio ao partido republicano, além de deixar patente o desprezo pela opinião, evidencia a impossibilidade do partido federalista estabelecer as normas de um governo forte e estavel, porquanto era o proprio vice-presidente da Republica o elemento perturbador da paz do Rio Grande, o motor da revolução.

Em relação a este ponto, de maxima importancia, não pôde soffrer duvida a verdade historica: o marechal Floriano foi a alma da revolução de 17 de Junho, o causante de todas as desgraças que, nos tres annos subseqüentes, sobrevieram ao Rio Grande do Sul.

Como o Visconde de Pelotas, ao ser deposto, passou o governo ao general Silva Tayares, tratou este valente cabo de guerra de reunir forças para sustentar sua autoridade. Era o pleno dominio da revolta em acção. De um lado o governo do dr. Victorino, sustentado pelo vice-presidente da Republica e forças da União; de outro o governo do



general Tavares, tendo por si a grande maioria da opinião rio-grandense, mas sem nenhum elemento bellico, sem meios, portanto, de resistencia. Amparado por cerca de 4.000 homens, de pouco podia valer o apoio material desses amigos, porque não passavam de povo reunido, cuja principal arma era a boa vontade.

Poucos chefes federalistas secundaram o legendario general, destacando-se entre elles o coronel Prestes Guimarães, que reuniu no municipio do Passo Fundo para cima de 2.500 homens. Reuniram tambem elementos de resistencia Rafael Cabeda, de Santanna do Livramento, onde travou-se renhido combate entre um grupo de 80 a 100 federalistas e 400 republicanos, que, á viva força, tomaram a cidade a 19 de Junho.

Neste encontro, tanto os defensores da praça, como os atacantes, tiveram varias baixas, contando-se entre estas, por parte daquelles, o probo e valoroso capitão Antonio Vargas, delegado de policia do governo deposto, e por parte destes, o joven e destemido tenente Edmundo Osorio. Apenas mais alguns chefes de D. Pedrito, Caçapava e S. Gabriel apoiaram o movimento iniciado pelo general Tavares. As forças deste velho militar, que, conforme dissemos, não passavam de povo reunido, apenas dispunham de 80 armas de precisão, apesar de orçarem por 4.000 homens. Em peores condições estava Prestes Guimarães, que só dispunha de algumas armas de caça, pistolas, revólveres e lanças

improvisadas. Este chefe, centro de resistencia ao norte do Estado, a 70 leguas de Bagé, nada sabia do que se passava no sul, ignorando por completo a situação de Tavares, assim como se o movimento era geral, porque só o governo do dr. Victorino dispunha do telegrapho.

Diante a resistencia de Tavares, varios chefes locais adeptos a situação trataram de reunir forças para batel-o. Com este objectivo recrutaram em diversos municipios, sem indagarem das crenças dos cidadãos, que, por bem ou mal, eram agarrados para engrossar as fileiras republicanas.

De Uruguayana marchou o general Hypolito Ribeiro; de S. Borja, o general Francisco Rodrigues Lima; de S. Luiz e Cruz Alta, o dr. Pinheiro Machado; do Rosario e Santanna, o general Izidoro; de S. Gabriel, o coronel Portugal; de Jaguaraão, o coronel Elias Amaro; de Piratiny e Canggussú, os coroneis Pedroso e Motta.

Todos estes chefes vinham a frente de algumas centenas de homens com o unico intuito de atacarem, em Bagé, o general Tavares. Se não estavam bem armados, dispunham, entretanto, de elementos bellicos muito superiores aos de Tavares, porque o governo abriu as portas do Arsenal e forneceu-lhes "Miniés" em abundancia. Além disso, a alguns destes contingentes, incorporaram-se forças regulares, como ás que marcharam de S. Gabriel, que até artilharia levavam. De Pelotas tambem tinham marchado cerca de 400 homens,

das tres armas, de tropa de linha, commandados pelo coronel Arthur Oscar.

Conforme por elle foi communicado ao general Tavares, só tinha por missão restabelecer o trafego da estrada de ferro. Em realidade parecia ter essa intenção, mas não era esse o pensamento do general commandante do districto, nem do dr. Julio de Castilhos, o *alter ego* do dr. Victorino, mas — o de secundar em momento opportuno, na eventualidade de encontro com o general Tavares, as forças republicanas. — A alliança da falsa fé entre a autoridade civil e militar prova o seguinte telegramma, dirigido pelo general Bernardo Vasques ao coronel Arthur Oscar:

“Deixai negociação Tavares no ponto em que está; ella só póde valer quando e se fôr ratificada vice-presidente Estado. Vossa intervenção deve ser de bons officios entre civis que disputam o governo. Limitai-vos 4.º a manter livres estrada de ferro e telegrapho, afim de que não se allegue Tavares depôz armas diante forças federaes. Faça *constar* (o grypho não é nosso), vossa missão ahi foi com aquelles intentos. Assim recommenda marechal Floriano. — *General Vasques.*”

Tavares, diante a franca intervenção do exercito, ordenada pelo vice-presidente da Republica, e, portanto, na impossibilidade de resistir efficazmente; diante a inaccão das forças de linha, que

se suppunham affectas a contra revolução, ás quaes teve o general Vasques o cuidado de antecipadamente tirar-lhes munições e meios de locomoção; diante a cessação de hostilidades da flotilha estacionada em Porto Alegre ao mando do capitão-tenente Candido Lara, que, sublevando-se a 20 de Junho, na esperança de ser secundado pelos alumnos da Escola Militar e povo, fez a 24 alguns disparos sobre a cidade, após o attentado praticado pelo delegado de policia José Joaquim da Silva Azevedo, na principal rua da capital, contra o estimado cidadão Ernesto Paiva; diante, finalmente, a circumscripção do movimento, a tres ou quatro municipios, pois, até o coronel Prestes Guimarães já tinha dissolvido sua gente, em vista de categorica affirmação do dr. Victorino e de proprios cor-religionarios de ter todo o Estado acceito em paz a mudança de governo; resolveu, mediante garantias de segurança e a condição de não entrarem em Bagé os bandos *patriotas* dos coroneis Manoel Pedroso e Bernardino Motta, depôr as armas perante as forças federaes commandadas pelo coronel Arthur Oscar. Este miiltar, que parecia não ter ainda recebido o telegramma predito, acceitou de bom grado as condições propostas pelo velho general, com certeza contente de evitar derramamento improficuo de sangue irmão, gloria, sem duvida, muito maior que a, por ventura, alcançada pelas armas numa lucta em que não podiam haver heróes, porque a Patria seria a unica vencida.

Em consequencia deste ajuste, entregou Tavares ao coronel Arthur Oscar 100 lanças, algumas carabinas, dissolvendo em seguida, a 4 de Julho, toda a gente que tinha reunido. Esta resolução foi tomada em conselho formado pelos commandantes de corpos, membros do comité e officiaes superiores, como consta da seguinte acta:

“Aos quatro dias do mez de Julho de mil oitocentos e noventa e dois, ás dez horas da manhã, nesta cidade de Bagé, em casa de residencia do general João Nunes da Silva Tavares, presentes os abaixo assignados, membros do comité e officiaes superiores das forças civis aqui reunidas, declarou o presidente do mesmo comité, dr. Candido Dias de Borba, que tinha sido convocada esta reunião para o fim de deliberar-se si nas circumstancias actuaes, devia continuar ou não a resistencia contra o pretenso governo do dr. Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro, sustentando aquelle de que se achava investido o referido general João Nunes da Silva Tavares, e depois de discutido o assumpto sob diversos pontos de vista, foi unanimemente resolvido que se renunciasse a ideia de resistencia, pelas duas razões seguintes: 1.ª a intervenção clara e manifesta do governo do centro nos negocios peculiares do Estado rio-grandense, contra expressa disposição da constituição federal, esposando a causa do governo do referido Victorino Monteiro; intervenção que claramente realça dos factos que se passa a enumerar. O regresso ao Estado de diversos commandan-

tes de corpos que, por manifestamente hostis a revolução de Novembro haviam sido chamados ao Rio de Janeiro; a manifestação visivelmente expressada da vontade do vice-presidente da Republica em diversos telegrammas dirigidos ao commandante do sexto districto militar, general Bernardo Vasques, e ao dr. Victorino Monteiro, que correm impressos em jornaes da capital e nos de outras cidades do Estado; o pronunciamento sem reservas em favor dos revolucionarios das guarnições do Rio Grande, S. Gabriel e Jaguarão; o fornecimento de armas dos Arsenaes e depositos federaes a populares affectos á causa da revolução e, nomeadamente, a entrega a elles de boccas de fogo ao mando do alferes Napoleão e algumas praças do 1.º regimento estacionado em S. Gabriel; a quebra de neutralidade assegurada pelo referido general Bernardo Vasques ao capitão de fragata Legey, commandante da flotilha estacionada na capital do Estado, seguida de clara manifestação daquelle general em prol da causa revolucionaria, factos estes que motivaram o bombardeamento da mesma capital; a ordem do dia n.º 1 do general Izidoro Fernandes, em que se declara commandante em chefe das forças revolucionarias do Livramento, publicada em boletim naquella cidade, facto este que bem indica a solidariedade do governo central com o procedimento desse general; finalmente o facto assás conhecido da selecção odiosa que fez o general Vasques dos corpos affeioados do dr. Julio de Castilhos, mandando-os seguir de Cacequy para Porto Alegre, ao passo que

outros em que suspeitava sentimentos não identicos, deixou-os no campo de manobras, tirando-lhes as munições e privando-os dos meios de locomoção.

2.<sup>a</sup> porque, estando o movimento de reacção circumscripto aos municipios de D. Pedrito, Livramento e Bagé, para onde convergiram forças de S. Gabriel e Herval e não se podendo contar com elementos reaccionarios de outras localidades, pelo facto de haverem sido inopinadamente occupadas pelos revolucionarios que impediam toda a reunião de forças a elles adversas, parecia não se poder esperar o seu valioso concurso para o triumpho da causa, vindo a ser, nestas circumstancias improficuo todo o sacrificio, e só em detrimento dos interesses do Estado, situação esta que como patriotas não deviamos crear.

Assim deliberando os abaixo assignados julgam haver cumprido seus deveres civicos, devendo nesta emergencia cada um acarretar com a responsabilidade de seu procedimento.

Em seguida, o general João Nunes da Silva Tavares, que se achava presente, tomando a palavra, disse que, julgando ponderosas as razões expendidas e justificados os motivos deduzidos pelos membros da reunião, conformava-se com a deliberação e de accôrdo com ella ia proceder, mandando dissolver as forças reunidas.

E nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão, lavrando-se esta acta, que vae assignada por todos depois de lida e approvada. E eu Candido Tavares Bastos, servin-

do de secretario a escrevi e assigno. — Dr. Candido Dias de Borba, presidente do comité. — Dr. Tertuliano Ambrosino da Silva Machado. — Dr. Candido Tavares Bastos. — Dr. Nicanor de Souza Peña. — Dr. Saturnino E. de Arruda. — General João Nunes da Silva Tavares. — Coronel José Maria Guerreiro Victoria. — Coronel Ladisláo Amaro da Silveira. — Tenente-coronel Candido Xavier de Azambuja. — Tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares. — Tenente-coronel Domingos Ferreira Gonçalves. — Coronel José Bonifácio da Silva Tavares. — Coronel João Maria Epaminondas de Arruda, chefe do Estado-Maior. — Coronel Joaquim Nunes Garcia. — Tenente-coronel Leonardo José Collares. — José Serafim de Castilhos. — Major Alexandre José Collares. — Lourenço da Silva Oliveira. — Coronel Manoel Xavier.”

Esta patriotica resolução tomada pelo general Tavares e seus amigos, já Gaspar Martins, em telegramma de 21 de Junho, que, provavelmente, Tavares só recebeu depois de tel-a tomado, aconselhava em eloquentes e suggestivas ponderações.

Eis os termos desse memoravel documento:

“General Silva Tavares. — Bagé. — Governo central apoia com forças federaes situação politica por elle creada Estado; por mais numerosas sejam forças commandais, senão desarmardes, terrivel guerra civil, maior flagello póde cahir sobre um povo será fatal consecuencia.

Centro não pensou guerra neste Estado abalará toda federação não ainda consolidada.

Como em 35, guerra póde tornar-se de independencia; como em 25, intervindo republicas visinhas, póde tornar-se externa; vossa grande patria dilacerada pelos odios, enfraquecida pela intolerancia, se dissolverá.

Que brasileiro hesitará fazer maximo sacrificio para evitar irreparavel calamidade?

Patriotismo manda supportar tudo; proteste contra precedente, resalve direito Estado, mas entre accôrdo desarmar. Não ficará menor, antes muito elevado.

Haverá descontentes; não tem sua responsabilidade; historia não registrará feito mais patriotico veterano guerra Paraguay.

General Mitre frente 7.000 homens depoz armas La Verde não arruinar Patria pela guerra civil; Mitre ainda é o cidadão mais respeitado de toda Confederação.

Não commandastes em chefe exercito aliado, não fostes chefe Estado como Mitre, mas não sois menos brasileiro que Mitre argentino; haveis de proceder como elle.

Chefe partido aconselho, co-religionario peço, rio-grandense supplico — guerra civil não.

Não é necessaria para conquistar poder e conter governo federal: difficuldades todo genero, erro naturaes governos, liberdade d'imprensa, opinião publica fazem o que violencia não consegue.

Só força maior tem impedido achar-me ahi poder verbalmente manifestar necessidade evitar todo transe guerra civil.

P. Alegre, 21 de Junho 92."

As forças do governo que vinham em marcha sobre Bagé, em face desta resolução, retrocederam a seus lares, dissolvendo-se aos poucos.

Logo que o velho general depôz as armas, o coronel Arthur Oscar recebeu do dr. Victorino Monteiro ordem de prendel-o, assim como aos demais chefes.

Tal era o inicio do governo de paz e concórdia!

O cumprimento desta ordem importava uma traição. O coronel negou-se a cumpril-a, allegando só receber ordens do commandante do districto, e que, custasse o que custasse, sustentaria sua palavra de militar. A correcção deste procedimento desagradou o dr. Castilhos, com quem, por isso, constou ter aquelle coronel trocado asperos recados telegraphicos. Sabedôr dessa occorrença e da proxima entrada das forças patrioticas dos coroneis Manoel Pedroso e Bernardino Motta em Bagé, resolveu Tavares, com grande numero de companheiros, emigrar para a republica Oriental do Uruguay, afim d'evitar os attentados de que poderiam ser victimas, se ficassem em Bagé por occasião da entrada dessas forças.

Durante esta grave crise politica, o conselheiro Gaspar Silveira Martins, chefe do partido, soffreu severas accusações, sendo de todas a mais dura — a de ter abandonado os amigos no momento mais critico do perigo. — Accusavam-no ainda de andar foragido; de não agir conforme a gravidade das

circunstancias; de não ir collocar-se ao lado do general Tavares, seu posto de honra; de, finalmente, ter partido ás escondidas para o Rio de Janeiro.

O dr. Gaspar Martins, afim de justificar-se dessas accusações, telegraphou da capital da Republica á redacção da "Reforma", em Porto Alegre, nos seguintes termos:

"E' inexacto o telegramma do "Diario de Noticias". Declarei não ter motivo para vir foragido. O governador mandou o chefe de policia á casa de minha residencia garantir-me, e por intermedio de Cezar Ferreira Pinto, offerecer-me sua propria casa. Agradei, declarando não apparecer por ter de seguir para Bagé, onde não me deixariam ir. No Rio Grande soube que o general Tavares havia emigrado; então segui para o Rio, onde devia estar desde Maio, não tendo podido fazel-o, por entenderem os meus amigos politicos não ser conveniente ausentar-me antes da eleição. Breve estarei ahi. Publico reclamação no "Paiz". — *Silveira Martins.*"

Não faltou quem julgasse tardia a resolução de seguir para Bagé, visto como tendo rebentado a revolução a 17 de Junho, só dias depois de ter deposto as armas o general Tavares, 4 de Julho, achava-se no Rio Grande com esse proposito.

Comquanto fosse avesso por indole e educação a medidas violentas, é certo, entretanto, só pode-

ria realizar este intento superando ingentes difficuldades, porque o governo revolucionario o tinha debaixo de vistas. Teria d'esperar occasião, como esperou, de sahir ás escondidas, porque se nesta perigosa conjunctura não evitasse a publicidade, seria expôr-se imprudentemente a desfeitas, desacatos insolentes, ou, quiçá, ser immolado á vindictas de adversarios odientos, cujas paixões explodiam em selvagens manifestações de cruel ferocidade. Não exageramos: Ernesto Paiva, cujo crime era dispôr de alguma influencia, é, a 21 de Junho, quando pacificamente transitava pela rua mais publica da capital, atacado pelo delegado de policia do governo revolucionario, José Joaquim da Silva Azevedo, acompanhado de quatro soldados de policia armados a "comblains", que, após ligeira ordem de prisão, desfecha-lhe, á queima roupa, quatro tiros de revólver, prostrando-o semi-morto. (4) Depois deste brutal e barbaro attentado, dirige-se precipitado a palacio, onde é recebido debaixo d'estrondosa salva de palmas e aclamado com enthusiasmo!...

Vem de molde consignar que, por intermedio de Cezar Ferreira Pinto, amigo commum dos drs.

(4) Este cidadão, a 12 de Novembro de 1891, dia da deposição do dr. Julio de Castilhos, foi o membro da commissão especial que lhe dirigiu a palavra, concitando-o, em linguagem patriótica, a abandonar o governo da communhão rio-grandense.

A opinião geral attribuiu a este facto o attentado de que foi victima.

Gaspar Martins e Julio de Castilhos, pouco antes de rebentar a revolução, no intuito de conjural-a, houve, entre esses dois chefes politicos, mais de uma conferencia.

Por infelicidade do Rio Grande, nenhum foi o accôrdo a que chegaram.

O dr. Gaspar Martins propunha que, tanto o partido federalista como o republicano, concorressem a eleição presidida pelo general Barreto Leite; que o que fizesse maioria de deputados, nunca mais de dois terços, elegeisse o presidente do Estado, ficando a minoria o direito de eleger o vice-presidente.

O dr. Julio de Castilhos recusou esta proposta, pretendendo, antes de tudo, o restabelecimento da ordem constitucional do governo legal deposto em 12 de Novembro, sob cuja autoridade desejava a eleição.

O programma do congresso de Bagé contrapunha-se, de modo absoluto, á pretensão do chefe republicano, que, com razão receoso do pronunciamento das urnas em pleito cuja liberdade eleitoral fosse plenamente garantida, negou-se a acceitação da proposta do chefe federalista, fazendo questão do restabelecimento da deposta ordem constitucional.

Princípios, de mistura com ambição de poder, conveniencias partidarias e pessoas, prevaleceram a ideia de conjurar uma provavel revolução; ás des-

graças que, por ventura, em resultado deste flagello, podessem sobrevir a terra natal. (5)

Este erro, cujos efeitos podiam não ter maiores consequencias, foi, ao contrario, aggravado. O governo do dr. Victorino, do qual era o unico, senão principal mentôr o dr. Castilhos, não soube responder ao patriotismo do general Tavares; não teve a comprehensão ampla da politica do mo-

(5) Para completo juizo da historia, damos, na integra as duas cartas dirigidas pelos drs. G. Martins e J. de Castilhos, sobre o pretendido accôrdo politico, a Cezar Ferreira Pinto.

Eil-as:

“Cezar — Os dois partidos federal e republicano é que podem restabelecer a ordem e a paz publica no Estado do Rio Grande do Sul.

Mas, como os partidos se não podem entender entre si; si são verdadeiros partidos, isto é, corpos organisados com seus chefes, entender-nos-emos os dois chefes, eu e o dr. Castilhos nestes pontos, que serão de honra para ambos:

Concorrerão os dois partidos para a eleição dos 35 membros da Convencão, votando cada partido numa lista de 20 nomes, de modo que o vencido faça 15; a maioria fará o governador, deixando a minoria o vice-governador.

Farão uma Constituição, que seja obra de todos com as condescendencias possiveis, e reorganisação da magistratura de commum accôrdo, respeitando os direitos adquiridos de velhos e honrados magistrados, e os funcionarios honrados e capazes de todos os partidos.

A Patria não é patrimonio de uma facção, é de todos os brasileiros; é preciso que aquillo que a todos pertence seja por todos administrado, zelado e amado.

Para isso basta justiça, tolerancia, moderação.

A paixão, o odio, a vingança são maus conselheiros e não produzem sinão reacções, revoluções, ruinas.

Os que governam os partidos não só devem ter amor á Patria, devem tambem amar os homens e ser tolerantes com suas crenças e opiniões.

Quem tem a verdade absoluta

Devemos, portanto, todos ser mais condescendentes e tolerantes com as opiniões alheias, porque aquellas em que mais confiança depositamos e pelas quaes mais esforços fazemos, dão muitas vezes pessimo resultado.

O que nos tem dado a Republica até hoje? E' preciso o concurso, o interesse, o amor, a tolerancia de todos para que ella possa ser applaudida e amada com razão.

Aquelles que por ella trabalharam, são os mais interessados nisso; provarão assim que tinham razão. — G. S. Martins.

P. S. — São estas as condições que rapidamente me

mento; não antepôz o bem publico e tranquillidade da familia rio-grandense ao desejo de rancorosa e cruel vindicta.

Depósta as armas por esse general, ordena

occorrem, para se recolocar o Rio Grande do Sul no antigo pé de paz, ordem e prosperidade de que gosava."

"Meu caro Cezar — Sciende das condições propostas pelo illustre dr. Silveira Martins, accedo de bom grado ao vosso pedido, expondo summariamente o meu pensamento. Já vos expuz de viva voz os motivos que tornam inaceitaveis aquellas condições. Dispensô-me de fazer nova menção.

Conforme declarei ao dr. Silveira Martins, o empenho de honra do partido republicano neste momento é a restauração da ordem constitucional do Estado, regularmente instituida pela assembléa constituinte em 14 de Julho de 1891. O meu partido não pôde decorosamente desistir desse empenho, que deve servir de base a um accôrdo honroso, ainda que isto, a primeira vista, pareça impossivel.

Como sabeis, assegurou-me o dr. S. Martins que a sua preocupação capital é evitar uma conflagração no Estado e concorrer efficaamente para a segurança da paz publica, pondo-se termo a funesta anarchia que está arruinando o Rio Grande do Sul. Por vosso intermedio, sei que elle tem particularmente declarado que não hesitaria contribuir para o restabelecimento do governo legal, si isto dependesse unicamente da sua iniciativa ou da sua vontade.

Em face dessa dupla declaração, fazendo justiça as intenções do dr. S. Martins, formularei uma proposta que, ao meu vêr, encerra a solução legitima da tremenda crise em que se encontra a minha terra. Eis, em resumo, o que proponho:

O partido republicano fará o que estiver ao seu alcance para chegar ao seu actual objectivo, empregando todos os meios dignos para que este seja attingido de modo pacifico, sem abalo da ordem material.

O dr. S. Martins não concorrerá directa ou indirectamente para a obtenção do resultado alludido; mas se comprometterá a evitar que o seu partido, uma vez restaurada a legalidade, opponha embaraços ou tente perturbar a obra da concordia social.

O presidente legal limitar-se-á a nomear o vice-presidente de accôrdo com a constituição de 14 de Julho, renunciando na mesma occasião o seu mandato.

O vice-presidente tomará posse do governo immediatamente.

Em seguida reunir-se-á a assembléa, cujos membros, depois de votarem um orçamento provisorio, renunciarão o respectivo mandato.

De conformidade com a Constituição sessenta dias após a renuncia, realizar-se-á a eleição do presidente e da assembléa.

A eleição se effectuará de modo inteiramente livre,

que o prendam, assim como seus amigos mais influentes. Se, então, o cercasse de garantias, conquistando-lhe a gratidão, podia não fazer um amigo, mas teria, pelo menos, evitado um perigoso inimigo, sobretudo depois de quasi involuntariamente, como

com a maior lealdade e correcção. Nesse sentido eu e meus companheiros assumiremos compromisso solemne, em cuja observancia empenharemos a nossa honra pessoal. A seu turno o dr. S. Martins se obrigará a fiscalisar o serviço das mezas eleitoraes, collocando em cada uma dellas um representante seu que attestará, em declaração annexa a respectiva acta, si foram ou não observadas todas as formalidades legaes, si occorreu ou não qualquer irregularidade.

Não serão incluídos na apuração geral dos suffragios os resultados parciaes, que houverem sido inquinados de irregulares ou falsos pelos fiscaes do partido contrario.

Correndo assim a eleição, o seu resultado será plenamente acceto por ambos os partidos.

Quem vencer provará que tem por si a maioria da opinião rio-grandense; governará legitimamente em nome della. Quem fôr vencido deverá conformar-se de maneira ariosa e patriótica, sem prejuizo da propaganda doutrinaria destinada a attrair pela convicção o apoio da maioria da sociedade. O governo republicano é o governo da opinião; por isso mesmo, deverá governar o partido que obtiver a victoria em um pleito de honra, como o que proponho.

Cumpra tambem estabelecer que o partido vencedor, qualquer que seja, ficará obrigado a respeitar o vencido, abstenendo-se systematicamente de exercer perseguições ou de commetter offensas.

Feita a eleição do presidente da assembléa do Estado, será revista a Constituição de 14 de Julho, para ser reformada fundamentalmente ou alterada em varias disposições ou mantida na sua substancia, conforme entender a maioria dos que forem sagrados pelo suffragio do Rio Grande do Sul.

Taes são, em rapida synthese, as condições geraes sobre que devem assentar um accôrdo tão honroso quanto fecundo.

Limito-me ao essencial, dispensando-me de alludir a pormenores e detalhes, bem como de fazer a justificação cabal do que deixo exposto, a qual seria desnecessaria ante o vosso admiravel bom senso.

Não occupo no meu partido a mesma posição que cabe ao dr. S. Martins no seu. Elle é um chefe partidario incontestavel e incontestado, que delibera soberanamente; eu sou apenas o depositario da confiança dos meus companheiros cuja annuencia prévia não posso preterir, para tomar qualquer resolução politica. Entretanto, estou certo de que todos approvarão sem restricção o que vos tenho dito.

Conheceis bem a pureza e elevação de minhas inten-



um brado de amargo queixume, dizer não ter tido, se quer, uma palavra de consolo dos amigos nas circumstancias difficeis em que se achou. (6) Seria, de tantos, mais um indifferente aos negocios publicos do paiz, que iria tranquillo, no seio da familia, gozar o ultimo quartel da existencia.

Mas não! Além dessa ordem desleal, persegue seus adversarios; manda acintosamente entrar em Bagé as forças "patriotas" dos coroneis Pedroso e Motta, mais uma horda de vandalos que revolucionarios animados pela convicção de uma ideia.

Generalisa-se, então, em todo o Estado, o grito de guerra aos federaes.

A lei converteu-se em arbitrio dos chefes locaes; as autoridades em truculentos satrapas; as garantias individuaes em méras ficções; a ordem em desenfreada prepotencia. Não havia mais resistencia em parte alguma; era compelta a submissão do partido deposto.

ções; espero, pois, que signifiqueis ao dr. S. Martins que sou um homem sem vaidade e sem ambição pessoal, preocupado sómente com a normalidade da Republica e, especialmente, com o engrandecimento de nossa terra natal.

Nada mais vos direi agora.

Como sempre, vosso amigo — **Julio de Castilhos.**"

O caracter e a elevação d'espírito dos dois chefes estereotypa-se inteiro nesses documentos. O dr. Silveira Martins, na comprehensão ampla de uma politica generosa e superior, entende que todos os rio-grandenses devem tomar parte na organização do Estado; o dr. Julio de Castilhos, nas subtilidades de uma proposta manhosa, em que tudo reserva para seu partido, visa o contrario, a exclusão completa dos adversarios.

(6) Não temos certeza a quem pretendia se referir o general; se, mais especialmente, ao dr. S. Martins, se, em geral, aos chefes do partido federalista que não se moveram durante o tempo da reunião das forças em Bagé.

Foi, justamente, quando se desencadearam os odios do partido republicano, que pôz em acção toda a sêde de vingança contra os adversarios. Foram innumeradas as arbitrariedades, os attentados contra a liberdade, contra a vida, contra os proprios bens daquelles que em tempo tiveram a precaução de fugir a tão rancorosas vindictas. As partidas ambulantes infestavam o interiôr do Estado; por onde passavam, commettiam depredações, roubos, assassinatos e até estupros em fracas e indefezas donzellas. Para estas violencias, série immensa de crimes de todas as naturezas, o governo do dr. Victorino Monteiro não tinha uma palavra de censura; por fraqueza ou connivencia, eram, os autores, acobertados pelo manto da impunidade e graças quando não galardoados!

Em quasi todas as villas e cidades do Estado os carceres encheram-se de federalistas. Sem culpa formada, sem apparencia, se quer, de flagrante delicto, eram mettidos, algumas vezes, em immundas enxovias, onde, não raro, muitos foram detidos longa temporada.

Na cidade do Passo Fundo estiveram presos cerca de quarenta cidadãos, os mais conspicuos da localidade. (7)

(7) Dentre elles figuravam Antonio Loureiro, (Barãozinho), João Schell, Pantaleão Ferreira Prestes, Guilherme Morsch, José Prestes Guimarães Netto, Vicente Braz, Alfredo de Aquilar, Lourenço Maximo de Barros, José Marques, Antonio Prestes Filho, Adriano José Mathias, Elesbão Felix Martins, Polidoro Ferreira de Albuquerque, Antonio Ribeiro Vargas, Fermiano Pereira da Cunha e tantos outros cujos nomes não nos occorrem.

Em Jaguarão succedeu o mesmo, destacando-se entre os que soffreram arbitrarios constrangimentos homens de valôr e estimados chefes de familia. (8)

Estas provas de paz e concórdia preconizadas pelo dr. Victorino ao assumir as redeas do governo, se fizeram sentir até na capital, onde foram presos o dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt, homem rixoso, mas incapaz de uma reacção violenta; o coronel Joaquim Vasques, notorio por sua mansidão e bondade; Apollinario Porto Alegre, o illustre e glorioso preceptôr de grande parte dos dominadores d'então, o mais velho e genuino republicano dos tempos da propaganda; finalmente, o autor desta obra, um simples partidario convicto, mas leal. Além destes, tiveram igual sorte muitos outros cidadãos de menos significação social, sendo, até, alguns delles, deportados para fóra do Estado.

Em Itaquy, por mais de uma vez, recolheram á prisão diversos adeptos do federalismo, todos homens bemquistos e considerados no meio em que viviam. (9)

Em S. Borja prenderam de quinze a vinte. Aqui, com o coronel Antonio de Moura, veterano

(8) Conselheiro Francisco Diana, que tinha feito parte do ultimo ministerio da monarchia, presidido pelo Visconde de Ouro-Preto; Antonio Carlos Burlamaque, tabellião; Pedro Maria Carricande, redactor de uma folha diaria; dr. Horacio do Espirito Santo, Miguel Pinto Ribeiro, Cincinato Pereira de Avila, Manoel Egydio, Antonio Antunes, Carlos Silva, Terencio Freitas, Pedro Martins, Manoel Caetano Pereira, além de outros.

(9) Figuraram entre elles: Orlando Carneiro da Fontoura, Tico Assumpção, Onofre G. Cabral, J. F. Noronha, Propicio Alves, Evaristo de Mattos e Francisco Marinho.

do Paraguay, tenente-coronel João Cailar, Ubaldino Pacheco e o valoroso e illustrado tabellião José Setembrino Falcão, requintou a maldade. Arrancados d'improviso do seio das familias, para cujos prantos não tiveram os algozes corações nem ouvidos, fizeram-nos marchar á frente das forças que seguiram para Bagé, expondo-os, por essa fórmula, em caso de lucta, ás balas dos proprios correligionarios. Assim andaram quarenta dias, até que regressando essas forças, foram, pouco depois, postos em liberdade.

Em Caçapava, afóra outros, foi detido o prestigioso cidadão Laurentino Pinto Filho e conduzido para a capital do Estado, onde o fizeram recolher á cadeia civil.

Em Santo Angelo prenderam quantos tinham sido autoridades do governo deposto: juiz districtal, promotor publico, delegado, supplentes, intendente e subintendentes municipaes. Pouco, porém, foi o tempo que estiveram detidos na intendencia.

Da Soledade veiu preso para a capital o capitão Antonio Rodrigues Baptista, que recebeu ordem de todos os dias, ao meio dia em ponto, apresentar-se na secretaria da policia. Pouco tambem durou este assomo de frivola prepotencia.

Em S. João de Camaquam, Julio Cahen, abastado negociante, dentro d'um quadrado de 150 homens, foi grosseiramente maltratado.

Estiveram tambem presos nessa villa Germano

Reim, Bento Hyppolito, Passos Filho e outros cujos nomes ignoramos.

Na Uruguayana, onde encarceraram mais de trinta federalistas, o dr. Eduardo Lima, após vinte e tantos dias de prisão, conseguiu evadir-se para Corrientes.

Nas villas de Torres e Palmeira tiveram igual sorte cidadãos pertencentes ao credo federalista. (10)

Em Gravatahy soffreu o mesmo vexame o velho septuagenario José Augusto de Moraes. Em S. Thiago do Boqueirão, Quarahy, Santa Maria, S. Jeronymo, Bento Gonçalves, em summa, quasi por toda parte, houve prisões, pelo tempo que aprasia aos chefes locais.

Na Cruz-Alta prenderam Evaristo de Castro, activo e intelligente federalista; o ex-delegado Garcez e outros cidadãos de somenos importancia. (11)

Em Cangussú e Piratiny, onde dominaram os chefes republicanos Bernardino Motta e Manoel Pedroso, que se salientaram por actos de barbarismo e feresa, foram numerosas as prisões. Contou-se, até, que não tendo a cadeia desta villa ca-

(10) Entre os presos na primeira dessas villas, contam-se: Jacob Gayer, tabellião e chefe de numerosa familia; Manuel Rodrigues da Silva Mesquita, João Jacob Maia, Manuel Jacyntho Lopes e outros. Entre os da Palmeira, figuram: Padre Bernardo Brandão, Affonso Honório, Luiz Moreira, ex-delegado Belmonte, etc.

(11) Os jornaes deste tempo, alguns, narraram que Garcez soffreu martyrios; que, de corda ao pescoço, puxaram-no a cabresto como irracional.

pacidade para conter mais gente, atavam os presos em palanques, permanecendo outros, amarrados de pés e mãos, estendidos sobre o sólo.

Todas estas violencias, em geral, eram praticadas contra cidadãos, que pouca ou nenhuma representação tinham; os que dispunham de recursos, trataram, em tempo, de pôr-se a salvo. Nesses dois municipios foram chamados por edictos das autoridades policiaes todos os cidadãos maiores de 19 annos, sob pena de serem perseguidos como sediciosos se não se apresentassem.

Em Piratiny, então, a arbitrariedade tocou as raias da loucura: ordenou-se a prisão e perseguição daquelles que em Novembro de 1891 tinham tomado armas contra o golpe d'Estado!...

Emfim, em todo o Estado reproduziam-se, mais ou menos, estas scenas de violencias.

Nada, entretanto, as justificavam, porque os republicanos assumiram, a não ser em Bagé, sem resistencia todos os cargos locais.

Parece, pois, que só eram dictadas pelo desejo de abater e mortificar a opposição, além da sêde de vingança oriunda do despeito da deposição de Novembro.

.....  
Não se limitaram as arbitrariedades ás liberdades individuaes; houve, por igual, e não poucos, ataques á propriedade.

Bagé, Piratiny e Cangussú foram quasi officialmente entregues ao saque. As forças patriotas dos

coroneis Manoel Pedroso e Bernardino Motta distinguiram-se neste particular.

As fazendas de criação pertencentes a membros da familia Tavares, na generalidade, soffreram consideraveis prejuizos. O estancieiro João Gularte foi roubado em não pequeno numero de gado vaccum e cavallar, assim como Serafim Brasil, que possuindo 800 rezes ficou reduzido a 300. Identicas perdas tiveram, mais ou menos, Ignacio e Theodoro Lacerda. A Alexandre Collares arrebanharam todo o gado invernado. As estancias do tenente-coronel Vasco Martins, Manoel Vaz, Tristão Riet, Sergio Barcellos, viuva de Terencio Saraiva, todas, umas mais de que outras, foram saqueadas.

O cortume de Arlindo Correia, as chacaras de Antonio Ribeiro de Magalhães, de Anna Luiza Ozorio, Honorina Martins, bem como outras quintas nas immediações de Bagé, foram, em geral, damnificadas.

Dos campos de pasto e criação do tenente-coronel Antero Cunha, em Cangussú, foi consideravel o numero de rezes que levantaram, como, em Piratiny, das fazendas da familia do commendador Fabião. O mesmo aconteceu ás do major Belchior Dias, Israel Joaquim Caldeira, Rita Amaro da Silveira e Maria Florinda Caldeira. Os prejuizos soffridos por estas tres familias foram avultados. Belarmino Dias, filho de Belchior Dias, Januario Joaquim Pinto, Domingos Barbosa, Manoel Pedro de

Freitas, todos foram victimas de latrocinios das forças dos coroneis Pedroso e Motta, sendo este ultimo, após o saque, cobardemente assassinado.

Do mesmo modo viram seus campos talados e suas propriedades arrebatadas José Bernardo e todos os irmãos, bem como Ismael Tarouco, a quem até os moveis caseiros destruíram.

Não longe de Santanna do Livramento saquearam a fazenda do humanitario cidadão Joaquim Rafael Vieira da Cunha, cujo abalo moral foi tão intenso, que, cheio de desgosto, matou-se. Waldomiro Rolim e tantos outros tiveram a mesma desdita quanto á rapinagem, ás quaes, neste municipio, não foram estranhas gente das forças dos generaes Izidoro Fernandes, Hypolito Ribeiro e Francisco Rodrigues Lima.

No termo de S. Thiago do Boqueirão tambem houve depredações.

Ao honrado septuagenario João Francisco Gomes arrebataram toda a cavalhada e não pequeno numero de rezes; enfermo, e habituado ás normas legais, não pôde sobreviver á commoção, que, em sua natureza, produziram estes attentados. Ignacio Bernardo, José Maia e Antonio Winckler tambem foram saqueados. De Apollinario Machado, Antonio Teixeira e Pedro Teixeira, arrebataram mais de cem rezes, que, escandalosamente, foram vendidas, em pleno dia, aos açougueiros da villa, por pretendidos partidarios do governo da legalidade. Do estancieiro Antonio Ruivo, como de mui-

tos outros, levaram todos os cavallos. A revolução póde, até certo ponto, justificar a tirada forçada deste poderoso elemento de guerra; o que, porém, não se comprehende, é que restaurado o regimen legal, não se indemnise aos legitimos proprietarios, dando a este acto violento todos os caracteristicos de roubo. Os partidarios menos escrupulosos do governo revolucionario, nesta circumscripção territorial, a pretexto da revolução, arrebanhavam quantos cavallos podiam, vendendo uns para o norte do Estado e invernando outros no proprio municipio. A fazenda de Felipe Mello foi inteiramente saqueada, só deixaram o campo.

No municipio de S. Francisco de Assis, uma força que seguiu de S. Thiago do Boqueirão, não foi menos deshonesto na pratica de actos congeneres.

Os corpos que marcharam de S. Borja para Bagé e passaram pela comarca de Alegrete levantaram quantos cavallos puderam. Cento e cinquenta fazendeiros deste municipio dirigiram um memorial ao Congresso Nacional, reclamando indemnisação dos prejuizos causados por estes corpos, visto como tinham o apoio do governo federal.

No Passo-Fundo, onde eram influencias do novo governo Gervasio Annes e José Pinto, houve abundante mésse de arbitrariedades. Antonio José da Silva Loureiro, que esteve preso 35 dias, viu desaparecer toda a criação que possuía, não sendo a sorte de João Schell tão dura, porque, comquanto

arrebanhassem todos os cavallos, deixaram-lhe, todavia, algum gado vaccum.

O tenente-coronel Amancio de Oliveira Cardoso, Ismael Fagundes e seu irmão, foram saqueados em animaes vaccuns e cavallares, imputando-se a autoria destas depredações, principalmente, ao tenente-coronel Leoncio Rico.

Na Cruz-Alta os estancieiros mais prejudicados foram Orozimbo Correia e seu irmão, sendo, por mais de uma vez, posto a saque o estabelecimento destes dois laboriosos cidadãos.

Em algumas chacaras e estancias das cercanias de Pelotas, Carolino de Freitas, que parecia ter carta branca para fazer tudo quanto lhe aprasia, praticou excessos.

As forças ao mando do dr. Pinheiro Machado, de passagem pelos municipios de Santo Angelo e S. Martinho, levantaram toda a cavallada que puderam, o mesmo fazendo dos campos de criação por onde transitaram, as que seguiram de S. Gabriel para Bagé. No termo do Rosario soffreram consideraveis prejuizos as abastadas familias Ribas e Souto, além de outras.

Em S. João de Camaquam os tenentes-coroneis da legalidade Christovão e Patricio Vieira punham e dispunham discricionariamente da propriedade alheia: lançavam mão de cavallos á vontade e carneavam onde entendiam.

No municipio de Itaquy tambem tiveram alguns fazendeiros perdas de relevancia, salietando-se en-

tre elles o tenente-coronel Manuel Pereira do Valle, a quem, só de uma assentada, levaram 150 cavallos.

.....

Nem estabelecimentos commerciaes escaparam ao saque de algumas forças republicanas.

A importante casa de negocio de Domeneque, Balverdu & Cia., em Candiota, municipio de Bagé, foi completamente saqueada por forças do coronel M. Pedroso. Lamachia, um dos socios da casa, depois de preso e atado, sob ameaça de morte, foi obrigado a confessar onde estava o dinheiro. Assim forçado, em termos de perder a vida, entregou as chaves do cofre, donde tiraram 4:300\$000, além de 800\$000 que já tinha entregue. Após este feito vandálico, arrebataram a burra a golpes de machado, na crença de ter algum segredo onde pudesse ter mais dinheiro.

A's casas de Auget & Cia. e Joaquim Correia Pires arrebataram mercadorias. A de Pedro Marques da Rosa, sita no passo das Pedras, a sete leguas de Pelotas, foi assaltada duas vezes por partidas de forças do governo, que se dizia legal. A casa de negocio de Fabião Filhos & Silveiras, a mais forte de Piratiny, soffreu consideravel prejuizo, superior a 60:000\$000. A dos subditos italianos Rafael Bertri & Paulo Fedis, situada no lugar denominado "Capellinha dos Domingos", em Piratiny, passou pelas mesmas penas. Os proprietarios foram violentamente obrigados a entregar todo o di-

nheiro que possuíam, e ainda, depois, conduzidos presos para a villa.

Os saques até aqui narrados, em casas de commercio, foram praticados por forças do coronel Manoel Pedroso.

Braz Ferrari, negociante de Cangussú, depois de saqueado, foi obrigado a abandonar o municipio, afim de evitar as iras do coronel Bernardino Motta.

No Passo-Fundo atacaram e roubaram a casa de Antonio da Cunha Schultz, que, dando graças, salvou a vida. Era federalista, com a aggravante de ser genro do major Prestes Guimarães, então o cidadão mais prestigioso de toda a região serrana.

A casa de Manoel Carneiro da Fontoura, no municipio de S. Thiago do Boqueirão, teve a mesma sorte. Este cavalheiro, já bastante alcançado em annos, foi injuriado e, até, physicamente maltratado junto a propria familia.

Aos commerciantes Izidro Alves da Silveira, João Antonio Portella, ambos do municipio da Soledade; aos do municipio da Palmeira, Romualdo Ervité e Antonio Correia, arrebataram tambem alguns generos. Os negociantes Antonio de Mello e João Antonio de Barros, os dois no caminho do Passo-Fundo á Cruz Alta, foram, igualmente, privados de mercadorias de seu commercio por gente de forças do coronel Evaristo do Amaral.

Taes fóram as casas de negocio saqueadas por forças do governo legal, pelo menos das que tive-

mos conhecimento, já por informações fidedignas, já pelos órgãos de publicidade.

.....  
Sob o titulo de **multa**, soffreram muitos federalistas iniquas extorsões.

Em Cangussú, foram o major Belchior Dias e Januario Joaquim Pinto multados, cada um, em 2:000\$000, e Belarmino Dias em 1:000\$000. Era exactor dessas contribuições originaes o fascinora Maximínio Nunes, pertencente ás forças do coronel Bernardino Motta.

Na Palmeira o coronel Evaristo do Amaral tambem pôz em pratica este systema. O tenente-coronel José Ribeiro de Sampaio foi multado em 3:000\$000; Antonio Maria da Rocha Tico em 2:000\$000; Carlos Arbo e João Amado em 1:000\$000 cada um. Este chefe, favorecido pelo servilismo e parcialidade de juizes leigos e ignorantes, a pretexto de perdas e damnos oriundos da tentativa revolucionaria de Fevereiro, por elle mesmo e seus parciaes levada a effeito, fez constar a propositura de uma accção contra o tenente-coronel Ubaldino Demetrio, reclamando indemnisação de 54:000\$000! Como medida securatoria, para pagamento desta indemnisação, embargou, ou melhor, prohibiu a venda das mulas de uma invernada do referido tenente-coronel, então emigrado. Tal era a consciencia destes prejuizos, que, por accôrdo amigavel, fel-os por 13:000\$000, recebendo sete de corpo presente!... Emfim, não foi este coronel um dos menos aqui-

nhoados com a restauração do governo da legalidade.

Na cidade de Pelotas, populosa e civilisada, onde a força do dr. Piratinino de Almeida, chefe local, não conhecia limites, Carolino de Freitas, á vista de todas as autoridades, saqueou, as oito horas da noite, em 9:000\$000, o negociante Manoel da Silva Rosa. Poucos dias depois recolheram-no á cadeia, donde, dois mezes mais tarde, sahiu em triumpho ao som de musica.

Na cidade de Passo-Fundo o tenente-coronel José Pinto intimou a Jeronimo Marques Savinhone, sob ameaça de morte, a entregar-lhe 3:000\$000. O pobre e honrado velho, afflictio pelo desespero da familia, pediu emprestado essa quantia para satisfazer a intimação do cruel verdugo, cuja perversidade chegou ao extremo de passar recibo, declarando ter Savinhone lhe furtado essa importancia. (12)

Quantos cidadãos, além dos referidos, não teriam soffrido estas originaes multas?...

.....  
A's perseguições systematicas, ás prisões arbitrarías, aos latrocínios em suas variadas fórmás, seguiram-se, em algumas localidades do interior do Estado, repugnantes e audaciosos attentados á moral. O lar domestico, inviolavel santua-

(12) Ouvi essa narração, alguns annos depois, da propria bocca do paciente, que, ainda tomado de receios, me pediu silenciásse a respeito, afim de evitar a possibilidade de novas violencias.

rio para todos os homens de coração e claro entendimento, jamais desrespeitado por qualquer facção, não escapou, desta vez, á sanha brutal de pró-sélytos do partido republicano. A pretexto de buscas, foram muitos asilos violados por grupos armados ao mando de improvisados officiaes, que em sua maioria grosseiros e maldosos, nem as familias respeitavam. Não foram, entretanto, estas as mais desacatadas; outras houve que, além do sofrimento moral, foram physicamente maltratadas.

O recato, o pudôr feminino, não obsteu a desenvoltura bestial do forçamento de senhoras casadas e, até, de pobres, fracas e indefesas donzellas.

No municipio do Passo-Fundo, certo grupo ao mando de um nefario Montenegro, trazido de Corrientes por chefes republicanos, assaltou a casa do septuagenario Francisco Xavier da Costa, que, espancado e posto em quatro estacas, passou pelo acerbo desgosto, requintado pela maldade de uma crueza feroz, de presenciar a violação de suas filhas e noras.

Este factô não ficou isolado.

No municipio de S. Thiago do Boqueirão, João Laurindo, que marchava como soldado no esquadrao do capitão Ignacio Gomes, nas forças ao mando do tenente-coronel Fausto Machado, na costa do Ibicuy, sahiu do acampamento em companhia de mais dois camaradas e dirigiram-se para a casa de Manoel Maximo, onde apenas encontraram a

mulher e duas filhas. Não podendo o satyro Laurindo conseguir seus intentos com branduras e caricias, ajudado pelos seus indignos sequazes, estuproou uma das indefesas moças, a despeito da impotente resistencia materna.

Em Bagé, por occasião da estada das forças dos coroneis Manoel Pedroso e B. Motta, foram, violentamente, levadas em carroças, para o acampamento, muitas mulheres publicas.

Emfim, nesta epocha de triste memoria, não houve direito que não fosse violado, inclusive o de vida.

Fertil foi em assassinatos o governo republicano inaugurado a 17 de Junho.

Muito mais de cem foram as victimas immoladas em holocausto á restauração da pretendida legalidade. Pelotas, Passo-Fundo, Cangussú, S. Gabriel, Bagé, Piratiny, S. Borja e Cruz-Alta, foram os municipios onde maior foi a carnagem. Na propria capital do Estado, em umas corridas de cavallos, perante um publico numeroso, o chefe de policia, dr. Manoel Telles de Queiroz, matou, de um tiro de revólver, o cabo de policia Athanasio. Ninguém viu; tal era o terrôr!

Não desmereceu por isso da confiança do governo; continuou tranquillo no desempenho do cargo!

No municipio de Pelotas, segundo os diarios d'então, foram assassinados para cima de dezese



peçoas. Até nos suburbios da cidade deram a morte a mais de um. Junto ao edificio da Santa Casa de Misericordia, proximo a estação da estrada de ferro, foram victimados Julio Tisset <sup>(13)</sup> e Manoel Pereira, o primeiro aparentado com o coronel Gu-mercindo Saraiva. O já referido Carolino de Freitas, commandante d'escoltas affectas ao governo, tornou-se notavel pelo banditismo. Francisco Couto e Francisco Couto Sobrinho cahiram, no Capão do Leão, sob a lamina do punhal de subalternos deste fascinora.

Christovam dos Santos, um dos subdelegados deste municipio, acompanhado da respectiva escolta, matou Arsenio Alves dos Santos. Evaristo Soares, aggregado de Israel Dias, tenente Genuino Barcellos, Miguel da Silva Mello, João Morrudo, peão do tenente-coronel Manoel Rafael Vieira da Cunha, Ricardo Gouveia, Lucas da Cunha, Francelino Ribeiro, cabo Antonio Maria e Marcellino de tal, creado em casa de Luiz Amorim, foram outros tantos que, sob mal dissimulados pretextos, pagaram com a vida por si proprios, ou por acinte a seus patrões, o franco e immoderado enthusiasmo pela causa da revolução de Novembro.

No infeliz Cangussú houve tambem uma hecatombe, cujos principaes protagonistas foram Maximinio Nunes, José Emilio Gomes e Noé Duarte, subalternos do coronel Bernardino Motta. Cahiram sob o cutelo da partida ao mando de José Emilio

(13) Conhecido por Julio Saraiva.

Gomes, o creoulo Hilario, o pardo Christino, o oriental Fausto e Vicente dos Anjos. José Cardoso, joven de nobre altivez e indomita coragem, a quem pediam contas de imaginarias armas de federalistas, foi assassinado pela força ao mando de Noé Duarte. A' Dionizio, peão do major Bernardino Ribeiro, accentuado federalista, deu-lhe o deshumano Norberto Freitas o mesmo triste e fatal destino. Ainda tiveram a mesma sorte neste municipio José Ferreira, Vicente Ignacio dos Anjos, Hilario Gonçalves da Silva, Mauricio Bernardo de Mattos, Reginaldo *Musico*, Caetano Puente e Manoel Rengo. A ultima destas obscuras e pobres victimas, foi barbaramente degollada por Maximinio Nunes, a quem, constituindo-se perigo eminente, pela furia sanguisedenta, os proprios companheiros, pouco depois tiveram de matal-o. Dizia-se, entretanto, ser o homem de confiança do coronel B. Motta, cuja chefia politica, apesar de tudo, tanto o recomendou a alta consideração do governo do dr. Victorino, que ainda o fez intendente desse infeliz municipio!

No Passo-Fundo houve igual carnificina: nada menos de treze victimas foram sacrificadas á restauração, a 17 de Junho, do apregoado governo legal! Sebastião Lopes, homem de côr, foi barbaramente degollado na frente da propria casa pelo intitulado tenente Montenegro, cuja dureza de coração resistiu aos prantos e supplicas lastimosas da familia desse inditoso cidadão. Salvador da Rocha.

capataz da importante fazenda de criação do capitão João Vergueiro, foi successivamente saqueado, estaqueado e depois degollado. Além destes foram também assassinados os quatro irmãos Buenos: Vergilio, Pedro, Eugenio e Juvencio; Clemente, por antonomasia "Torto"; o policial Theodoro, a preta Bernardina e uma menor parda arrancadas da cadeia, e ás quaes deram fim, a pouco mais de legua da cidade, por ordem do tenente-coronel José Pinto, que imputava-lhes a morte de um filho menor, criança de peito. Na estrada do Matto Castelhana, foram assassinados mais dois infelizes, cujos cadaveres foram sepultados por Antonio Torres Junior.

No municipio de Piratiny cahiram sob o ferro homicida, além de outros cujos nomes são ignorados, porque, em geral, as victimas eram homens de condições humildes, o velho e inoffensivo fazendeiro Manoel Pedro de Freitas. Conduzido para o acampamento das forças dos coroneis M. Pedroso e B. Motta, depois de lhes entregar 50 cavallos e autorizar o levantamento de 100 animaes vaccuns de sua estancia, exigiram-lhe mais dois contos em dinheiro, que não os deu, porque não tinha. Nada disso valeu-lhe a vida: dahi a momento, á vista do proprio filho menor que o acompanhava, era degollado por Maximinio. Igual sorte tiveram Anibal, praça de policia, cujo depoimento no processo sobre o assassinato do advogado Procopio Gomes de Freitas, compromettia o já então tenen-

te-coronel Manoel Pedroso; um indio de nome Lucas e um anspeçada do 5.º Regimento, que estava preso por crime de morte na pessoa do pardo de nome Franklin.

Bagé pagou bem caro o tributo de sua nobre altivez: sete foram as victimas conhecidas da criminosa intolerancia do governo republicano inaugurado a 17 de Junho. O capitão Terencio Saraiva, primo irmão do coronel Gumercindo Saraiva, foi preso em casa, saqueado, estaqueado e após degollado por forças do coronel Elias Amaro. Antonio Romero e Olegario Lopes, peães que o acompanhavam, tiveram o mesmo destino do infeliz patrão. Isto era matar pelo féro prazer de matar.

O tenente Jeremias de Mello foi assassinado á vista da propria familia!

Graciano Domingos Sobrinho, capataz do tenente-coronel Facundo Tavares. e Hercules Guimarães, foram outras duas victimas, sendo este morto pela escolta do delegado de policia de Bagé.

Em Cacimbinhas mataram um filho do major Velleda e em Jaguarão Cirillo Ribeiro, vulgo "Serengo", sendo, para este fim, tirado da prisão com assentimento da propria autoridade que tinha o dever de guardal-o, e, segundo versões da epocha, por ordem do chefe local, dr. Carlos Barbosa.

Torres e Caçapava pagaram igualmente tributo de sangue: o alferes honorario Lazaro Vieira do Amaral e o negociante João da Cruz Lopes Machado foram as victimas destas duas localidades.

No Rosario, tiveram igual sorte Estevam Cruz, José Lopes Vieira e o indio Gaspar, por ordem do general Izidoro e do tenente-coronel Agostinho Pereira de Carvalho.

Em S. Gabriel as victimas foram: Belarmino Ignacio dos Santos, capataz de Tolentino Jardim; tres peões deste fazendeiro, inclusive um creoulo de 13 annos; Manoel Alberto Teixeira; Libanio Antonio, peão de Francisco Padilha, assassinado pelo subdelegado Theodoro Fernandes, vulgo "Trançador"; Ordalio dos Santos Silva e Manoel Marcelino.

No municipio da Cruz-Alta foram mortos por uma escolta addicta ao governo restaurado a 17 de Junho, o tenente-coronel Theodoro Rodrigues Pedroso, seus dois filhos Thuribio e Thomaz Rodrigues Pedroso e mais um peão do referido tenente-coronel. Pedroso, como seus dois filhos, foram primeiro despojados de tudo quanto traziam, sendo o nefando crime consummado quando as victimas, vencidas pelo cansaço, dormiam tranquillamente.

Em S. Borja, Salvador Theodoro Rodrigues, Angelo Rios e Izidro Quevedo, cahiram sob o ferro assassino da escolta commandada pelo subdelegado Olegario Falcão. Além destes, no quartel da policia, no centro da cidade, Theodoro Silveira matou, apenas por monstruosa malvadez, o inoffensivo preto velho de nome Rosa.

O pardo Cesario Ifran, bem como todos os aggregados de Dinarte Dornelles, tiveram a mesma

sorte. A sanha feroz dos homens de certos municipios, que se abrigavam á sombra da bandeira do partido republicano, chegou ao extremo de alcançar aos innocentes dependentes daquelles contra os quaes maior era o desejo de aniquilamento e de morte.

Na Soledade foi assassinado nas ruas da villa, por umã escolta de **patriotas** arvorados em policiaes, João Rodrigues Baptista. Em Santa Maria, Manoel Alves da Silva, conhecido por Manoel Claudino.

Na Conceição do Arroio, depois d'entregar-se, foi assassinado pelas forças do tenente-coronel Antonio Marques da Rosa, o vigario dessa parochia.

Em Lavras, depois de heroica resistencia, Bibiano Tavares, cuja casa incendiaram. No Herval, no lugar denominado "passo do Mello", houve tambem assassinatos, dos quaes deu testemunho encontrando dois corpos um guarda de forças da União.

.....  
Perante tão grande numero de attentados desta natureza, manifestamente inconcussos, bem pôde suppôr-se que tenham havido muitos outros, cujas victimas permaneçam até hoje ignoradas. Muita ossada rio-grandense deve occultar a soturna solidão dos mattos, os terrenos paludosos dos banhados e o leito de nossos numerosos rios e arroios.

Para os autores desta série aterradora de crimes, denunciados pela imprensa neutra e principalmente opposicionista, com indicação de lugar,

dia, méz e autoria do delicto, não havia rigôr nem castigo; parecia até o assassinio e a impunidade constituirem o meio do annuciado governo de paz e concórdia do dr. Victorino. Cidadão de intelligencia vulgar e genio arrebatado, sem a experiencia que dá a madureza dos annos, confundiu energia conduzida por habil orientação com atropêlo arbitrario, equidade com tolerancia criminosa, não comprehendendo que, o mais solido de todos os fundamentos das sociedades organisadas, é a justiça. Quando a violação dos direitos mais sagrados do homem não encontra protecção nas leis, surgem as vindictas pessoases, as represalias violentas, e, por ultimo, o desespero, que gera a revolução, a peor de todas as calamidades que podem flagellar um povo.

Como era natural, á vista deste miserando estado de cousas, a população rio-grandense sentiu-se sem garantias: o receio, o panico, o terrôr principiou a apoderar-se de todos os espiritos. Os adversarios da situação, exclusivamente o alvo de todos os attentados, começaram a emigrar, a procurar amparo e segurança á sombra das bandeiras das republicas visinhas.

Quasi todo o pessoal da força do general Tavares, dissolvida a 4 de Julho, por accôrdo amigavel com o coronel Arthur Oscar, emigrou para o Estado Oriental. Esta resolução foi dictada pela attitude hostile das forças dos coroneis Manoel Pedroso e Bernardino Motta, que, por onde passavam,

vinham semeando o pavôr, saqueando e, até, matando. Se o velho general e seus companheiros de lucta ficassem em Bagé, teriam, sem duvida, sido victimas dos **patriotas** desses dois chefes destituídos de todos os sentimentos de humanidade e moral, e posta a saque a cidade, se não fôra a policia e vigilancia do 4.º regimento de artilharia. Foi tal a corrente de emigração por este tempo, que, com bons fundamentos, calculou-se terem passado por toda a linha da fronteira uruguayana para cima de 10.000 rio-grandenses. Não foi pequeno tambem o numero dos que emigraram para Corrientes; todos os moradores do Alto-Uruguay, perseguidos pelas autoridades republicanas, buscaram asilo nessa provincia da republica Argentina.

Os habitantes do Passo-Fundo, Palmeira, Nonohay, Vaccaria, Lagôa-Vermelha, Conceição do Arroio, de todo o norte do Estado, enfim, acossados pelos agentes do governo, se refugiaram no Paraná e Santa Catharina. No proprio territorio rio-grandense os habitantes emigravam de uns para outros municipios, conforme a tolerancia e cordura das autoridades.

Chefes federalistas de quasi todas as villas e cidades do interior foram os primeiros a pôrem-se a salvo, porque elles, de preferencia, eram com mais empenho procurados.

Perseguições, latrocinios, assassinatos, violencias de todo o genero, taes foram os fructos do governo do dr. Victorino Monteiro. Realisou seu

objectivo partidario, mas com detrimento dos mais sagrados direitos da communitade; foi, até então, o mais desastrado de quantos governadores teve o Rio Grande do Sul desde a proclamação da Republica.

A revolução rio-grandense foi uma consequencia immediata das premissas estabelecidas por este nefasto governo, que, em vez de conter a onda revolucionaria, a precipitou loucamente, não só arrancando o direito de voto a mais de trinta mil federalistas, mas, sobretudo, encampando todos os crimes e arbitrariedades commettidas por seus agentes e sequazes.

Foi nesta deploravel situação que o dr. Victorino, em 25 de Setembro de 1892, passou o governo do Estado ao dr. Fernando Abbott.

## XV

O dr. Abbott não constituia um penhór de paz: a expectativa não alliviou o desassocego dos espiritos sobre as incertezas do futuro.

Assim como era capaz das mais nobres e justas resoluções, tambem o era das mais duras, crúas e iniquas, em momentos de inconsiderados assomos de seu impetuoso genio. As apprehensões do espirito publico augmentaram, já assás sobresaltado com os excessos praticados pelo governo transacto.

Foi este o sentimento manifestado pelos órgãos da opposição e pelos relativamente neutros, certos da aggravação do estado de cousas, porque, a julgar pelos precedentes, para a seu modo manter a ordem, prenhe de ameaças de perturbações, e rea-



*Dr. Fernando Abbott*

lizar a empreitada que por segunda vez o levava ao poder — a eleição do dr. Julio de Castilhos para presidente do Estado — não recuaria diante qualquer meio, por mais audaz, despejado e violento que fosse. Não cessavam de correr sinistros rumores d'estar o governo dispsoto, a pretexto da ma-

nutenção dá tranquillidade publica, de tomar, de um momento p'ra outro, severas medidas, chegando mesmo ao extremo, se assim entendesse, de attentar contra a liberdade, e, quiçá, vida dos adversarios que mais receava. Pelo conhecimento de quanto era capaz o novo governador, não havia confiança nas garantias legais dos direitos, motivo porque o povo, sobretudo adverso á situação, vivia receoso, inquieto, n'uma atmospherá cheia d'incertezas mortificantes e terriveis ameaças.

Era indiscriptivel o máo-estar social.

Os boatos sobre revolução, já na opinião geral inevitavel, continuavam a circular com insistencia.

Por este tempo, 27 de Outubro, foi assassinado perto da cidade da Cruz-Alta, por um grupo de quinze homens, capitaneados por José Cyrino da Costa, o chefe republicano coronel Evaristo T. do Amaral. (14)

Este coronel, logo após a revolução de 17 de Junho, como já ficou dito, extorquiu a varios fazendeiros serranos, a titulo de **indemnização e de multa**, alguns contos de réis. A odiosidade que lhe valeu este reprovado procedimento, foi, certamente, a causa real de sua morte.

Este successo fatal exacerbou de modo extraor-

(14) Os republicanos attribuiram a chefia deste grupo ao ex-delegado da Cruz-Alta Garcez Cabelleira, a quem, tambem, imputaram a qualidade de mandatario deste crime, sem saberem, ao certo, a quem imputar a autoria de mandante.

dinario seus partidarios, cuja sêde de vingança era, em linguagem arrogante e ameaçadora, francamente manifestada pelo órgão official do partido. Os mais exaltados e irreflectidos não occultavam as intenções; nos clubs, cafés, lugares publicos, por toda a parte, repetiam audazes a mesma linguagem, bradando insoffridos por sangrenta desfórta. O governo, em vez de conter, acoroçoava a explosão das más paixões, ancioso por tomar medidas violentas, talvez no falso presupposto de por esta fórma atemorisar e diminuir a coragem da opposição. Infelizmente, para mais prompto se precipitarem os acontecimentos, coincidiu, com a criminosa morte do coronel Evaristo, a descoberta, pelo governo, de uma correspondencia que o tenente Felisberto Barcellos, empregado na colonia militar do Alto-Uruguay, levava para dois ou tres cidadãos filiados ao partido federalista, residentes no municipio da Cruz-Alta. Apprehendida na cidade de Santa Maria, verificou-se pertencer ao tenente-coronel Facundo Tavares, irmão do general Tavares, indigitado como o provavel chefe das forças revolucionarias. Nessa correspondencia, Facundo, por sua **conta e risco**, recommendava aos destinatarios, que estivessem prevenidos, dispostos e alertas, porque a revolução era questão de momento.

O dr. Fernando Abbott, que anciava por tomar medidas violentas contra os adversarios, achou optima a oportunidade, e, a pretexto de ter descoberto **uma grande conspiração, em que se tratava**

de assassinar todos os chefes republicanos, (15) expediu ordens a todas as autoridades das cidades e villas do Estado, que immediatamente prendessem os chefes do partido federalista, matando os que resistissem. (16)

Essa correspondencia não dava, entretanto, lugar a severidade dessas medidas excepçoes. Para que se possa julgar com perfeito conhecimento de causa, transcrevemol-a em sua integra.

Eil-a:

“Porto Alegre, 16 de Outubro de 1892.

Illm.º Snr. Felipe Nery Portinho.

Correligionario e amigo.

Já está no dominio publico e por isso não lhe será desconhecido que projectamos reagir contra este governo, que tantos males tem acarretado ao nosso desgraçado Estado.

Não é possivel que mostremo-nos já desbriados a ponto de deixarmos correr tudo a revelia e não lhe oppormos a menor resistencia.

Assim é que de accôrdo com meu irmão general Silva Tavares, estamos nos preparando para a lucta. Está elle no Estado Oriental, donde recebe recursos escassos sem duvida para a força que tem; (17) mas com os

(15) Pelo menos assim o declarou “A Federação”, órgão official.

(16) Em Pelotas nos foi mostrado um telegramma nessas condições, passado ao dr. Piratinino de Almeida.

(17) Nesta epocha não tinha força alguma á sua disposição, a qual provêsse de recursos.

elementos que tiver invadirá a fronteira e virá de marcha batida para o Rio Grande, enquanto que eu, o Visconde de Pelotas e o general Barreto Leite e outros amigos, já de accôrdo com os coroneis Vicente Gomes e Antonio Ignacio e mais o tenente-coronel Baptista, movemos o norte. (18) E a todos daremos aviso por telegramma em cifra.

Meu irmão dará de lá instrucções aos amigos, que já estão de tudo prevenidos, desde a Encruzilhada até S. Borja, visto que nós d’aqui não teremos certeza de poder fazer estas communicacões. Elle (meu irmão) de lá póde fazer tudo por proprios.

Nós d’aqui só faremos as communicacões aos amigos já citados de cá e a V. S. por chave telegraphica e por proprios.

Esperamos aviso 15 dias antes da invasão e apenas chegue lhe transmittiremos.

Espero que V. S. transmitta convite aos nossos correligionarios Timotheo de Souza Feijó e capitão Garcez, para que nos auxiliem e vão dispondendo seus elementos.

Armas, cada um se servirá das que tiver. Quando ha boa vontade até a cacete se briga.

Consta-me que o Pinheiro Machado tem dois depositos de armas na Cruz-Alta. Descoberto o lugar do deposito, um assalto a elles e serão nossas.

Convém não deixar respirar o inimigo. As primeiras forças reunidas já devem es-

(18) Essa combinação com o Visconde de Pelotas, Barreto Leite e principalmente com os coroneis Vicente Gomes, Antonio Ignacio e Baptista, é pura invenção, talvez com o intuito de dar-se a importancia, porque, no partido federalista, não tinha autoridade nem influencia, sobretudo com esses chefes, para dar ordens.

torvar a reunião do inimigo e perseguir os chefes, obrigando-os a fugir, senão puderem pegal-os. São os elementos de guerra. V. S. sabe disso muito bem e estou certo que porá em pratica logo. O portador é o capitão Barcellos, que me promete entregar esta em mão de V. S. Se tiver occasião d'escrever-me com segurança, espero merecer-lhe esse favôr, avisando-nos dos recursos com que conta para nosso governo.

Ponho a sua disposição meu limitado prestimo e sinto prazer assignando-me de V. S. correigionario e amigo obrigado. — *José Facundo da Silva Tavares.* (19)

P. S. — Chave telegraphica: Nery Porto — Cruz Alta.

Urge seu negocio vir até dia tantos (será o dia da invasão).

Assignado: Correia.

Convirá começar a reunir 4 ou 5 dias antes e cortar logo o fio telegraphico em diferentes pontos."

"Porto Alegre, 16 de Outubro de 1892.

Illm.º collega e amigo.

Tenho demorado a escrever-lhe satisfazendo o pedido que faz no seu cartão, por falta de segura proporção. Agora aproveito a ida do capitão Barcellos, que vae para a Cruz-Alta e prometeu-me entregar-lhe esta com segurança.

(19) Todas estas instrucções Facundo as dava por conta propria, porque nem o dr. Gaspar S. Martins, chefe do partido federalista, nem o proprio irmão, tinham lhe dado semelhante autorização. Caro pagou sua levandade e imprudencia!

Cassal nada conferenciou comnosco, nem procurou a nenhum. Só esteve com o dr. Wenceslau Escobar. Afinal safou-se no sabbado a noite, levando a familia, deixando o governo emmaranhado em conjecturas e os amigos compromettidos. Dois delles estam na cadeia já e o Junqueira incommunicavel. Nós todos ameaçados. Nada receio.

Com este aviso, meu collega, comece logo a preparar-se, porque não demorará que lhe chegue o aviso do dia da invasão.

Consta aqui que ha desaccôrdo entre o delegado de policia e os ladrões do Motta, por causa dos roubos que aquelle teem arrechado e mandado entregar; dizem até que estam a ponto de pegar-se. Será verdade?

As noticias que nos chegam de toda a parte são muito satisfactorias. Todos dispostos para o primeiro aviso. Que noticias me dará de meu parente Antonio Bonifacio? Está tambem disposto? Podendo escrever-me com segurança, não s'esqueça, porque muito preciso estar em dia com os elementos com que podemos contar.

Cumprimenta-o o camarada *José Facundo da Silva Tavares.*

Nota. — A assignatura do telegramma será *Oliveira.*

Abri esta para prevenil-o que fomos a noite avisados que seremos presos eu, dr. Bittencourt, dr. Wenceslau Escobar e Apollinario Porto Alegre.

Este e Bittencourt hoje ausentam-se. Eu, porém, não o posso fazer, porque, como sabe, tenho de dar direcção aos amigos, logo que tenha aviso do general para mover-nos.



Mas desde que saiba ahi que fui preso, não demore o movimento; ponham-se logo em campo, reunindo e entrando em operações, pois não duvide que irá logo ordem para prender todos os chefes na campanha, o que será um desastre para a causa que defendemos.

Sei que o Joca tem recebido muito armamento e munição. Esta noticia tive hontem. Recommende a Gaspar Barreto para mandar logo proprio ao Joca avisando ter se adeantado o movimento, para elle lá acelerar a invasão e vir em nosso auxilio.”

Eis as cartas em que o dr. Fernando Abbott viu um grande plano de conspiração, cujo principal objectivo era o assassinato de todos os chefes republicanos.

A treslouçada e insidiosa ordem de prender todos os chefes federalistas, matando-os se resistissem, teria dado lugar a muitas consequencias funestas, se, a maior parte, já não estivessem emigrados; equivalia tanto como quasi oficialmente mandal-os matar. De como se devia cumprir este deshumano ukase, foi elle o primeiro a dar exemplo na propria capital.

Em 1.º de Novembro, ao raiar da aurora, foi o cidadão Facundo Tavares, como toda a familia, despertado por fortes golpes na porta da casa que habitava.

Levantando a vidraça de uma das janellas que davam p'ra rua, viu, com grande surpresa, toda a casa cercada por numerosa escolta de policiaes ar-

mados á “comblains”. Nesta ocasião arrancou violentamente o braço da mão de alguém que o segurou da parte de fóra, dizendo que, se queriam alguma cousa, fossem chamar o chefe de policia. Fechada a janella, trataram de arrombar a porta a machádo. Tomando armas, pensou o valente Facundo guardal-a, quando viu que o mesmo faziam a uma das janellas da sala, por onde já subia um official. Correndo a defendel-a, desfechou no ouvido assaltante um tiro de pistola.

Entrementes, faziam, da rua, nutrido fogo de fuzilaria, que matou-lhe dois filhos e o feriu gravemente na mão e no braço. Preso, afinal, foi escorrendo sangue, em bombáchas de chita e camisa de flanela, chinelas sem meias, desgrenhados os alvos cabellos, conduzido em quadrado para a cadeia.

Para melhor se ajuizar deste barbaro, brutal e tragico successo, vamos transcrever integralmente a narração feita pelo proprio Facundo, que, até hoje, nunca foi contestada, porque, de facto, como contemporaneos desse acontecimento, podemos affirmar ser a expressão da pura verdade.

Eil-a:

“No dia seguinte (1.º de Novembro) as 5 horas mais ou menos da madrugada, eu fui despertado por pancadas violentas em minha porta e perguntei:

Que é lá?

Respondeu-me uma voz estrepitosa: — abra porta!

Levantei-me, abri a janella de meu quarto, que bota para a rua e levantei a vidraça a meio e, vendo dois soldados encostados, perguntei:

Que ha, camaradas?

Snr. alferes, gritaram elles, aqui está o homem.

Chegado este agarrou-me bruscamente o braço direito e disse aos soldados: — agarrem!

Arranquei-lhe o braço das mãos, deixando cahir a vidraça, que se fez em estilhaços, fechei a janella e disse:

Se querem alguma cousa commigo, venha o chefe de policia.

Responderam de fóra:

Agora vem o chefe de policia!

Suppuz que realmente o fossem chamar, vesti a calça e fui ao lavatorio lavar o rosto e vestir-me.

Isto fazia quando ouço bater machados a minha porta para arrombar. Com o rosto ainda molhado empunhei uma pistola Lafaucheux e um revólver e corri ao corredor, esperando que arrombassem a porta. Senti logo que batiam, arrombando a janella da sala de visitas. Para lá corri e, ao transpôr a primeira alcova, vi que subia a janella o mesmo official que me tinha agarrado o braço. Engatilhei a pistola e desfechei-lhe um tiro. Meu filho menor, que já me acompanhava, desfechou outro de revólver. O official deixou-se cahir para fóra. <sup>(20)</sup>

(20) Este official era o alferes Marçal Martins, que pouco mais de um anno depois foi morto pelos revolucionarios n'um tiroteio insignificante na zona colonial.

Cheguei a janella arrombada e gritei: Chamem o chefe de policia! Chamem o general Pego!

A tudo isso já se fazia um fogo vivissimo de "comblains" para dentro de minha casa.

Por todas as janellas e portas da casa cruzavam balas, fazendo terriveis estragos.

Logo que demos os dois tiros citados, disse a meu filho: Não atires mais.

Meu fim era esperar soccorro. Continuamente gritava: — Venha o chefe de policia! Venha uma autoridade! Chamem o general Pego!

Nesta afflicção, meu filho, vendo um grupo de povo atravessar a rua, chegou a janella e gritou: — Povo! Ide chamar o general Pego Junior!

No mesmo instante uma bala atravessou-lhe o peito! Elle voltou para dentro com passo vacillante e me pareceu gravemente ferido, suppul-o morto. <sup>(21)</sup>

Continuei só em defesa da entrada da minha casa.

As balas continuaram a cruzar dentro de casa e logo senti-me ferido na mão esquerda. Ouvi o clamôr de minha pobre mulher agarrada ao filho que julgava moribundo!

Ao levantar-se, passa-lhe uma bala queimando-lhe a fronte e vae ferir mortalmente

(21) Facundo, em declarações posteriores, disse ter sido o proprio major Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante da brigada policial, o autor da morte deste seu filho, sobre o qual descarregou o revólver em occasião que este acenava para um grupo de mulheres, pedindo que chamassem o general Pego.

meu outro filho, que caiu redondamente no chão!

Neste acto, outra bala atravessa-me o braço esquerdo, cortando-lhe os vasos e um grande lago de sangue fórma-se logo ao pé de mim.

Minha pobre mulher, no auge do desespero, vendo seus dois filhos mortalmente feridos, caídos no assoalho, corre para mim, gritando e arrancando os cabellos e ao verme também ferido e banhado em sangue, atira-se a janella e grita:

Não atirem mais! Basta de desgraças! Elle se entrega! Elle está muito ferido!

Suspenderam então o fogo. Eu approximei-me da janella e disse: Aqui está o meu revólver! Alguem o agarrou, mas não sei quem foi, porque estava encostado na parede da parte de fóra.

A pobre velha desgrenhada e angustiada, abriu a porta da rua, que tinha resistido ao machado. Eu appareci no corredor e outro alferes, (unicos officiaes que me appareceram) gritou-me com arrogancia: Sáia! Sáia! Sáia já!

Respondi-lhe: Eu saio sim, eu saio. Minha filhinha lavada em lagrimas pedia: Não matem o papae!

Saí. Logo o alferes mandou formar quadrado e collocou-me no centro levando-me sem chapéo, de bombachas, camisa de flanela e chinelas sem meias, pela rua Riachuelo até a cadeia civil!

Não se julgue que era eu desconhecido do alferes que commandava esses homens em

numero de 25 ou 30. Alguns passos de marcha, elle disse:

— Snr. coronel, o snr. é muito valente, mas não póde resistir ao numero.

Ao que lhe respondi: — Nunca me gabei disso!

Daqui se vê que elle sabia que eu era um official superior, não coronel como me chamavam, mas tenente-coronel da guarda nacional, official da ordem da Rosa, e cavalleiro do Cruzeiro, postos e honras que gabei servindo a patria com muita honra e lealdade.

Cadeia civil de Porto Alegre, 4 de Novembro de 1892. — Tenente-coronel *José Facundo da Silva Tavares.*”

Esta diligencia assistiu o proprio major Pantaleão Telles, commandante da brigada policial, talvez para dar mais alento e coragem aos briosos agentes da segurança publica!

Fosse para salientar o risco desta perigosa jornada, ou attenuar a hediondez de tão selvagem e féro attentado, noticiou a folha official ter o commandante Telles saído contuso e o alferes Marçal Martins ferido em um dos dedos de um pé.

Concomitante a este barbaro e lugubre successo, outro, de igual natureza, tinha lugar na casa do inditoso cidadão Frederico Haensel.

Recebendo este laborioso e honrado pae de familia ordem de prisão, dispôz-se immediatamente a cumpril-a, mas ao sair de casa, logo aos primeiros passos, recebeu pelas costas um tiro de um

dos da propria escolta que o devia conduzir! O tiro quebrou-lhe uma das vertebraes, prostrando-o por terra, donde a atribulada familia e amigos o levantaram, para, quatro dias mais tarde, conduzirem o cadaver a perpetua mansão dos mortos. Os autores deste crime, certos da impunidade, recolhiam-se tranquillos ao quartel, colorindo com a resistencia a cobardia deste traioeiro e premeditado assassinato. (22)

Foram estas as victimas immoladas na capital do Estado pelo governo do dr. Fernando Abbott em represalia á morte do coronel Evaristo, embora o pretexto fosse ter descoberto uma grande conspiração, na qual nem vestigio, se quer, havia d'estar envolvido este ultimo cidadão. (23)

A autoria do governo, em todos estes nefandos crimes, tornou-se manifesta: não fôra elle o agente, teria mandado submeter a conselho os commandantes das respectivas escoltas, em vez de promover-os, affirmando, com incrível audacia, senão desfaçatez, ou com uma e outra cousa, ter havido opposição á ordem de prisão.

Foi, entretanto, da mais publica notoriedade, não ter o mallogrado Haensel feito a minima resistencia!

(22) Commandava esta escola, e, segundo se affirmou, deu o tiro no infortunado Haensel, o sargento Francioni, pouco depois promovido á alferes!

(23) Segundo alguns contemporaneos destes deploraveis successos, os acontecimentos que tiveram lugar na madrugada deste dia, foram precedidos por uma girandola de foguetes, signal convencionado entre o governo e seus agentes.

Estes ignominiosos assassinatos, friamente premeditados no silencio do gabinete, aterrorisaram a população, enchendo d'espanto os animos menos timidos e os corações mais resolutos.

Numerosas foram as prisões effectuadas neste dia, sendo recolhidos a cadeia civil cerca de sessenta cidadãos pertencentes ao partido federalista, já dos de somenos importancia politica, porque os de mais representação, desde 17 de Junho, tinham se ausentado da capital.

Desta data em diante deixou de se publicar a "Reforma", órgão tradicional do liberalismo rio-grandense, e, então, official do partido federalista. Redigiam-no o illustre e velho republicano Apollinario Porto-Alegre e o dr. Wenceslau Escobar.

A despeito de terem sido procurados com empenho pelos policiaes dos drs. Abbott e Ribas, não foram encontrados, porque o primeiro, occultando-se em lugar seguro, após 25 dias, embarcou para fóra do Estado, o que o segundo, na antevespera destes funestos acontecimentos, já o tinha feito.

No dia seguinte, 2 de Novembro, quando passava pela praça da matriz o lugubre cortejo mortuario dos dois jovens irmãos, victimas da abnegação e valôr com que trataram de defender a causa paterna e a inviolabilidade do lar, o dr. Abbott, ostentando acintosamente a vangloria deste barbaro feito, assomou a uma das janellas do palacio, acompanhado por numerosos sequazes. Actuando no maior auge a paixão partidaria, d'en-

volta com o desejo immoderado de vingança, parecia ter gelado a natureza humana daquelles coações, pois, como se fôra um dia festivo, mostravam-se todos alegres, risonhos e prazenteiros. Era o applauso, senão insulto, á dolorosa agonia de uma infeliz familia coberta de luto!

Em vista das ordens terminantes do governo, em quasi todas as cidades e villas do Estado, foram presos os representantes mais conspicuos do partido federalista, dos que ainda não tinham emigrado, aliás, poucos; destes mesmos alguns ainda s'escaparam. Só na capital, segundo já dissemos, foram recolhidos a cadeia civil cerca de sessenta cidadãos de todas as classes. (24)

Estes attentados contra a liberdade e a vida, praticados pelo governo do dr. Abbott, ainda deram maior impulso a corrente emigratoria.

Os chefes que tinham buscado asilo em terras da republica Oriental, principalmente o general Tavares e todos os companheiros da jornada de Bagé, podiam, de um momento p'ra outro, invadir o Estado á frente de uma massa consideravel de emigrados. Essa invasão era annunciada como cousa certa.

Percebendo a eminencia do perigo, o vice-pre-

(24) Entre os presos de mais posição social notavam-se, o dr. Victor de Brito, medico; o dr. Padre Silva Lima, professor da Escola Normal; Leopoldo Masson, negociante; Emilio Ferreira, director da companhia telephonica; Virgilio do Valle, director da companhia carris de ferro; Carlos Trein, chefe do partido federalista do municipio de Santa Cruz; Silva Praxedes, castigado a palmatoadas e ainda muitos outros.

sidente da Republica, no intuito de evitar a revolução, cuja semente foi elle o proprio a lançar, mandou, como emissario, afim de conferenciar com o general Tavares, o brioso e valente general João Telles.

Saindo do Rio em meados de Outubro, chegou a Bagé a 29, e a 1.º de Novembro, no lugar denominado "Carpintaria", na republica Oriental, proximo á fronteira do Brasil, teve lugar a conferencia. Do que se passou entre os dois generaes, até hoje nada foi publicado officialmente; é corrente, entretanto, que o emissario do marechal Floriano fez ingentes esforços, grande empenho, por dissuadir Tavares do proposito revolucionario, desligando-o do dr. Gaspar Martins. O que é certo é que por mais seductoras que fossem as propostas, não logrou seu intento, graças a firmeza de character e lealdade do velho general rio-grandense.

Voltando para Bagé, então já com pleno conhecimento da situação do Rio Grande, o general Telles, a 2 de Novembro, passou ao marechal o seguinte e importante telegramma, onde, com verdade e completa isenção d'espírito, descreveu o estado deploravel de sua terra natal.

"Urgentissimo (reservado) — S. N. — expedido estação Bagé, a 2 de Novembro de 1892.

Marechal Floriano — Rio.

Hontem estive com o general Tavares, que não concordou na conciliação, visto estar

sériamente compromettido com seus amigos. A revolução no meu entender é inevitavel, desde que não se tome já as providencias necessarias.

Pelo modo por que chegaram as cousas aqui, acho que V. Ex.<sup>a</sup> deve declarar já o Rio Grande em estado de sitio, nomeando immediatamente um governo militar, mas que esse seja alheio as paixões politicas do Rio Grande. V. Ex.<sup>a</sup> não faz ideia dos horrores que se tem praticado; os assassinatos são em numero muito elevado, pois, já por toda parte se degolla homens, mulheres e crianças, como se fossem cordeiros; o saque está por demais desenvolvido, assim é que não ha nenhuma garantia, quer individual, quer material.

V. Ex.<sup>a</sup> não conhece nem a terça parte dos horrores que se tem commettido, sendo, infelizmente, praticados por pessoas que deviam ser os mantenedores da ordem publica. Em Porto Alegre, por occasião de effectuar-se a prisão de Facundo Tavares, foram feridos com dois balaços o meu sobrinho major Pantaleão Telles e tambem o official que compunha a força e mortos dois filhos de Facundo, de modo que isto, na minha opinião, vem aggravar mais a situação, por demais melindrosa.

Os animos estam exaltadissimos e por isso supponho que a invasão se fará com brevidade.

Os coroneis Pedroso e Motta, chefes republicanos de Piratiny e Cangussú, e tambem o tenente-coronel Candido Garcia, daqui de Bagé, segundo estou informado, são os

maiores assassinos e ladrões no Rio Grande e é a quem mais se deve este estado de cousas. Assim me parece que V. Ex.<sup>a</sup> deve quanto antes tomar providencias energicas, afim de evitar uma catastrophe, que necessariamente reflectirá em todo o paiz.

Supponho que o unico meio a seguir é, como já disse á V. Ex.<sup>a</sup>, considerar já o Rio Grande em estado de sitio, nomeando sem perda de tempo um governador militar, mesmo por ser essa medida desejada pelo povo rio-grandense.

Saúdo-vos affectuosamente.

Sigo amanhã cidade do Rio Grande levar familia.

Zqkjscu — ddy — ldyzodq — cd — bdiplut.  
— nroj — vdb — ddrj. (25)

*João Telles.*"

O enviado do marechal vice-presidente da Republica disse a verdade inteira, não podendo ser tido em conta de suspeito pelos pro-homens do partido republicano, porque tanto o consideravam que, até, o incluíram na chapa para deputados ao Congresso Federal.

Estes atropêlos insensatos, que importavam na formal suspensão das garantias de todos os direitos, recrudesceram em vesperras da eleição para deputados e presidente do Estado, para a qual, entretanto, com ruidosa ostentação de ampla liberdade eleitoral, era convocado o povo rio-grandense.

(25) Transcrevemos o telegramma "ipsis verbis", inclusive as palavras que não puderam ser decifradas.

Julgue-se dessa pretendida liberdade com os chefes e grande parte dos sectarios do partido federalista emigrados, outros presos e todos expostos as mais vexatorias perseguições e brutaes medidas de terrôr.

Ellas, no entanto, não cessavam; por toda a parte os agentes do governo ameaçavam, perseguiam, prendiam e impunemente matavam!

Os assassinatos que, por esta epocha, causaram funda e dolorosa impressão no espirito publico, dentro e fóra do Estado, pela fria e calculada maldade com que foram praticados e pela qualidade das victimas, estimadas por suas virtudes publicas e privadas, foram os do coronel honorario Antonio José de Moura, o salvador da morte de mais de mil familias paraguayas, tabellião José Setembrino Falcão, tenente honorario Ubaldino José Gonçalves Pacheco e Ildefonso Marinho. Nas levas de prisões effectuadas em 1 e 2 de Novembro, foram, estes quatro cidadãos, presos em S. Borja, em suas respectivas casas, junto ás proprias familias. (26)

O coronel Moura era um veterano do Paraguay, cujos galões ganhára ao fumo das batalhas em defesa da Patria. Fraca influencia federalista do segundo districto do municipio em que residia, era,

(26) José Falcão foi preso por seu irmão Olegario Falcão, que, de arma ao hombro, em companhia de mais dois patriotas, intimou-lhe a prisão. Quando constou o assassinato de José, Olegario, que occupava o cargo de secretario do chefe de policia, disse, pela imprensa, que esperava a acção proficua da justiça republicana. Espera até hoje...

todavia, bemquisto, considerado por gregos e troyanos, pela natural bonhomia e proverbial prudencia. Por occasião da revolução de 17 de Junho reuniu gente para defender o governo do general Camara, mas, conhecendo depois o curso dos acontecimentos, sob amplas garantias de liberdade offerecidas pelo general Lima, dissolveu-a. Logo após, quasi traiçoeiramente, foi preso e conduzido nas forças do governo que seguiram de S. Borja para bater o general Tavares em Bagé.

Falcão era tabellião em S. Borja. Fallecendo-lhe o pae, foi obrigado a interromper o curso de medicina, afim de vir entregar-se aos cuidados da familia, (cinco irmãs solteiras), que, além de pobre, ficou sem outro amparo. Inteligente, regularmente illustrado, foi aos poucos adquirindo ascendencia sobre os companheiros de ideias e tornando-se conhecido dos contrarios como o verdadeiro director espirital do partido federalista do municipio. Fazia as cousas sem ruido, com calma e mansidão, talvez o motivo de o considerarem adversario de valôr e tratarem com empenho de inutilisal-o. Foi tambem um dos que seguiu preso, em Junho, em companhia do coronel Moura, nas forças do governo commandadas pelo general Lima.

Ubaldino Pacheco era negociante, com pouca ou nenhuma influencia politica; Marinho, um obscuro official de officio, carpinteiro, cujo peccado era fallar de mais.

Depois de alguns dias de prisão, a pedido da

comissão executiva, cujos membros tinham pronunciada má vontade contra Falcão, e, até, odio, seguiram escoltados com destino a Porto Alegre.

Em Cacequy, ponto em que deviam tomar a estrada de ferro e onde estacionava parte da brigada policial, por ordem superior, deixaram de seguir viagem para a capital. Conduzidos dahi em direcção ao Rosario por uma escolta de oito soldados, commandada por um alferes Julio de tal, ao pôr-se do sol do dia 22 de Novembro, em campos da fazenda de Fabio Acoste, ataram-se-lhes as mãos. Levados deste ponto para o capão denominado "Bebedôr", entre aquella fazenda e a da Mangueira, de Frederico Fayet, á margem direita do rio Santa Maria, foram esses quatro chefes de familia cobarde e miseravelmente degollados. (27)

Que estes homens foram assassinados pelo governo do dr. Abbott, a ninguem restou a menor duvida. O major Bandeira, commandante da força policial destacada em Cacequy, era um passivo cumpridor de ordens, incapaz de tomar a responsabilidade de mandar matar aquelles quatro cidadãos inermes, contra os quaes não tinha prevenção, inimisade, odio, nem mesmo os conhecia. Se assim

(27) Alguns dias depois, José Marques, filho de Olegario Teixeira, viu os corpos desses desventurados cidadãos já em adiantado estado de putrefacção, atirados seminús em um manancial, donde os retirou e sepultou o humanitario estancieiro João Vasconcellos.

A escolta assassina seguiu para o Rosario, trocando, nesta villa, em casas de negocio, notas de 100\$ e 200\$000, seguramente fructo do saque, porque Ubaldino, na crenga de que em realidade viesse para Porto Alegre, trazia consigo avultada quantia para pagamento de seus credôres.

não fôra, esse official teria sido demittido, processado e afinal condemnado, taes as provas esmagadoras do delicto. O dr. Abbott, porém, com acintosa affronta á sociedade, num impeto de pasmosa e cruel coragem, contestando á perguntas que circumspectos correligionarios de S. Borja lhe fizeram sobre o destino dos presos, respondeu que tinham seguido para o Rosario, desaparecendo em caminho!...

Tudo isto teve lugar dois dias depois da eleição em que foi eleito presidente do Estado o dr. Julio de Castilhos!

Não foram estes os unicos assassinatos cuja autoria cabe inteira ao governo do dr. Abbott; no municipio da Cruz-Alta, especialmente no lugar denominado Cadeado, houve uma tremenda hecatombe!

Esta horrivel matança teve por causa a morte do coronel Evaristo do Amaral.

A obrigação de todo o governo moralisado é promover a punição dos criminosos, cujas culpas devem ser apuradas em tribunaes, que offereçam garantias d'imparcialidade e justiça. Se o offendido tivesse o direito de desaggravar-se por suas proprias mãos, seria profunda e completa a anarchia, porque os desfôrços pessoaes nem sempre são dictados por inspirações luminosas da justiça, senão tambem, e, as mais das vezes, pela violencia irreflectida das paixões. Ou porque não attentasse na sabedoria deste conceito, ou porque assim o quizesse premeditadamente fazer, o que é certo é que



o dr. Abbott entregou uma escolta a um dos filhos do finado coronel, afim de vingar dignamente a morte de seu pae. José Evaristo do Amaral, (o filho alludido), que mostrou não primar pela doçura de coração, nem pela sensatez das resoluções; maguado pela dureza do golpe que tinha soffrido; alimentando odio feroz contra os federalistas; sinistros desejos de vingança; seguiu contente no desempenho da tenebrosa missão que lhe confiara o aloucado governo do dr. F. Abbott. Chegando a Cruz-Alta, encontrou poderoso e efficaz auxilio por parte do chefe local José Gâbriel da Silva Lima, que não teve, sequer, uma palavra de moderação, antes estimulou aquelle espirito desvairado.

Começou, então, a carnagem!

A maior parte dos infelizes que vinham presos, todos humildes trabalhadores, eram tirados da cadeia e desapareciam para sempre. No "Cadeado", lugar onde foi assassinado o coronel Evaristo, foram trucidados muitos cidadãos, cujo numero exacto permanecerá para todo sempre ignorado. Uma leve suspeita, uma sombra d'indicio, bastava para José Evaristo decretar a morte de um pae de familia.

A magua de filho, cujo cadaver paterno fôra postejado, junto a extremada paixão politica, parecia fazer-lhe vêr em todos os habitantes do "Cadeado", infensos ao governo, senão autores, cúmplices na morte de seu genitôr. Segundo as versões da epocha, naturalmente exageradas, não andaram longe de uma centena os assassinatos prati-

cados neste municipio em represalia a morte do coronel Evaristo do Amaral. Sem podermos precisar o numero, consignamos, entretanto, essa lugubre versão.

A propria "Federação", órgão do partido republicano e folha official, em artigo sob a epigraphe "Coronel Evaristo, despojos do martyr", dando uma relação dos infortunados cidadãos que tiveram aquelle triste fim, sem a coragem de francamente confessar que foram assassinados, disse que tinham sido mortos, uns em acto de resistencia, outros por suicidio!...

Eis a relação:

José Antonio Garcez, Mariano Pedroso e seu filho menor José Pedroso, Joaquim Luiz, Francellino Bernardo, Ramão Ribas, Manoel João dos Santos, João Mathias Filho, Filandro dos Santos, Vicente Antonio dos Santos, Gregorio Constante Flôr, Juvencio dos Santos, Cypriano de Avila Lima, Manoel Bueno e seu irmão Ricardo Bueno, Pedro Queguay, João Isaias Alves, Valerio Bueno, João Mathias (pae) e João de Freitas Pimentel.

Além destes 20 publicados pelo diario official, houve ainda os seguintes assassinatos, dos quaes temos absoluta certesa: Manoel Rodrigues Pires, (vulgo Maneco Chirú), Emilio Rodrigues Claudio, João da Santa, Marcolino de tal, Pedro Barbosa, Gregorio de Oliveira Luz e seu irmão Vicente de Oliveira Luz, João Portes, Joaquim Portes, Antonio Canhoto e um filho e o importante fazendeiro

Gaspar José Fagundes, além de outros que ignoramos.

A maior parte destas victimas eram pequenos lavradores do "Cadeado", jornaleiros, obscuros peões de estancias, sobre os quaes bastava recahir a mais leve suspeita de terem directa ou indirectamente auxiliado o assassinato do coronel Evaristo, para, de modo inexoravel, serem immolados á vindicta filial e partidaria. Emfim, o governo do dr. Abbott foi a continuação do governo do dr. Victorino — o regimen da criminalidade em acção.

Este desesperado estado de cousas augmentava progressivamente a emigração, irritava os animos e despertava, cada vez mais, vontade de impetuosa e violenta desforra.

Os grupos emigrados das republicas Oriental e Argentina, (Corrientes), com os corações entumecidos por dôres cruelmente contidas e lagrimas amargas derramadas em silencio, o que queriam, era, a todo transe, invadir o territorio rio-grandense, sendo, a custo, contidos pelos chefes. Com armas ou sem armas, palpitantes de colera, odio e desejo ardente de vindicta, anciavam pelo dia em que pudessem, no sólo da Patria, morrer matando ou libertal-a do jugo tyranno que a aviltava. Affagavam com feroz delicia o pensamento de castigar os algozes que, impunemente, perseguiam, prendiam, roubavam e matavam. Em uma palavra, o governo do dr. Abbott foi o mais formal, imprudente e audacioso desafío á revolução. Seu exe-

cravel inventario resume-se em perseguições, prisões, latrocinios e assassinatos de cidadãos adversos á situação politica do Estado.

Ao passal-o ao dr. Julio de Castilhos, em 25 de Janeiro de 1893, já se ouvia ao longe o reboar da tempestade revolucionaria prestes a desencadear.

Como documento vivo, attestando a barbaridade do governo republicano dos drs. Victorino Monteiro e Fernando Abbott; como, tambem, uma homenagem prestada á memoria dos cidadãos sacrificados em holocausto á restauração da legalidade no Estado do Rio Grande em 17 de Junho de 1892, damos, no quadro abaixo, todos os nomes dos assassinados que, por essa epocha, tornaram-se notorios:

Municipios	Nomes dos assassinados	Ns.
<b>Porto Alegre</b>	Athanasio, cabo do corpo policial, assassinado pelo chefe de policia dr. Manoel Telles de Queiroz, (no prado Boa Vista, com um tiro de revólver; Frederico Haensel, gerente da companhia fluvial, assassinado por uma escolta do corpo de policia; os dois filhos do tenente-coronel José Facundo da Silva Tavares	4
<b>Pelotas</b>	Julio Varella, por alcunha Oriental, parente de Gumerindo Saraiva, degollado por forças legaes atrás da Santa Casa de Misericordia; Felipe Lopes, pardo sexagenario, que, no passo das Pedras,	

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
	servia de enfermeiro a José da Silva Figueiredo; Evaristo Soares, aggregado de Israel Dias, degollado na sanga Funda, serra dos Tapes; tenente Genuino Barcellos, que serviu nas forças revolucionarias de Novembro contra o golpe d'Estado; Miguel da Silva Mello, João Morrudo, peães do tenente-coronel Manoel Rafael Vieira da Cunha; Manoel Pereira, vulgo Maneca Thereza; Francisco Couto e Francisco Couto Sobrinho, assassinados no Capão do Leão por forças de Carolino de Freitas; Arsenio Alves dos Santos, assassinado pela escolta do delegado Christovam dos Santos; Ricardo Gouveia, Lucas da Cunha, cabo Antonio Maria e Marcolino de tal, criado da casa de Luiz Amorim, todos assassinados por forças do governo.....	15
<b>Bagé</b>	— Calisto F. da Cunha, nos Olhos d'Água; capitão Terencio Saraiva, em Assegua, por ordem do coronel Elias Amaro; tenente Jeremias de Mello, junto a propria familia; Antonio Romero e Olegario Lopes, peães do capitão Terencio Saraiva; Graciano Domingues Sobrinho, capataz do tenente-coronel Facundo Tavares; Hercules Guimarães, assassinado pela escolta do delegado João Damé...	7

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
<b>S. Gabriel</b>	— Belarmino Ignacio dos Santos, capataz de Tolentino Jardim; dois peães deste mesmo fazendeiro e um negrinho de 13 annos; Manoel Alberto Teixeira; Libanio Antonio, peão de Francisco Padiha, assassinado pelo subdelegado Theodoro Fernandes, por antonomasia Trançador; Julio Mamede, solicitador e jornalista, assassinado, segundo disse a imprensa, a mandado do dr. Fernando Abbott; Ordalio dos Santos Silva e Manoel Marcellino Rodrigues, aggregado do tenente Antonio Laureano da Silva; Manoel Paz e o indio conhecido sob o nome de Sanguiné, assassinado pela mesma escolta que matou Bibiano Tavares no dia seguinte a morte deste.....	12
<b>Passo-Fundo</b>	— Sebastião Lopes; Vergilio Bueno; Eugenio Bueno; Pedro Bueno, Jorge Bueno; Juvencio Lopes; João Prestes, genro de Sebastião Lopes; Salvador da Rocha, capataz da estancia do Sarandy; Clemente Torto; policial Theodoro de tal; preta Leopoldina; uma menor filha da parda Bernardina. Accusados estes tres ultimos de terem deixado cahir n'um poço um filhinho do tenente-coronel José Pinto, foram tirados da cadeia e degollados. Estevam Korçab, polaco, assassinado	

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
	no Carasinho; capitão Vicente Braz Ferreira Martins. Na estrada do matto Castelhana foram assassinados dois infelizes, sepultados por Antonio Terra Junior	16
<b>Cruz-Alta</b>	— Tenente-coronel Theodoro Rodrigues Pedroso, seus dois filhos Turibio e Thomaz Rodrigues Pedroso e ainda um peão do dito tenente-coronel; José Antonio Garcez, ex-delegado de policia; Mariano Pedroso e seu filho José Pedroso, lavradores residentes no lugar denominado Cadeado; Joaquim Luiz, Francelino Bernardo, Ramão Ribas, Manoel João dos Santos, João Mathias Filho, Filandro dos Santos, Vicente Antonio dos Santos, Gregorio Constante Paz, João Mathias, Juvencio dos Santos, Cypriano de Avila Lima, Manoel Bueno, Ricardo Bueno e Pedro Queguay, todos do Cadeado; João Isaias Alves, Valerio Bueno, peão da fazenda dos Correias; João de Freitas Pimentel, Manoel Rodrigues Pires, Emilio Rodrigues Claudio, João da Santa, Marcolino Rodrigues, Pedro Barbosa, Gregorio de Oliveira Luz, todos também do Cadeado; os irmãos João e Joaquim Portes, Antonio Canhoto e um filho e o fazendeiro Gaspar José Fagundes.....	35
<b>S. Borja</b>	— Salvador Theodoro Rodrigues, An-	

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
	gelo Rios, Isidro Quevedo e Luiz, ex-escravo do velho Capella, todos assassinados no districto de Camaquam pela escolta commandada pelo delegado Olegario Falcão. Salvador José da Silva, assassinado por Martins Ballejo e um sobrinho; Cesario Ifran; coronel honorario Antonio José de Moura, tabellião José Setembrino Falcão, tenente Ubaldino José Gonçalves Pacheco e Ildefonso Marinho, assassinados por uma escolta da brigada policial em Cacequy; o preto Rosa, palerma, assassinado no quartel da policia por Theodoro da Silveira; Manoel Mellador, (hespanhol) e Antonio Bicudo, aggregados de Dinarte Dornelles.....	13
<b>Piratinny</b>	— Manuel Rodrigues, ex-autoridade policial, assassinado por João Alves; Manoel Pedro Gomes de Freitas, por Maximino Nunes, cumprindo ordens de Manoel Pedroso e Bernardino Motta; Annibal, praça de policia; um indio de nome Lucas e um anspeçada do 5.º regimento que estava preso por crime de homicidio na pessoa do pardo de nome Franklin. (28).....	5

(28) Neste municipio consta ter havido muito maior numero de assassinatos; sem descremos, não temos, todavia, dados seguros para affirmar.

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
<b>Cangussú</b>	— Zeca Ferreira, Vicente Ignacio dos Anjos, Hilario Gonçalves da Silva, Mauricio Bernardo de Mattos, José Cardoso, Fructuoso, cidadão oriental, creoulo Hilario, pardo Christino, sendo estes tres ultimos assassinados por forças ao mando de José Emilio Gomes, assim como Vicente dos Anjos; Manoel, por alcunha o "Musico"; Caetano Puente, Manoel Rengo, portuguez, pedreiro, degollado barbaramente por Maximínio Nunes; Domingos, mulato, peão do major Bernardino Ribeiro, assassinado por Norberto Freitas . . . . .	12
<b>Rosario</b>	— Estevam Cruz, morto por ordem do general Isidoro Fernandes; José Lopes Vieira e o indio Gaspar, compadre de Lopes Vieira, mandados degollar por Agostinho Pereira de Carvalho, com autorisação do general Isidoro. . . . .	3
<b>Cacimbinhas</b>	— Um filho do major Velleda. . . . .	1
<b>Jaguarão</b>	— Cyrillo Ribeiro, vulgo Serengo, ex-subdelegado de policia, tirado da prisão por ordem do dr. Carlos Barbosa para ser assassinado. . . . .	1
<b>Soledade</b>	— João Baptista Rodrigues, assassinado em uma das ruas da villa por um grupo de patriotas governistas arvorados em policia. . . . .	1

Municípios	Nomes dos assassinados	Ns.
<b>Torres</b>	— Alferes honorario Lazaro Vieira do Amaral; o ex-deputado provincial Luiz Moura Azevedo e um menor peão deste cidadão e filho de Candido Bahiano. . . . .	3
<b>Caçapava</b>	— João da Cruz Lopes, negociante	1
<b>Santa Maria</b>	— Manoel Alves da Silva, conhecido por Manoel Claudino. . . . .	1
<b>Conceição do Arroio</b>	— O vigario desta parochia, assassinado por forças ao mando do coronel Antonio Marques da Rosa, depois de ter-se entregue. . . . .	1
<b>Gravatahy</b>	— Alexandrino Victorio de Barcellos, morto por Manoel e Adriano Vargas	1
<b>Itaquy</b>	— Belmiro de Souza, assassinado pela escolta ao mando da autoridade policial	1
<b>Lavras</b>	— Bibiano Tavares, assassinado pela escolta ao mando do delegado de policia Faustino Fagundes (29). . . . .	1

134

(29) Esta estatística só vae até Outubro de 1892. Desta data, até rebentar a revolução, Fevereiro de 1893, ainda houve mais de uma dezena de assassinatos por motivos politicos, conforme se pôde ver do folheto "Os crimes da dictadura" (hoje raro), publicado pelo jornal "Magato" em 1902.

Depois da pacificação não cessaram as perseguições, prisões, espancamentos, saques, toda sorte de violencias contra os federalistas, inclusive muitos assassinios. O folheto alludido, escripto com paixão e acrimonia, de Agosto de 1895 a Dezembro de 1899, menciona para cima de 250, alguns de modo vago, oriundos de boatos, outros de natureza puramente communs.

Grande numero delles, porém, com indicação da autoria e designação de anno, mez, dia e lugar, tiveram por origem fêra intolerancia politica e seus autores ficavam impunes, porque o dr. Julio de Castilhos e seu successor não faziam empenho em punil-os, já para não descontentarem os chefes locais, quasi sempre os mandantes desses crimes, já, provavelmente, porque tambem, em consciencia, não os reprovavam de modo absoluto.

## CAPITULO I

### Invasão

SUMMARIO: — Primeira invasão federalista; situação armada dos revolucionarios; morosidade e consequente actividade do Dr. G. Martins na aquisição de armas e munições. O carregamento da balandra Carmelita; os varios accidentes occorridos com este navio. Proclamação do general em chefe. Combate do Salsinho. Ataque e tomada de D. Pedrito; volta precipitada do coronel Arthur Oscar para Bagé — Marcha de Tavares para Santanna em cujas immedições acampa. Progressos da revolução noutros pontos do Estado. Manifesto dos chefes militares da revolução desfazendo a pecha de restauradores. Resolução de não se atacar Santanna; as forças do general Tavares levantam acampamento; marcha do coronel Pina para Alegrete e entrada do general Telles em Santanna; retirada das ultimas forças federalistas das immedições de Santanna em direcção a Alegrete; tomada desta cidade pelo coronel Pina; chegada, á esta cidade, do coronel Prestes Guimarães; batalha de Jararaca; recebimento do armamento da Carmelita; evoluções das forças do general Hypolito. Assume o comando das forças revolucionarias o general Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, que dirige uma carta ao marechal Floriano Peixoto.



*General João Nunes da Silva Tavares*  
*Chefe militar da revolução*

Era impossível, por mais tempo, conter os grupos de emigrados, que, a todo transe, queriam, em som de guerra, invadir a terra natal.

Exhaustos de recursos, em lucta com necessidades de todo o genero, mais duras em terra estranha, só viam na revolução o fim deste amargo e misero vivêr.

Afagavam, em geral, a esperança da victoria e após a da paz, termo de tantos soffrimentos. Entretanto, para empresa de tanta monta, dispunham de insignificante numero de armas. Pareciam não reflectir que iam travar lucta com um governo constituído, provido de todos os recursos, soldados, armas e dinheiro — o nervo da guerra.

Havia bastantes lanças, pela facilidade da confecção, mas o numero de armas de fogo, propriamente de guerra, não excedia a muito mais de 350. (1)

No entanto as forças invasoras attingiam a 5.000 homens.

Sem embargo, João Nunes da Silva Tavares, o general em chefe de todas estas forças, marcou a invasão geral para 5 de Fevereiro.

(1) Este calculo baseia-se em dados positivos. Rafael Cabeda, um dos chefes revolucionarios de mais prestigio, me disse, particularmente, ao rebentar a revolução, que só dispunha de cento e poucas. A gente do coronel Marcelino Pina de Albuquerque, José Serafim de Castilhos (Juca Tigre), acampada nas pontas de Jaguarý, segundo tambem me informou este chefe, tinha pouco mais de trinta; a de Gumercindo Saraiva, cerca de cem, das quaes 78 remetidas de Montevidéo pelo chefe civil da revolução; a do general Tavares, reunida á de outros chefes, não dispunha de muito mais de cem.

O receio da proxima estação invernososa; desengano de receber o promettido armamento antes de seu inicio; a perda de grande parte do pessoal disposto á lucta que, fatalmente, dar-se-ia se a invasão fosse demorada por mais tempo, porque os cabecilhas, baldos de recursos, já a custo continham seus sequazes; foram, sem duvida, os poderosos motivos que actuaram no animo do velho general para tomar resolução de tamanha responsabilidade. Não o fez, porém, sem antes communicar ao chefe civil da revolução, dr. Gaspar Silveira Martins, que não oppôz negativa formal.

E' certo que contestou ao valente general, ponderando-lhe, entre outras cousas, o juizo que faria o mundo de um estadista e um general, que encetavam uma guerra sem armas.

Hyperbole de effeito retumbante, mas de nulla efficacia para conjurar os motivos, que obrigaram Silva Tavares a tomar esta desesperada resolução.

O dr. Gaspar Martins, já em Novembro de 1892, dispunha de cerca de 300 contos \*) para os gastos da revolução, graças a merecida confiança que, no Brasil, inspirava aos amigos da causa; pouca actividade, entretanto, desenvolvia na procura e aquisição de elementos bellicos.

A possibilidade de tornar connivente o governo Oriental na passagem de armamentos para os revolucionarios, junto a vã esperança de causar a quêda do governo federal ou, pelo menos, forçal-o

\*) Ouvi da sua propria bocca.

a modificar a situação politica do Rio Grande com a ameaça permanente d'invasão, fazia-o protelar o inicio da revolução, tornando-o irresoluto e vagaroso na compra de armas e munições.

Designado, porém, o dia para a invasão adiada depois para 15 de Fevereiro, começou o dr. Gaspar Martins a desenvolver maior actividade.

A **balandra Carmelita** que, afim de illudir a vigilancia das autoridades orientaes, tinha sido despachada para o Chile com 680 remingtons, 400 espadas e 150 mil tiros, carregada desde fins de Janeiro no porto de Montevidéo, teve ordem de seguir, em continente, seu destino.

Este carregamento devia ser desembarcado em certa altura do Uruguay e conduzido pela estrada de ferro até a estação das **Tronqueiras**, no departamento da Rivera. Seguiram, tambem, por esta occasião, para o referido departamento, embarcadas na estação da propria capital da Republica, cerca de 300 winchesters e marlins, munições correspondentes, 150 espadas e 200 lanças.

Isto que se fez a ultima hora, e precipitadamente, podia ter-se feito com toda a calma e segurança. Se desde principios de Outubro de 1892, se fosse mandando, aos poucos, armamento para a fronteira, pelo crescido numero de emigrados, que, continuamente, vinham e iam de Montevidéo, não se teria dado a apprehensão da **Carmelita**, o despendioso resgate, a tardia entrega do carregamento, após gastos avultados.



A inexperiencia, porém, do dr. Gaspar Martins em negocios desta natureza; a confiança, que, em si, jámais conheceu limites, junto a pretensão de, por uma só vez, remetter grande partida de artigos bellicos com a connivencia do governo Oriental, foram as causas do contratempo da *Carmelita* e de não terem os invasores passado melhor armados.

Em conclusão: ao transporem os revolucionarios a fronteira, forte de cerca de 5.000 homens, não dispunham de mais de 700 armas, 600 espadas, talvez 2.000 lanças e algumas armas de uso ordinario da vida camponês.

As causas e intuitos desta ingente e feroz lucta fratricida, que, durante 30 longos mezes, regou de sangue, ás torrentes, o solo rio-grandense, semeando por toda a parte a viuvêz, orphandade e miseria, foram consubstanciadas na proclamação, que, em 5 de Fevereiro, (2) deu publicidade ao mundo civilisado o supremo chefe militar de todas as forças revolucionarias. Singela na fórmula, mas verdadeira no fundo, ungida pelo vigôr sincero do patriotismo de um septuagenario, eis os termos desse memoravel documento, que, como bandeira de guerra, assignala o inicio da revolução mais cruel e sangrenta que, até hoje, deu-se na America do Sul:

“Cidadãos! A’s armas!

(2) A razão desta data foi ter-se, a principio, designado este dia para a invasão.

Os inimigos da Patria, arvorados em governo legal, implantaram nella o terrôr como meio de acção, lançaram mão do punhal para matar em plena paz, das “comblains” para assaltar casas de familias e do saque para saciar sua voracidade.

A imprensa clamou contra todas essas atrocidades, tendo como resposta unica o tripudiar de algozes sobre os cadaveres das victimas.

O Rio Grande, patria de heróes, está convertido em terra de escravos.

Qualquer esbirro penetra nos lares matando chefes de familias, ferindo mulheres e crianças a tiros de revólver.

A estatistica do crime nunca registou factos tão atrozes como os praticados em plena paz depois da rendição de Bagé, não tendo inimigos para combater em parte nenhuma do Estado.

O nosso patriotismo nos aconselhou o desarmamento para evitar a lucta fratricida, porém, o máo instincto de adversarios desleaes se prevaleceu da occasião para matar, regando de sangue e de lagrimas o sólo rio-grandense.

Ha oito longos mezes que muitos dos nossos irmãos amargam no exilio o pão duro da necessidade, soffrendo vexames que lhes impõe nas cidades, e outros errantes pelos mattos, fogem ao punhal homicida. Para acabar com este estado de cousas, já não ha para quem appellar.

Os nossos brados, os gemidos das viuvvas e dos orphãos não são ouvidos pelos dominadores que se banqueteam nos palacios. O

unico recurso que nos resta, é conquistar a liberdade de nossa terra pelo brilho de nossas armas.

Concidadãos!

A nação inteira e os povos cultos tem neste momento os olhos voltados para nós.

Povo de heróis, sempre habituados a libertar dos seus tyrannos a humanidade extraviada, mostrai-vos dignos da herança de glorias legadas pelos nossos antepassados, libertando a nossa terra do odiento jugo que a opprime.

Luctemos, cidadãos!

A nossa causa é justa porque queremos reconstituir a nossa patria sobre bases de liberdade; é nobre, porque é a causa da humanidade; é grande, porque é a causa de um povo inteiro que tem sêde de justiça e que clama pelo imperio da lei, hoje calcada aos pés pelos agentes do poder publico.

A's armas, compatriotas!

Luctemos pela liberdade da patria e Deus será comnosco.

Viva a nação brasileira!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o exercito libertador!

Viva o partido federalista!

O general em chefe, *João Nunes da Silva Tavares*. — Acampamento na Carpintaria, 5 de Fevereiro de 1893."

Foram publicadas mais duas ou tres proclamações de chefes subalternos, uma das quaes do coronel Gumercindo Saraiva que, forçado pelas autoridades uruguayas, tinha invadido, desde 5 de Fe-

vereiro, á frente de uns 400 homens, e se occultado nos mattos do potreiro de Anna Correia.

De 15 a 22 de Fevereiro transpuzeram á fronteira da Republica Oriental para o Rio Grande grupos, mais ou menos numerosos, de revolucionarios.

Na noite de 15 para 16 passaram o coronel Albuquerque Pina, José Serafim de Castilhos e outros chefes com um effectivo de 800 homens, pessimamente armados, e foram acampar a 4 leguas de Santanna.

De 17 a 20 invadiram mais de 1.000 homens, quasi exclusivamente deste municipio, ao mando dos coroneis Manoel Machado Soares, David Silva, major Sebastião Coelho, Francisco Cabeda, Bento Xavier e Rafael Cabeda. Toda esta força disseminada em corpos de 300 e 400 homens, em rigôr dispondo de trezentas armas, inclusive as da força de Pina e Serafim de Castilhos, acampou a duas e tres leguas de Santanna.

Ulysses Reverbel, com 280 homens, soffrivelmente armados, invadiu pelo Quarahy e marchou a fazer junção com as forças estacionadas nas proximidades de Santanna.

Emquanto se operava a invasão por esta parte da fronteira, o general em chefe, os coroneis Guerreiro Victoria, Domingos Ferreira, Epaminondas de Arruda, Antero Cunha, Antonio Barbosa Netto, tenentes-coroneis Vasco Martins, Estacio Azambuja e outros, invadiam pela Carpintaria, departamento de Cerro Largo, formando todas as forças

invasoras, sob o commando destes chefes, um forte de mais ou menos 3.000 homens.

Antes de s'incorporar a esta columna, o coronel Gumercindo Saraiva destacou 80 homens de seu corpo, afim de reconhecer a força do governo commandada pelo coronel Menna Barreto, que estava acampada nas immediações do arroio "Salsinho". Reconhecendo o commandante deste contingente a superioridade da força inimiga, depois de ligeiro tiroteio, retirou-se em boa ordem, não havendo de parte a parte, numero de mortos superior a 2 ou 3 homens.

Foi este o baptismo de sangue entre as duas forças belligerantes, conhecido sob o nome de combate do "Salsinho", ao qual deu vulto o governo do Estado, alardeando importante victoria.

A columna do general Tavares, á qual já tinha-se incorporado a gente de Gumercindo Saraiva, formando um total de 3.000 homens, pôz-se em marcha para Santanna, visto como o plano era tomar esta cidade.

Na madrugada de 22 tiroteou com os piquetes avançados da guarnição de D. Pedrito, pequena cidade, em caminho de Santanna, defendida por pouco mais de 400 homens, entre forças civis e o 6.º Regimento de cavallaria ligeira.

Atacada ás 2 horas desse dia por 200 atiradores, quasi quantos dispunha Tavares em toda sua força, após improficuo parlamento com o commandante da praça, o tenente-coronel Alfredo Barbosa,

rendeu-se, afinal, á discrição, na manhã de 23, sob garantia de vida dos vencidos.

Eis a parte official deste feito d'armas:

Acampamento de Santa Maria Chica, 23 de Fevereiro de 1893.

Hontem chegamos aqui de madrugada e sitiamos a cidade. Houve tiroteio de meia hora. A's 10 parlatentei com o commandante das forças, tenente-coronel Alfredo Barbosa e falei-lhe francamente; contestando-me que era soldado e que tinha ordens a cumprir, mas que, comtudo, ia consultar com seus officiaes. A's 11 horas as forças sitiadas levantaram bandeira de parlamento. Mandando Juvencio S. de Azambuja um seu irmão vêr o que pretendia o inimigo, foi recebido á bala, tendo sido ferido gravemente. Resolvi então atacar a praça.

O ataque effectuou-se ás duas horas da tarde, atacando pelo passo real de D. Pedrito o coronel G. Saraiva; pelo lado do arroio Santa Maria o coronel Domingos Ferreira; pelo lado do cemiterio o coronel Arruda e Thomaz Mercio Pereira pela chacara de João Alves.

O coronel Torquato Severo levou a guerrilha inimiga até a praça, onde entrincheiraram-se no quartel, teatro e muros, tomando nossa gente posse das esquinas, durante o combate até ás 6 horas da tarde, sendo muito renhido. O 6.º de cavallaria inimiga teve 20 mortos e 40 feridos. Nossas perdas são insignificantes. Com receio de que houvesse saque, quando approximou-se

a noite, fiz retirar as forças de seus postos, ficando o inimigo reduzido ao theatro e ao quartel. Hoje de manhã, quando fiz approximar as forças para tomarem posições, o inimigo pediu parlamento, entregando-se á discricção e pedindo garantia de vida para o chefe castilhistá. Estou muito atarefado com o recebimento de armamento, munições e cavallos em bom estado. Os soldados e gente castilhistá estam prisioneiros em nosso exercito. Os officiaes ficaram livres sob palavra de não tomarem mais armas. — *João Nunes da Silva Tavares.* (3)

O effeito moral desta victoria valeu muito mais que o material bellico tomado, constante apenas de umas 50 winchester, 20 ou 30 miniés, algumas espadas, lanças, revólveres nagans e 4.000 tiros.

O coronel Arthur Oscar, commandante do 30 batalhão, que sahiu de Bagé a frente de 800 homens entre forças de linha e civis, estes sob o commando do coronel Portugal, afim de soccorrer a guarnição de D. Pedrito, ao sabêr de seu fracasso, já a curta distancia desta cidade, receoso de succeder-lhe algum desastre, voltou, precipitadamente, para Bagé, onde, muitos infantes, vencidos pelo cansaço das marchas forçadas, até em carretas chegaram.

(3) A parte official dada pelo commandante da praça, salvo insignificantes discordancias e a acrimonia de algumas expressões injuriosas, está, no fundo, de accôrdo com a do chefe revolucionario. Diz, segundo informações, que estes tiveram 60 homens fóra de combate, mas não diz o prejuizo soffrido pelas forças do governo. E' velha balda entre belligerantes attribuirem-se grandes perdas. O que parece real, é que nem revolucionarios, nem legalistas tiveram fóra de combate o numero de homens que reciprocamente se attribuiram.

Após a tomada desta praça, dirigiu-se o corpo d'exercito do general Tavares para Santanna do Livramento, com o objectivo de reunir-se ás forças invasoras estacionadas nas immediações dessa cidade, já então superiores a 2.200 homens, devido a constantes incorporações de companheiros de causa. Tambem o seu exercito, quando pôz-se em marcha para esse ponto, já subia a 3.000 homens, por se lhe terem incorporado varios contingentes, notadamente o do tenente-coronel Thomaz Mercio Pereira.

Em fins de Fevereiro acampou no môrro do Chapéo, 7 leguas distante de Santanna.

Trazia 7 a 8.000 cavallos, tinha necessidade de boas pastagens, campo aberto, afim de que seu exercito irregular, exclusivamente de cavallaria e mal armado, na eventualidade de um ataque, podesse manobrar livremente.

Neste acampamento, nos primeiros dias de Março, recebeu a valiosa incorporação de 700 a 800 homens ao mando dos coroneis Ladislau Amaro da Silveira, Candido Azambuja e outros, que, obrigados a evitar forças do governo, não puderam se juntar á sua columna antes da tomada de D. Pedrito.

Ficou, pois, seu corpo de exercito com mais de 3.600 homens que, reunido ás forças de Santanna, perfazia um total de cerca de 6.000 homens.

Deixemol-o, por um instante, nessa posição, e

acompanhemos os progressos da revolução noutros pontos do Estado.

Laurentino Pinto Filho, no municipio de Caçapava, a frente de pouco mais de 250 homens, depois de derrotar uma força legal, á qual inflingiu perdas superiores a 20 praças, tomou a cidade desse nome, onde arrecadou 11.000 tiros e 30 a 40 miniés. Em seguida, para evitar as forças ao mando do tenente-coronel em commissão Cypriano da Costa Ferreira, superiores ás suas em numero, disciplina e armas, entregou a cidade ao capitão Pedro Maciel e retirou-se do municipio, buscando a incorporação do general Tavares.

Em Santo Antonio da Patrulha tambem levantou-se o coronel Vicente Gomes, reunindo para cima de 300 homens, quasi desarmados.

O capitão Jayme Telles, que seguiu para batel-o, pedindo-lhe parlamento, enquanto conferenciavam, mandou cercal-o e deu-lhe voz de prisão. Resistindo essa ordem cerrou pernas no cavallo, conseguindo assim escapar, debaixo de vivo fogo, com mais tres companheiros, a esta perfida cilada. José Braga, um dos seus amigos, morreu, ficando um outro gravemente ferido. Sua gente que, como disse, estava quasi desarmada, dissolveu-se. A força legal praticou neste municipio violencias verdadeiramente inauditas.

Todos os estabelecimentos de Vicente Gomes, assim como mais 7 de membros de sua familia, foram entregues ás chammas; roubando-se-lhe qua-

si toda a criação e até moveis e roupas de uso domestico.

Por ultimo, para corôar esta obra de nefando barbarismo, assassinaram seu cunhado Saraiva e seu irmão Antonio Gomes, junto á propria mãe, á qual se achava ali de visita após 20 annos de ausencia.

Israel Soares, a frente de um piquete, bate a pequena guarnição da villa do Rosario, faz 9 prisioneiros, toma a cavallhada ali existente, algumas armas e munições e volta a incorporar-se ao exercito de Tavares, do qual tinha se desprendido.

Por este tempo, em nenhum outro ponto do Estado houve levantamento sério contra o governo do dr. Julio de Castilhos, porém, grande era a sympathia pela revolução, taes as perseguções, violencias e attentados praticados contra a liberdade, bens e vida dos cidadãos pelos agentes dos iniciadores do novo regimen no Rio Grande do Sul.

Voltemos a nos occupar do exercito revolucionario acampado nas immediações de Santanna.

Antes, porém, de começar a narrar as operações propriamente de guerra, cumpre nos occupar de um facto de summa importancia politica, relativa a revolução, que teve lugar nos primeiros dias de Março.

Como a proclamação do general em chefe das forças revolucionarias não terminou com — "Viva a Republica" — a imprensa affeiçoada ao governo, tanto da Capital Federal como do Estado, fez disso

grande escarcéo, attribuindo á revolução intuitos restauradores.

O facto que podia justificar com algum fundamento esta suspeita, foi não ter o dr. Gaspar Martins, chefe civil da revolução, declarado publicamente suas causas e fins.

Parece, realmente, que houve neste seu procedimento intenção velada, porque na hypothese de ser a revolução vencedôra, não lhe era hostil a ideia de um plebiscito consultando a nação sobre a fórma de governo, para que, dada, mesmo, preferencia pela Republica, não se dissesse ter sido proclamada pelo exercito e armada, mas por livre manifestação da soberania do povo.

Quanto a omissão de — Viva a Republica — nenhuma importancia tinha, bastando para isso reflectir que não era a republica que estava em questão, mas o governo do Estado.

Sabiam disso, mas lançaram mão deste recurso como meio de tornar a revolução mal vista pelos partidarios e entusiastas do novo regimen. Cumprira, pois, desfazer esta exploração e foi o que fizeram os chefes e sub-chefes do exercito revolucionario estacionado no municipio de Santanna, dirigindo o seguinte manifesto á nação brasileira:

“Os povos opprimidos, em armas no Estado do Rio Grande do Sul, estão sendo injusta e atrozmente calunniados em seus nobres e alevantados intuitos politicos.

Nossos adversarios com o designio per-

fido de tornar antipathica á opinião a revolução rio-grandense, apontam-nos ao paiz como restauradores da monarchia!

E' uma monstruosa calumnia! E' uma torpe e miseravel especulação! Não! O objectivo dos revolucionarios rio-grandenses não é a restauração monarchica; é libertar o Rio Grande da tyrannia que ha oito mezes o opprime, restabelecendo a garantia de todos os direitos individuaes; é acabar com o regimen das perseguições, das violências inauditas, do latrocínio, do saque e do assassinato official, que desgraçadamente tem sido apoiado pelo governo do marechal Floriano Peixoto.

E' este o phanal que guia os revolucionarios rio-grandenses, cuja causa não pôde ser mais sagrada, nem mais humanitaria.

O paiz inteiro tem sido testemunha dos horrôres que ha oito longos mezes têm se praticado no Rio Grande, onde o barbarismo do governo chegou ao extremo de mandar fuzilar pelas costas, em suas proprias casas, a dignos e respeitaveis cidadãos, arrancando outros do seio de suas familias para mandar assassinal-os na lugubre solidão dos mattos. E agora, para cohonestarem seu apoio a um governo cujo programma official parece ser o exterminio dos contrarios pelo saque e assassinato, e tornar a justiça e santidade de nossa causa antipathica á nação, atiram-nos a pecha de restauradores!

Mentira!

Queremos a restauração da lei, do direito, da justiça, da segurança á liberdade, aos bens e á vida de todos os cidadãos.

Lamentamos que os nossos irmãos do norte acreditem em mais esta perfidia official, inventada para desnaturar os intuitos patrioticos do unico direito que resta a um povo opprimido — a revolução; ainda com mais profunda dôr d'alma deploramos que esteja servindo de algóz das liberdades rio-grandenses o exercito nacional. Esse exercito que devia merecer-nos tanto respeito e para o qual fomos tão generosos depois da victoria de D. Pedrito, onde apenas 200 atiradores das forças revolucionarias entraram em acção, vencendo a guarnição composta do 6.º regimento e populares. Aos officiaes foi dada liberdade e concedidas 20 praças armadas para acompanhal-os; o restante filiou-se espontaneamente ás nossas fileiras.

Infelizmente parece que o marechal Floriano não quer no Rio Grande o governo da opinião e sim governo que se escude puramente na força material; quer finalmente esmagar o Rio Grande do Sul. Se não fôra isto, já estaria brilhantemente triunphante a revolução rio-grandense.

De qualquer fórma luctaremos, ainda mesmo com o exercito, já que o exercito quer ser o algóz da liberdade rio-grandense. Se succumbirmos na lucta, restar-nos-á o consolo supremo de termos defendido com o sacrificio da propria vida o penhor sagrado que nos foi legado pelos nossos antepassados — o amôr á liberdade; e a esses que querem governar com o apoio exclusivo da força material — o labéo infamante de serem os cozeiros das tradições gloriosas e da altivez indomita do povo rio-grandense.

O Rio Grande ficará sendo terra d'escravos, mas nós não sobreviveremos a tanta vergonha e ignominia.

Nosso sangue será um dia o signo da redempção.

Viva a Republica!

Viva a Nação Brasileira!

Viva o heroico povo rio-grandense.

Quartel General do Exercito Libertador no municipio de Santanna do Livramento, 15 de Março de 1893.

General João Nunes da Silva Tavares — Rafael Cabeda — Coroneis João Maria Guerreiro Victoria, José Bonifacio da Silva Tavares, Laurentino Pinto Filho, Antonio Barbosa Netto, Marcellino Pina de Albuquerque, Gumercindo Saraiva, Domingos Ferreira Gonçalves, João Maria Epaminondas de Aruda, Ladisláo Amaro da Silveira, Joaquim Nunes Garcia, Juvencio Soares de Azambuja, Antero Aurelino da Cunha, Antonio M. França, Daniel Costa, José Serafim de Castilhos, Antonio Ferreira Prestes Guimarães, David José-Martins, Manoel Machado Soares; — Tenentes-coroneis Procopio Gomes de Mello, Estacio Azambuja, Thomaz Mercio Pereira, João de Deus Ferreira, Vasco Martins, Gaspar Sergio Luiz Barreto, José Bernardino Jardim de Menezes, Israel Caldeira, Francisco Vaz, Malaquias Pereira da Costa, Torquato José Severo, Lydio P. Soares, Alexandre José Collares, João José Damasceno, Severino C. Brasil, João Barcellos de Oliveira, David Manoel da Silva, João Machado Pereira, Ulysses Reverbel, Sebastião Coelho, Manoel Moreira da Fontoura, Felipe Nery

Portinho, Boaventura Martins, João Alves Coelho de Moraes — Majores Luiz Barcellos e Pedro Diogo.”

Perante tão categorica e formal declaração nenhuma duvida podia pôr mais o paiz sobre os intuitos dos revolucionarios.

Reatemos agora o fio de nossa narração historica.

O plano do general Tavares, conforme ficou dito, era tomar Santanna, cuja guarnição, comandada pelo general Isidoro Fernandes, não excedia de 800 homens. A apprehensão da “Carmelita”, com cujo carregamento contava para levar a cabo esta operação; a impossibilidade, por isto, de dotar de mais armas o exercito revolucionario, em numero de 6.000 homens, além das 700 ou 800 que possuia; a exiguidade de munições disponiveis, visto gastar-se diariamente em guerrilhas com os defensores da praça; a situação desta, vantajosa para a defeza em caso de ataque; a disposição em que parecia estar a guarnição de oppôr energica resistencia; o receio de um desastre, que podia ser fatal á revolução, em começo; foram as causas de, logo a chegada do general em chefe, não ter sido resolvido este assumpto. Após alguns dias de reflexão, ficou assentado que não se atacaria a praça. Esta resolução foi ditada pelas razões expostas, além de que tambem convinha evitar o general João Telles, que tendo embarcado a 1.º de Março,

no Rio, com 800 homens de tropa, chegou a 6 em Bagé e a 8 pôz-se em marcha para Santanna, a frente de 1.800 homens das tres armas, dos quaes apenas 500 civis, que formavam a vanguarda, comandada pelo coronel Portugal.

Em vista de ter ficado resolvido não se atacar Santanna, o coronel Pina, com 400 homens, levando em sua companhia o dr. Adriano Ribeiro, seguiu, a 11, com destino a Alegrete. A 13, o general Tavares levantou acampamento, juntando-se com o coronel Guerreiro Victoria, que, com uma brigada de 1.000 homens, fazia sua retaguarda, e com o tenente-coronel Torquato Severo, de observação ao inimigo, que pudesse vir de S. Gabriel.

As unicas forças que ficaram nos arredores de Santanna, em numero approximado a 800 homens, foram as de Rafael Cabeda, David Martins, Ulysses Reverbel, Serafim de Castilhos e David Silva.

A 15, o coronel Gumercindo Saraiva, que fazia a vanguarda de Tavares, tiroteou nos banhados de Upacarahy com a vanguarda das forças do general Telles. Evitando dar-lhe batalha, prudentemente procedeu o general Tavares, porque embora contasse com forças superiores em numero, eram muito inferiores em armamento, quasi povo reunido. Não convinha arriscar, numa lucta desigual, a sorte da revolução. Continuou, pois, na sua marcha, emquanto o general Telles, com grande alegria dos seus, entrou a 17 em Santanna.



A 16, o coronel Portugal, com forças das tres armas, tentou desalojar a divisão, que tinha ficado proxima a esta cidade, já sob o commando do coronel Antonio Ferreira Prestes Guimarães, que dois dias antes, no acampamento da Canelleira, o recebera do coronel David Martins. Depois de renhido tiroteio, as forças do governo retiraram-se com prejuizo de cinco mortos, um cunhete de munições, tres prisioneiros, alguns feridos, não tendo os revolucionarios nenhum prejuizo de vida.

No dia seguinte pela manhã, voltaram essas forças, melhor preparadas, para dar batalha, mas já nada encontraram, porque os revolucionarios levantaram acampamento e marcharam em direcção a Alegrete, buscando s'incorporar ás forças do coronel Pina.

Terminou assim o impropriamente chamado sitio de Santanna, porque ficando esta cidade sobre a linha divisoria, sem o consenso do governo da Republica Oriental, torna-se impossivel pôl-a em verdadeiro sitio.

As vantagens advindas á causa da revolução com a permanencia do exercito revolucionario, durante 15 ou 20 dias nas cercanias desta cidade, foram nullas.

O recebimento de quatro ou cinco dezenas de armas, de mais cem mil tiros, não compensou a perda de tempo, a quantidade de munições gastas em improficuas e diarias guerrilhas. O mallogro

de tomar-se essa cidade foi uma victoria para o governo e uma decepção para os revolucionarios.

O coronel Pina que seguira, a 11, com 400 homens em direcção a Alegrete, apoderou-se desta cidade, a 19, offerecendo sua guarnição fraca resistencia. Eis a parte official deste feito d'armas:

“Exmo. Sr.

Cumpro o dever de levar ao conhecimento de V. Ex. que, na madrugada do dia 19, tomei posse da cidade, depois de ter o inimigo sustentado um tiroteio na ponte de Ibirapuitan; tomada esta, avancei sobre a cidade, pondo-se o inimigo em debandada; este perdeu cinco homens mortos. Das forças de meu commando não ficou um só homem ferido. Estou arrecadando o armamento que o inimigo deixou espalhado; já tenho arrecadado 114 comblains, 20 miniés e 12 mil tiros para comblains.

A todos os instantes chegá gente do municipio a reunir-se ás minhas forças. Aqui aguardo ordem de V. Ex.<sup>a</sup>. Se souber que vêm forças inimigas, farei tudo para batel-as.

Exmo. Sr. João Nunes da Silva Tavares, general em chefe do exercito libertador. — *Marcellino Pina de Albuquerque, coronel.*”

A causa da revolução ganhava terreno. O entusiasmo manifestava-se por toda parte, apezar dos rigores póstos em acção pelo governo contra seus partidarios e até affeioados.

Neste municipio, quasi exclusivamente fede-

ralista, o coronel Pina recebeu muitas incorporações, para o que, sem duvida, concorreu uma proclamação que dirigiu aos alegretenses concitando-os a tomarem armas.

A 23 chegou a Alegrete o coronel Prestes Guimarães com a columna de seu commando, incorporando-se logo á brigada do coronel Pina, que já tinha cerca de 1.000 homens.

Estas forças reunidas sob o commando immediato de Prestes Guimarães, que as denominou 1.ª divisão em operações no norte do Estado, ficou formada por duas brigadas, uma commandada por Marcellino Pina e outra pelo coronel Manoel Machado.

O governo, com o intuito de desalojar esta divisão de Alegrete, fez marchar de Cacequy uma força de 1.130 homens, bem armada, composta de cavallaria e infantaria montada, commandada pelo tenente do exercito Joaquim Thomaz dos Santos Filho, commissionado em coronel.

Esta força chegou no dia 27, cêdo, á paragem conhecida sob o nome de "Jararaca" ou "capão do Angico", tres quartos de legua da cidade.

Os revolucionarios puzeram-se em movimento na direcção do inimigo. A's 8 horas da manhã ouviram-se os primeiros tiros trocados entre as forças belligerantes, travando-se em seguida renhida batalha.

Desta brilhante e assignalada victoria alcançada pelas armas federalistas, dá conta a seguinte parte official:

"Quartel do commando da 1.ª divisão do exercito libertador, na cidade de Alegrete, 28 de Março de 1893.

Illm.º Sr.

Cumpro o grato dever de levar ao conhecimento de V. Ex.ª que as armas do exercito libertador, representadas pelas brigadas do commandante desta 1.ª divisão, obtiveram hontem, em batalha campal, provocada pelo inimigo, esplendido triumpho.

Felicito por ella V. Ex.ª como digno general das forças revolucionarias.

Quando a divisão iniciava sua marcha para o ponto a que se destinava, apercebeu o inimigo que se approximava pela estrada de Cacequy, pela ponta do Ibirapuitan, o qual desde logo offereceu batalha, que foi immediatamente acceita.

A segunda brigada, sob o commando do destemido coronel Marcellino Pina, atacou pelo flanco esquerdo; logo depois a infantaria atacou o centro, estendendo linha de atiradores sob o commando do bravo coronel Sebastião Coelho e, finalmente, entrou em fogo, pelo flanco direito, a 1.ª brigada, sob o commando do intemerato coronel Manoel Machado. Comtudo, nem todas as forças da divisão entravam em acção. Os atacantes dispararam os primeiros tiros ás 8 horas da manhã, e sustentaram vivissimo fogo por algumas horas, quasi sempre entrincheirados nos muros de pedra, no pateo e no quintal da casa de um morador. As 2 horas e um quartô da tarde, quando já sendo sitiada, fugiu a infantaria do inimigo, talvez 400 homens, já tendo fugido do com-

bate a cavallaria, calculada em 700 homens.

Nossa gente os perseguiu tres para quatro leguas, e não mais longe por ser noite e estarem os cavallos cansados.

Foi importante e completa a nossa victoria, portando-se os officiaes e praças com denodo inexcedivel, tanto cavallaria como infantaria. Foram mais uma vez heroes os commandantes de brigada, assim como os commandantes dos differentes corpos e do batalhão de infantaria e todos os mais officiaes e praças.

Tivemos 20 mortos, entre os quaes o major Timotheo Garcia da Rosa e o capitão de infantaria João Arla e alguns sargentos, trinta e poucos feridos, entre os quaes o valente coronel Marcellino Pina, <sup>(4)</sup> tenente-coronel Sebastião Coelho, tres tenentes e alguns inferiores.

O inimigo perdeu cerca de 200 mortos e 50 e tantos prisioneiros, entrando nesse numero o chefe das forças, coronel Joaquim Thomaz dos Santos Filho e o major Elisario Baptista Dornelles, feridos ambos. Quanto ao numero de officiaes e praças feridas da parte contraria, ha incerteza.

Trophéos da victoria: 2 estandartes, 50 e tantas comblains, 500 e tantas lanças, 6.000 cartuchos, algumas carretas com poucos viveres, bois e cavallada em máo estado.

A batalha a que me tenho referido foi precedida de vespera por um reconhecimento que fez, com parte da segunda brigada, o seu

(4) Ferido traiçoeiramente no ardor da peleja por seu vingativo ex-protegido Pedro Ploquet, que foi logo morto.

respectivo commandante, que teve o valôr e habilidade de pôr em acção toda a força inimiga, retirando-se em boa ordem, desde algumas leguas de distancia.

Saúdo a V. Ex.<sup>a</sup> Illm.<sup>o</sup> Sr. General João Nunes da Silva Tavares, muito digno general em chefe do exercito libertador.

*Antonio Ferreira Prestes Guimarães,*

commandante da 1.<sup>a</sup> divisão do exercito libertador." <sup>(5)</sup>

Das forças revolucionarias só entraram em fogo pouco mais de 1.300 homens, dos quaes apenas uns 400 com armas de fogo, inclusive o batalhão **Antonio Vargas**, com cerca de 200 praças, que portou-se com admiravel disciplina e heroismo.

A cavallaria do governo, commandada pelo coronel Firmino de Paula e tenente-coronel Constançio da Silva, pouco depois de travada a batalha, fugiu em desordem.

Ao coronel Joaquim Thomaz dos Santos Filho, depois de prisioneiro, tomou-se-lhe Rs. 1:800\$000, dinheiro pertencente ao Estado, o qual o coronel Prestes Guimarães distribuiu por diversos chefes, afim de attenderem as necessidades mais urgentes de seus corpos. <sup>(6)</sup>

(5) Os commandantes de corpos não davam o numero exacto das armas que tomavam, receosos que o chefe das forças mandasse distribuirl-as equitativamente por todos os corpos. Assim é que o numero de armas tomadas, foi maior do que consta da parte official.

(6) Ao coronel Manoel Machado foi entregue 300\$000; a José Serafim de Castilhos, commandante de uma 3.<sup>a</sup> brigada que se formou mais tarde em Alegrete, 300\$000; ao major Carlos Cavalheiro Rosado, commandante interino do batalhão **Antonio Vargas**, 100\$000; ao tenente-coronel Ulysses Reverbel, para despeza com o tratamento dos feridos, que levou para o Baptista, 900\$000.

A 31 seguiu a 1.<sup>a</sup> divisão em direcção a Quarahy, tendo por principal objectivo receber o armamento da **Carmelita**.

De passagem por esta villa, foi ella occupada sem a minima resistencia pelos corpos dos tenentes-coroneis Ulysses Reverbel e João Machado, que deixaram o grosso das forças acampadas no Quarahy Mirim. A guarnição, 200 homens, commandados pelo Barão de Toropy, retirou-se em direcção de Santanna.

No acampamento do Quarahy Mirim incorporou-se á columna revolucionaria o tenente-coronel Tico Dêdê com 80 homens.

Deste ponto a força marchou rumo de Uruguayana, da qual chegou a approximar-se duas leguas, tomando depois caminho da barra de Quarahy, onde Prestes Guimarães tinha convencionado com Rafael Cabeda receber o decantado armamento da **Carmelita**.

A 11, dia convencionado para esse recebimento, acampou a divisão no lugar determinado. Esperou anciosamente ainda nove dias para ter lugar esse facto, isto em pessima posição estrategica e de baixo de chuvas torrencias e frio intenso.

Afinal, no dia 20, recebeu o armamento.

Terminou assim a "via crucis" imposta á balandra **Carmelita** pelos governos argentino, oriental e brasileiro.

A não ser uns canhões, sem resultado, atirados por um navio da barra do Quarahy em di-

recção ao acampamento federalista, não foi a divisão revolucionaria, desde que sahiu de Alegrete, até receber esse armamento, incommodada por forças legaes.

O general Hypolito, que commandava a fronteira de Uruguayana, sabendo terem os federalistas occupado Alegrete, sahiu da cidade daquelle nome com 1.200 homens; incluidos nesse numero o 4.<sup>o</sup> e o 11.<sup>o</sup> de cavallaria ligeira e o 6.<sup>o</sup> de infantaria, com rumo a cidade occupada pelos revolucionarios.

Chegou até Inhanduhy, cinco leguas do ponto a que se destinava, regressando desse lugar, a 20 de Março, para a estancia do coronel João Palma, que tambem tinha sob seu commando força governista.

Teve, provavelmente, sciencia não só de ter adherido á revolução o coronel Salgado, ex-commandantê do 6.<sup>o</sup>, que fazia parte de suas forças e que desde então não podia lhe merecer mais confiança, mas tambem da sahida de Prestes Guimarães de Santanna a 16 e calculou que sua chegada a Alegrete podia coincidir com a desse chefe, caso em que então correria risco, porque teria de bater-se com forças muito superiores ás suas.

Se, porém, teve communicação da sahida de Santos Filho de Cacequy, o seu regresso de Inhanduhy ficaria sem explicação airosa. A coragem do valente general nunca foi posta em duvida, por isso o certo é que não teve aviso do movimento dessa força, com a qual, se fizesse junção, poderia en-



*General Lutz Alves Leite de Oliveira Salgado*

frentar com exito os revolucionarios, menos que regularmente armados. Imprevidencia do governo ou audacia do joven official, a quem foi confiado a vida de 1.130 homens, o que é certo é que caro custou esse erro ou audacia.

E' inexplicavel que o general Hypolito Ribeiro, que já a 7 de Abril tinha cerca de 2.000 homens e manobrava, por esse tempo, no municipio de Uruguayana, não tentasse absolutamente nada contra as forças do coronel Prestes Guimarães, que durante dez dias estiveram mettidas no fundo do rincão formado pelo Uruguay e Quarahy, onde podiam com vantagem ser atacadas, mesmo por forças inferiores. O cauteloso general, porém, retirando-se com quasi toda sua força para Uruguayana, deixou os revolucionarios receberem tranquillamente o armamento da **Carmelita**.

Recebido o armamento, o coronel Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, que a 17 de Março tinha dirigido uma carta ao vice-presidente da Republica, dando-lhe sciencia de abandonar seu posto para luctar sob as ordens do general Tavares e que, havia alguns dias, aguardava em Santa Rosa (Republica Oriental) a realização desse facto para assumir o commando desta divisão, assumiu-o, por fim, a 21 de Abril. (7)

(7) Eis o teor da carta que alludimos: — Marechal: como brasileiro, e sobretudo como rio-grandense, não posso por mais tempo permanecer neutro ante a miseranda e excepcional situação de minha querida terra natal.

De um lado um governo sem orientação politica, sem patriotismo, confiscando liberdades, violando direitos e

O coronel Salgado gozava de excellente reputação como militar, conquistando ainda maiores sympathias com este patriótico e abnegado procedimento.

Era uma das esperanças da revolução, embora sua attitude, assumindo o commando da divisão só depois de receber o armamento, dêsse lugar a censuras e commentarios.

dirigindo os destinos do grande e glorioso Estado do Rio Grande do Sul como um dos mais audazes tyrannetes dos tempos modernos, nascido e criado infelizmente ali.

Sedento de sangue e faminto de vinganças, esse rio-grandense degenerado está servindo-se das forças da União e do prestigio do seu governo para pisotear sobre ruínas, implantar a discordia entre seus conterraneos e irmãos, saquear e incendiar as propriedades dos que não se curvam ao imperio de sua caprichosa vontade, talar os campos que servem á industria e ao commercio, perseguir a ferro e fogo, fazendo viúvas e orphãos, e despedaçar, finalmente, aquelles que ha pouco mais de um anno se levantaram em torno da bandeira nacional combatendo pela Constituição da Republica maltratada pelo vosso antecessor, elevando-vos ás cumiadas do poder.

De outro lado — a alma afflicta e desesperada da Patria, encarnada nos peitos valorosos dos que alfim arrojaram-se a temeridade de uma nobre e santa reacção e depois de oito mezes de desesperante desterro e das privações mais dolorosas, regressaram a seus lares com as armas na mão para derrubar a tyrannia com todo o seu cortejo de males, restabelecer o direito conculcado, firmar a paz, base de progresso, garantir a liberdade, que é a alma da democracia, e levantar a affronta que atrophia a Patria envilecida.

Nestas condições supremas, que os acontecimentos vão mais e mais aggravando e que reclamam desenlace immediato, não vacillo, não posso vacillar por mais tempo no caminho que devo seguir.

Coronel do exercito e até hoje ao serviço da nação, ante a justiça e magnitude da causa pela qual se batem meus conterraneos, abandono esse posto honroso sem medir consequencias e corro pressuroso a lutar nas fileiras do glorioso Exercito Libertador debaixo do commando do denodado general João Nunes da Silva Tavares.

Tranquilla a minha consciencia de patriota, a Deus entrego minha sorte, confiando na victoria da sacrosanta causa que passo a defender.

Uma vez apatida a tyrannia, estejae seguro, marechal, jarrais negarei os meus serviços, seja como simples soldado, seja como cidadão, á Patria brasileira, servindo-a sempre como hei sabido servir — com dedicação e civismo. Sem embargo, se dias mais luctuosos nos esperam todavia

A publicidade deste auspicioso acontecimento, por todos então assim julgado, foi dado pelo illustre coronel na ordem do dia que, sob n.º 1, fez publicar na data que assumiu o commando desse 2.º corpo de exercito, como desde então passou a chamar-se essa columna revolucionaria. (8)

O coronel Prestes Guimarães, em cujos actos sempre se revelou um servidor convicto de suas

e por castigo inexcrutavel da Providencia e contra a ordem natural da civilisação dos povos, acontecer que a ignominiosa tyrannia triumphe na lucta travada actualmente; prefiro morrer pela patria ou mendigar no estrangeiro o pão do ostracismo, aguardando melhores tempos, que indubitavelmente não de chegar, a ter que servir de verdugo dos meus irmãos e de vil instrumento de um brutal despotismo, contra o qual me revolto sobranceiro e impavido.  
Rio de Janeiro, 17 de Março de 1893.

Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.

(8) Por ser um documento importante, embora demasiado prolixo e palavroso, transcrevemo-lo em sua integra.

Eil-o:

Quartel do commando do 2.º corpo do Exercito Libertador, na Barra do Quarahy, 21 de Abril de 1893.

Ordem do dia n.º 1.

Meus camaradas:

Assumo hoje o commando do 2.º corpo do Exercito Libertador.

Tomando sob minha responsabilidade tão pezado quanto honroso encargo, devo dizer-vos que me sinto orgulhoso por ver compor-se esse corpo de illustres compatriotas que, conscios de seus deveres e direitos, preferem os azares de uma lucta desigual á ignominia imposta pelo despotismo.

Não desconheço os obstaculos a vencer numa lucta com um adversario poderoso pelos elementos materiaes de que dispõe mas a esses elementos antepôr-se-ão vosso civismo, a grandeza de nossa causa, a justiça que ella encerra, finalmente, a vossa intrepidez, incapaz de fraquear ante aquelles que substituem a manifestação da democracia pelo despotismo, a verdade pela mentira, e a justiça pela perseguição.

Mesmo de longe, ouvindo os vossos justos clamores, não pude conservar-me silencioso e surdo a elles e vim pôr-me ao vosso lado para compartilhar de vossa sorte e contribuir de modo efficaz para a reivindicación das liberdades de nosso Rio Grande, e, portanto, da Patria. Se esses clamores fossem somente justas queixas a simples violações de direitos politicos e a perseguições pessoaes, eu vos aconselharia que substituíssem a lucta material pela reclamação legal; mas, quando elles são a absorpção

ideias, sem preocupar-se com posição, e contra quem na divisão, já dois ou tres chefes murmuravam, continuou a prestar seus serviços sob as ordens do novo commandante em chefe.

Após ter tomado o commando, o coronel Salgado, que então passou a ter o trato de general,

completa das liberaddes individuaes e politicas; quando elles traduzem a justa indignação determinada pela violação da honra da familia rio-grandense, e ainda, quando esses assassinatos, saques, violencias e estuprimentos se não são autorizados, são consentidos pelos poderes que deviam zelar por nossos direitos e segurança, eu vos affirmo que outro procedimento não deveis ter senão o que escolhestes; luctar em campo nobre até morrer, pela obtenção das liberdades tão violentamente confiscadas.

Por assim pensar, aqui me acho. Para estar ao vosso lado forçoso foi despir a farda que a Patria me tinha confiado e vestir a blusa de que se serve o elemento civil nos momentos criticos como este. Despindo-a, não desprezo-a, porque ella me glorifica, visto como exprime o sustentaculo da honra e integridade nacional mais de uma vez defendida no campo da lucta pela classe que tenho a honra de pertencer. Dispo-a, presentemente, pela impossibilidade de conserval-a nessa epocha em que a tyrannia que, com o maior pezar o digo, é sustentada por uma parte da classe que represento, que julga desse modo prestar um grande serviço á instituição republicana, sem comprehender que desta fórma incompatibilisa a classe militar com as classes civis, desequilibra a sociedade brasileira e prejudica, portanto, a mesma instituição. Quando, porém, essa tyrannia fôr suffocada, eu deixarei o posto que agora me é confiado, para continuar no que me confiara a nação, visto como aqui desempenharei a missão que lá não me seria permittido presentemente cumprir.

A historia apreciará com justiça o meu proceder, e, então, dirá se fui ou não patriota; conformar-me-ei com o seu juizo.

Se me fôsse permittido fallar nesse momento aos meus camaradas d'armas, áquelles que mais de uma vez affrontaram os rigores de uma guerra pela liberdade, eu lhes perguntaria: Porque obstinaes a sustentar um poder que não conta com a opinião publica. Porque consentis e apoiaes as violencias que sob a vossa responsabilidade se praticam? Como justificareis vosso procedimento sustentando em minha terra natal um governo que commette, pelos seus agentes mais graduados, assassinatos, saques e toda sorte de violencias?

Aonde a comprehensão do vosso papel, vós, que fazeis parte de uma instituição cuja principal, missão é a de respeitar a vontade nacional e manter a paz e a integridade Patria?

Não, camaradas: ouvi a voz da razão e vinde ajudar-

levantou acampamento em marcha regressiva, tomando a direcção de Alegrete.

A 27 acampou nas pontas do arroio Camoatim, a sudeste de Uruguayana e a 12 leguas desta cidade.

Deixemol-o, por emquanto nesse acampamento e acompanhemos as operações do 1.º corpo de exercito do sul do Estado.

nos na lucta nobre de reivindicacão das liberdades patrias, pois essa patria tambem é vossa e de vosso procedimento depende a grandeza della!

Nobres compatriotas:

Mais de uma vez tendes enfrentado com os adversarios, derrotando-os.

Até hoje, apesar da superioridade dos elementos bellicos que elles dispõem, a victoria tem coroado vossos esforços. Isto evidencia quão elevado é o vosso valor civico e quão justa é a nossa causa. Se me cumpre louvar o vosso civismo, cabe-me ao mesmo tempo pedir-vos que continueis a proceder de modo a não ser prejudicada a justiça da causa que defendemos.

Desta forma esmagareis aquelles que, na falta de valor civico para opporem-se aos embates de vossa resistencia, procuram, com a maior perversidade, desvirtuar os vossos grandes feitos com accusações injustas e calumniosas.

Não vos preciso pedir apoio e dedicacão, porque nutro a convicção de que não m'os regateareis; tão pouco não vos lembrarei a necessidade do respeito e disciplina, por indispensavel, visto como comprehendeis perfeitamente que, no momento, entre nós, ella é factor importante, para a consecucão de nosso desideratum. Procurarei ser digno de vós. Ficam em vigor as ordens de meu antecessor, até que o serviço reclame modificacão:

Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado.

## CAPITULO II

### Junção das forças de Tavares ás de Salgado. Emigração dos revolucionarios. Gumerindo em acção.

SUMMARIO — Contra marcha de Tavares de Santanna para Bagé; ataque de um comboio da estrada de ferro por Gumerindo; retirada de Tavares dos arredores de Bagé e sua marcha até D. Pedrito, onde acampa 27 dias, em Ponche-Verde; combate na coxilha de S. Sebastião; ida do general Telles a Porto Alegre, sua conferencia com o ministro da guerra e volta a Bagé; marcha ao encontro de Tavares, que segue em auxilio de Salgado; evolução das forças sob o commando do senador P. Machado e sua junção com as forças do general Hypolito; marcha ao encontro dos revolucionarios; junção de Tavares com Salgado; batalha de Inhanduy; abandono do campo pelos federalistas; responsabilidade desta resolução; suas causas; partes officiaes do general Salgado e chefes legaes; marcha das forças revolucionarias; sua perseguição pelo exercito governista; plano legal de mettel-as em tres fogos; fracasso deste plano após o combate de Upamoroty; parte official de Telles; emigração de revolucionarios; reunião dos generaes e commandantes de corpos do exercito revolucionario; resolução de continuar a revolução a todo transe; marcha do exercito; tomada de uma grande cavallhada ás forças legaes; situação precaria dos revolucionarios; seu acampamento proximo a fronteira; manobras do exercito legal; passagem do commando pelo general



Salgado ao coronel P. Guimarães; sua ida a Mello; Gumerindo a frente de 1.100 homens interna-se no Estado; fuga do prisioneiro coronel Santos Filho; emigração do exercito revolucionario; telegrammas officiaes dando por terminada a revolução; alegria official; movimento de sympathia pela revolução; emissario de Floriano, Cunha Junior, ao general Tavares; Gumerindo prosegue sustentando a revolução.

O general Tavares, que sahiu a 13 de Santanna, evitando prudentemente batalha com as forças do general João Telles, seguiu rumo de Bagé, em cujos arredores chegou sem incidente a 20 de Março. O coronel Gumerindo Saraiva, que já começava a se distinguir pela coragem, actividade e tino militar, foi, da Ferraria, commissionado para inutilisar o telegrapho e a estrada de ferro de Bagé, o que facilmente levou a effeito, detendo, por essa occasião, um trem, no qual aprisionou dois ou tres militares, incorporando ás suas forças. Não poude, porém, obstar, apezar de vivo e renhido tiroteio, que um contingente do 28 batalhão, que vinha da estação de Candiota, seguisse para Bagé. Emquanto alguns soldados, fazendo trincheira do leito da estrada e dos proprios vagões, enfrentavam o inimigo, outros iam apressadamente collocando os trilhos nos respectivos lugares e empurrando os carros, até que vencendo a parte damnificada da estrada, seguiram a toda força seu destino.

Este combate, no qual sahiu levemente ferido num dedo o coronel Gumerindo e houve, de parte a parte, alguns mortos, não teve maior consequen-

cia. Entretanto, as folhas do governo, cantando victoria, deram-lhe grande vulto. <sup>(9)</sup>

Depois de ter, durante cinco ou seis dias, a cidade mais ou menos em sitio, obrigando a guarnição entrincheirar-se na praça, foi Tavares forçado a levantar-o pela aproximação do general Telles que de Santanna correu a soccorrel-a.

Chegando este general a Bagé em fins de Março, Tavares, cujo exercito continuava pessimamente armado e municiado, seguiu rumo de D. Pedrito, acampando, a 30, em Ponche Verde, onde estacionou 27 dias. A 29, um contingente de suas forças ao mando de Torquato Severo, Apparicio Saraiva e Estacio Azambuja, sorprehendeu um piquete governista de 30 homens na coxilha de S. Sebastião e o bateu, morrendo o commandante major Francisco da Costa Silveira, por antonomasia Chico Paraguay, e mais 20 companheiros. Segundo comunicação do general Tavares, os revolucionarios não tiveram prejuizo neste encontro:

Depois de permanecer alguns dias em Bagé, Telles seguiu para Porto Alegre, afim de conferenciar com o ministro da guerra, o general Moura, que tendo embarcado no Rio a 12 de Abril, com 453 homens de tropa, chegou a esta capital a 16. Realisada a conferencia a 19, a qual assistiu tam-

(9) Os governos, sobretudo em tempo de guerra, contam as cousas a seu modo. O do Rio Grande, porém, parecia timbrar no exagero, no paradoxo. Entre outras cousas, sobre este combate, escreveu: "Cem homens nossos batem mais de 1000 bandidos ao mando de Gumerindo Saraiva."



*Senador José Gomes Pinheiro Machado*

bem o general Bacellar, que tinha de 800 a 1.000 homens a seu mando, em Cacequy, guardando a estrada de ferro do norte, partiu nesse mesmo dia para o sul do Estado.

A 21, dia seguinte ao que chegou em Bagé, marchou com cerca de 2.000 homens das tres armas, a grande maioria tropa de linha, em direcção ás forças de Tavares. O general Salgado, julgando-se em situação arriscada, pediu protecção a Tavares, que, já em fins de Abril, correu ao encontro do 2.º corpo de exercito, que manobrava no municipio de Uruguayana.

O dr. J. G. Pinheiro Machado, incontestavelmente o chefe legalista em armas mais tenaz e activo na defeza do governo, bem como seu inseparavel companheiro de campanha, o general Francisco Rodrigues Lima, depois de baterem De Simone e Dinarte Dornelles, entraram a 28 de Março em S. Borja com 700 homens; a 29 marcharam para Alegrete com as forças dessa cidade e as da villa de S. Thiago do Boqueirão, já em numero de 1.500, sob os commandos dos coroneis Vargas, Apparicio Mariense, Jeronymo Gonçalves e Salvador Pinheiro Machado. Como, porém, ahi já nada houvesse a fazer, voltaram e acamparam no passo de Itaum, no Ibicuy, onde aguardaram armas, munições e refôrço. Depois de receberem tudo isso, seguiram com cerca de 2.500 homens para Uruguayana, afim de fazerem junccão com o general Hypolito, que tambem recebeu armas e munições.

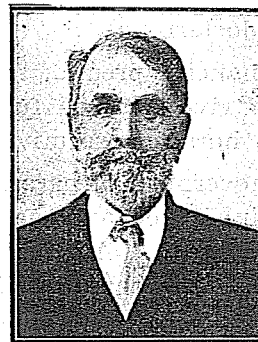
A 27 de Abril essa força passou no flanco esquerdo do 2.º corpo d'exercito sem ser incommodada, só tendo o coronel Manoel Machado, incumbido de reconhecê-la, encontrado, na manhã de 28, seu rasto!... Chegando a Uruguayana e depois de ter feito junção com as forças do general Hypolito, formando um forte de mais de 4.500 homens, ao mando deste general, marcharam a 30 no encalço dos revolucionarios.

Na noite de 2 de Maio recebeu o general Salgado, pelo tenente-coronel Franklin Cunha, comunicação da aproximação do 1.º corpo de exercito, que operaria sua junção na manhã seguinte. Observou-lhe Salgado que devia acelerar a marcha, porque estavam com o inimigo, em numero de 4.500 homens das tres armas, a curta distancia, e provavelmente, no dia seguinte, travar-se-ia batalha.

A's 9 horas da manhã do dia 3, Salgado recebeu aviso do coronel Manoel Machado, que fazia a retaguarda, já vir sua brigada tiroteando com o inimigo, recebendo pouco depois identica comunicação de Tavares, isto é, que sua vanguarda, composta do corpo de tenente-coronel Estacio Azambuja, um esquadrão commandado por Pedro Diogo, tudo sob o commando do coronel Carlos Nogueira da Gama, já ter enganjado fogo com a força legal, que transpondo o arroio Inhanduy, tomou posição á margem direita. O 2.º corpo de exercito, que estava a tres quartos de legua do inimigo, veiu, então,

a galope a seu encontro, fazendo alto sobre uma coxilha, onde foi disposto em linha de batalha.

Pelo flanco direito do exercito do governo atacou o valente Gumercindo; pela esquerda o batalhão Antonio Vargas, protegido



*Coronel Manoel Machado*  
*Deferano da revolução de 35*  
*e da guerra do Paraguay*

pelos corpos de cavallaria do tenente-coronel Vasco Alves e major Tolentino; pelo centro o grosso das forças do 2.º corpo d'exercito.

Estas forças assim collocadas formavam um semi-circulo.

As forças legaes, que dispunham das tres armas, tendo oito bocas de fogo e duas ou tres metralhadoras, ficavam com o arroio Inhanduy pela retaguarda e defendidas por um "sangão" profundo das forças que atacavam pela frente.

Os dois corpos d'exercitos revolucionarios podiam ter cerca de 6.000 homens, mas não tinham mais de 1.800 armas, não dispondo o do general Tavares, que compunha-se de 3.500 homens, de mais de 350. (10)

(10) Nosso calculo se não é rigorosamente exacto, aproxima-se muito da verdade. Ao rebentar a revolução mostramos que os revolucionarios não dispunham de muito mais de 700 armas, sendo estas, quasi na maior parte, possuidas pelas forças componentes do 2.º corpo. As tomadas em Alegrete e Jararaca, para as quaes poucas munições havia, por serem combalains, em rigor podiam elevar-se a 350. Finalmente as recebidas da Carmelita, isto é, 680, o que tudo somma pouco mais de 1.700.

Assim, do exercito revolucionario entraram em accção pouco mais de 3.000 homens.

Do 2.º corpo entrou todo o effectivo, combatendo nas linhas apenas os atiradores, ficando os lanceiros na retaguarda de protecção, salvaguardados pelos accidentes naturaes do terreno.

Dispostas as forças pela maneira predita, travou-se renhida lucta, havendo vivo fogo de fuzilaria e artilharia durante seis horas consecutivas.

Calcula-se que o exercito governista disparasse nesta batalha 300 tiros de canhão, cifrando-se o unico damno causado por esta arma terrivel na amputação do braço do tenente Manoel José da Silva! Commandavam essa artilharia o tenente-coronel em commissão Setembrino de Carvalho e o coronel da guarda nacional Apparicio Mariense.

A infantaria governista, commandada pelo coronel Arthur Oscar, portou-se bem, não acontecendo o mesmo com a cavallaria, que se não fôra obstada por forças revolucionarias da mesma arma e pelo batalhão **Antonio Vargas**, teria em sua maior parte abandonado o campo.

O corpo de cavallaria revolucionaria do tenente-coronel Vasco Alves chegou até as fileiras inimigas, arrebatando uma bandeira; o batalhão **Antonio Vargas**, abandonando sua posição, chegou a pôr em perigo uma bocca de fogo inimiga; Gu-mercindo na direita portou-se com coragem e valôr; emfim, toda a força revolucionaria atacou com vi-

gôr e enthusiasmo, limitando-se o exercito do governo a conservar a defensiva.

A noite pôz termo a lucta. Até esse momento nenhum resultado decisivo; tanto as forças leaes como as revolucionarias conservavam suas posições, embora estas, mais animadas, tivessem levado o ataque até ás linhas inimigas.

A crença geral era que no dia seguinte continuaria a batalha; não havia razão para se suppôr o contrario. Desvantagem nenhuma; munições não faltavam; coragem e ênthusiasmo até o delirio. Foi, pois, uma verdadeira surpresa, quando ao cerrar a noite, todos os commandantes de corpos receberam ordem de marcha!

Abandonavam o campo da lucta abrigados pelas sombras da noite, deixando indecisa a victoria. Parecia um exercito que, antevendo proxima a derrota, fugia precipitado.

Entretanto, a julgar pelas occorrencias da batalha, todas as probabilidades da victoria lhe eram favoraveis.

A responsabilidade desta desastrada retirada recae sobre os generaes Tavares e Salgado, que, conforme se disse, resolveram-na sem ouvir ninguém.

8 A.



*Coronel Vasco Alves  
Nunes Pereira*

Que razões teriam os dois generaes para tomar esta resolução?

Allegou-se, entre outras, ter tido Tavares communição d'estar o general João Telles, com cerca de 3.000 homens, das tres armas, a tres leguas de distancia; ter o inimigo, muito superior em armas, reservas para, em dado momento, lançal-as sobre os revolucionarios.

Sem pôr em duvida a communição, não é, entretanto, verosimil que o general, dentro de um raio de 4 ou 5 leguas, por onde tinha marchado, ignorasse os movimentos de forças contrarias. Sem dar-lhe inteiro credito, tanto mais tendo distanciado o general governista, facil era verificar a verdade, mandando um piquete bem montado galopar 3 ou 4 leguas a retaguarda. O resultado desta diligencia, chegaria a tempo, de, se julgasse conveniente, emprehender ainda a retirada durante a noite, ou, livre d'incertezas, recommear, de novo, a batalha na manhã de 4.

Entre outras cousas se disse tambem ter o official, que fez esta communição, visto, de facto, uma força, suppondo ser a vanguarda de Telles, quando, em realidade, era um corpo commandado pelo tenente Adolpho de Alencastro, que, por ordem do general Hypolito, tinha ficado de observação em determinado ponto.

Menos valiosa é a segunda razão, isto é, ter o inimigo reservas. O capitão Marcolino Antonio dos Santos, no relatório desta batalha, feito por

ordem do ministro da guerra, declarou não dispor as forças legaes de reservas, emquanto que o exercito revolucionario dispunha de reforço.

Neste ponto houve equivoco por parte do illustre militar; não se pôde chamar reforço algumas centenas de homens desarmados, que, por esse motivo, não entraram em acção.

O que é certo é que se pela manhã do dia 4 tivesse continuado a lucta, a julgar pelos factos durante a batalha, parece que a victoria caberia aos federalistas.

As forças do governo estavam circumscriptas a um circulo estreito e apertado; não podiam receber protecção, porque o exercito de Telles estava perto de Santanna, trinta e tantas leguas do campo d'acção; já dispunham de poucas munições, bastando, portanto, o sitio, após algumas horas de fogo, para decidir da victoria.

Ganha esta batalha, quando não fosse victoriosa, muito difficilmente seria vencida a revolução.

Como ainda ficasse tiroteando, por algumas horas, na frente do inimigo, a 3.<sup>a</sup> brigada do 2.<sup>o</sup> corpo de exercito e parte de uma brigada do 1.<sup>o</sup> corpo, as forças revolucionarias puzeram-se em marcha sem o exercito governista perceber-as.

Houve, nesta occasião, entre os tres contingentes, em que foram divididas, certa confusão no caminho a tomar, seguramente por ordem mal comprehendida ou dada.

Ao clarear do dia 4, quando o exercito legal reconheceu ter o inimigo abandonado o campo, prorompeu em entusiasticas expansões de alegria. Julgou-se victorioso.

De facto; se propriamente não houve victoria, os revolucionarios, com esta retirada, perderam muito em força moral.

Eis como os chefes legaes communicaram officialmente ao presidente do Estado, em telegramma de 6 de Maio, o resultado desta batalha:

“Viva a Republica!

Os inimigos foram encontrados e vencidos. As glorias de Inhanduy, celebradas pelos Farrapos de 1835, reverdecera hontem, ás 11 horas da manhã, sobre a margem direita daquelle rio; alcançamos, após rapida marcha, o coronel Salgado. Ao estendermos em linha de combate, operou elle junção de suas forças com as do general Tavares e Gumerindo.

Eramos 4.500, batemos completamente 6.000. Pelejamos seis horas. O inimigo foi rechaçado em todas as suas investidas. Esmagados os flancos e centro, retiraram-se em precipitada fuga, aproveitando a noite. Revolução estrangulada. Seguimos em perseguição. Mais tarde pormenores. Viva a Republica. Campo de batalha, 4 de Maio de 1893. — *Hypolito Ribeiro, Rodrigues Lima, Pinhoeiro Machado, Fernando Abbott.*”

Nesta mesma data recebeu o dr. Gaspar Martins do general Salgado a seguinte parte official:

“Inimigos vieram nos encontrar nas pontas do Inhanduy: procurei evitar batalha segundo vossa indicação, o que conseguiria se força que vinha incorporar-se não tivesse aceito lucta antes conversar comigo. Eram forças Hypolito, Lima, Pinheiro Machado e Abbott.

Nossas forças collocaram-se alto de uma coxilha muito elevada, guarnecidas pelos lados por sangas. Sustentou-se lucta cinco horas com fogo continuo de artilharia e fuzilaria, terminando por ser noite. Nossas forças avançaram até inimigos, sem que estes sahisses da defensiva. Cavallaria delles portou-se mal, artilharia e infantaria bem. Nossa gente sempre invencivel. Sabendo vinha Telles retaguarda com 3.000 homens das tres armas, de accordo com Tavares, resolvemos retirada, o que fizemos á noite sem o inimigo perceber. Nossos fóra de combate 40, entre mortos e feridos, delles ignoramos numero. Continuamos manobrando. — Coronel *Salgado*. — Secretario, *Lourenço de Oliveira.*” (11)

O governo estadual, sua imprensa, como a da capital federal adepta da politica do vice-presidente da Republica, dando proporções de uma grandeza

(11) Este é o verdadeiro telegramma original pasado pelo general Salgado; ao darem publicidade fizeram algumas alterações, sem comtudo mutilarem o pensamento primordial.

phantastica ao resultado desta batalha, imaginaram uma extraordinaria victoria. Festejaram com estrondo e alacridade o estrangulamento da revolução; figuraram o campo coberto de crescido numero de cadaveres de inimigos da Republica; viram e até arrancaram divizas com vivas ao Imperio e morras á Republica; proclamaram a tomada de importantes trophéos de guerra, e, por ultimo, terminaram, como de costume, assacando os mais infamantes baldões contra os revolucionarios. Entretanto, a verdade é que as forças leaes não tomaram trophéos de guerra de nenhuma especie; que, para o que podia ser, o resultado desta lucta entre cerca de 9.000 combatentes foi até irrisorio, porque segundo as partes officiaes de um e outro lado, depois de cinco horas de continuo fogo, apenas ficaram fóra de combate, entre mortos e feridos, 128 homens!

A vista destes factos, attribuir significação de vulto a peleja de Inhanduy, dando-lhe proporções de grande batalha, é commetter grave erro historico.

Segundo havíamos dito, quando ao escurecer do dia 3 o exercito revolucionario recebeu ordem de marcha, houve, nessa occasião, certa confusão, provavelmente devido a má comprehensão de ordens. O general Tavares, a frente de suas forças, transpôz o Inhanduy no passo do "Canta Gallo"; o general Salgado, no passo do "Marmota" e os coroneis Prestes Guimarães e Manoel Machado,

com a maior parte do 2.º corpo d'exercito, seguiram caminho de Alegrete pela estrada real. Deixando alguns feridos nesta cidade, continuaram a marchar em direcção a serra do Caverá, rumo que tambem seguiram os dois generaes.

As forças leaes, na madrugada do dia 5, levantaram acampamento e marcharam em perseguição do inimigo.

No dia 7, com satisfação geral, todas as forças revolucionarias fizeram junicção e pernottaram no Caverá Chico. Continuando a marcha, deixaram a estrada de Santanna a direita e seguiram rumo de D. Pedrito, sempre perseguidas pelo exercito governista, mediandó, ordinariamente, entre as duas forças 5 a 6 leguas.

Com o fim d'esmagar completamente os revolucionarios, o governo, em principios de Maio, fez seguir uma parte das forças de Bagé para Cacequy, donde sahiu uma columna de 1.500 homens das tres armas ao mando do general Xavier da Camara. Pretendia-se mettel-os em tres fógos, atacando pela retaguarda o general Hypolito Ribeiro, Rodrigues Lima e senador Pinheiro Machado; pelo flanco esquerdo o general Xavier da Camara e pela frente o general João Telles. Ficava livre só o flanco direito, caminho quasi inacessivel, porque então todo o trajecto teria de ser feito pela serra do Caverá até encontrar a fronteira da Republica Oriental. Sem preoccupar-se com o perigo, o exercito revolucionario continuou sempre marchando para

frente. A 12, as forças do general João Telles tentaram cortar-lhe a retirada impedindo a passagem no arroio Upamoroty. Ou fosse devido a cheia dos arroios ou qualquer outra circunstancia, o exercito



Tenente Coronel Timotheo Paim

de Telles não chegou a tempo de atacar os federalistas pela frente, atacando-os pela retaguarda e flanco direito. Os governistas eram contidos no continuo avanço pelo bravo Gumercindo Saraiva, successivamente secundado pelos corpos dos tenentes-coroneis Ulysses Reverbel, Ignacio Cortez, Vasco Alves e Timotheo Paim.

O fogo, que começou por simples tiroteio, tornou-se renhido de uma hora em diante. Cerca de 1.000 revolucionarios s'empenharam neste combate, mas as forças leaes não conseguiram cortar-lhes a retirada. Afinal, transposto o passo, os leaes deixaram de perseguil-os.

O general João Telles em sua parte official julgou-se victorioso, quando é certo que só haveria victoria, se conseguisse seu intuito, isto é, obstar o passo ao exercito revolucionario.

Eis na integra esse documento:

“O inimigo foi novamente derrotado. Tendo-o seguido e sabendo ter passado o

Ibicuy, avancei então com mais rapidez para cortar-lhe a frente; encontrei, porém, os arroios tão cheios, que não foi possível passar a artilharia e as metralhadoras. Mandando-as então para Livramento, fiz avançar a cavallaria na frente, deixando á retaguarda a infantaria, convenientemente protegida. Acelei a marcha, até que ás 7 horas da manhã de 12 a cavallaria avistou os inimigos, commandados pelo general Tavares e Gumercindo, que foram logo atacados por ella.

Os inimigos fazendo ligeiro tiroteio, recuaram formando linha muito distante, afim de separarem minha cavallaria da infantaria. Ordenei então que esta avançasse rapidamente, encetando-se renhido combate á 1 hora da tarde e prolongando-se até ao anoitecer. Os inimigos foram derrotados, não obstante terem feito tenaz resistencia, perseguindo-os a cavallaria dos coroneis Portugal, Pedroso, Pilar, Bento Gonçalves e Correia da Camara até duas leguas de distancia, no passo de Upamoroty, sendo obrigados a dispersar em direcções diversas, deixando carretas, armamento e gado que não pode ser arrebanhado por sobrevir a noite, sendo certo que grande numero de inimigos passou para o Estado Oriental.

Tivemos fóra de combate 52 homens, inclusive 12 mortos, não se conhecendo ao certo a perda dos inimigos.”

O general Tavares, nem nenhum outro chefe rebelde, deu parte official deste combate, mas o que se soube por descripções e telegrammas par-



ticulares foi que, evitando batalha, os revolucionarios, sem levarem a peór parte, conseguiram seu fim, passarem o Upamoroty.

Dizem os telegrammas de origem federal deste tempo, que os revolucionarios perderam oito homens mortos e cinco feridos. (12)

Nisto cifrou-se o combate de Upamoroty, tambem conhecido pelo nome de Restinga, cujo resultado foi de grande alcance para os rebeldes, que inutilisaram o plano das forcas legaes de atacal-os por tres lados.

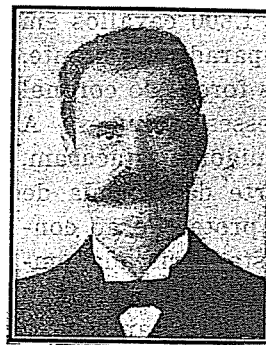
Nesta longa marcha, o exercito revolucionario, sobretudo o 1.º corpo, que em 19 dias, por pessimos caminhos, com tempo chuvoso e frio, percorreu cerca de cem leguas, perdeu para cima de 3.000 cavallos, ficando em más condições de montaria. Na noite do dia 12, aproveitando a proximidade da linha divisoria, alguns officiaes e não pequeno numero de soldados, acobardados com as marchas forçadas, falta de roupas, com o rigôr do tempo e a perseguição do inimigo, emigraram para a Republica Oriental do Uruguay.

No dia 13 pela manhã, após pequena marcha, reuniram-se á sombra de uma grande arvore de Umbú, os dois generaes, todos os commandantes de brigadães e corpôs do exercito revolucionario.

(12) Dentre os mortos figurou um menino de 15 annos, filho do tenente-coronel T. Paim, que com admiravel heroismo distribuia munições na linha de fogo. Sentindo-se mortalmente ferido, pediu chamassem o pae, de quem se despediu, recommendando-lhe transmittir o ultimo adeus a sua mãe!

Expôz então o general Salgado as criticas circumstancias do exercito, quasi a pé, semi-nú, mal muniado e incessantemente perseguido pelo inimigo, a quem agora, além de numeroso, nada faltava.

A situação pintada pelo abnegado general, aliás verdadeira, nada tinha de animadôra; vislumbra-va-se nella a ideia da dissolução, energicamente combatida pelo modesto patriota dr. Saturnino Epaminondas de Arruda, que concitou a lucta a todo transe, ainda com os maiores trabalhos e sacrificios. Neste mesmo sentido fallou o joven e ardoroso tenente-coronel Estacio Azambuja, que, em patriótica allocação, além de outros considerandos, disse que a divisa — **vencer ou morrer** — deviam sustentar com honra, valôr



e coragem. Fallaram ainda o Tenente-Coronel Estacio Azambuja e mais dois ou tres officiaes, entre elles o destemido Gumercindo, que chegando quasi ao termino da reunião, pronunciou algumas palavras cheias de energica virilidade. Em vista do resultado da conferencia foi resolvido com entusiasmo a continuação da guerra civil, até se alcançar o desejado desideratum — a liberdade do Rio Grande.

Continuou, pois, o exercito a marcha mais ou menos parallelamente á linha divisoria.

Na manhã do dia 16 acampou não longe do rio Negro, a duas leguas de Bagé. Foi desse ponto que, a frente de sua brigada, partiu, em direcção a esta cidade o bravo Gumercindo, em diligencia de tomar ao governo uma grande cavahada.

Na madrugada de 17, o destemido tenente-coronel Estacio Azambuja, com pouco mais de cem homens, guiado por um capitão Medeiros, conhecedor do lugar, debaixo de nutrido fogo, repontou para fóra do potreiro de 1.500 a 1.600 cavallos em bom estado, tocando-os a toda disparada por diante, sendo vivamente perseguido pelas forças do coronel Elias Amaro, que guardavam esses animaes. A pouca distancia, porém, os perseguidores estacaram, visto terem esbarrado com o forte da brigada de Gumercindo, que tinha ficado de protecção ao contingente que foi desempenhar esta arriscada empreza. Todas as glorias deste feito couberam ao tenente-coronel E. Azambuja, embora tambem o acompanhasse o coronel Laurentino Pinto Filho.

A tomada destes 1.600 cavallos nas criticas circumstancias em que se achava o exercito revolucionario, equivaleu a uma brilhante victoria. Deixou a pé o exercito do governo, que tambem vinha mal montado, impossibilitando-o, logo ao chegar a Bagé, de perseguir os federalistas. Numa das guerrilhas havidas por esta occasião, em que se chocaram dois piquetes inimigos, morreram o tenente-coronel José Honorio Bandeira e mais tres soldados pertencentes ás forças do coronel Manoel Pedroso,

nesse mesmo dia chegados a Bagé, o piquete revolucionario perdeu dois homens, ficando o commandante, major Fidelis, gravemente ferido.

O exercito federalista continuou a marcha; transpôz o Jaguarão Chico, a restringer dos Saisos, o Jaguarão, indo a 21 pernoitar á margem direita do Candiota, onde passou o dia seguinte. O rio estava invadeavel, completamente fóra do leito, só tendo passado para o outro lado Gumercindo, com 70 homens.

O tempo corria cruelissimo. De 19 a 24, as chuvas foram torrenciaes.

Os campos estavam alagados; os arroios transbordavam; as sangas convertidas em rios e estes em mares. O frio era intenso; os soldados mal dormidos, mal alimentados, em estado andrajoso soffriam horrores, chegando até uma ou duas praças a morrerem congeladas.

Os cavallos, de fome, fraqueza e peste morriam ás centenas, diariamente. So nas passagens dos rios e no rincão de Contracto, entre o Candiota e o Jaguarão, morreram para a conta de 2.000. Por falta absoluta de recursos, o exercito, da margem do Candiota, contramarchou, repassando e com os mesmos trabalhos e difficuldades, perdendo sempre grande numero de cavallos, todos os dias, e a despeza que tinha transposto a linha.

No dia 26 os dois generaes resolveram esperar o coronel Gumercindo, a fim de ouvir sobre o objecto de serviço.

Acampando junto ao arroio Minuano, não longe da fronteira da Republica Oriental do Uruguay, aqui permaneceu o exercito até o dia 30 de Maio. Deixemol-o por alguns instantes nesse acampamento e acompanhem as manobras do exercito legal.

O general Hypólito Ribeiro chegou até Galpões, perto de Santanna, voltando dahi para Uruguayana com uma columna superior a 1.000 homens, onde chegou em fins de Maio.

O general Xavier da Camara, que tinha sahido de Cacequy com 1.500 homens, afim de atacar os revolucionarios se enveredasse por esse lado, retirou-se tambem com as forças sob seu commando, em fins de Maio, para a cidade da Cachoeira. Em 6 de Junho seguiu descontente para o Rio, assumindo o commando dessa columna o general Baccellar.

O general Lima, senador Pinheiro Machado, coronel Arthur Oscar, todos quasi a pé, aproximadamente com 1.500 homens, seguiram para Bagé. O general João Telles, com a divisão de seu commando, inclusive os patriotas dos coroneis Manoel Pedroso e Portugal, tambem tinha seguido para esta cidade, onde chegou primeiro que aquelles. Todas estas forças chegaram a referida cidade depois de meados de Maio. Não puderam continuar em perseguição dos revolucionarios, porque tambem careciam de roupas, cavallos e artigos bellicos. O general João Telles, com a maior actividade, começou

a providenciar, afim de obter o necessario ás forças, sobretudo cavallos. As estações do rio Negro, Santa Rosa, Candiota, Pedras Altas, foram logo occupadas por fortes contingentes.

Depois de receber numero regular de cavallos, vindos de Pelotas, Piratiny e mesmo do Estado Oriental, puzeram-se em marcha parte das forças estacionadas nos lugares preditos; o general Lima e senador Pinheiro Machado sahiram de Bagé com sua respectiva columna a 29, em direcção ao ponto em que se achava acampado o exercito federalista.

Todas estas forças em numero superior a 4.000 homens, marchavam formando um semi-circulo, de modo que os revolucionarios ou seriam obrigados a aceitar batalha, o que era impossivel, visto as más condições em que se achavam, ou seriam forçados a emigrar, porque só tinham livre a retaguarda, isto é, territorio estrangeiro.

Deixamos o exercito revolucionario acampado junto ás margens do arroio Minuano.

A 29 o general Saigado passou o commando do 2.º corpo d'exercito ao coronel Prestes Guimarães, seguindo immediatamente para a cidade de Mello, afim de pelo telegrapho conferenciar com o dr. Gaspar Martins, sobretudo no sentido de obter recursos necessarios a força.

O general não foi feliz na escolha da occasião para esta conferência, porque nas criticas circumstancias em que se encontrava o exercito, prestes

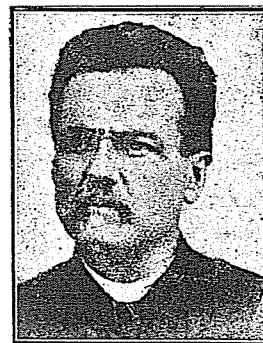
a emigrar e tendo a pouca distancia o inimigo, era o momento menos asado para tomar esse alvitre, visto como em tal emergencia sua fortaleza d'animo e conselhos d'experiencia seriam de valôr inestimaveis. A 30 o general Tavares conferenciou com os officiaes presentes, mostrando-lhes a necessidade de licenciar o exercito, caso o inimigo se approximasse, occultando prèviamente o maior numero de armas possivel.

Por este tempo estava o exercito revolucionario reduzido a pouco mais de 1.300 homens, devido ás constantes deserções para o territorio da republica uruguayana, o que igualmente succedia ao exercito do governo, com relação sobretudo aos patriotas forçados, que ainda então não tinham soldo. Concorria tambem para achar-se reduzido a tão pequeno numero o exercito federalista, já ter o valente Gumercindo, a frente de 1.100 homens, bem armados e regularmente municiaados, seguido para o interior do Estado, afim de sustentar a revolução durante o inverno, enquanto o pessoal do exercito licenciado e emigrado, refeito de roupas e armas, não tornasse á lucta.

O exercito do governo approximava-se cada vez mais da reduzida columna revolucionaria; esta, por sua vez, tambem se approximava mais e mais da linha divisoria, tendo, a 31, acampado não longe do arroio Mina, muito proximo á fronteira.

Nesta mesma data o tenente-coronel Vasco Martins, que fazia a retaguarda, sorprehendeu um

piquete do governo no passo do Valente, no rio Negro, matando-lhe 7 homens e tomando-lhe algumas armas e cavallos ensilhados em máo estado. Ao approximar-se o grosso da força cujo piquete de vanguarda bateu, a qual transpôz o rio não só nesse passo, mas tambem no do Espantoso, retirou-se.



*Coronel Vasco Martins*

Na noite do dia 1.º de Junho, aproveitando a circumstancia de estar o exercito federalista acampado muito perto da linha divisoria, o coronel em comissão Joaquim Thomaz dos Santos Filho e major Eli-siario Baptista Dornelles, prisioneiros da batalha de Jara-raca, fugiram, acompanhados de um soldado e um official revolucionario de nome Pedro Lucas.

No dia 2 de Junho ainda Estacio Azambuja, secundado por Ignacio Cortez, com uma força de 252 homens, seguiram para S. Luiz com o fim de tomar uma cavahada do governo, mas voltaram dois dias depois, visto terem verificado não existir tal cavahada.

As forças legaes iam sempre se approximando. Apertando contra a fronteira o pequeno exercito federalista, transpuzeram o rio Negro e a despeito de sua vanguarda ser continuamente incommodada por Vasco Martins, estavam prestes a transpôr o

Jaguarão Chico. A 4, um piquete de 50 homens appareceu no passo de Maria Castelhana, nesse ar-roio, rompendo forte tiroteio contra o piquete re-volucionario que o guardava. Estavam, pois, as forças legaes a duas leguas da força revolucionaria, acampada junto á linha.

Reforçado o piquete do passo de Maria Cas-telhana com mais 30 homens, o coronel Prestes Guimarães convocou os officiaes e disse-lhes que tinha chegado a hora angustiosa de emigrarem, urgindo, portanto, com presteza, occultarem as mu-nições e o maior numero de armas possível.

Este alvitre, a principio repellido por mui-tos officiaes, foi, afinal, a vista das circumstan-cias, accedido. O major Eduardo foi prevenir o co-ronel oriental Juan Aguiar que os revolucionarios iam emigrar na noite desse dia. De facto, nessa noite, das dez para as onze horas, os revolucioná-rios, em numero de 1.205 homens, entregaram as poucas armas, que não tinham previamente occul-tado ao coronel Aguiar.

Esse armamento não passou de 200 armas, 150 lanças e 100 espadas. O major Vasco Martins com seu pequeno corpo, illu-dindo a vigilancia do inimigo, conseguiu transpor suas linhas, indo juntar-se a Gumercindo Saraiva, que, de então por diante, recebeu o tratamento de general, em vista de uma carta que, com esse titulo, lhe dirigiu o general Tavares. A 5, todos os officiaes emigrados reunidos em

casa do patriota rio-grandense dr. Freitas, fazen-deiro no Estado Oriental, protestaram unanimemente continuar a guerra, logo que recebessem al-guns recursos e melhorasse a estação.

Este acontecimento, isto é, a emigração dos dois generaes com suas reduzidas forças, foi deli-rantemente festejado pelo partido republicano rio-grandense. O general Rodrigues Lima e senador Pinheiro Machado passaram ao dr. Julio de Cas-tilhos, presidente do Estado, para ser transmittido ao vice-presidente da Republica, o seguinte tele-gramma congratulatorio:

“Viva a Republica! Tavares passou na madrugada de hontem (13) para o Estado Oriental, apresentando-se ao coronel Aguiar, a quem entregou 300 armas. Revolução ter-minada.”

O general João Telles dando conta deste suc-cesso, passou ao ministro da guerra, em Porto Ale-gre, o seguinte:

“O inimigo composto das forças de Silva Tavares e Salgado, tendo sido completa-mente batido e desbaratado, em vista do es-tado de desanimo e miseria em que se achava, emigrou todo para o Estado Oriental, dei-xando grande parte de seu armamento dis-perso pelos mattos e entregando ao com-mandante da fronteira Oriental, coronel Juan

(13) Não foi na madrugada de 4, mas na noite desse dia.

Aguiar, 300 e tantas armas de fogo, pelo que me garantiu o mesmo coronel que os revoltosos se achavam desanimados e acampados no Estado Oriental. A vista da declaração do referido coronel Aguiar de que os emigrados se achavam acampados no seu territorio e por consequencia agrupados, exigi delle a dispersão e a internação para o departamento de Cerro Largo, afim de serem apresentados ao respectivo chefe politico, bem como dos principaes chefes, como Tavares, Salgado, Pina, Prestes Guimarães e outros. Coronel Aguiar, que hontem á noite esteve no meu acampamento, occasião em que exigi delle as providencias acima, mesmo por me parecer que o facto da emigração estava affecto ás autoridades orientaes, retirou-se, garantindo-me ir immediatamente tomar as providencias reclamadas, e cujo resultado ficou de communicar-me hoje, sem falta, razão porque me acho ainda acampado entre o arroio Minuano e a serra do Aceguá, sobre a linha divisoria. A vista do que exponho, julgo que a revolução está no seu termo final, pelo que me congratulo com a Republica e comvosco, a quem saúdo affectuosamente. — General *João Telles*. — Aceguá, 7 de Junho de 1893.”

O dr. Julio de Castilhos apressou-se em communicar para todos os pontos do Estado onde havia telegrapho a feliz nova d'estar terminada a revolução. O officialismo, sobretudo da capital rio-grandense, commemorou este assignalado acontecimento com festas ruidosas.

A imprensa official, porém, longe de usar de linguagem calma e tolerante, continuava no velho systema de insultar duramente os revolucionarios, qualificando-os de bandidos, ladrões e assassinos. O povo, sob a pressão do mais deprimente regimen de terror, assistia a explosão da alegria official retrahido e até triste. E' que a revolução estava no espirito da grande maioria da população do Estado; sua sympathia convergia para essa patriótica affirmção da tradicional altivez rio-grandense.

A justiça da causa pela qual com admiravel heroismo se batiam os federalistas; a energia com que arrostavam todos os sacrificios e trabalhos; a resignação estoica com que andrajosos supportavam o frio, a chuva, todas as inclemencias do tempo; a rapidez com que mal dormidos anoteciam num ponto e amanheciam noutro, dez leguas além, deixando boquiaberto o inimigo; a guerra extraordinariamente desigual sustentada por esse punhado de bravos, que luctavam contra os soldados da União, contra as forças estadoaes, contra os poderosos recursos do thesouro da Republica, — só e exclusivamente alentados pela defeza da liberdade da terra natal — despertava geral admiração em todo o paiz.

O movimento de sympathia era geral a favôr desses abnegados, já então principalmente representados por Gumercindo Saraiva, que a frente de cerca de 1.100 homens, passando por entre nu-

meras fileiras inimigas, batendo a uns, tiro-teando a outros, levava a revolução ao próprio coração do Estado. Tal era essa sympathia que, na capital da Republica, organisou-se uma commissão de soccorros publicos para acudir aos feridos federalistas, figurando nella cidadãos conspicuos e notaveis, como o veneravel Marquez de Tamandaré, Visconde de Pelotas, dr. Hilario de Gouvêa e muitos outros homens de destaque. Para mais facilmente obter recursos levou a effeito uma kermesse, onde o empenho pela arrematação dos mais insignificantes objectos era bem significativo.

Todos a porfia queriam directa ou indirectamente concorrer para alliviar as dôres daquelles que, por desgraça, combatendo pela deza de seus bens, vida e liberdade, cahiam feridos no campo da lucta.

Os Estados de S. Paulo, Rio e Minas, foram os que mais contribuíram para este humanitario objectivo.

O proprio Estado do Rio Grande, onde ardia a guerra e sobre o qual pesava o regimen da espionagem, perseguição e violencia, aproveitou o ensejo e concorreu tambem para tão alevantado fim. Aqui, porém, aquelles que faziam donativos, não declinavam seus nomes; mandavam as esportulas em cartas fechadas a uma commissão de sacerdotes e estes publicavam as importancias recebidas por ordem numerica. Proceder por outro modo era

arrostar as iras do governo e, portanto, expôr-se a vexames, desacatos, violencias e quiçá a morte.

A imprensa governista da capital federal, como a do Rio Grande, que não via com bons olhos estas manifestações expontaneas da opinião em favôr dos revolucionarios, começou a insinuar que sob o pretexto de simulada caridade, tratava-se em realidade de obter recursos para a revolução.

Seguramente a intenção de grande numero de subscriptores não era outra, mas, devido a vigilancia do governo, não nos consta fosse desviado dinheiro algum na compra de artigos bellicos para alimentar a lucta; todo ou parte delle parece ter sido applicado na aquisição de medicamentos, que em grande quantidade foram remetidos do Rio para Montevideo, para onde igualmente seguiu numero pessoal da Cruz-Vermelha, ganhando pingues ordenados.

Jamais o Rio Grande poderá esquecer o assinalado serviço prestado por todas as almas generosas e boas, que concorreram para alliviar os sofrimentos daquelles que, sem meios, tinham a desgraça de ser feridos nos combates. Se não fôra isso, muitos infelizes teriam perecido a mingua de recursos.

No parlamento tambem a revolução rio-grandense preocupou seriamente a attenção de alguns deputados, que propuzeram varios alvitres para a pacificação do glorioso Estado meridional. A maioria da Camara a todos regeitava, porque apoiava

incondicionalmente a politica do vice-presidente da Republica, cujo principal desejo, como o do partido republicano rio-grandense, era esmagar a revolução, aniquilando por completo a influencia do dr. Gaspar Martins, contra quem tinha accentuada prevenção, senão odio, maxime depois que esse velho estadista manifestou-lhe pessoalmente preferencia pelo regimen parlamentar, em rude e leal franqueza.

Mais evidente tornou-se este objectivo quando, por este tempo, mandou como emissario ao Rio Grande o senador Cunha Junior, seu intimo amigo, afim de entender-se com o general Tavares, a quem estava prompto fazer todas as concessões, inclusive a destituição do dr. Julio de Castilhos do poder, com tanto que abandonasse o dr. Gaspar Martins.

O velho general foi de austera lealdade; continuou firme ao lado de seus conterraneos e companheiros de lucta.

Nestá cruzada contra o prestigio do dr. Gaspar Martins era o marechal efficazmente secundado pelos pro-homens do partido republicano rio-grandense, porque, conscientes da superioridade do notavel tribuno, viam nelle um obstaculo para, por meio de pacifico appello ao povo, galgarem o poder. Afim de coonestarem este objectivo, tomaram como pretexto a **salvação da Republica**, attribuindo a Gaspar Martins intuitos restauradores. Ou fosse por convicção ou por calculo, o certo é que lançando mão deste meio, conseguiram o apoio incon-

dicional da União, que lhes forneceu soldados, armas e dinheiro.

Por esta epocha, o ministro da marinha, contra-almirante Custodio de Mello, instando com o chefe do poder executivo pela pacificação do Rio Grande e nada conseguindo, retirou-se do ministerio.

Em alguns outros pontos do Estado a revolução tambem dava signaes de vida. A 10 de Maio um contingente revolucionario tomou Santa Victoria e outro a villa da Estrella, arrecadando armas e munições que encontraram. Neste mesmo mez uma força federalista sob o commando de Elisiario Prestes e Palmeiro, tomou Soledade, encaminhando-se em seguida para Passo Fundo, donde mais tarde foi desalojada.

O certo é que a revolução, dada por determinada por alguns chefes governistas em alacres telegrammas, estava em plena acção, entrava em uma segunda phase, sustentada brilhantemente pelo valeroso Gumerindo Saraiva.



divisão da União, que lhes foram cedidos  
armas e munições.  
Por esta época a situação da revolução estava  
estagnada. O general Saraiva tratava com o chefe  
do poder executivo para pôr fim ao estado de guerra  
e nada conseguindo, retirou-se do ministério.  
Em alguns pontos do Estado a revolu-  
ção também dava sinais de vida. A 10 de Maio  
um contingente revolucionário tomou Santa Vi-  
çosa e outro a villa da Estrela, amecidando outras  
e munições que encontraram. Nesse mesmo mes  
uma força federalista sob o commando do Euzébio  
Prestes e Pálmira, tomou Solânea, encaminhan-  
do-se em seguida para Passos Fundos, donde mais  
tarde foi desalojada.  
O certo é que a revolução, dada por terminada  
por alguns chefes governistas em alguns esta-  
mentos, estava em plena acção, e estava em uma  
segunda phase, e a mesma brilhantemente pelo ge-  
neral Gumerindo Saraiva.

### CAPITULO III

#### Gumerindo Saraiva sustenta a revolução em Junho e Julho — Expedição do „Jupiter“

SUMMARIO — Operações da columna do ge-  
neral Gumerindo Saraiva nos mezes de Junho e  
Julho. Tomada de Lavras; entrada em S. Sepé;  
combates de Jaguary, Pirahy e Serrilhada. To-  
mada de algumas estações da estrada de ferro do  
Rio Grande a Bagé. Entrada no Herval e Arroio  
Grande. Intimação de rendição á praça de Ja-  
guarão. Historico da expedição marítima do „Ju-  
piter“. Regresso de Gumerindo a D. Pedrito e  
consecutiva junção com as forças do general Sal-  
gado no passo de Santa Maria.

A 27 ou 28 de Maio, a frente de uma columna de  
perto de 1.100 homens, regularmente armada e mu-  
niciada, marcha para o centro do Estado o deno-  
dado Gumerindo Saraiva. Seu objectivo, segundo  
combinação dos chefes em armas, era sustentar a  
revolução, enquanto os revolucionarios se refaziam  
de roupas e armas para entrar, de novo, em cam-  
panha.

Dotado de vivaz intelligencia estrategica, va-  
lente e activo, burla a vigilancia das linhas inimi-



*General Gumercindo Saraiva*

gas, transpõe-nas, silenciosamente, durante a noite e segue rumo de seu destino, S. Sepé, onde além do principal elemento desta guerra — cavallos, — constava ser grande o numero de correligionarios occultos nos mattos. Em caminho desta villa o tenente-coronel Barcellos, que fazia a vanguarda, bate um piquete governista, caindo mortalmente ferido o commandante Bailão Machado e prisioneiros 14 soldados, dos quaes mais tarde desertaram alguns. Apoderando-se de Lavras, fez Gumercindo respeitar a vida e bens de todos os habitantes.

Deste ponto toma direcção da estancia do visconde do Serro Formoso e daqui para S. Sepé, onde, em principios de Junho, é recebido festivamente. Em todo este trajecto nenhum desacato. Nesta villa, a pouca roupa supprida aos soldados, foi comprada com o producto de uma modesta collecta, que, na occasião, fizeram alguns de seus companheiros d'ideias. Continuando em sua marcha, segue até o rincão do Formigueiro, na costa do Vacacahy Grande, dirigindo-se o tenente-coronel Gaspar Barreto até ás proximidades do passo de S. Lourenço e Seringa, nò Jacuhy. Daquelle ponto torna para trás. Por occasião de varar o Jaguary, a 17 de Junho, encontra-se com a divisão do norte, ao mandò dos generaes Lima e Pinheiro Machado, que embalde tentam embargar-lhe o passo, mas, após ligeira guerrilha, transpõe-no e continúa impavido sua rota.

Os generaes legalistas, dando parte deste forte tiroteio, disseram ter tido apenas cinco homens fóra de combate.

E' possível que os revolucionarios tivessem, mais ou menos, o mesmo numero de baixas, mas salvaram a grande cavallhada que traziam, não deixaram no campo nenhum ferido, nem mesmo mortos.

Proseguindo, transpõe o Taquarembó, penetra no municipio de D. Pedrito, dirige-se para o passo do Acampamento, no Pirahy, onde chega a 20. Quando tratava de transpô-lo, avista consideraveis forças do governo, compostas do 11 e 28 de infantaria, do 5.º de cavallaria, do corpo de transporte e de parte da brigada policial, sob o commando do coronel Menna Barreto.

Entretidas com guerrilhas por forte contingente rebelde, Gumercindo, illudindo a vigilancia inimiga, faz o grosso das forças passar o rio por uma picada, por onde, afinal, o acompanha o valeroso contingente, que, a pé firme, arrostou as cercadas, mas quasi inocuas descargas da fuzilaria governista.

Presumindo que, em sua perseguição, os defensores do governo transporiam o rio, embosca seus soldados nos mattos da margem occupada. Não se enganou o astuto caudilho.

Parte das forças legaes, inflammada pelo entusiasmo da pretendida victoria, atravessa tambem o rio, mas são sorprendidas por terriveis des-

cargas, retrocedendo, precipitadamente, para o seio dos seus lugares em que deparam seguro abrigo.

Encaminha-se então o vivaz cabo de guerra para a Serrilhada, próxima á linha divisoria. O coronel Menna Barreto perseguindo-o, procura atacá-lo pelo flanco direito, esquerdo e retaguarda. Percebendo a intenção do chefe governista e reconhecendo não poder bater-se com forças superiores em numero e armas, finge celerê retirada, tendo em mira com este estratagema separar a cavallaria legal da infantaria, de modo que, em caso de ataque, não pudesse aquella ser promptamente socorrida por esta.

Suppondo realmente que os federalistas fugiam, a cavallaria os persegue. Corriam, entretanto, para lugar onde contavam com forças de protecção. Chegados a esse ponto, caem d'improviso sobre os perseguidores forças inimigas ao mando dos arrojados coroneis Torquato Severo e Apparicio Saraiva. Sob um tropel tremendo, tão impetuoso foi o choque, que immediatamente estabeleceu-se horrivel confusão nas linhas atacantes, tratando cada qual de buscar na fuga a salvação.

Este combate deu-se a 23 de Junho, na Serrilhada, junto á linha divisoria. Se não fóra isso, maior teria sido o prejuizo das forças do governo, parte das quaes se refugiou em territorio da Republica Oriental. Ainda assim as perdas do 5.º regimento e do corpo de transporte foram pesadas, porque só no campo d'acção, no dia seguinte, foram

contados 33 cadáveres. A propria parte do coronel Menna Barreto, que foi ferido nesta acção, assignada tambem pelo tenente-coronel Pedro Paulo Galvão, datada de 24 de Junho, conclue, como sempre, cantando victoria, mas em certo lugar confessam que "foram obrigados a retirar-se umas quatro quadras um tanto precipitadamente e que tiveram muitos mortos e feridos."

Os trophéos de guerra deste combate foram insignificantes; não passaram de tres ou quatro dezenas de armas, 20 tantos ponchos, duas barracas e muito pouca munição.

Após este combate, Gumercindo passa por um dos flancos da força inimiga e vae amanhecer longe, em sua retaguarda, acampando no dia 25 á margem direita do rio Negro, donde data a seguinte parte ao general Tavares:

"Acampamento em marcha, na margem direita do rio Negro, 25 de Junho de 1893.

Depois de ter seguido para S. Sepé, com a maior felicidade, tive tres combates com o inimigo: o 1.º no dia 17, no Jaguary; o 2.º no dia 20, no Pirahy, e o 3.º no dia 23, todos deste mez, junto á Serrilhada, ficando fóra de combate, de nossa parte, 20 homens, apenas 5 mortos; e, da parte do inimigo, não posso calcular, só sei que foram muitos. Na Serrilhada, na nossa retirada, foram vistos 33 mortos. Aqui mandei uma carga secca de lança na cavallaria que nos tiroteava, deixando de acabar com todos e até mesmo com

a infantaria, porque o batalhão, vendo que, para defender não só aquella como a si, era preciso socorrer-se de um Estado estrangeiro, assim o fez, entrando para o Estado Oriental, dando dessa fórma passagem á cavallaria que, em grande corrida, se dirigia para esse lado. Assim é que, se não fóra o respeito que devemos ao estrangeiro, daríamos a esse degenerado e máo brasileiro, que se chama Floriano Peixoto, uma lição mestra.

O inimigo não só se socorreu do Estado Oriental — de uma completa derrota — como tambem aproveitou-se daquelle lugar para de lá nos fazer descargas.

Quando iam os para o centro foram derrotados dois piquetes inimigos, pela minha vanguarda, que era commandada pelo coronel Barcellos, morrendo desses piquetes alguns e ficando os outros prisioneiros, isto no passo do Hilario, municipio de Caçapava e na villa das Lavras.

Tambem quando eu passava no passo Camaquam agarrei um outro piquete inimigo.

Corre como certo que Pinheiro Machado no dia 17, no combate do Jaguary, foi ferido no pescoço. — *Gumercindo Saraiva.*"

Em 1.º de Julho, depois de ter damnificado a estrada de ferro de Rio Grande a Bagé, principalmente a ponte no Candiota, acampou, com cerca de 800 homens, em Pedras Altas, donde, de combinação com Estacio Azambuja, sob o nome do coronel governista Elias Amaro, telegraphou para Pelotas e estação do Cerro Chato communicando a

sua derrota e pedindo noticias das forças leaes estacionadas nesses lugares. Empregando este ardid, que não deu resultado, procurava ter dados positivos sobre essas guarnições, afim de com mais segurança emprehender qualquer operação de guerra.

Em Pedras Altas tomou todo o archivo telegraphico, por onde se viu, da correspondência official, que Julio de Castilhos, presidente do Estado, recommendava o exterminio dos cabecilhas federalistas.

Por essa mesma occasião encontraram telegrammas, que lhe foram passados pelo general João Telles, nos quaes esse brioso militar externava-se de modo pouco favoravel a muitos patriotas republicanos, sobretudo aos coroneis Manoel Pedroso e Bernardino Motta.

Deste lugar toma caminho de Jaguarão, passando pelas villas do Herval e Arroio Grande, que caem em seu poder. <sup>(14)</sup> Arrecadados os insignificantes artigos bellicos encontrados nestas povoações, continúa sua marcha, chegando a 16 junto aos muros da cidade de Jaguarão, cuja rendição intima nos seguintes termos:

“Quartel General nas proximidades de Jaguarão, 16 de Julho de 1893.

Emx.º Snr. General commandante da guarnição e fronteira de Jaguarão.

(14) As villas do Herval e Arroio Grande, assim como Cacimbinhas, Rosario e a cidade de Alegrete estiveram por mais de uma vez em poder dos revolucionarios.

No interesse unico de libertar o Rio Grande do governo tyranno que o humilha, aqui me tendes junto a vós e a frente de um exercito de 3.000 homens, disposto como sempre ao sacrificio da propria vida na defesa do mais sagrado direito da liberdade desta terra, que nos viu nascer. <sup>(15)</sup>

Antes, porém, de ouvir-se o primeiro tiro das nossas armas, o nosso patriotismo nos obriga a fazer-vos um appello e nesse sentido me dirijo a vós, como chefe que sois da força governista da guarnição dessa cidade. Já sabeis o pronunciamento da esquadra em favôr da causa revolucionaria, assim como da tomada do Rio Grande, em cuja bahia se acham 6 vasos de guerra sublevados, sob as ordens do intrepido almirante Wandenkolk.

Deveis ter conhecimento do pronunciamento em nosso favôr dos corpos de linha da guarnição daquella cidade, assim como a reaparição de numerosas forças patrioticas nas nossas fronteiras.

Pois bem; estes acontecimentos de summa importancia para a causa revolucionaria trarão como resultado immediato o triumpho e nesse caso será inutil e compromettedora a vossa resistencia.

Confiado, pois, no vosso patriotismo e no das forças que commandais, espero que vos rendais, evitando por este modo effusão de sangue de nossos irmãos, e, portanto, o

(15) Não tinha 3.000 homens, apenas cerca de 1.000. Exagerando o numero de seus soldados, pensou poder mais facilmente ser attendida a intimação.

augmento do luto nas familias rio-grandenses.

Meditai na vossa posição, consultai os vossos companheiros de armas e respondei, tendo em vista o interesse da Patria e os vossos deveres de humanidade. — *Gumercindo Saraiva.*”

O general Soares, commandante da praça, que estava regularmente entrincheirada e defendida por cerca de 1.000 homens, além do 32 batalhão que chegou do Rio Grande dias depois, deu-lhe a resposta que se segue:

“Snr. Gumercindo Saraiva.

Grande estranheza nos causou a vossa intimação e por ella vejo que desconheceis os procedimentos de guerra.

Não se intima uma praça a horas mortas sem primeiramente terem se feito apparecer as forças que a sitiam.

Esta guarnição repelle por completo a vossa intimação e vos garante que no seu posto de honra está disposta e preparada para rechassar-vos com vantagem.

Vinde, que a nossa metralha e as nossas armas serão o testemunho de nossas disposições.

A vossa historia sobre Wandenkolk, a sua esquadilha e a cidade do Rio Grande está pedindo um esclarecimento que o nosso cavalheirismo nos obriga a dar. A vossa esquadilha está desfeita e o vosso almirante é nosso prisioneiro e no Rio Grande tremula agora e sempre o pavilhão estrellado

da Republica, sustentado galhardamente pelas forças do governo.

Vinde, porém, contai sómente com os vossos recursos.

Aqui nos encontraremos. — *Manoel Francisco Soares*, commandante da guarnição.”

Deixemos por momentos o ousado gaúcho nas proximidades de Jaguarão e historiemos os successos relativos a pretendida tomada do Rio Grande pelo almirante Wandenkolk, a que allude o general revolucionario.

#### EXPEDIÇÃO DO “JUPITER”

O almirante Wandenkolk, senador da Republica, foi violentamente reformado pelo vice-presidente da União, marechal Floriano Peixoto, e deportado para Tabatinga, no Estado do Amazonas, por ter, em companhia de mais doze officiaes generaes, que tambem foram punidos, intimado o marechal ao cumprimento da Constituição, mandando proceder eleição para presidente da Republica, visto como Deodoro, antes de dois annos de exercicio, tinha resignado o cargo.

Cheio de odio ardia pela hora da vingança.

O arrogante — **havemos de nos encontrar** — da carta dirigida ao marechal, publicada nos jornaes do Rio depois de sahir barra fóra, prova esse estado d'alma.

Para levar avante este intento, só espreitava

oportunidade. Secundando a revolução rio-grandense, cuja justiça parecia a garantia do triumpho, afigurou-se-lhe, de certo, o meio mais facil de tomar a suspirada desfórta.

Tendo em vista este objectivo, embarcou em Maio para Montevidéo, onde, de chegada, conferenciou com o dr. Gaspar da Silveira Martins, offerecendo seus serviços á revolução.

Planejam, então, a expedição do "Jupiter" ao Rio Grande.

O "Jupiter" era um vapôr mercante da companhia brasileira frigorifica e pastoril. O commandante, o denodado João Antão Pereira da Cunha, partidario exaltado da revolução, morto desastradamente ao tempo da revolta da armada na bahia do Rio de Janeiro, entra de boamente no plano, bem como os agentes da referida companhia. O fim era tomar a cidade do Rio Grande, que, simultaneamente, devia ser atacada por mar e terra.

Gumercindo Saraiva, a quem o dr. Gaspar Silveira Martins tomou o compromisso de mandar avisar para achar-se nas proximidades da cidade, quando o "Jupiter" forçasse a barra, atacaria por terra.

Combinado este plano, o "Jupiter", que, com as devidas cautelas, foi ligeiramente armado em guerra no porto de Buenos Ayres, depois de receber a bordo o almirante Wandenkolk e o capitão-tenente Huet Bacellar, partiu para Montevidéo.

Neste porto carregou duas ou tres centenas de armas de guerra, 70.000 tiros e embarcou alguns revolucionarios, que ao todo não passariam de dez, entre elles Dinarte Dornelles, Ernesto Hasslocher, Plotino Soares e outros.

Na tarde do dia 6 de Julho levantou ferro e seguiu rumo do Rio Grande.

Os partidarios da revolução, residentes nesta cidade, que já aguardavam a expedição, porque com antecedencia tinham sido prevenidos por um emissorio (16) mandado pelo dr. Silveira Martins, foram logo avisados pelo telegrapho da partida do vapôr.

Desenvolvendo discretamente toda actividade possivel, trataram de dispôr as cousas de modo a prestar a tão arrojada empreza, no momento opportuno, auxilio efficaz. Neste empenho foi incansavel o cidadão Affonso Nunes; foi o centro de acção; mesmo perigando, a todo momento, nunca lhe faltou energia, coragem e resolução.

Achando-se atracado no caes o vapôr "Italia", que além de outras cargas tinha a bordo 650 mil tiros e 10 caixões de armamento do governo, Affonso Nunes, na noite do dia 7, entra em explicações com o commandante, Antonio Nunes de Campos, cujas boas disposições a favôr da revolução sabia, dá-lhe conhecimento da expedição do "Jupiter", da sua chegada no dia seguinte e combinam espe-

(16) Decio Fabião, que tambem foi encarregado de scientificar-lhes que iam 200 homens de desembarque, que afinal não foram.

ral-o na entrada da barra no vapôr de seu commando.

A responsabilidade de entregar o vapôr aos revolucionarios e com elles fazer causa commum era grande, pelo que accordam fazer constar ter sido tomado por assalto, á noite, apezar da resistencia do commandante, que, com a tripulação, é obrigado a largar as amarras e seguir na madrugada de 8 para a barra.

Na manhã desse dia foi extraordinaria a sorpresa da população quando teve noticia dos successos relativos ao "Italia", logo após confirmados com a certeza de ter entrado com o "Jupiter", que fundeou no ancoradouro do Pontal. Depois de ter mandado tomar conta de todas as embarcações nacionaes fundeadas nesse lugar, (8 rebocadores), o almirante desembarcou, tomou conta do estabelecimento, submettendo-se sem resistencia todo o pessoal da praticagem da barra, inclusive o capitão de mar e guerra Alvarim Costa.

O "Italia" nesse mesmo dia seguiu para S. José do Norte, onde desembarcou um grupo de revolucionarios, que, recebidos com vivas demonstrações de alegria, depõe as autoridades republicanas, substituindo-as por cidadãos do partido federalista.

Algum dinheiro encontrado na Mesa de Rendas, 6 ou 7 contos, foi na mesma occasião arrecadado, tendo sido parte entregue ao almirante e parte ao coronel Laurentino Pinto Filho.

Este intelligente revolucionario em viagem, as

occultas, para Montevidéo, chegou no dia 7 ao Rio Grande. Sciente do que se passava, onde já encontrou tudo preparado pelo infatigavel Affonso Nunes, tomou parte na empreza. Entretanto, na proclamação, que, no dia 8, de bordo do "Italia", publicou, esqueceu-se de dar a iniciativa deste audacioso commettimento ao valoroso Affonso Nunes. Estas circumstancias devem ser sabidas a bem da verdade historica.

A canhoneira "Camocim", cuja machina estava desmontada, é rebocada para a barra, onde a marinhagem aclama o presidente do **Club Naval**.

A officialidade deste vaso de guerra julgando-se desautorada com estas ruidosas manifestações ao almirante, (17) após licença desembarcou.

O coronel commandante da guarnição João Cezar Sampaio e o capitão do porto communicaram immediatamente o occorrido ao governo da União, tomando as providencias mais necessarias á defeza da praça. Igual communicação fizeram ao governo do Estado, depois de concertada a linha telegraphica, cortada na noite de 7 pelos revolucionarios.

Como era natural, o arrôjo desta empreza alarmou os defensores do governo, sobretudo nas tres principaes cidades do Estado, onde logo foram conhecidos os factos.

Depois de ter o "Jupiter" entrado á barra, te-

(17) Almirante Wandenkolk.



legrapharam para Montevidéo noticiando a quéda do Rio Grande em poder do almirante. Perante a magnitude de tal acontecimento, foi publicada, nos principaes jornaes da capital uruguaya, a seguinte proclamação:

“**Camaradas!** Pouco mais de meio seculo nos separa da época memoravel em que navios de nossa esquadra percorriam os mares em conquista da liberdade, não intimidada nem pelo prestigio nem pela força de Portugal, chegando até um punhado de bravos da fragata “Nitheroy”, no Tejo, a affron-tar com os canhões as baterias de S. Julião.

Mais tarde, quando Rosas e Lopes oppri-miam as republicas do Prata e o Paraguay, com os horrores de sua tyrannia, a nossa esquadra correu cheia de entusiasmo libertar estes povos, sem outra esperança que a do cumprimento do dever e satisfação da propria consciencia.

Na época anormal que atravessamos, quando o egoismo, a ambição e má orientação politica têm manietado a nação, e a tyrannia a traz escravizada aos caprichos de um soldado desleal, que desassombradamente saltou sem solução de continuidade de ajudante general do exercito da monarchia para a Republica, procurando manter-se no poder á força de baionetas e sem apoio na opinião publica, violando a lei com apenas o applauso de pequeno circulo de desnaturados brasileiros jacobinos, a Marinha Nacional, ciosa de suas tradições de ordem e de respeito ás leis, sustentaculo da unidade e da soberania nacional, não póde deixar de protestar e de

collocar-se como sempre ao lado do povo, que não cessa de clamar, do Rio Grande ao Amazonas, por todos os órgãos da imprensa, excepto os officiaes, contra o jugo que o opprime e que o avilta perante si mesmo e o mundo civilisado.

E’ chegada o momento de agir com o povo e pelo povo.

No cumprimento desse dever encontrar-me-eis sempre ao vosso lado, prompto a coadjuvar os esforços desse punhado de bravos, desses heróes cheios de abnegação e de civismo que, com armas, se batem ha mezes pela liberdade nos campos do Rio Grande.

Por demais conheceis os factos, a desigualdade da lucta, os horrores, os massacres ordenados pelo marechal Floriano e seu preposto Castilhos.

E’ tempo de agir em soccorro dos irmãos. E’ tempo de se bater este soldado sem escrupulos, que fez da traição profissão de fé; que procura por todos os meios, desde a intriga e a calúnia até ás armas, reduzir á escravidão sob o regimen republicano uma nação que foi sempre mais livre e mais republicana mesmo sob o regimen monarchico.

**Camaradas,** tudo pela Patria, que periga sob este dominio de terror.

Abaixo a tyrannia!

Viva a Republica Brasileira!

Viva o heroico Rio Grande e a marinha brasileira!

*Almirante Wandenkolk.”*

Julgando realmente que o Rio Grande estivesse em poder da revolução, o dr. Silveira Martins telegraphou para Melo dando essa agradável nova aos emigrados ahí residentes, accrescentando ter, conforme esperava, adherido a flotilha. De Melo dão a mesma noticia para Artigas, donde transmittem a Gumerindo no dia em que se approximou de Jaguarão.

Eis porque a 16, quando intimou a rendição desta praça, ainda na ignorancia do fracasso do almirante, deu como facto consummado a tomada do Rio Grande. Entretanto, o afamado marinheiro, segundo o ajustado com o dr. Silveira Martins, anciosamente esperava por Gumerindo.

Passaram-se os dias 8, 9, 10, 11, 12 e nada de Gumerindo!

Durante este tempo o governo desenvolveu a maxima actividade. Fez seguir para o Rio Grande o 32 batalhão e o 1.º da brigada militar.

Seguiram para Pelotas o 31 e 35, prompts a marchar, como as forças civis estacionadas nesta cidade, para a praça ameaçada. Até de Porto Alegre chegaram a Pelotas tropas embarcadas!

Ao terem noticia da entrada do "Jupiter" á barra, os adeptos máis entusiastas da revolução, residentes nos suburbios do Rio Grande, S. José do Norte e Povo Novo, viram nesse acontecimento um prenuncio da victoria e correram a secundal-o. Foi assim que se reuniram talvez cerca de 200 ho-

mens, incluindo os de bordo, os que acamparam na Mangueira e no districto de S. José do Norte.

Emquanto o almirante esteve na barra, nem uma operação de guerra d'importancia foi levada ao cabo e nem mesmo tinha elementos para isso. A "Camocim" trocou dois ou tres tiros com as baterias de terra, tendo sido o "Italia", quasi em frente a S. José do Norte, alcançado por uma granada, que, fazendo explosão, matou um homem e feriu gravemente a dois outros, que foram morrer em terra. Afóra isto, limitou-se a apprehender 7 ou 8 rebocadores; a deter os vapores "Itapuan" e "Rio Grande", que chegavam do Rio; a mandar o intrepido Pereira da Cunha arrebatár o "Aymoré", atracado ao caes; a cortar o cabo submarino que ligava o Pontal á terra e a esperar ancioso por Gumerindo.

Vendo a inutilidade de prolongar por mais tempo sua estadia na barra, na manhã de 13 sae mar em fóra, conduzindo todo o armamento e guarnição da "Camocim" e seguramente imputando com violencia todas as culpas deste desastre ao dr. G. Silveira Martins.

Porque não chegou Gumerindo?

Segundo ficou dito, o referido dr. encarregou-se de mandar avisal-o para atacar por terra a cidade, quando o almirante a atacasse por mar.

Houve, porém, descuido na transmissão deste aviso, porque, ainda a 28 de Junho, interrogado pelo Barão de Santa Tecla se já tinha mandado

pedir ao general Tavares para fazer Gumercindo marchar sobre Rio Grande, de modo que sua chegada coincidissem com a do almirante, respondeu negativamente, allegando não ter a quem mandar!...

Offereceu-lhe, então, Santa Tecla seu filho dr. Joaquim Tavares para desempenhar esta commissão. Seguiu a 29; a 1.º de Julho devia chegar a Melo e a fronteira, onde estava o general Tavares, só a 3. Quando mesmo o piquete, portador do aviso a Gumercindo, sahisse a 4, e tudo corresse bem, só a 6 ou 7 podia encontrar o general revolucionario, que a esse tempo devia achar-se no municipio do Herval, não longe de Jaguarão.

Distante vinte muitas leguas do Rio Grande, tendo a transpôr o caudaloso S. Gonçalo, na melhor das hypotheses, não podia chegar a esta cidade, mesmo á marchas forçadas, antes de 13, dia em que sahiu barra fóra o almirante.

A verdade, porém, foi que Gumercindo não recebeu aviso algum acerca da arriscada empreza do "Jupiter". O piquete encarregado de levar-lhe ordens a respeito, não pode transpôr as linhas inimigas, que cobriam a retaguarda das forças do chefe revolucionario.

Não ha duvida que uma das causas do insuccesso desta temeraria aventura, foi a expedição do aviso a ultima hora.

E' possivel que o astuto Gumercindo não se arriscasse a transpôr, com seus 900 gaúchos, o São

Gonçalo para ir ao Rio Grande, porque em caso de fracassar a tomada dessa praça, seria difficil sahir dessa estreita península com seu exercito intacto.

Em todo caso, para resalva de sua immensa responsabilidade, o dr. Silveira Martins devia ter mandado o aviso a tempo.

No mesmo dia da sahida do "Jupiter" desceu de Santa Izabel a canhoneira "Cananéa", passando em attitude hostil por Pelotas, seguiu directamente para a barra. Segundo a opinião corrente, ia fazer causa commum com o almirante, tal o tom aggressivo com que passou por Pelotas e Rio Grande, de cuja capitania lhe dispararam um tiro, ao qual se quer respondeu. Não encontrando mais o almirante, com acêrto julgou a guarnição improficuo o sacrificio de se tornar rebelde; pondo-se por isso ao lado do governo, tratou de perseguir os revolucionarios que ainda estavam na barra. Com este objectivo dirige-se contra o "Italia", que recebia carvão. O commandante deste vapôr, percebendo que ia ser agredido, largou immediatamente as amarras e tratou de pôr-se a salvo sahindo barra fóra.

A lancha a vapôr "Helena", que tinha recebido a maior parte das munições que estavam no "Italia", tratou tambem de sahir barra fóra, mas como não fosse navio de alto mar, nem tivesse marcha para alcançar o "Italia", de modo que os revolucionarios, que a tripulavam, embarcando neste vapôr encontrassem salvação, foi perseguida, a

tiros, agarrada e presos 37 cidadãos que nella s'encontravam, inclusive o valente e infatigavel Affonso Nunes.

Accusa-se o almirante de ter sahido inesperadamente barra fóra; outros affirmam que escreveu communicando essa resolução aos companheiros de jornada, de modo que em tempo se puzessem á salvo. Cremos nesta ultima versão, não tendo a carta, por qualquer circumstancia, chegado a seu destino.

No dia 16 foi o "Jupiter" aprisionado na barra de Canavieiras, em Santa Catharina, pelo cruzadoi "Republica" e conduzido para o Rio, onde os 48 civis nelle encontrados foram recolhidos em diversas fortalezas. (18)

Depois de pouco mais de um mez de prisão, foram todos postos em liberdade por "habeas-corpus", requerido pelo notavel advogado Ruy Barbosa. Ao almirante Wandenkolk e ao capitão-tenente Huet Bacellar, o Supremo Tribunal Federal negou "habeas-corpus", pelo que estiveram presos durante muito mais tempo.

O "Italia", sahindo barra fóra, demandou o porto de Montevidéo. Chegando em Maldonado, não pode continuar a viagem por falta de carvão. Neste porto desembarcaram 23 revolucionarios, en-

(18) Os unicos que escaparam de bordo, na barra de Canavieiras, foram o coronel Dinarte Dornelles, Plotino Soares e Decio Fabião, que vendo approximar-se o "Republica", embarcaram numa pequena canôa de pescador, atracada junto ao "Jupiter", e seguiram p'ra terra.

tre os quaes o coronel Laurentino Pinto Filho, que seguiram por terra para a capital da Republica.

Após tres ou quatro dias chegou o "Italia" a esta cidade, sendo entregue ás autoridades brasileiras.

Os 37 federalistas que foram presos na chata a vapor "Helena", tiveram sorte mais dura. Alguns, como Affonso Nunes, Valentim Quaresma, Ostilio Lopes e outros, estiveram quasi dois annos reclusos. Os de condições mais humildes fizeram sentar praça.

O sacrificio de vida de quatro ou cinco obscuros cidadãos; a suspeição de outros, que, até então, viviam, relativamente tranquilllos; o desassocego e desamparo de varias familias, cujos chefes foram parar ás cadeias; eis as consequencias immediatas desta mal delineada e ainda peor executada aventura, sobretudo pela falta de auxilio efficaz por terra.

Assim terminou a desastrada expedição do "Jupiter".

Deixamos Gumercindo a 16 de Julho junto aos muros da cidade de Jaguarão.

Não podendo tomar esta praça, que estava bem defendida, levantou acampamento e contramarchou para Arroio Grande. Em caminho para esta villa, tomou na estancia "Bonito" uma cavalhada do governo, depois de ter destroçado o piquete que a guardava.

O valente caudilho contramarchou para nãc.

ficar entre dois fogos, forças dos coroneis Elias Amaro e Manoel Pedroso, que vinham em soccorro de Jaguarão e forças da praça sitiada. No Cerrito encontrou-se com aquelles dois chefes governistas, com os quaes após ligeiro tiroteio, segue avante sua marcha. (19)

A 19 chegou o coronel Elias Amaro a Jaguarão, bem como o 2.º regimento, que tinha pedido de protecção. A 24, quando Gumercindo já andava pelas alturas do Herval, Pedroso e Elias Amaro seguiram com a intenção de batel-o, mas, allegando falta de cavallos, acamparam a quatro leguas da cidade e ahí se conservaram por alguns dias.

Ainda no Herval se lhe incorporou o general Tavares com cento e poucos homens, acompanhando-o até Pirahy. O destemido guerrilheiro, depois de ter desempenhado brilhantemente a missão de sustentar a revolução durante os mezes de Junho e Julho, emquanto os revolucionarios emigrados se refaziam de roupas, armas e munições, officiou ao general Salgado, que por este tempo já tinha de novo transposto a fronteira, passando-lhe o commando.

Tendo emigrado durante alguns dias por doente, voltou logo a assumir o commando de sua divisão, já reunida á do general Salgado.

Historiemos agora as operações de guerra levadas ao cabo pelas forças reunidas desses dois chefes revolucionarios.

(19) Cerrito a 7 leguas de Jaguarão.

#### CAPITULO IV

Operações das forças dos generaes Gumercindo e Salgado desde que fizeram junção até transporem o rio Pelotas, divisa entre os Estados do Rio-Grande e Santa Catharina.

SUMMARIO: — Volta do general Salgado para a revolução; marcha para D. Pedrito; junção com o general Gumercindo; marcha em direcção a Lavras; occupação desta villa, de S. Sepé, Capava e Encruzilhada; batalha do Serro do Ouro; parte official; marcha do exercito revolucionario em direcção a Alegrete para não ser envolvido pela divisão do norte, guarnição de S. Gabriel e columna do general Bacellar; marcha em direcção ao Ibicuy; passagem deste rio; forças de Salgado cortadas pela divisão do norte; tomada de Itaquy; neutralidade da flotilha; os revolucionarios em caminho da Cruz-Alta; occupação desta cidade e da do Passo Fundo; resistencia e derrota de Cháchá Pereira; tiroteios entre a retaguarda dos federalistas e a vanguarda dos republicanos; passagem pelas villas de Lagóa Vermelha, Vaccaria e povinho de Bom Jesus; chegada ao passo do Inferno, no rio Pelotas; passagem deste rio para Santa Catharina no passo do Cadeia.

O general Salgado, conforme dissemos, emigrou a 29 de Maio.

A 17 de Julho, depois de terem seus commandados recebido algumas roupas, invadiu o territorio rio-grandense, acampando nos tradicionaes campos de Ponche Verde. Esta força, além de mal montada, dispunha de poucas armas e munições; o numero não excedia de 180, não contando mais de 60 a 70 tiros por arma.

A 25, no intuito de evitar o ataque das columnas dos generaes Bacellar e Izidoro, a daquella acampada não longe de Bagé e a deste estacionada em Santanna, cada uma com, mais ou menos, 1.000 homens, quasi todos de linha, levantou acampamento, e com a intenção de operar no interior do Estado, marchou com rumo a D. Pedrito. <sup>(20)</sup>

A 3 de Agosto, no passo de Santa Maria, perto daquella villa, fez junção com as forças de Gumercindo, perfazendo um total de 1.600 a 1.700 homens.

A satisfação produzida por este acontecimento facilmente se imagina.

A ninguem, por certo, neste momento de ephemera alegria, passou pela ideia que, d'ora avante,

(20) O dr. Antonio Augusto de Carvalho, ex-chefe d'estado maior de Salgado, em seus *Apontamentos sobre a revolução do Rio Grande do Sul*, afirma ter esse general dado sciencia desta resolução a Tavares, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que ordenasse a Rafael Cabeda prestar-lhe um contingente de suas forças, (divisão de Santanna), cuja incorporação aguardaria no municipio de Caçapava ou Encruzilhada.

Não corroboramos nem tão pouco negamos esta affirmacão, sendo, entretanto, certo que qualquer que fosse o contingente prestado por Cabeda, cuja força ainda estava em organisacão, não podia ser grande, de modo a influir efficazmente no resultado das operações encetadas, a ponto de, talvez, como diz o dr. Carvalho, ter mudado a sorte dessa heroica expedicão revolucionaria.

maior seriam os trabalhos e soffrimentos desses abnegados defensores da liberdade da terra natal.

Reunidas as duas columnas revolucionarias, sob o commando em chefe do general Salgado, marcharam em direcção a Lavras, guardando uma da outra distancia nunca menor de legua.

Uma pequena força ao mando do coronel Zeferino Brasil occupou essa villa, que, por segunda vez, sem resistencia, caiu em poder dos revolucionarios.

A 10, marchou contra Caçapava o coronel Ignacio Cortez e Estacio Azambuja e Cizerio Saraiva contra Encruzilhada. Além dessas duas forças desprendidas ao mando dos referidos officiaes, seguiram tambem para o municipio da Cachoeira os tenentes-coroneis Gaspar Barreto e Franklin Cunha, cujo objectivo principal era damnificarem a estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana, afim de obstar o transito. Passando por S. Sepé, F. Cunha occupou esta villa, seguindo G. Barreto no cumprimento da diligencia mirada, que não pode levar a effeito por achar-se aquella via de communicacão fortemente guarnecida.

Caçapava foi tomada, sem resistencia, a 12 de Agosto, sendo parte da guarnição, 32 homens d'infantaria de tropa de linha, aprisionada, em caminho para Cachoeira, pelo coronel G. Barreto, que tomando-lhe armas e munições, mandou em paz seguir seu destino.

Encruzilhada tambem foi tomada, morrendo

por essa occasião os capitães legalistas Alexandrino de Vasconcellos e Fuão Lacerda, quando batiam em retirada, visto ter a guarnição, ao se approximarem os revolucionarios, dispersado. Em consequencia destes successos morreu o tenente-coronel republicano Antonio Bonifacio Nunes.

Gumercindo deu ao general Tavares conta de todos estes feitos na seguinte parte:

“No dia 3 de Agosto fiz junção com o exercito de Salgado em Santa Maria e a vista do mau estado de nossas cavahadas, resolvemos marchar juntos, guardando entre nossos flancos distancia de uma a tres leguas, de modo a dilatarmos a zona onde pudesse mos reunir cavallos. A 17, de Taboleiro, destaquei uma partida que sem resistencia occupou Lavras. A 10, destaquei duas columnas, uma para Caçapava e outra para Encruzilhada. A guarnição de Caçapava abandonou a cidade ao approximar-se a columna no dia 12; o destacamento d’infantaria de linha, forte de 32 homens, bem armados e bem municados e que fazia parte da guarnição, foi aprisionado sem offerecer resistencia, seis leguas além da cidade, no caminho da Cachoeira. No dia 17 foi occupada Encruzilhada, caindo em nosso poder tres prisioneiros, entre os quaes o coronel Porto, commandante superior da guarda nacional, muito armamento e munições.

Temos arrebanhado seis mil cavallos, estando hoje o 1.º e 2.º corpo muito bem montados. Temos descobertas em todas as dire-

ções e aguardamos o resultado dellas para operar. Irapuá, 18 de Agosto de 1893. — *Gumercindo Saraiva.*” (21)

Durante estas diligencias o grosso do exercito esteve acampado, pondo-se em marcha depois de concluidas.

A 26 de Agosto foi visto no lugar denominado “Serro do Ouro”, a 5 leguas de S. Gabriel, uma columna inimiga de 1.000 a 1.200 homens, sob o commando em chefe do coronel Portugal. Faziam parte della o dr. Fernando Abbott e os coroneis Marinho e Fernandes Barbosa, commandantes de brigadas.

Esta força confiava na protecção da guarnição de S. Gabriel, composta das tres armas. Contava, além disso, com a junção, a todo momento, da divisão commandada pelo general Bacellar, que depois d’estar mais de um mez acampada no Pirafizinho, perto de Bagé, movimentou-se com aquelle fim.

Desde 26 a vanguarda de Gumercindo tiroteou esta columna governista, que occupava excellente posição. Tomadas as providencias para o ataque no dia seguinte, travou-se de facto batalha, sendo completamente desbaratada a força do governo em pouco mais de uma hora.

(21) Por este documento se vê que apesar de Gumercindo reconhecer o general Salgado como commandante em chefe, não era, todavia, esse reconhecimento absoluto, pois arrogava-se funcções que competiam áquelle chefe. Fosse como fosse, seus feitos, intelligencia strategica, valôr, coragem e prestigio perante os commandantes e opinião do paiz sagravam-no chefe, ainda quando, elle mesmo, quizesse investir desta autoridade outro cidadão.

Melhor do que nós o poderíamos fazer, descreve esta refréga, a parte official que, deste importante feito d'armas, deu Gumerindo ao general em chefe, nos seguintes termos:

“Quartel do commando em chefe do 1.º corpo de exercito, acampamento em marcha, 28 de Agosto de 1893.

Exm.º Snr. — Assinalada a presença do inimigo, verificada a posição que occupava e calculada a sua força em cerca de 1.200 homens, por minha vanguarda que com elle tiroteava durante o dia 26, passei com approvação de V. Ex.ª, as 5 horas da manhã do dia 27, o arroio do Salso, em uma picada que mandei abrir na vespera, e as 7 ½ horas da manhã tomei contacto com o inimigo, cujas forças occuparam o dorso da Serra de Seraphim Caetano, junto ao Serro do Ouro, estrada de S. Gabriel.

As forças sob meu commando occuparam em frente ao inimigo uma linha de colinas, que, comquanto dominadas pelo fogo delle, apresentavam a grande vantagem de permittir que se batessem os contrafortes e grotas, que partem desse Serro em direcção perpendicular a essa linha, e os quaes previ seriam occupados pelo inimigo quando avancasse.

Meu flanco direito era protegido por uma profunda e invadeavel canhada que desagúa no arroio do Salso, junto ao Passo Real, que uma columna inimiga defendia para impedir, como impediu, que V. Ex.ª por elle me mandasse auxilio e protecção.

A' hora supra mencionada cahiu denso nevoeiro, que occultou-me o inimigo, cuja presença era só indicada pelas continuas e cerradas descargas que sem resultado fazia.

Aproveitando-me do nevoeiro, dispuz minhas forças na seguinte ordem, que me permittia envolver o inimigo:

Centro — Brigada do coronel Apparicio Saraiva, composta de duas companhias de infantaria, sob o commando do major Antonio Nunes Garcia; de dois corpos de cavallaria commandados pelos tenentes-coroneis Augusto Xavier do Amaral e Julio Varella; o meu piquete commandado pelo tenente-coronel Pedro Sancho, dois corpos de cavallaria ao mando dos coroneis Vasco Martins e Fontoura Riquinho.

Direita — Dois corpos e um esquadrão de cavallaria ao mando dos coroneis Estacio Azambuja, Carlos Chagas e Carlos Nogueira da Gama, um corpo de cavallaria do 2.º corpo ao mando do tenente-côronel Izidoro Dias Lopes.

Esquerda — As brigadas do general Guerreiro Victoria e Torquato Antonio Severo.

A figura que affectavam nossas linhas era quasi a de um angulo obtuso, com a abertura virada para o inimigo e cujo vertice era occupado pela brigada de Apparicio Saraiva.

As 8 ½ horas, dissipado o nevoeiro, a infantaria e todos os atiradores das brigadas e corpos, abriram nutrido fogo sobre o inimigo, que, aproveitando-se do nevoeiro, occupara os contrafortes e grotas acima descritos.



Durante meia hora, e sem resultado apreciavel continuou o fogo.

Dispondo apenas de 300 atiradores e de 12.000 cartuchos, como V. Ex.<sup>a</sup> não ignora, sentindo que seria forçado a retirar-me acabada a munição, tentei, apesar das difficuldades do terreno ás manobras de cavallaria, um esforço supremo; fazendo cessar o fogo dos atiradores, ordenei uma carga simultanea de lanceiros sobre os flancos e contra o inimigo; com tal arrojio e valôr foi ella executada que o inimigo abandonou as fortes posições que occupava e retirou-se sobre a estrada, onde debandou, após uma segunda carga, sendo perseguido até tres leguas além do campo de combate pela brigada do coronel Apparcio Saraiva e pelos corpos dos coroneis Vasco Martins e Estacio Azambuja.

Foram arrecadados no campo de combate os seguintes objectos:

4 estandartes, 221 comblains, 5 Spencer, 3 Remingtons, 1 Mauser, 124.250 cartuchos comblains, 149 barracas, 193 ponchos, 45 espadas, 39 lanças e 3 carretas, das quaes uma com 223 peças de roupa e viveres, 7 carroças, innumerous cargueiros, arreios, etc., etc.

Calculo as perdas do inimigo em cerca de 300 homens, pois só no campo de combate propriamente dito foram contados 127 cadaveres. A estrada por onde retirou-se o inimigo ficou também juncada de mortos.

Foram aprisionados do inimigo um alferes e 56 praças, das quaes sete feridas.

Entre os numerosos documentos arrecadados no campo do combate figura uma ordem do dia do coronel Portugal, dando a or-

ganisação da divisão contra a qual bati-me, e que era composta de dez corpos.

O 1.<sup>o</sup> corpo d'exercito soffreu 45 baixas: 12 mortos e 33 feridos.

Entre os mortos encontram-se os valentes tenente-coronel Pedro Diogo da Silva, capitães Annibal Antunes Maciel Sobrinho, Manoel Gomes Jardim e Fortunato Silva; os tenentes B. Reikest e Boaventura da Costa, bravo rio-grandense que contava apenas 17 annos de idade.

Pedro Diogo, pela elevação de seu character, pelo tino militar; pela bravura de que deu sempre prova em todos os combates que o Exercito Libertador tem travado desde o inicio da revolução, tinha-se imposto á estima e respeito de todos os seus camaradas. Interpretando fielmente os sentimentos de meus commandados, solicito a valiosa protecção de V. Ex.<sup>a</sup> e da junta revolucionaria para a numerosa familia, hoje pobre, desamparada, do nosso heroico irmão.

Entre os feridos gravemente contam-se os valentes coronel Carlos Chagas, tenente-coronel Julio Varella, capitão Alberto Amaro da Silveira e tenente Carlos Noé. O meu ajudante de ordens major Pedro Amaral foi ferido levemente.

Concluindo, affirmo-vos que o 1.<sup>o</sup> corpo d'exercito, bem como o corpo de cavallaria do 2.<sup>o</sup> corpo de exercito, ao mando do tenente-coronel Izidoro Dias Lopes, mostraram-se por seu valôr dignos da causa que defendemos, e asseguro-vos que a alegria pela victoria que conquistamos é rudemente contrabalançada em meu coração, pela pro-

funda dôr que nelle desperta a perda de tantos e tão bravos irmãos, amigos e adversarios.

Saúde e fraternidade. Exm.º Snr. general Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, M. D. commandante em chefe das forças revolucionarias. — *Gumercindo Saraiva.*”

O general Salgado concorreu de modo efficaz para esta brilhante victoria, distrahindo d'acção a força commandada pelo coronel Marinho, que se occupou em defender o passo do arroio, cuja tomada em vão tentou o general. Passando por outro ponto, quando já a força do governo fugia em derrota, perseguiu tenazmente os fugitivos até cerca de S. Gabriel. Neste sangrento encontro o governo perdeu alguns officiaes superiores, entre os quaes o coronel Fernandes Barbosa, tio do dr. Fernando Abbott, que graças a bondade do cavallo, foi um dos que mais na frente correu.

O coronel Marinho caiu prisioneiro do general Salgado, assim como mais alguns de seus companheiros d'armas.

No dia seguinte a esta victoria, Gumercindo dirigiu a seus commandados esta patriotica proclamação:

“Commando em chefe do 1.º Corpo do Exercito Libertador, acampamento em marcha, 28 de Agosto de 1893.

Camaradas!

Congratulo-me convosco pelo memoravel triumpho que hontem alcançastes no

Serro do Ouro sobre o inimigo da paz e do socego da familia rio-grandense.

Fortalecidos pela convicção de que luctaes por vossos lares de que fostes expulsos; por vossos bens de que fostes esbulhados; por vossa liberdade de que fostes privados por um governo iniquo e tyranno, que enche de luto e de dôr vossa querida patria; pelejastes como heroes, sem medir a superioridade das armas do inimigo e na historia do Rio Grande e da America escrevestes, com a ponta de vossas lanças, uma pagina brilhante que encerra uma licção para os despotas e um exemplo do que pôde o esforço civico quando applicado á reivindicação dos sagrados direitos do homem.

Qualquer que sejam os acontecimentos em que tenha de figurar, por effeito desta guerra fratricida, que todos lamentamos, asseguro-vos que a maior gloria de minha vida será a de ter guiado essa tremenda carga de lanceiros, que nos deu a victoria que ha de ter feito estremecer de orgulho em seus tumulos os nossos valentes antepassados.

Batestes-vos quasi sem armas e munições contra um inimigo poderosamente armado. Foi a rigor de bravura que conquistastes para a revolução as armas que as vossas valentes mãos hoje impunham e as munições que enchem o nosso parque.

Desde o illustre veterano de nossas guerras, o general Guerreiro, até o mais novel soldado de nossas fileiras, todos vos portastes, no memoravel dia 27 de Agosto de modo

a merecer o respeito e a gratidão dos amigos da liberdade.

Viva a Republica!

Viva o Rio Grande do Sul!

Viva o exercito libertador!

*Gumercindo Saraiva."*

Parece que a intenção do general Salgado, após esta batalha, era atacar a cidade de S. Gabriel, onde havia, na propria guarnição, extremados partidarios. A approximação, porém, da columna de Bacellar, que a 28 acampou a pouca distancia da retaguarda dos revolucionarios, fel-o desistir desse plano. Além disso tambem já não estavam muito longe as avançadas das forças dos generaes Lima e Pinheiro Machado, forte de 3.000 homens, bem armados e municidados.

Levantando acampamento, em fins de Junho, das circumvisinhanças de S. Gabriel, marcharam Pinheiro e Lima para Umbú e Santa Maria, donde depois de se organisarem convenientemente, puzeram-se em movimento. Afim de não ser envolvido por esta força e a guarnição de S. Gabriel, ao mando de Diniz Santiago, o exercito revolucionario marchou em direcção a Alegrete. Já então perseguido de perto pela divisão do general Lima, que tomou o nome de divisão do norte, seguiu caminho de Ibicuy. Como não fosse facil transpôr este rio caudaloso, para diminuir o peso do exercito, Gu-

mercindo foi atravessal-o no passo do Silvestre e Salgado mais acima, no de Mariano Pinto.

Em caminho para este passo incorporaram-se-lhe os coroneis José Serafim de Castilhos, Gaspar Barreto, Timotheo Paim e Izidoro Dias Lopes, que a frente de 300 homens tinham seguido em diligencia pelos municipios de Alegrete e Quarahy.

A 20 de Setembro intimaram a rendição da villa deste nome. Esta intimação não passou de bravata, porque desattendida, como foi, não tinham elementos para tomal-a pela força. Proporcionou, entretanto, optima occasião para o commandante dessa praça alardear ardôr bellico, desafiando aos revolucionarios que fossem, porque com seus 800 bravos fariam como os das Thermopilas.

Oito dias depois era esse chefe, com parte de seus 800 bravos, prisioneiro pelos 700 homens de Rafael Cabeda!...

Gumercindo passou, sem ser incommodado, o grande rio arenoso no porto indicado; Salgado, porém, fel-o apressadamente, tanto que a ultima barcada já passou debaixo de fogo. Por esse motivo teve que abandonar grande parte da cavallada, a que estava em peor estado, ao inimigo que lhe vinha no encalço.

Os generaes Lima e Pinheiro Machado dando sciencia deste successo ao governo do Estado, como de costume, exaggeraram suas vantagens.

Por esta occasião, em consequencia da tenaz perseguição inimiga, ficaram cortados alguns che-

fes do 2.º corpo revolucionario, entre os quaes os coroneis Manoel Machado, Ismael Soares e tenente-coronel Aquino. A gente do coronel Ignacio Cortez, que tambem ficou cortada, passando por S. Thiago do Boqueirão, occupou sem resistencia esta villa, incorporando-se ao depois ao grosso das forças.

O valoroso Manoel Machado, veterano das pugnas de 35, voltando da diligencia de que fôra incumbido, esbarrou com as forças inimigas, ás quaes tiroteou, retirando-se em seguida para seu principal campo de acção — a serra do Caverá. O coronel Ismael Soares o acompanhou.

Gumercindo, depois de transpôr o Ibicuy, fez marchar sobre a cidade de Itaquy uma força de 300 a 400 homens, sob o mando dos coroneis Apparicio Saraiva e Torquato Severo.

Atacada, impetuosamente, na madrugada de 26, a guarnição da cidade, composta de tres corpos de patriotas ao mando do coronel Felipe Aguiar, foi successivamente cedendo terreno: em primeiro lugar do terraplano da estrada de ferro, depois das taipas e cercas da chacara de Constantino Verduleiro, em seguida da ponte da rua do Barão de S. Marcos e por ultimo da planicie entre o arroio Cambay e os galpões da officina do arsenal de marinha, onde foi desfeita sua ultima linha.

Batida por toda a parte e já os soldados em debandada, correram á abrigar-se no estabelecimento da flotilha, onde já estavam o coronel Aguiar, os tenentes-coroneis Belisario Moreira, Tristão

Barbosa, dr. Aureliano Barbosa e outros chefes governistas.

Durante a acção a flotilha conservou-se completamente neutra, limitou-se apenas a proteger os vencidos.

O levante da esquadra, a 6 de Setembro, capitaneado pelo almirante Custodio de Mello, influiu, seguramente, para essa attitude, que desgostou o governo, tanto que exonerou, pouco depois, o chefe da flotilha.

Esta victoria custou aos revolucionarios de 12 a 15 mortos e outros tantos feridos, tendo as forças legaes igual ou maior numero de homens fóra de combate. Os trophéos de guerra tomados foram muito exagerados, sendo certo, entretanto, que trinta mil tiros, algumas armas, vestuario e centos de cavallos cahiram em poder dos vencedores. (22)

Transposto o Ibicuy no passo do Mariano Pinto pelas forças do general Salgado a 24 ou 25 de Setembro, chegou, pouco depois, á margem esquerda, a divisão dos generaes Lima e Pinheiro Machado, que marchava a retaguarda dos revolucionarios, perseguindo-os de perto.

Açampando cerca de uma legua do passo, deixou-o guardado por uma força de 60 homens ao

(22) Com a tomada de Itaquy e noticia da vinda de Gumercindo sobre S. Borja, a força de 300 a 400 homens que guarnecia esta cidade, a 15 leguas daquella, sob o commando do coronel Apparicio Mariense, retirou-se precipitadamente para os lados do rio Camaquã, pela estrada que vae para S. Luiz, deixando até, no primeiro momento, grande parte da munição no meio da praça!

mando do intemerato tenente-coronel José Pacheco Rezende de Mello. Tornava-se, pois, difficil a passagem da divisão do norte e mais difficil ainda se os federalistas em lugar de atarem a barca á margem direita, puzessem-na á pique. O empenho dos legalistas era apossarem-se da barca, porque d'outro modo os 60 homens atacariam todos quantos tentassem passar a nado.

Dentre os revolucionarios um houve que se lembrou de cortar o cabo que prendia á terra a barca, afim d'ir aguas abaixo. Correndo os maiores perigos, porque o inimigo varria á metralha e fuzilaria as despidas barrancas da margem direita, consummou seu intento.

Pouco depois de começar a tosca embarcação ir aguas abaixo, ficou presa a um ilhote. Dois eximios nadadores das forças do governo, desses heroes anonymos cujos nomes só figuram sob o colectivo — soldados, — a despeito do fogo terrivel dos revolucionarios, conseguiram chegar a nado onde estava a barca e leval-a para a margem esquerda.

Durante quasi dois dias as forças legaes tentaram inutilmente tomar a barca e mais tempo levariam se não fosse cortada a amarra.

Senhores della e de um pequeno lanchão que, casualmente, descia o rio, encetaram a passagem.

A pequena força revolucionaria foi forçada a retirar-se, mas prestou assinalado serviço, por-

que obstando dois dias o passo a divisão legal, deu tempo ás forças de Gumercindo tomarem Itaquy.

O general Salgado seguiu rumo da fazenda conhecida sob o nome de — Tres Figueiras, — distante do passo de Mariano Pinto cinco leguas e onde, consta, ter Gumercindo querido offerecer batalha, por se prestar o terreno a manobras d'arma de cavallaria, sendo, porém desviado desse proposito por Salgado.

Pouco antes de s'incorporarem o 1.º e 2.º corpo de exercito federalista, que então deviam orçar por 3.000 combatentes, Salgado, escoltado por poucos homens, seguiu para Itaquy a chamado de Gumercindo, onde não só conferenciou com este general, mas igualmente com o chefe da flotilha. Depois de finda a conferencia, reunida toda a força revolucionaria, tomou caminho da cidade da Cruz-Alta. A divisão do norte a perseguia de perto, recebendo um reforço de mais de 1.000 cavallos, que lhe mandou o coronel A. Mariense, quando passou pelo municipio de S. Borja. Eram frequentes os tiros entre a retaguarda e a vanguarda dos belligerantes, mas parece que os perseguidores não contando com a certeza da victoria, não faziam muito empenho em travar batalha, porque não é verosimil que em dois mezes de marcha, sempre proximos um do outro, os legalistas nunca pudessem alcançar os revolucionarios!

E' possivel que tivessem o plano de ataca-los, seriamente, logo que a divisão do general Arthur

Oscar, chamada do centro, com 1.000 homens, mais ou menos, das tres armas, que partiu de Porto Alegre em Outubro, sahisse pela frente ou flanco dos federalistas. Se, porém, houve tal plano, foi frustrado, porque Arthur Oscar só chegou a villa das Torres em 1.º de Novembro, tendo o exercito revolucionario transposto o rio Pelotas, divisa entre o Estado e Santa Catharina, a 2 do mesmo mez, havendo, portanto, de permeio entre as duas forças de 35 a 40 leguas.

Estas duas columnas inimigas, por onde passavam, arrebanhavam quantos animaes cavallares podiam; espalhavam o terrôr entre os adversarios, excedendo-se a miudo na pratica de attentados deshumanos. Houve cidadãos que pagaram com a vida o crime de serem amigos do governo, outros partidarios da revolução.

Quando essas forças se approximavam, os homens fugiam p'ra os mattos; as casas só ficavam habitadas por velhos e mulheres, que protegidas pela fragilidade do sexo, nem sempre respeitada, recebiam aterrorisadas os bandos armados, que, por toda a parte, talavam os campos.

Em principios de Outubro, abandonada pela guarnição, que se retirou para Soledade, Cruz-Alta cahiu em poder dos revolucionarios, tendo a mesma sorte, cinco ou seis dias depois, a cidade do Passo-Fundo, cujos defensores foram reunir-se ás forças do tenente-coronel Cháchá Pereira.

Depois de descansar dia e meio nos suburbios

desta cidade, marchou o exercito rebelde a rumo da Lagôa Vermelha. Nos mattos Castelhana e Portuguez, depois de tomar excellentes posições, tentou Cháchá, a frente de 500 a 600 homens, embar-lhe o passo, afim de que a divisão do norte, que o perseguia de perto, pudesse alcançal-o. Atacado vigorosamente por Serafim de Castilhos, Tico Dêdê e Gaspar Barreto, resistiu até á noite, durante a qual retirou-se um tanto em desordem.

Os atacantes tiveram alguns homens fóra de combate. A força legal, segundo a parte official, perdeu 5 ou 6 homens mortos e outros tantos feridos. Além desse prejuizo perdeu carroças, carretas, cargueiros e até objectos da bagagem do commandante. O proprio Cháchá Pereira, famoso pela dureza d'alma, confessa a derrota, dizendo que "cedeu com repugnancia o terreno e que o inimigo não ousou perseguil-o, apesar de montados em ageis corceis, depois de quatro leguas"!!

Continuando a marcha, a 18 de Outubro, no matto Portuguez, houve forte tiroteio entre a vanguarda da divisão legal, commandada pelo valente mas deshumano coronel Salvador Pinheiro Machado e a retaguarda do exercito revolucionario, tendo a frente o experimentado cabo de guerra Guerreiro Victoria.

O truanesco chefe legal, na parte deste encontro, avultou sua importancia, não passando em verdade de forte guerrilha, onde pereceram de parte a parte alguns soldados.

Sempre a caminho para frente, passou por Lagôa Vermelha e dias depois pela villa da Vaccaria, povinho de Bom Jesus, onde o tenente-coronel Izidoro Dias Lopes, que fazia a retaguarda, bateu-se com vantagem com a vanguarda das forças legaes.

Na Vaccaria, uma escolta das forças legaes commetteu o iniquo e barbaro assassinato do dr. Benedicto Marques da Silva Acauan. Tinha convicções federalistas, mas nunca tomou armas, sendo até um elemento de ordem na villa.

Preso em sua casa, a boca da noite, por ordem do general Pinheiro Machado, segundo disse a escolta que o prendeu, depois de arrancarem-no violentamente dos braços de uma filha menor, o conduziram atado até um capão a poucas leguas da villa, onde atrozmente o degollaram.

Fosse ou não verdade a prisão a ordem do general Pinheiro Machado, o que é certo é que o senador, comquanto tivesse sido hospede do genro do inditoso cidadão, o sr. Antonio Leão da Costa Ferreira, nenhuma providencia tomou para punir o mandante deste cobarde assassinato!

Assim tambem foi com o infeliz Pianelli, na vespera ou dia da morte, ainda seu companheiro de refeição. Atirou a responsabilidade de seu degollamento ao coronel Pantaleão Telles, mas encampou esse acto de cruel selvageria sem protesto que o justificasse.

A sêde de sangue adversario parecia desvairar

essas almas de pedra, esquecidos de que a justiça dos injustos é a pena de Talião.

Pouco mais de um anno depois, ainda neste municipio, em Janeiro de 1895, foi assassinado o importante fazendeiro Pacifico de Camargo Mello por um piquete ao mando do capitão Manoel Fabricio. Degollou o infortunado cidadão um dos soldados do piquete.

Da villa da Lagôa Vermelha, em data de 17 de Outubro, o general Salgado officiou ao governo de Santa Catharina pedindo noticias veridicas de todas as occorrencias e sabendo se havia necessidade da entrada de suas forças nesse Estado com o fim de apressar a victoria da revolução.

No dia 1.º de Novembro o exercito acampou junto ao passo do Inferno, no rio Pelotas, em campos da fazenda de Ignacio Velho, no 3.º districto do municipio da Vaccaria.

Neste ponto o general Salgado opinou que se devia esperar a divisão dos generaes Lima e Pinheiro Machado e offerecer batalha. Gumercindo, consultado a respeito, discordou, bem como todos os officiaes de seu corpo, excepto seu irmão, Apparicio Saraiva. Os officiaes do 2.º corpo, em maioria, esposaram tambem a opinião de Gumercindo. Entendiam que a batalha devia ser dada quando o exercito estava melhor montado e mais provido de munições; que não estando agora nessas condições, era arriscar-se a uma provavel derrota, maxime sendo as forças do governo supe-

riores em numero, dispondo das tres armas, de mais munições e de forte contingente de tropa regular.

Não tendo prevalecido a opinião de Salgado, o exercito transpôz, no dia 2, no passo da Cadeia, o rio Pelotas, pisando em terras de Santa Catharina.

Esta longa marcha, de mais de 200 leguas, e a invasão dos Estados de Santa Catharina e Paraná seria resultado de um plano preconcebido?

Parece-nos que não.

E' verdade que Salgado, por mais de uma vez, manifestou o desejo de levar a revolução á região serrana, generalizando-a em todo o Estado. Para isso, porém, não havia necessidade de marchar a frente de cerca de 3.000 revolucionarios, não só porque os poria em sérias difficuldades para obterem armas, munições e outros artigos indispensaveis a uma força armada, mas tambem porque a região serrana já estava em revolução. Estas razões deviam influir no animo do valente soldado para não seguir só com esse intuito a frente de tão forte columna.

Parecia tambem não ter o objectivo de invadir o Estado de Santa Catharina e ainda menos o do Paraná, porque, quando encetou essa marcha, nenhum desses Estados estava convulsionado.

Em face do exposto, logicamente se é forçado a concluir que o exercito revolucionario fez esta grande marcha e invadiu o Estado visinho, tocado pelas forças legaes, isto é, a divisão do norte, commandada pelos generaes Lima e Pinheiro

Machado (senador) e divisão do centro, commandada pelo general Arthur Oscar, que cooperou para este resultado, ameaçando atacal-o pela frente ou flanco direito nos campos da Vaccaria.

Deixemos por emquanto o exercito revolucionario á margem direita do rio Pelotas, em terras do Estado de Santa Catharina, e historiemos outros successos relativos a revolução durante a segunda metade do anno de 1893.



## CAPITULO V

### Operações da chamada divisão de Santanna

SUMMARIO: — Actividade de Rafael Cabeda; compra de 1.000 remingtons por Gaspar Martins; tiroteios entre forças de Cabeda e do governo; chegada do coronel Firmino de Paula a Santanna; uma vingança cruel deste chefe; sua retirada; marcha da divisão de Santanna a rumo de Quarahy; ataque e tomada desta praça; conflagração geral do Estado; marcha de Cabeda para Bagé, afim de fazer junção com Tavares.

Rafael Cabeda, como algures dissemos, era a alma da revolução neste município.

Moço, intelligente, dotado de grande actividade, federalista convicto, não desanimou diante a emigração da maior parte do exercito revolucionario nos mezes de Maio e Junho. Sua influencia já não se circumscrevia nos estreitos limites do município onde nasceu: seu nome era sympathico a todos os revolucionarios e até na propria Republica Oriental, na fronteira, era bem visto.

Na proporção dos recursos que dispunha e va-

lendo-se de suas relações neste paiz, tratou de congregar os elementos dispersos, acudindo, sollicitamente, aos mais necessitados com roupas, subsistencia, commodidades, armas e utensilios necessarios á montaria.

Dispondo de amistasas relações do dr. Gaspar



*Coronel Raphael Cabeda*

Martins, que o tinha em alta estima e consideração, obteve alguns recursos com que pode remediar, em parte, as necessidades da força que, com empenho, tratava de organizar para de novo invadir o Estado. Ora em Montevideo, ora em Buenos Aires, já na Rivera, em Melo, Santo Eugenio, corria

a todos os pontos, e superior aos obstaculos e contrariedades, que surgiam a cada passo, parecia em seu elemento nessa vida de riscos e aventuras, tendo sempre para os amigos physionomia alegre e expansiva.

Em Junho ou Julho deste anno o dr. Gaspar Martins comprou em Montevideo 1.000 "remingtons", figurando como um dos principaes interessados nesta venda um irmão do então presidente da Republica. Vendidas com a condição de serem postas na estação das "Tranqueiras", departamento da Rivera, foram, entretanto, apprehendidas pelos agentes do governo no passo dos Touros.

Para, illudindo a vigilancia dos guardas, tiral-as do lugar onde estavam depositadas, foi preciso o emprego de novos ardis, novas despezas, passar-se, emfim, por novas apprehensões e perigos.

O bom exito dessa empreza ainda muito dependeu de Cabeda. Afinal foram postas 450 no lugar convencionado, e assim elle, que já por vezes tinha trazido soffrivel quantidade de munições, poudo armar regularmente sua força.

Esta columna, a que mais armamento recebeu do chefe civil da revolução e da qual faziam parte os valentes coroneis Manoel Machado, Ulysses Reverbél, Bento Xavier e tenentes-coroneis Francisco Cabeda, Sebastião Coelho, David Silva e outros, sempre operou na fronteira do sul, nunca passou da barra do Quarahy, nem das pontas do rio Negro.

Durante o tempo gasto por Cabeda na organi-

sação desta força, acampada na linha divisória, ora no Brasil, ora na Republica Oriental, conforme as difficuldades de momento, haviam constantes guerrilhas na coxilha Negra, Galpões, marco do Lopes e noutros pontos da fronteira, convertendo-se algumas em verdadeiros combates. Bento Xavier, Ribeiro, Fidelis, Chiquinote e tantos outros salientaram-se nesses frequentes tiroteios. Um dos mais importantes teve lugar a 19 de Julho, em que uma regular força do governo, de 150 a 200 homens, ao mando de João Francisco, atacada por um forte contingente federalista, retirou-se precipitadamente, com perda de algumas praças e entrincheirou-se na mangueira da casa do pae de seu commandante, onde foi soccorrida no dia seguinte por uma força de infantaria e cavallaria, vinda de Santanna.

Pouco depois de meados de Julho chegou a esta cidade o coronel governista Firmino de Paula, a frente de 700 a 800 homens, ficando a guarnição desta praça com perto de 2.000 homens. Em caminho surpreendeu um grupo de federalistas ao mando do capitão Theodoro Gularte, dos quaes morreram quatro ou cinco, conseguindo o resto emigrar para o Estado Oriental.

Apezar da forte guarnição estacionada em Santanna, onde, o commandante, general Izidoro Fernandes de Oliveira, commettia desatinos e crueldades, mandando matar proprios companheiros d'armas, os federalistas continuavam suas algaras

pela fronteira, chegando muitas vezes até junto aos muros desta cidade, cujos habitantes viviam alarmados. Para bater esses grupos, principalmente o coronel Manoel Machado, que, depois de cortado no passo do Mariano Pinto do exercito de Salgado, voltou para Caverá, onde dominava beneficentemente, sahio, a frente de 400 homens, o coronel Firmino de Paula. Diante a superioridade da força inimiga, o velho revolucionario de 35 evitou cautelosamente combate, mas mesmo assim não deixou d'incomodar o chefe legal, tanto que em certa noite surpreendeu seu piquete de retaguarda, tomando-lhe 13 "comblains" e matando 4 ou 5 homens. Para vingar-se desse feito dos federalistas, o coronel Firmino, que trazia preso em suas forças, arrancados ao seio das familias, uns 20 cidadãos, pelo crime de compartilharem das ideias dos revolucionarios, mandou degollal-os, tendo apenas quatro esse barbaro fim, entre elles Marciano Silveira Gularte, porque a favôr dos restantes intervieram alguns officiaes do chefe cruel e deshumano.

Afinal, depois de uma parada de dois mezes em Santanna, Firmino retirou-se, parece que com o intuito de reunir-se ás forças de Lima e Pinheiro Machado, que por esse tempo, Setembro, já se tinham movido em perseguição de Gumercindo e Salgado. Não conseguindo, por qualquer circumstancia, esse intento, tomou rumo da Serra.

Alguns dias depois da partida desta força, Ca-

beda incorporou toda sua gente, acampada em diversos pontos, formando com o corpo do coronel Ulysses Reverbel uma columna superior a 700 homens e marchou com direcção a villa de S. João Baptista de Quarahy.



Esta praça, segundo confissão do proprio commandante, o coronel em commissão Alencastro Carneiro da Fontoura, estava guarneçada por 800 homens. Atacada vigorosamente por tres pontos na madrugada de 27 de Setembro, depois de tres horas de fogo, caiu em poder dos revolucionarios. Logo, ao começar o combate a força sob o mando do hespanhol Cabello fugiu, só batendo-se parte da guarnição, cerca de 500 homens, que não puderam resistir a violencia do embate dos atacantes. Esta victoria foi fructo de um assalto audacioso, que teve a felicidade de ser bem succedido, porque a não ser a má direcção, 700 homens não podiam tomar uma praça defendida por 800 ou mesmo 500. O commandante caiu prisioneiro, bem como parte da guarnição. O numero de mortos de parte a parte, relativamente, não foi pequeno, sendo maior o prejuizo da força legal, que além disso perdeu regular quantidade de artigos bellicos.

Eis a parte official telegraphica que deste feito

d'armas deu Rafael Cabeda ao chefe civil da revolução:

“Santo Eugenio, 28 de Setembro de 1893.

Depois de tremendo combate tomamos S. João, tendo feridos e mortos em regular numero. A mortandade dos da praça foi grande. Fizemos muitos prisioneiros, inclusive o chefe da praça coronel Alencastro. Muito armamento e munições. Prompto remetterei detalhes completos. — *Rafael Cabeda.*”

No dia seguinte, dando conta dos trophéos de guerra tomados ao inimigo, passou este novo telegramma:

“As armas e munições tomadas são: 50.000 tiros “remingtons”, 25.000 “comblains” e “winchesters”; 100 lanças e 130 carabinas. Arrecadamos tambem 200 mudas de roupas. Ha armamento occulto. Nossos mortos são sete officiaes e treze soldados. Feridos 4 officiaes e 25 soldados. O inimigo teve 130 mortos; feridos mais de 70. Prisioneiros 15 officiaes e 116 soldados. Fugiram para o Estado Oriental mais de 100. — *Rafael Cabeda.*”

Por este tempo estava a revolução rio-grandense no auge de todo o vigôr. A revolta da esquadra, em 6 de Setembro, concorreu efficazmente para este resultado.

O Estado estava inteiramente conflagrado.

Ao norte, na região serrana, por toda a parte haviam cidadãos em armas contra o governo ditatorial do dr. Julio de Castilhos; ao oeste, quasi ao mesmo tempo, caíam em poder de duas respeitáveis forças revolucionarias as praças de Itaquy e Quarahy; ao sul, bandos mais ou menos numerosos, percorriam a fronteira em todos os sentidos e já tinham começado a se incorporar em Pirahy, acabando por formar o corpo d'exercito que dois mezes depois alcançou a memoravel victoria do rio Negro; a leste, o Lageado, Estrella, Encantado Venancio Ayres, grande parte da região colonial, em summa, estavam infestados de federalistas em armas, que secundavam a revolução.

Cabeda depois de accommodar os feridos, enterrar os mortos, arrecadar munições e armas e dar alguns dias de descanso a tropa, já então mais de 1.000 homens, por terem s'incorporado os coroneis Manoel Machado, Ismael Soares e Laurindo Severo com suas respectivas forças, levantou acampamento, por ordem superior, e marchou com rumo a Bagé, afim de fazer junção com a gente de Tavares, que estacionava não longe dessa cidade.

Historiemos, pois, as operações do corpo d'exercito, que, aos poucos, se foi formando perto de Bagé, sob o mando do general em chefe de todas as forças revolucionarias.

## CAPITULO VI

### Operações e fim do exercito organizado pelo general Tavares em Pirahy

SUMMARIO: — Tavares de novo em campo; organização das forças revolucionarias em Pirahy; telegrammas de Julio de Castilhos recommendando não poupar adversarios; junção de Cabeda a Tavares; nomeação do marechal Izidoro Fernandes para commandante em chefe das forças legaes; inicio do cerco de Bagé; preliminares e batalha do rio Negro; parte official; execução summaria de prisioneiros; marcha das columnas do general Hypolito Ribeiro e coronel Sampaio em protecção de Bagé; apêto do sitio; seu levantamento; parte official; apreciação das operações das forças legaes e revolucionarias; retirada e evoluções destas; divisão das forças federalistas em tres columnas; emigração do general Tavares; operações da columna ao mando do general Pina, sua derrota pelo coronel Sampaio e sequente dissolução; derrota, em Sarandy, da columna do general David Martins pelo general Hypolito; parte official, seu exagero; considerações finaes.

Quando em Junho, depois da partida do general Gumercindo para o interior do Estado, emigrou

o remanescente do exercito revolucionario, que pe-  
ljeou no Inhanduy e Upamoroty, o general Tava-  
res, que já então contava 75 annos, e debaixo de  
chuvas torrencias e frio intenso tinha acabado  
de fazer, em 19 dias, uma longa marcha de cerca  
de 100 leguas, inclusive ida e volta, acompanhou  
a sorte de seus commandados, emigrou tambem.

Havia já dois mezes que estava emigrado,  
quando o governo Oriental, para satisfazer as exi-  
gencias do governo do Brasil, ordenou a seus agen-  
tes o internassem para a capital da Republica. Con-  
seguindo illudir a vigilancia do official encarre-  
gado de transmittir-lhe esta ordem e prendel-o em  
caso de desobediencia, montou a cavallo e, seguido  
por meia duzia de camaradas, tomou caminho da  
fronteira do Brasil. Este factu passou-se em prin-  
cipios de Agosto. De então por diante estabeleceu  
Quartel General em Pirahy, acompanhado, em co-  
meço, apenas por cento e poucos homens.

Encanecido no serviço das armas; pratico nas  
operações de guerras sul-americanas, em que é  
preciso contrapôr ao inimigo numeroso e provido  
de todos os recursos, activa vigilancia, rapidez de  
movimentos e todos os ardis da tactica caudilha;  
collocou em varios pontos descobertas e piquetes  
de observação, de modo que tendo pleno conheci-  
mento de tudo quanto se passava numa grande  
zona, poudé tranquillo organisar seu exercito.

Diariamente chegavam revolucionarios que vi-  
nham s'incorporar ás suas forças. Dos 6.000 com-

batentes do Inhanduy, pouco mais de 2.000 con-  
stituam, por este tempo, os dois exercitos de Sal-  
gado e Gumercindo. Cabeda e Ulysses Reverbel  
tinham apenas de 900 a 1.000 homens. Haviam,  
portanto, ainda uns 3.000 emigrados, que, em gru-  
pos, sob a direcção de varios cabecilhas acha-  
vam-se dessiminados pelo territorio da Republica  
Oriental.

Foram estes grupos que se reuniram ás forças  
de Tavares, de tal modo que, em principios de No-  
vembro, já tinha um pé de exercito de cerca de 2.000  
homens.

Para este resultado muito concorreu o levante  
da esquadra, porque, desde então, pareceu, a ge-  
neralidade dos espiritos, certa a victoria da revo-  
lução. Tambem influiu para engrossar as fileiras  
do exercito do velho general os cidadãos, que con-  
tinuavam a emigrar, uns com o proposito delibe-  
rado de tomarem armas, outros para evitarem per-  
seguições, violencias e attentados a que estavam  
sujeitos por professarem ideias contrarias ao go-  
verno. Os federalistas do interior do Estado, que  
se conservavam, em não pequeno numero, occultos  
pelos mattos, afim de fugirem ao cutelo dos agentes  
do dr. Castilhos, que lhes recommendava não pou-  
passem adversarios, nem nos bens nem nas pes-  
soas, corriam igualmente a alistar-se no exercito  
revolucionario.

Eis o teór de dois telegrammas nos quaes o dr.  
Castilhos fazia a recommendação referida:

"Coronel José Soares. — Camaquam. — Não poupe adversarios, castigue nas pessoas e bens, respeitando familias. Viva a Republica. — *Castilhos.*"

"Coronel Madruga. — Cacimbinhas. — Adversarios não se poupa nem se dá quartel. Remetto armas e munições que pede. — *Castilhos.*"

O mesmo pensamento externava este homem máo num extenso officio de Março de 1893, sob o caracter de **multo**



Coronel, hoje marechal reformado,  
A. A. F. Menna Barreto

**confidencial**, aos coronéis Arthur Oscar, Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto e Joaquim Elias Amaro, em Bagé

Esse documento, hoje em poder do marechal Menna Barreto, nos foi, graciosamente, confiado por este indefesso servidor da Republica e delle extractamos o seguinte periodo, que comprova o que dizemos:

"E' possivel que no momento supremo do desbaratamento completo elles (os rebel-

des) busquem refugio no territorio onde maleficamente realizaram a conspiração nefanda e organisaram as suas hostes vandalias; mas o inteiro desaggravo da Republica ultrajada requer que, ultrapassados mesmo certos limites, com as devidas cautelas e discricção, soffram pela **eliminação** o justo castigo que merecem odientos caudilhos, que nos vieram trazer o assassinato, o roubo, a deshonor dos lares por meio de agentes mercenarios, alliciados entre os criminosos e desoccupados de paizes estrangeiros.

.....  
*Julio de Castilhos.*"

A verdade dos dizeres dos documentos citados não pôde ser negada, porque esses dois telegrammas foram publicados pelo "Jornal do Commercio", do Rio, ainda em vida do dr. Castilhos, que os não contestou. Com relação ao topico do officio alludido, pôde confirmal-o o valente e honrado marechal Menna Barreto, que, comquanto bastante alcançado em annos, está vivo e são.

Pessoal, pois, não faltava; havia, porém, carencia de recursos bellicos. Dois mil homens não dispunham de mais de 300 a 350 armas de fogo de guerra e estas de diferentes calibres e modelos.

Apezar deste numero de combatentes, Tavares sentia-se fraco para emprehender uma operação séria, para, em occasião opportuna, tomar resolutamente a offensiva. Eis porque ordenou a divisão

de Santanna, a mais bem armada das forças revolucionarias, sobretudo depois da victoria de Quarahy, a vir fazer junção com suas forças, afim de reunidas poderem mais facilmente atacar o inimigo, que estava se organisando a pouca distancia.

Cabeda e Ulysses, após uma marcha yagarosa, incórpোরaram-se afinal a columna do general em chefe no dia 25 ou 26 de Novembro, cujo total ascendeu, então, a cerca de 3.000 homens com 1.200 atiradores.

A tropa inimiga acampada a pouca distancia, no rio Negro, era do marechal Izidoro Fernandes, que a frente de 1.300 homens d'infantaria e cavallaria, marchava lentamente para Bagé, onde ia preparar as forças para bater os revolucionarios do general Tavares, cujo numero chacoteando com menospreso punha em duvida.

O valente militar, nomeado general em chefe das forças leaes em operações, vinha de Porto Alegre, para onde tinha seguido com as forças de Firmino de Paula, summamente lisonjeado por colorosos gabos de ser um dos primeiros cabos de guerra. Homem de poucas lettras, mas cheio de arrogancia e amôr proprio, cónfiou de mais na tradição de sua bravura, e julgando-se invencivel, pensou, talvez, que só a noticia de sua approximação faria fugir as hostes revolucionarias. Quem, entretanto, tivesse pleno conhecimento do marechal Izidoro e de sua capacidade militar, não podia es-

perar confiante no exito das operações por elle dirigidas.

Era valente, mas ignorante; disciplinador pelo terrôr, mas não pela força moral oriunda da superioridade de um chefe intelligente e correcto; indifferente ao perigo e até a grande responsabilidade de general em chefe, não tanto pela bravura e coragem, senão tambem pelo torpôr de sua natureza saturada de alcool; emfim, era soldado para ser mandado, mas não para commandar exercitos, nem dirigir batalhas.

Após a junção da divisão santannense ás forças de Tavares, a cidade de Bagé ficou completamente cercada pelos revolucionarios.

Era chefe da guarnição desta praça, que não excedia de 800 a 900 homens, quasi exclusivamente de infantaria e artilharia, o coronel Carlos Telles, altaneiro até a insubordinação, autoritario até a violencia, valente, mas generoso e humano. Provavelmente o conhecimento de quanto era capaz este brioso militar, foi o motivo de conservar-se o cerco distanciado da cidade.

Era esta a situação do exercito revolucionario, quando teve plena certeza d'estar o marechal Izidoro na estação do rio Negro, a pouco mais de 24 kilometros de Bagé, e o coronel Manoel Pedroso e outros chefes civis, a frente de 600 a 700 homens, na estação de Santa Rosa, distante daquella quasi 16 kilometros.

Os federalistas resolveram dar batalha.



Marcellino Pina, a frente de sua divisão, marchou a 24 contra Pedroso, afim de obrigar-o a reunir-se ás forças de Izidoro, no rio Negro, onde estavam abrigadas por algumas casas, ligeiras trincheiras, mattos e vassouraes. Pedroso seguiu guerilhando incorporar-se ao general em chefe, dando-lhe, nessa occasião, noticia de serem numerosas as forças inimigas, informação que poz em duvida o incredulo marechal.

Uma força de cavallaria composta de parte do 5.º regimento e corpo de transporte, ao mando do major Bento Gonçalves e Affonso Massot, estacionada no Quebracho, depois de nutrido tiroteio com um forte grupo rebelde ao mando de Boaventura Martins, em que foi ferido o predito major, não pôde mais reunir-se ao exercito de Izidoro, foi forçada a retirar-se precipitadamente para Bagé.

Durante o dia 26 houve varios tiroteios com as avançadas legalistas.

No dia 27, ás 6 horas da manhã, travou-se a batalha.

As forças do governo estenderam linha a 6 ou 8 quadras das trincheiras. Atacadas, porém, com vigôr pela divisão de Santanna pela frente e flanco direito, pela divisão do general Pina pelo flanco esquerdo e retaguarda, secundadas pelo coronel José Bonifacio da Silva Tavares pela costa do arroio, foram successivamente recuando, até que depois de duas horas e meia de fogo circum-

screveram-se á defesa das trincheiras e de uma casa proxima a esta, ficando completamente sitiadas.

Durante todo o dia 27, com pequenos intervallos, houve fogo.

A cavallaria commandada pelo coronel Manoel Pedroso, com valôr e denodo, fez varias cargas contra as linhas federalistas, sendo em todas repellida. Durante a noite continuou o fogo e o cêrco das forças atacadas, fazendo a cavallaria governista novas investidas, mas sempre infructiferas. Por fim a 28, ao meio dia, exhaustos, com a cavallhada cansada, soffrendo fome e sêde, debaixo de um sol ardente, sem nenhuma esperança de victoria, entregaram-se á descrição. (23)

Cairam prisioneiros o general em chefe de todas as forças legaes em operações, seu estado-maior, os coroneis Manoel Pedroso, Candido Garcia, a officialidade do batalhão 28, inclusive o commandante, tenente-coronel Pantojas e mais 600 a 700 praças. Este batalhão foi incorporado a divisão de Rafael Cabeda, sob o nome de Ernesto Paiva.

As forças governistas tiveram de 150 a 180 homens mortos, contando-se entre estes os coroneis Utalis Luppi, Virgilino Machado, Ismael Proença e muitos officiaes subalternos.

As perdas dos revolucionarios, entre mortos e feridos, ascenderam a mais de cem homens, figurando no numero daquelles o valente major Mo-

(23) Ha quem affirme que a rendição foi sob garantia de vida, o que é verosimil, porque a s'entregarem sem esta garantia, mais valia morrerem brigando.

desto Alves, capitão Emilio Palmeiro e outros officiaes, e no numero destes o destemido tenente-coronel Francisco Cabeda, commandante do batalhão **Antonio Vargas**.

Os trophéos de guerra tomados ás forças do governo consistiram em bastante armamento, munições e outros artigos bellicos.

A parte official desta batalha, dada pelo general Tavares, telegraphicamente, ao dr. Gaspar Martins, foi esta:

“Dr. Silveira Martins. — Montevideo, 29 de Novembro de 1893.

Nossa gloriosa revolução acaba de cobrir-se de louros immarcessiveis. No dia 26 atacamos as forças inimigas, superiores a 1.000 homens, entrincheiradas na estação do rio Negro; dia 27 grande batalha; a 28 renderam-se prisioneiros, o general Izidoro, seu estado-maior, o batalhão 28 e toda a officialidade; Pedroso com toda sua “patriotada”. Brigada Luppi, corpo de transporte destroçados. Grandes perdas no inimigo; Mortos coroneis Luppi, Virgilino Machado, Candido Garcia, Ismael Proença e outros. Nossas perdas reduzidas. Detalhes mais tarde. Bagé sitiada por 1.500 homens. Por esta esplendida victoria o Exercito Libertador felicita a vossa excellencia entusiastica e calorosamente. — *General Silva Tavares*.”

Na mesma data deste telegramma escreveu uma carta ao dr. Gaspar Martins, a qual pouco adianta

em detalhes, mas como é um documento d'importancia historica, para aqui o trasladamos. Eil-o:

“O felicito pela brilhante victoria que acabamos de alcançar e que cobriu de louros immarcessiveis a gloriosa revolução rio-grandense de 15 de Fevereiro do corrente anno, e que, parece, cujo triumpho final não tardará muito tempo. No dia 26 atacamos o inimigo, superior a 1.000 homens entrincheirados, perto da estação do rio Negro e nos mattos e vassouraes proximos a esta. O general Pina pela manhã já o havia tocado cedo, desalojando Pedroso que s'encontrava com 800 homens entrincheirados nas pontas do Jaguarão, (perto de Santa Rosa), fazendo-o entrar nos entrincheiramentos onde estavam Izidoro, batalhão 28, brigada policial Luppi, piquete do 2.º regimento, parte do corpo de transporte, etc., etc.

Dia 27, ás 6 horas; começamos grande batalha; o inimigo que se achava em linha distante umas 6 ou 8 quadras das trincheiras, foi galhardamente batido por nossas forças, que o obrigou a fugir e ir se abrigar com suas cavalhadas dentro do reducto de suas fortificações, deixando fóra vagões com munições, barracas, carretas, etc.

Todo este dia pelejamos com alguns intervallos; lhes mandei parlar, disparando tiros quando o mesmo voltava; a noite tentou sair das trincheiras, porém não conseguiu, porque o tinhamos posto num circulo de ferro e estavamos muito perto das fortificações.

Hontem ao meio dia, o inimigo completamente desanimado, rendeu-se a discricção, cahindo prisioneiros: general Izidoro, seu estado-maior, officialidade do 28 e todo o batalhão; Pedroso e sua patriotada, forças do Motta e Madruga, (que não estavam presentes), brigada policial de Luppi, parte do corpo de transporte, emfim, por tudo 700 prisioneiros, mais ou menos. Do inimigo ficaram no campo 200 mortos, mais ou menos, contando os que em grande numero, foram no matto proximo exhalar o ultimo suspiro: muitos feridos, mais de 200 cavallos mortos, etc., etc. Tomamos muito armamento, munições, que s'estam inventariando, assim como muitos outros artigos de guerra.

Nossos corpos, sem excepção, se bateram admiravelmente nos quatro pontos em que o inimigo foi atacado; foi realmente uma esplendida batalha sul-americana; nossos Manlichers e Mausers fizeram proezas; cada soldado que punha a cabeça fóra das trincheiras, era praça morta. Nossas perdas reduzidas, porém sensiveis.

Ha majores, capitães entre os 20 ou 30 mortos que tivemos; feridos como uns 40.

Do inimigo nominalmente se sabe que morreram o coronel Utalis Luppi, os tenentes-coroneis Virgilino Machado, Virgilino Nunes, Ismael Proença, Candido Garcia e seu filho Maurilio Garcia, coronel Manoel Pedroso e tenente-coronel João Alves e um irmão (degolladores celebres).

Bagé sitiada por 1.000 homens que ali ficaram desde o dia 26.

Amanhã seguem 1.500 afim de tomar aquella cidade. Não ha tempo para mais detalhes, pois, nos encontramos muito atarefados e cansados. — *J. N. da Silva Tavares.*"

A carta do velho cabo de guerra, afóra o exagêro de vantagens ditadas pelo entusiasmo de momento, dá a medida desta importante victoria,

Infelizmente empanou-lhe o briho a execução summaria de certos prisioneiros.

O coronel da guarda nacional Manoel Pedroso, os tenentes-coroneis de patriotas Candido Garcia, Manoel Alves e outros officiaes subalternos, bem como algumas praças de pret, foram, sem formula de processo, passados pelas armas.

Os jornaes officiaes deram extraordinario vulto a estes assassinos. Elevaram exageradamente o numero dos trucidados a 300, atirando os mais infamantes labéos contra os federalistas, aos quaes apontavam a execração publica, chamando-os de degolladores do rio Negro. (24)

O dr. Germano Hasslocher escreveu um folheto, a respeito deste desgraçado successo, no qual, idealizando quadros de uma imaginação dantesca, pintou com côres phantasticas os horrores desta tragedia. Sem descer a minudencias, limitou-se a verberar com abundancia de palavras e riqueza de qualificativos taes attentados, não citando o nu-

(24) Este numero nunca provaram com dados positivos, nem tão pouco referiram muito mais nomes de victimas, além dos que acabamos de declinar.

mero, nem os nomes dos degollados, apenas o do coronel Manoel Pedroso, cuja figura pouco faltou para elevar á altura de martyr.

O dr. Germano foi tambem um dos partidarios da revolução, pelo que se viu obrigado a emigrar. Mais desilludido de seu triumpho que cansado do exilio, tratou de regressar á patria, empenhando-se nesse sentido com os senhores da situação.

De chegada, para fazer boas vazas com os adversarios e de novo voltar ás antigas fileiras, escreveu esse folheto diffamando a revolução, cuja razão e justiça antes defendeu com calôr e talento. Homem de character versatil, por mais de uma vez pôz os recursos de sua bonita intelligencia ao serviço das conveniencias de occasião. Julgue-se, pois, do merecimento historico desse pamphleto.

Perante a civilização e as leis humanas nunca os assassinatos praticados no rio Negro poderão justificar-se.

Conhecidos, porém, os antecedentes, descriptos no capitulo preliminar desta obra, dos homens que ali perderam a vida, ver-se-á que essas mortes não foram filhas de uma malvadez fria e natural, ditadas unicamente pelo sentimento de perversidade. Não! Ellas teem a attenuante do desejo humano de vingança; de lagrimas acerbas derramadas em silencio; de corações feridos por dôres profundas.

Na hecatombe de federalistas que precedeu a revolução, Pedroso, Candido Garcia, Manoel Alves

e outros salientaram-se como heróes do crime. Nos municipios de Piratiny e Bagé, sobretudo, converteram-se em algozes crueis dos adversarios, contra os quaes foram implacaveis em perseguições, roubos e assassinatos. (25)

De homens obrigados a abandonar patria, familia e interesses; que de armas na mão voltavam cheios de odio, sequiosos de desforra; não podiam esperar grandesa d'alma os sanguinarios protagonistas de attentados inominaveis. Em taes casos a paixão não pede conselhos a razão: a sêde de vingança gela no coração o sentimento de humanidade.

Eis porque Pedroso, Candido Garcia e outros pagaram com a vida as perseguições, os saques e a vida que a tantos adversarios iniquamente tiraram. Se houvesse plano preconcebido de passar pelas armas todos os prisioneiros, não seriam só elles e mais alguns malvados de publica notoriedade, que teriam esse fim.

Os prisioneiros orçavam por 600 e só os assás conhecidos pela criminalidade de seus feitos foram mettidos á espada. O proprio marechal Izidoro, cuja indole deshumana tantas vezes pôz em prova, como attestava o recente assassinato do mallogrado capitão Cezario dos Anjos Garcia, em Santanna, teria sorte igual, se não fôra o dr. Gaspar Martins,

(25) Vide telegramma de 2 de Novembro de 1892 do general João Telles ao marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica, pag. 129.

a contragosto dos companheiros de causa, tel-o generosamente salvo.

Emfim, scenas crueis communs ás revoluções, tristes e deploraveis consequencias de luctas civis, em que a violencia das paixões empana a intelligencia e desperta no coração instinctos de féra.

Esta victoria causou grande abalo ás forças legaes, deixando-as perplexas, como aconteceu á guarnição de Bagé, que só um ou dois dias depois tratou de se fortificar sériamente na praça matriz dessa cidade e fazer grande provisão de viveres.

Se não fôra o cansaço dos revolucionarios, natural após dois dias de peleja, talvez Bagé, atacada a 29, ainda apenas defendida por ligeiras trincheiras, podesse ser tomada. Tres ou quatro dias depois, quando a defrontaram, verificaram que essa empreza só poderia ser levada a effeito com grande sacrificio de vidas, porque o bravo coronel Carlos Telles tinha s'entrincheirado fortemente na praça.

A vista disso puzeram-na em sitio desde fins de Novembro a 21 de Dezembro, conservando-se os sitiados até essa data de 4 a 9 kilometros da cidade.

O governo, depois de alguns dias de irresolução, ordenou ao general Hypolito Ribeiro, em Uruguayana, seguisse com a divisão de seu commando a fazer junção com as forças de Santanna e marchasse em protecção da guarnição de Bagé. Ordenou, na mesma occasião, ao coronel do exercito João Cezar Sampaio que organisasse com toda a

presteza uma columna em Piratiny, no passo de Maria Gomes, e convergisse tambem sobre aquelle ponto, mettendo os federalistas entre dois fôgos.

Por este tempo foram presos em Pelotas, segundo se disse por ordem do dr. Piratinino de Almeida e Pedro Osorio, e entregues ao coronel Sampaio, o major Antonio José de Azevedo Machado Filho, dr. Antonio Soares da Silva, Miguel Amaro da Silveira, Augusto Tavares e outros pelo unico crime de serem federalistas, porquanto, objectivamente, jamais tinham s'envolvido na revolução. Conta-se que estavam destinados, em caso de lucta, a serem póstos na primeira linha, afim de que fossem victimados pelas balas dos proprios correliigionarios.

O general Hypolito moveu-se a 11 de Dezembro e Sampaio, a 25 leguas dos revolucionarios, organisava lentamente sua columna, aguardando, conforme constou, a chegada de armas e munições de Montevidéo.

Emquanto esses dois militares com toda calma davam cumprimento as ordens do governo da União, cujo ministro da guerra, general Moura, desde 16 de Abril achava-se em Porto Alegre, donde, pela pessoa do dr. Julio de Castilhos, a quem s'entregou de corpo e alma, geria todas as operações de guerra, os revolucionarios sitiavam Bagé.

O sol, durante este tempo, todos os dias, alumia as mesmas scenas: tiroteios frequentes, provocações temerarias, sortidas ligeiras, actos isola-

dos de valôr e audacia. Nestas constantes escaramuças, que traziam o inimigo de sobresalto e alerta, além do gasto de munições, haviam sempre ferimentos e perdas de vidas a lamentar. Por fim, a 22 de Dezembro, apertaram o sitio; toda a cidade caiu em poder dos revolucionarios, ficando o coronel Telles circumscripto a defesa da praça da matriz, onde desembocavam seis ruas, todas guardadas com metralhadoras e artilharia.

Só com sacrificio de muitas vidas poder-se-ia tomar a viva força esse reducto. Sobre seu ataque não havia uniformidade de pensamento entre os federalistas, opinando uns pró e outros contra. (26)

De 22 de Dezembro a 8 de Janeiro de 1894, em que foi levantado o sitio, houve incessantemente fogo, dia e noite, mas sem resultado. Das soteias das casas, dos muros dos quintaes, das proprias casas faziam convergir os fogos para dentro da praça entrincheirada, aos quaes, alentada pela bravura do chefe, a guarnição correspondia com vigorosa energia.

Os revolucionarios gastaram 300.000 tiros neste cêrco. O frontespicio da igreja, situada na praça, ficou como um crivo. As casas deste local apresentavam numerosos vestigios de projectis, tendo a artilharia destruido paredes e ateado incendios; houve-os tambem por effeito de desatinos revolu-

(26) Houve quem imputasse ser da primeira opinião Rafael Cabeda; Marcellino Pina e José Bonifacio da Silva Tavares da segunda. Parece que o general Tavares estava com estes. O que é certo é que não houve o ataque.

cionarios, que s'estenderam até o saque de duas ou tres casas. Se não fôra a vigilancia dos chefes, maior teria sido o numero de excessos condemnaveis, o que não seria para estranhar numa força sem disciplina, irregular, de cêrca de 4.000 homens de todas as procedencias, onde não se podia evitar



*Coronel Carlos Telles*

a existencia de bandoleiros cujo unico fim era o saque.

As familias, durante esta quadra terrivel, viam em pavorosos sobresaltos, não só pelo risco

de vida senão também pelo receio de qualquer brutalidade, fácil em tempos anormaes.

Afinal, os revolucionarios, já sem munições e vendo a inutilidade de seus esforços, e, sobretudo, para evitarem ficar entre dois fogos, das forças de Sampaio e Hypolito, que cada vez mais se approximavam, a 8 de Janeiro levantaram o sitio.

As forças do governo, após o levantamento do cêrco, perderam a compostura de tropas regulares, excederam-se também na prática de actos reprovados, tanto contra pessoas como contra a propriedade particular.

Este desastre para a revolução equivaleu a uma derrota campal.

A resistencia de quarenta e poucos dias opposta pelo coronel Carlos Telles ha de sempre illustrar seu nome; foi um dos feitos heroicos dos defensores do governo.

Dando parte official telegraphica deste importante acontecimento ao ministro da guerra, a 11 de Janeiro, assim s'exprimiu o valente militar:

"Sitiada esta cidade por forças inimigas desde 24 de Novembro, sendo o sitio apertadissimo, a partir de 22 do p. passado, e depois de tiroteios e tentativas de assaltos a esta praça durante dezoito dias e dezenove noites, nas quaes o inimigo gastou todas as suas munições, tivemos no dia 8 do corrente o desprazer de vel-os fugir em debandada e mal montados, sem terem tentado ataque decisivo, pelo qual tanto anciavamos.

Esta guarnição teve de prejuizo quatro officiaes mortos, sendo o alferes do 5.º regimento Bento Antonio de Souza, meu secretario e alferes do 31 batalhão d'infantaria Vicente de Azevedo, um dos meus ajudantes de ordens e dois capitães das forças patriotas de D. Pedrito e feridos o 1.º tenente Alfredo Pires, levemente, um major e dois capitães de forças patrioticas; tivemos mais 30 praças mortas e 86 feridas.

Pelo numero de sepulturas, que existem nos quintaes e arrabaldes da cidade, de carretas e carroças que daqui saíram conduzindo feridos em direcção ao Estado Oriental, e por informações de pessoas insuspeitas, calcula-se o prejuizo do inimigo em mais de 400 homens, entre mortos e feridos, além de 500 deserções havidas depois de desbragado saque, de horrorosos assassinatos, de depredações de toda a especie, inclusive pavorosos incendios ateados pelas mãos criminosas dos bandidos do "exercito libertador".

No dia 8 e já a ultima hora, quando o inimigo atacava pela derradeira vez, fui levemente ferido no hombro direito. A columna do coronel Sampaio aqui chegou hontem a tarde. Saudações. — *Carlos Telles.*"

O valoroso coronel, dominado pelo entusiasmo da victoria e natural má vontade ao inimigo, exagerou suas perdas, como a série de crimes nefandos que lhe attribue. Podemos affirmar pelo testemunho de mais de um chefe federalista, combatente nesse sitio, que a quantidade de mortos

não s'elevou nem a decima parte daquelle numero. Comprova, de facto, esta asserção, não haver noticia de mortes de officiaes, pelo menos conhecidos, o que, aliás, não seria verosimil se tão grande fosse o prejuizo dos revolucionarios.

O unico, de cuja morte por esta occasião se fallou, foi o de nome Eça, inferior do exercito, que na revolução do Matto-Grosso proclamou-se general.

Apreciemos agora, segundo nosso criterio, as operações desde a batalha do rio Negro até o levantamento do sitio.

Porque o coronel C. Telles não correu em auxilio de Izidoro, atacado a pouco mais de tres leguas de Bagé, quando, além disso, consta ter aquelle general lhe ordenado fosse em sua protecção?

Tavares fez constar, quando seguiu ao encontro de Izidoro, que tinha deixado Bagé sitiada por 1.000 homens. Parece neste facto encontrar-se a explicação do procedimento do coronel Telles.

Essa força, sobre cuja realidade, Telles, como chefe experimentado, se dispuzesse de meios, não deixaria de certificar-se, embargar-lhe-ia o passo senão sujeitando-o a uma derrota, pelo menos retardando-o.

O exito da operação era, portanto, duvidoso e sobretudo muito arriscado.

Em verdade Tavares só tinha deixado 96 homens ao mando do commendador Candido Azam-

buja, que no dia seguinte elevou-se a 446 com a chegada do corpo do coronel Ismael Soares; logo depois chegou o tenente-coronel Juvencio Fontoura com 320 homens e em seguida Simões Pires com 350, elevando-se a força sitiante, em 3 ou 4 dias, a cerca de 1.200 homens, porém mal armados.

Em qualquer caso tornou-se logo um nucleo respeitavel, cujo numero preciso e condições de armamento Telles não podia saber, por maior actividade e intrepidez dos piquetes que, por ventura, mandasse em descobertas. Estas centenas ou milhar de inimigos difficultariam em extremo a marcha de sua força, composta quasi exclusivamente de infantaria. Podia ainda dar-se o caso de, quando mesmo conseguisse chegar a estação do rio Negro, estar já Izidoro vencedor ou derrotado, tornando-se na primeira hypothese inutil seu temerario esforço e na segunda exposto a uma derrota quasi inevitavel. Sua protecção só seria efficaç se chegasse antes ou durante a batalha, que não podia ter tão longa duração.

E' fóra de duvida que o coronel C. Telles para seguir em protecção de Izidoro, tinha de abandonar bastante material bellico em Bagé, na incerteza de attingir o fim collimado e ainda no risco de ser derrotado.

Nesta difficil conjunctura preferiu entregar Izidoro a sua propria sorte e offerecer resistencia na praça de seu commando. Parece ter optado pelo melhor alvitre, salvo juizo mais competente.



As operações do exercito revolucionario não resistem, a nosso vêr, a justiça de uma critica, ainda benevola.

Apresentam-se, de prompto, ao espirito as seguintes questões:

Porque, após a batalha do rio Negro, que os revolucionarios ficaram mais providos de armas e munições, não s'expediu uma columna de 2.000 homens ou mais, afim de apoderar-se de Pelotas, ficando o resto da força sitiando Bagé?

Porque não se mandou atacar Hypolito antes de fazer junção com as forças de Santanna ou Sampaio quando estava organisando sua divisão em Piratiny, no passo de Maria Gomes?

Atacar simultaneamente Hypolito e Sampaio, deixando Bagé cercada, era impossivel. Deixar, entretanto, esta cidade sitiada por força respeitavel e marchar sobre Pelotas, então fracamente guardada, e tomal-a, parece-nos, não seria emprezá muito difficil. Mesmo depois de não se ter feito isso, pensamos ter havido erro não se mandando forte columna atacar Sampaio no passo de Maria Gomes, obstando a organização de sua divisão.

As escaramuças contra elle sustentadas por Fidelis, Netto, Domingos Ferreira e Ladisláo Amaro só serviram para mais levantar o brio de seus commandados, visto como essas forças não podiam enfrentar-o com probabilidade de victoria.

A obsessão de tomar Bagé foi a causa de todos estes erros.

Só pôde pallidamente attenual-os o pronunciado espirito d'indisciplina dos revolucionarios e até prevenção contra o velho chefe, que receava ser desobedecido; porque já sentia fugir-lhe a força moral.

.....

Após o levantamento do sitio de Bagé, o exercito revolucionario, com mais ou menos 4.000 homens, quasi todo a pé, desmunicionado e parte mal armado, marchou em direcção a Santanna, pela estrada junto a linha divisoria. Perseguiu-o a retaguarda, a dois dias de marcha, a divisão do coronel Sampaio, com mais ou menos 2.000 homens das tres armas; á direita, em caminho pela estrada que passa por D. Pedrito, a do general Hypolito, tambem com o mesmo numero de homens.

Até aquella cidade emigraram mais de 1.000 pessoas, bem como algumas familias que se retiraram de Bagé. Estê avultado numero de emigrantes não era, propriamente, de combatentes; era constituido, na maior parte, por partidarios da revolução, que contando certa a tomada de Bagé, foram se aggregando, aos poucos, ao exercito sitiante.

De Santanna, sempre perseguido pelo inimigo, que, como os federalistas, parecia pouco disposto a lucta, seguiu caminho de Alegrete, donde, depois de curta demora, levantou acampamento e contra-marchou com rumo á fronteira.

Nesta cidade, por ter o general Pina retardado

o cumprimento da ordem de marcha, tiroteou fortemente com as avançadas das forças de Sampaio, que obrigaram-no a mandar deitar fogo á ponte sobre o Ibirapuitan, afim de com mais segurança retirar-se. Neste encontro portou-se com admiravel heroismo o coronel Balsamo, que foi ferido no pescoço.

A 5 de Fevereiro, depois de passar o rio que banha a villa do Rosario, o exercito revolucionario dividiu-se em tres columnas: o general Pina, a frente de 800 homens, seguiu na direcção de S. Gabriel; Rafael Cabeda, a testa de igual numero, rumou ao passo de S. Borja, no Santa Maria, onde David Martins, que tinha seguido com a brigada de Ulysses Reverbel para Quarahy, fez junção, assumindo o commando da columna, que se elevou a 1.300 homens; o general Tavares, apenas com 600 companheiros, tomou caminho de D. Pedrito, juntando-se novamente com David Martins no passo de Taquarembó, donde marcharam reunidos até o passo do Ferreira, no Santa Maria. Deste ponto dividiram-se, seguindo David para Santanna pela margem esquerda deste rio e Tavares para Pirahy, donde emigrou, seguindo sua força para Camaquam.

Acompanhemos primeiro as evoluções da columna do general Pina até sua dissolução. (27)

(27) Bem a meu pezar não figuram nesta obra os retratos dos generaes Marcellino Pina, Guerreiro Victoria e de outros revolucionarios. Por maiores diligencias que fizessesmos para obter suas photographias, não conseguimos.

No dia 9, o major Penares, que fazia a vanguarda, cahiu mortalmente ferido em uma guerrilha, occupando nesse mesmo dia o tenente-coronel Ribeirinho, que tardiamente veio em seu auxilio, devido a proverbial facilidade de Pina, a cidade de S. Gabriel, pouco antes abandonada pela diminuta guarnição legalista.

A 14, Sampaio obrigou o general revolucionario a, precipitadamente, como quasi sempre, levantar acampamento. Ribeirinho que, com cem praças, guarnecia a cidade, sustentou vivo fogo com o inimigo na ponte do Vacacahy, sendo, afinal, obrigado a retirar-se. Pina seguiu para S. Sepé, depois para Caçapava, donde contramarchou para aquella villa. Desta povoação tomou caminho de Santa Maria, desbaratando, a 7 de Março, um piquete adversario, logo que transpôz o Vacacahy no passo do Verde.

No dia seguinte entrou em Santa Maria, tendo apenas ligeiro tiroteio perto do cemiterio com um piquete do corpo de Gabriel Machado.

O corpo de Rodolpho Mello, abandonando munições e carroças na praça, retirou-se quasi em debandada.

O commandante-da guarnição, tenente-coronel Tito Escobar, com 600 homens, entrincheirou-se na estação da estrada de ferro, respondendo a intimação do general revolucionario com energia e arrogancia, nos seguintes termos:

“Os soldados da Republica morrem, mas não se rendem.”

Na noite de 9 para 10, porém, retirou-se cautelosamente com toda a força, deixando na estação 160 lanças, algumas armas e regular quantidade de munição.

Os federalistas nesta expedição só tiveram um homem morto e os governistas pouco mais, além de 14 soldados e dois officiaes prisioneiros, que Pina mandou pô-los em liberdade. Depois de se suprirem de algumas necessidades com a apreensão de mercadorias que estavam em vagões da estrada de ferro, abandonados pelos legaes, seguiu para S. Gabriel, onde entrou a 17, correndo a pequena guarnição, commandada pelo major Nascimento, que dias antes tinha mandado degollar o joven João Pinheiro, filho de Jeronimo Pinheiro e o velho fazendeiro Cassão, residente nas proximidades do passo do Rocha.

Acossado pela divisão de Hypolito levanta acampamento, transpõe o S. Sepé, toma a estrada de Caçapava, mas, a noite, desviando-se por um dos flancos da força de Hypolito, contramarchou para S. Gabriel, onde, com surpresa de todos, entra pela terceira vez. Abandonando esta cidade, segue para D. Pedrito, donde, na manhã de 5 de Abril, devido a seu habitual descuido, é tocado por Hypolito á bala, matando-lhe 12 homens, entre os quaes dois officiaes. A 7, nas pontas do Ponche Verde, é de novo alcançado e retira-se guerrilhando em

grande extensão. Caminhando quasi noite e dia, chegou a Santanna, onde circulava o boato da tomada do Rio Grande pela esquadra, pelo que, talvez, Hypolito affrouxou a perseguição. Dirige-se então, vagarosamente, para Caverá, contramarchando depois para D. Pedrito, onde teve conhecimento de ter ido a guarnição de Bagé em protecção a do Rio Grande. Seguiu desta cidade para o passo do acampamento, no Pirahy, onde recebeu uma carta de Tavares, que o aconselhava a transpôr o Jacuhy, afim de proteger a marcha de Gumerindo, excursionando antes pelos municipios de Cacimbinhas, Piratiny, Cangussú e Encruzilhada para aprovisionar-se de cavallos.

Pina assim o fez, mas sempre tinha demora de tres a quatro dias em cada uma dessas villas, até que chegando a Encruzilhada, esqueceu-se por completo do plano a observar. Havia já 15 dias que estava nesta povoação, quando a 7 de Junho, apesar de reiterados avisos, foi alcançado pela divisão do coronel Sampaio, que o obrigou a precipitadamente levantar acampamento. A principio ia se retirando bem, mas a tenaz perseguição do inimigo começou a desordenar suas fileiras, pelo que em pessoa vae á retaguarda e contém por algum tempo a investida legalista. Parte desta columna, porém, muda cavallos, activa a perseguição; a resistencia affrouxa, e os revolucionarios, em derrota, fogem na mais completa desordem, tendo pesados prejuizos, que maior seriam se não fosse os sol-

dados do governo s'entreterem com o transporte dos federalistas, que ficou atolado no banhado de Piquiry.

Após esta derrota, em que houve perda de mais de 40 homens, além de cerca de 30 prisioneiros, a columna do general Pina dissolveu-se.

Grupos, mais ou menos numerosos, de revolucionarios, descontentes com a direcção do facil chefe, abandonaram-no, tomando diversos rumos.

O general, acompanhado de pouco mais de 200 homens, perseguido alguns dias, conseguiu, por fim, ser perdido de vista pelo inimigo, acampando, a 19 de Junho, nas proximidades do Rosario, onde, sem ser incommodado pelas forças do governo, permaneceu mais de tres mezes.

.....  
A divisão commandada pelo general David Martins, elevado a este posto mais por seu prestigio e integridade moral que por merecimento militar, seguiu, vagarosamente, sem nenhum incidente de importancia, até Santanna, onde, chegando a 22 de Fevereiro, acampou no lugar denominado Canelleira. A cidade, abandonada desde Dezembro de 93 pelas forças do governo, estava em poder dos federalistas.

Em perseguição desta columna revolucionaria seguia a divisão ao mando do general Hypolito.

A 27, foi dispersado um piquete federalista, que observava os movimentos do inimigo. Por um alferes, montado em pello, que veio dar á Santanna,

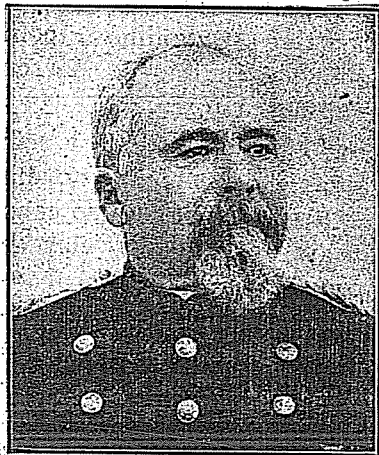
teve Bento Xavier, commandante do batalhão Antonio Vargas, que guarnecia a cidade, aviso d'aproximação do inimigo.

Rafael Cabeda, o chefe real desta força, sabedor desta occorrença, fez o batalhão seguir para o acampamento dos federalistas e mandou communição ao general David Martins, seguindo ao depois.

Nesta occasião a força sob o mando deste chefe revolucionario s'elevava a pouco mais de 500 homens, porque Ismael Soares com 300 tinha seguido para Caverá e José Nunes de Miranda, com parte de sua brigada, para Alegrete. Além disso o tenente-coronel Antonio Laureano com 90 praças, Francisco Pereira de Carvalho (Chiquinote) com 60, Manoel Machado com 80 e Delibio de Barros com 100 não estavam reunidos á força.

David Martins suppondo Hypolito ainda a seis leguas, deixou para levantar acampamento no dia seguinte pela madrugada. Este experimentado cabo de guerra marchando durante a noite, ao clarear do dia 28, começou a tirotear as descobertas federalistas. Pôz-se então, apressadamente, em marcha a força revolucionaria, mas já perseguida de perto pela força legal. Assim caminhou duas leguas, sempre em guerrilha a retaguarda com a vanguarda governista. Apertando cada vez mais a perseguição, a ponto de tornar-se impossivel a retirada por causa do peso do transporte, nos campos de Ventura Gomes, proximo ao arroio Sarandy,

mandou David Martins o batalhão Antonio Vargas e 28, (o aprisionado no rio Negro), estenderem linha. Acoçada a cavallaria revolucionaria, que fazia a retaguarda, em precipitada fuga, rompe a linha formada pelos dois batalhões. Tocando, nesta occasião, montar, parte dos infantes, principalmente do 28 batalhão, já não encontraram as montarias, que por mal seguras s'espantaram e fugiram com o tropel do combate. Estabeleceu-se então horrivel confusão, pronunciando-se francamente a derrota. Os que na fuga pedestre tinham a desgraça de ser alcançados pelo inimigo, eram im-



*General Hypolito Ribeiro*

28, porque o resto da força, composta de rio-grandenses, habeis cavalleiros, não se deixou pegar.

placavelmente lançados, não se dando quartel até aos que se internaram nos mattos proximos, onde matavam a tiros os que logravam descobrir.

Neste encontro, mais uma debandada que combate, morreram além de cem homens, carregando quasi exclusivamente com este prejuizo o batalhão

Além desta catastrophe, os revolucionarios perderam 70.000 tiros, muitos animaes vaccuns, e cavallares, carroças, cargueiros, até o carro do commandante em chefe.

O general Hypolito, dando parte official deste combate ao ministro da guerra, em 4 de Março de 1894, disse, em synthese, o seguinte:

“Que no dia 27 foi descoberto um piquete revolucionario que estava no morro do Chapéo; que a meia noite desse dia levantou acampamento em direcção ao passo do Registro, onde estavam acampados os revolucionarios e para onde tinham seguido os que estavam em Santanna; que os revolucionarios primeiro guerrilharam na Canelleira, donde desalojados, foram guerrilhar no Sarrandy. Desalojados, de novo, deste local, pronunciou-se francamente a derrota, estabelecendo-se a perseguição por parte das forças do governo; que os revolucionarios deixaram 500 mortos, 13 carretas com 70 mil tiros, 40 cargueiros, 500 armas de fogo, 150 prisioneiros e 3.000 animaes vaccuns e cavallares.”

A parte do general governista é summamente exagerada. Não podiam morrer 500 homens, nem ficar prisioneiros 150, porque toda a força ao mando do general David Martins era o maximo que podia attingir. Já fizemos vêr que esta columna revolucionaria compunha-se de 1.200 homens, da qual faziam parte as forças dos coroneis Ismael Soares

e J. Nunes de Miranda, que não estiveram no combate. Basta esta reflexão para provar o quanto tem de exagerada a parte official do general legalista, sem levarmos em conta os pequenos contingentes ao mando dos officiaes superiores Antonio Laureano, Francisco Pereira de Carvalho, Ulysses Reverbel, Manoel Machado, Julio e Delibio de Barros, ao todo uns 400 homens, que também não tomaram parte na peleja.

Portanto, o numero de mortos, como o de prisioneiros, é relativamente exagerado. E' tão verdade como a noticia que deu, em 1.º de Março, ao dr. Julio de Castilhos de terem morrido neste combate Otton Braga, Bento Xavier, João Coelho, dr. B. Gouvêa, Pedro Arbues e um filho do general David Martins, todos vivos até a data em que escrevemos.

Os tenentes-coroneis Bento Xavier e Processo foram os que mais se distinguiram nesta desastrada lucta, em que foi completa a derrota, a mais pesada, talvez em numero de mortos, desde o inicio da revolução, Fevereiro de 1893.

David Martins, muitos officiaes e soldados conseguiram alcançar o territorio da Republica Oriental, occultando-se outros nos mattos de Quarahy.

Assim dissolveu-se esta columna revolucionaria, que também fez parte do exercito que sitiou Bagé, ao mando em chefe do general Tavares. Este exercito que chegou a ter cerca de 5.000 homens, comquanto um terço, mais ou menos, não

passasse de povo reunido, mal armado, sem laço de disciplina, estava reduzido a insignificantes grupos, que fugindo e guerrilhando a custo se mantinham em campanha.

O levantamento do sitio de Bagé, conforme já ficou dito, equivaleu a uma derrota campal, foi um desastre de consequencia maior que o da retirada de Inhanduy. Se o exercito revolucionario não operasse esta retirada, sem razão plausivel, como mostramos em outra parte, podia não estar ganha a revolução, porque o governo da União dispõe de abundantes recursos, mas teria dado um grande passo para a victoria.

Se, porém, durante o sitio de Bagé, na primeira quinzena de Dezembro, a revolução tivesse direcção uniforme e intelligente, a victoria teria sido quasi certa.

Então Salgado e Laurentino vindo, nessa occasião, de Santa Catharina, com suas respectivas forças, Telles, como quatro mezes depois, não poderia ter soccorrido Rio Grande, que infallivelmente cairia em poder da revolução, assim como Pelotas em seguida, e, afinal, Bagé, porque Sampaio não poderia ter organizado a divisão que a soccorreu e nem, nesta hypothese, Hypolito se arriscaria approximar-se.

Estava, pois, a revolução, senão triumphante, em franco caminho de victoria, ao passo que agora estava, senão debellada, em franco caminho de derrota.

## CAPITULO VII

Operações do 2º corpo d'exercito libertador rio-grandense ao mando do general Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, após a invasão do Estado de Santa Catharina e separação do 1º corpo d'exercito, até seu desaparecimento do theatro da guerra.

SUMMARIO: — Chegada a Tubarão e em seguida a Laguna; chegada da divisão do general Arthur Oscar a Tubarão, depois de vencer a resistência do Araranguá; conferencia de Salgado com o governo provisorio na capital do Estado; plano de desalojar A. Oscar de Tubarão; fracasso deste plano; promoção de Salgado a general de divisão e sua nomeação de general em chefe; subsequente recusa da promoção e nomeação; hostilidades a columna revolucionaria sob seu commando; retirada de A. Oscar de Tubarão; ida de Salgado com todo o exercito ao Desterro; chegada dos drs. Francisco Tavares e Maciel; recusa do governo provisorio entregar-lhes o poder; volta de Salgado para Laguna; negativa de operar fóra do Rio Grande; tentativa de voltar ao Estado; partes officiaes dos combates havidos por occasião dessa tentativa; embarque para o Rio Grande e entrada neste porto, plano de ataque a cidade, vacillações, fraquezas; chegada pela via ferrea de reforços a guarnição; conferencia de Salgado e Laurentino com o almirante Mello; insistencia deste para atacar-se a cidade; derrota dos revolucionarios por forças de C. Telles, vindo de Bagé; expedientes suggeridos para salvação do exercito; resolução

de desembarcal-o em Castillos, Republica Oriental; partida da esquadra com o exercito e desembarque em Castillos, suspenso quasi ao terminar por intimação da canhoneira oriental "Rivera"; partida de Mello para Buenos Ayres, a cujo governo s'entrega, assim como os navios; generoso acolhimento das nações platinas; responsavel pelo fracasso da expedição ao Rio Grande.

A 2 de Novembro deixamos em terras de Santa Catharina, á margem direita do Pelotas, os exercitos commandados pelos generaes Salgado e Gumerindo. Durante quatro dias ainda marcharam, mais ou menos, na mesma direcção, proximos um do outro até perto do Lavatudo, pequeno arroio a quatro ou cinco leguas da cidade de Lages.

A 6, dia em que os primeiros corpos da divisão do Norte transpuzeram o rio Pelotas, o general Gumerindo ainda conferenciou com o general Salgado, distante então do 1.º corpo de exercito apenas uma legua. (27-A)

Neste mesmo dia tomaram rumo differente, seguindo Gumerindo para o norte, caminho de Lages, e Salgado para leste, caminho de Tubarão.

(27-A) O dr. Antonio Augusto de Carvalho diz, em seus "Apontamentos sobre a Revolução do Rio Grande do Sul". que o general Salgado ordenou a Gumerindo ficar com o 1.º corpo de exercito guardando a fronteira, enquanto elle seguia com o 2.º para o interior de Santa Catharina a chamado do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, constituido na capital desse Estado, desde 14 de Outubro, pela expedição da esquadra revolucionaria ao mando do capitão de mar e guerra Frederico Lorena. Acrescenta ainda que o general Gumerindo abandonou esse posto sem prévio conhecimento do general Salgado, que ao saber disso, mais tarde, por conducto official do governo, ficou profundamente desgostoso e contrariado por ver de modo radical alterado seu plano de campanha, cuja consequencia foi lamentavel.

Não contestamos que Gumerindo tivesse tido ordem

Para chegar a esta cidade teve de atravessar a serra do Oratorio, cujo caminho afamado pela asperesa e difficuldades, foi vencido com resoluta impavidez pelos abnegados rio-grandenses.

Nas Minas, ponto terminal da estrada de ferro que parte da Laguna, passando por Tubarão, embarcou todo o exercito para esta cidade, onde chegou no dia 9.

Como não estivesse longe a divisão do Centro, sob o commando do general Arthur Oscar, de novo embarcou para a Laguna, ponto muito mais defensavel.

Por morosidade ou qualquer outra causa, não foi o general governista o primeiro a occupar Tubarão, porque a 1.º de Novembro estava na villa das Torres, a pouco mais de 24 leguas daquella cidade. Neste caso o exercito revolucionario podia vêr-se em sérias difficuldades; talvez fosse obrigado a contramarchar.

Devido ainda a lentidão de suas marchas teve o general legalista de lutar contra a heroica resistencia que, na passagem do Araranguá, lhe foi opposta nos dias 6 e 7 por 42 navaes e marinheiros da guarnição do pequeno vapor "Itapemirim", ao

de ficar com seu corpo de exercito na cidade de Lages guardando a fronteira. No facto, porém, de abandonal-a, sem prévio conhecimento do general Salgado, não vemos motivo para culpá-lo do desgosto e contrariedade deste general; por vêr seus planos alterados. Sob pena de ser esmagado, não podia Gumerindo deixar de recuar diante o avanço da poderosa divisão do norte, que, tenazmente, o perseguiu até Itajahy.



mando do bravo 1.º tenente da armada Filinto Perry. (28)

De chegada a Laguna, onde foi recebido com significativas provas de apreço, providenciou imediatamente nos meios de defesa da cidade, seguindo logo após para a capital do Estado, onde teve festiva recepção.

Depois de conferenciar com os membros do governo provisório e de certificar-se de seus intuitos, mostrou a necessidade de desalojar o general Arthur Oscar de Tubarão.

Assentado este plano, para leval-o a effeito, comprometteu-se o governo fornecer-lhe armas e munições. Deste compromisso desempenhou-se como poudé, pois força é convir, poucos eram os recursos bellicos de que dispunha.

Voltando a Laguna, tratou de pôr em execução o plano combinado.

Além do 2.º corpo de exercito rio-grandense, estava tambem nesta cidade uma força de cerca de 400 homens, commandada por Laurentino Pinto Filho, general feito pelo governo provisório.

Grande parte de toda esta força, em numero superior a 1.600. homens, inclusive um parque de

(28) Se não fôra ter cahido gravemente ferido o valente rio-grandense, esse punhado de homens teria obstado, por mais tempo, o passo a força legal. Como elle, porém, mais dez companheiros foram postos fóra de combate, fallecendo apenas um. O general Arthur Oscar dando conta detalhada deste combate, encheu a sua prolixa parte com a narração de incidentes frivolos; entretanto, na confecção dessa peça, mais rhetorica que militar, parece ter gasto todo o dia 10 na margem esquerda do rio catharineta.

artilharia sob o commando do inditoso capitão Becker, embarcou na estrada de ferro e seguiu para Tubarão.

Diante do rio invadeavel, do mesmo nome, que banha esta cidade, teve de fazer alto.

Havia um outro caminho, — a ponte da estrada de ferro — mas onde não estava destruída, fortes trincheiras a defendiam.

A divisão legal preparou-se para a defeza, collocando a artilharia nas melhores posições. Assim que avistou o exercito revolucionario, o recebeu de baixo de fogo.

Tendo feito alto a margem do rio, a força atacante collocou-se em posição de não ser facilmente offendida pelos projectis inimigos, enquanto o general em chefe, em pessoa, adiantou-se para fazer minucioso reconhecimento.

Verificando a impossibilidade de desalojar a divisão legal, já por não ter força sufficiente, já por ter de vencer obstaculos naturaes, que augmentavam as difficuldades do ataque, retrocedeu para Laguna, com perda de tres ou quatro homens.

Fez ainda uma inutil tentativa de subir com forças embarcadas o Araranguá, afim de desembarcal-as a retaguarda do inimigo. A falta d'agua no rio, como de embarcações apropriadas, obstou a realisação deste plano.

Seguindo de novo para o Desterro a 26, communicou ao governo o mallogro da empresa, manifestando opinião de só poder atacar efficazmente

o general Arthur Oscar, transportando pelo Aranguá acima, em embarcações de pequeno calado, forças que desembarcassem á sua retaguarda.

Salgado, que tinha sido promovido a general de divisão pelo governo provisorio e nomeado general em chefe de todas as forças em operações no Estado de Santa Catharina, de 26 de Novembro a 3 de Dezembro, no exercicio desse alto cargo, expediu aos diversos chefes que estavam em Joinville, Laguna, Blumenau e Itajahy, muitos telegrammas transmittindo ordens relativas a operações de guerra.

Desavindo-se, por muitas causas, com o governo provisorio, sobretudo por se ter energicamente opposto a que dessem o nome de **exercito nacional** as forças de seu commando, conhecidas sob o glorioso baptismo de **2.º corpo do exercito libertador rio-grandense**, recusou a promoção a general de divisão e exonerou-se do cargo de commandante em chefe de todas as forças em operações no Estado, tendo se negado a receber o soldo que lhe quizeram pagar.

Desde então a sua columna soffreu guerra de morte, chegando o ephemero governo provisorio a negar-lhe até meios de subsistencia!

Por maiores, entretanto, que fossem os attritos entre o abnegado general revolucionario e o governo, por mais impertinentes que fossem suas ponderações, cumpria, em beneficio do interesse geral, ouvir-as com delicadeza e tratá-lo com toda

a consideração, senão por sua pessoa, pelo poderoso elemento de que dispunha. Assim, porém, não comprehendeu este governo de triste memoria, cujos membros, além de não terem nenhuma importancia politica, não estavam na altura da situação.

Em tão criticas e difficeis circumstancias, em lucta porfiada com os poderosos recursos da União, pareciam não comprehender a excepcional gravidade do momento. Precioso tempo foi gasto em recriminações pessoas e estereis discussões sobre vago doutrinarmismo politico.

Emquanto o general Salgado permaneceu no Desterro, seu corpo de exercito ficou sob o commando do general França.

Durante todo esse tempo apenas houve um insignificante tiroteio no lugar denominado Tapado, propositalmente mandado provocar pelo general Arthur Oscar, afim de, distrahindo o inimigo, operar mais a gosto a retirada do grosso de sua divisão, que teve lugar a 9 ou 10 de Dezembro. (29)

Sem mais motivo de permanencia na capital do Estado, o general Salgado embarca a 13 para Laguna, de onde volta com todo o 2.º corpo de exercito no intuito de combater o inimigo, que tinha acabado de tomar Itajahy.

Por este tempo chegaram de Montevidéo ao

(29) Logo após a sahida das forças do general Arthur Oscar de Tubarão, nos fundos da Camara Municipal e nos quintaes de casas particulares, foram encontrados 23 cadaveres degollados, alguns já em adiantado estado de putrefacção. Esta communicacão foi feita em 18 de Dezembro pelo cidadão Cincinato Ribeiro ao dr. Annibal Cardoso, então ministro da guerra.

Desterro, com o objectivo de assumir o governo, os drs. Francisco da Silva Tavares e Francisco Antunes Maciel, acompanhados por selecto grupo de revolucionarios.

Lorena e seus ministros, confiantes na estabilidade do poder de que se tinham investido, sob pretextos futeis, negaram-se a entregal-o.

Houve ideia de depol-os; mas os drs. Seabra<sup>(30)</sup> e Maciel foram de opinião contraria, que afinal prevaleceu.

Annibal Cardoso, receoso que o 2.º corpo de exercito, embarcado no "Iris", desembarcasse para levar a effeito a deposição do governo de que era ministro da guerra, teve a sinistra ideia de pedir ao almirante Custodio de Mello para metralhar esse vapôr, onde, entretanto, estavam 1.300 rio-grandenses!...

Tendo se opposto a execução do plano traçado pelo governo, <sup>(31)</sup> não só por falta de elementos, mas tambem por julgal-o um erro de officio, voltou de novo para a Laguna, onde seu exercito permaneceu inactivo todo o resto do mez de Dezembro, Janeiro de 1894 e parte da primeira quinzena de Fevereiro.

Instado para operar no Paraná, o general Salgado, cujo objectivo era libertar o Rio Grande, não annuiu aos instantes pedidos dos chefes que lhe telegrapharam neste sentido. Tão pouco demove-

(30) Actualmente senador.

(31) Ignoramos esse plano, mas acreditamos fosse cortar a retirada da divisão do norte.

ram-no deste proposito as ponderações de aproveitar á liberdade do Rio Grande o triumpho, que, por ventura, obtivesse a revolução nos Estados do Paraná, S. Paulo ou qualquer outro ponto do Brasil.

Assumindo esta attitude, entendia collocar-se na legitima defeza da revolução rio-grandense, que, a seu vêr e de mais dois ou tres chefes, que se transferiram do 1.º para o 2.º corpo de exercito, estava correndo o risco de ser mystificada pelo character nacional, que, após a revolta da esquadra, se quiz dar a todo o movimento insurrecional. Esta pretensão, porém, só teve lugar depois que o almirante Custodio de Mello, convencido da pertinacia do marechal Floriano em se manter no poder, perdeu a velleidade de separar o movimento da esquadra da revolução rio-grandense.

Indisposto com o governo provisório e não tendo outro caminho a seguir, sob pena de ficar indefinidamente inactivo na Laguna, procurou voltar para o Rio Grande. Com este intuito, afim de reunir elementos, sobretudo cavallos, fez marchar, com antecedencia de alguns dias, na primeira dezena de Fevereiro, o coronel Ignacio Cortez.

O destemido coronel, a frente de 300 homens, transpondo a serra, penetrou nos municipios de Lages e Vaccaria, onde teve de enfrentar forças da divisão do norte, com as quaes travou tiroteios nos dias 13, 15 e 28 de Fevereiro.

Estas forças, que a principio só constavam dos corpos que compunham a brigada do coronel Sal-

vador Pinheiro, foram successivamente reforçadas, chegando a formar um forte de cerca de 2.000 homens.

A pequena força revolucionaria acoçada por quasi toda a divisão do norte, ia a custo se retirando. Tratava já a força legal de sitial-a, quando chegou em seu auxilio o general Salgado, que a livrou de risco eminente.

Durante os dias 1, 2 e 3 de Março houve fortissimos tiroteios entre as duas forças, sobretudo no ultimo, que o general Salgado em pessoa, a frente de pouco mais de 200 homens, teve que conter o inimigo, quando o grosso das forças de seu commando em contramarcha descia a serra. Não

poude, pois, realisar seu plano; foi obrigado a voltar para Tubarão e Laguna.

Nestes combates parciaes em que empenhou cerca de 800 homens, teve varios mortos e feridos, assim como alguns extraviados.

O coronel Salvador Pinheiro Machado, em sua ordem do dia de 3 de Março, affirma que o general Salgado teve nesta derrota um prejuizo de 35 homiens

mortos, varios prisioneiros, 200 dispersos, além da perda de algumas armas e 6.000 cartuchos "comblain".



Coronel Salvador Pinheiro Machado

Este documento não merece inteira fé historica, porque o autor, valente embora, seduzido pelo brilho da gloria, era facil em exagerar tudo quanto podia concorrer para enaltecer seus feitos.

O prejuizo das forças do governo, que, após estes combates se retiraram para S. Joaquim, com certeza não foi menor que o das forças revolucionarias.

O general Salgado, dando parte destes successos, telegraphicamente, ao coronel Manoel J. Machado, presidente do Estado de Santa Catharina, relatou-os nestes termos:

"Tubarão, 5 de Março. — Coronel Manoel J. Machado, Presidente do Estado.

Já deveis estar informado sobre os diferentes encontros que tivemos nos municipios de Vaccaria, S. Joaquim e Lages, nos dias 13, 15 e 28 do passado, com forças de Pinheiro Machado e nos dias 1, 2 e 3 do corrente com toda a columna. Nossas baixas, em relação as do inimigo, foram nenhuma, apenas 4 mortos e 15 feridos. A columna atacante compunha-se das tres armas e era superior a 2.000 homens. Varias vezes rechaçamol-a e fizemos cessar seus fogos, devido a posição estrategica e dominante que occuparam nossas linhas sobre duas elevadas colinas. Nossas forças eram 700 homens, em consequencia ter ficado aqui resto exercito. No ultimo dia, 3, acceitei combate com 200 atiradores, por ter feito descer serra maior parte força, intuito encontrar retirada franca

momento dado. Gastamos cerca de 30.000 tiros. Saudações. — Minas, 6 de Março de 1894. — *General Salgado.*”

Sobre este mesmo assumpto telegraphou o general Guerreiro Victoria nos seguintes termos:

“Tubarão, 8 de Março. — Coronel Manoel J. Machado, Presidente do Estado.

Proprio mandamos lugar ultimo combate acaba chegar e declara ter encontrado campo batalha 30 sepulturas, contando existirem além outras que não pode verificar, por estar cavallo cansado. Declarou mais inimigo haver tomado direcção S. Joaquim. General Salgado deve aqui chegar hoje. Saudovos. — *General Guerreiro Victoria.*”

Parece que este numero de sepulturas a que se refere o general Guerreiro, não é de revolucionarios; seus cadaveres não mereciam dos governistas uma pá de terra.

Depois deste fracasso a situação do general Salgado tornou-se difficil: encerrado na Laguna, não via meio prompto de tornar com o exercito a seu querido Rio Grande. A fuga do almirante Saldanha para as corvetas portuguezas e o consequente abandono da bahia do Rio de Janeiro, correu, indirectamente, para tiral-o dessa difficuldade. Só depois deste tremendo desastre, o almirante Mello, ou por iniciativa propria, ou por suggestão do general Gumerindo, lembrou-se de forçar a barra do Rio Grande!

Se esta operação fosse levada a effeito mezes antes, quando Tavares, a frente de cerca de 4.000 homens sitiava Bagé, a victoria da revolução rio-grandense teria sido infallivel. Ella, porém, só foi lembrada depois que o almirante, em vista do fracasso da bahia do Rio, convenceu-se de que a posse do Estado do Paraná tambem estava por dias. L obrigou, neste lance, mais a salvação da esquadra que um plano de guerra, que a liberdade rio-grandense!

Só então, depois de combinar com o general Laurentino, que estava no Paraná, lembrou-se, a 18 ou 19 de Março, de convidar o general Salgado para esta expedição.

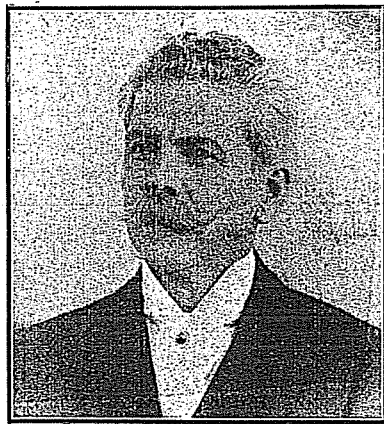
Salgado, vendo nesse convite a solução da difficuldade em que se encontrava, acceitou-o de boa mente, instando por sua prompta execução.

Assentado este plano, a 28 de Março, depois de embarcado o corpo de exercito do general Laurentino, com 635 homens, quasi exclusivamente composto de força regular, deixou a esquadra o porto de Paranaguá e seguiu para o Desterro, onde já a esperava o 2.º corpo, do commando do general Salgado, com 1.300 homens.

Acordes nesta operação de guerra, isto é — “forçar a barra do Rio Grande, desembarcando metade da força no lugar denominado Macega e a outra metade no caes da propria cidade sob a protecção dos fogos da esquadra” — ao anoitecer do dia 3 de Abril, após uma demora de quatro dias, a

divisão naval revolucionaria, composta dos vapores mercantes "Uranus", "Iris", "Meteoro" e "Esperança", armados em guerra, e do cruzador "Republica", o navio chefe, levantou ferro e seguiu com direcção a barra do Rio Grande.

Na manhã do dia 6, depois de sessenta horas de viagem, em consequencia de um desarranjo na machina do "Meteoro", estava a vista a barra.



*Almirante Custodio de Mello*

co e perigo, a posição mais difficil, posto que mais gloriosa.

Cheio da mais ampla comprehensão da ideia da honra e do dever, com admiravel calma e sangue frio, abrindo caminho, enveredou por entre os bancos de areia que bordam a entrada da famosa barra.

Ao approximar-se desta perigosa entrada do porto rio-grandense, passou para a vanguarda, até então feita pelo "Republica", o cruzeiro "Uranus", sob o commando do destemido 1.º tenente Costa Mendes.

O conhecimento especial que tinha este intrepido marinheiro das difficuldades desta passagem, valeu-lhe, no momento de maior risco

Transposto com altiva impavidez o arriscado passo, inclusive a linha de torpedos que, por obra do céo, não explodiu, feito, sem excepção, julgado acto de valentia e temeraria audacia, o bravo Costa Mendes, ainda depois de salvo todos os navios, seguiu sempre occupando a mesma posição.

As baterias de terra, situadas ao sul da entrada da barra, romperam nutrido fogo contra os navios revolucionarios, que, em resposta, despejaram seus canhões contra as improvisadas fortificações das forças leaes.

Não durou nem meia hora a resistencia; seus defensores, abandonando-as, fugiram para o Cassino, onde tomaram a estrada de ferro para o Rio-Grande.

Neste feito memoravel, em consequencia de uma bomba que explodiu a bordo do "Meteoro", foram feridos oito soldados, só morrendo o valente major Patricio Toledo.

As duas horas da tarde todos os vapores, com excepção do cruzador "Republica", que não trazia gente de desembarque, atracaram no trapiche da companhia francesa, no local denominado Commissão. As tres, o corpo de exercito do general Laurentino, augmentado de mais 250 patriotas ao mando do coronel Ignacio Cortez, das forças do general Salgado, ao todo cerca de 900 homens, estava em terra. Marchando, immediatamente, contra as trincheiras inimigas, a kilometro e meio do ponto

de desembarque, chegando perto, verificou estarem abandonadas.

Ignacio Cortez, que arrecadou 10.000 tiros, quatro canhões Krupp e algumas espingardas deixadas pelo inimigo, ficou, por ordem superior, occupando esta posição.

O general Laurentino contramarchou para o trapiche, onde recebeu ordem do almirante, chefe de todas as forças, para marchar em direcção á cidade do Rio-Grande, cujas trincheiras devia atacar.

Das 3 para as 4 horas, com o seu resumido corpo de exercito, pôz-se em marcha.

Até se approximar ás fortificações inimigas, tinha pela frente tres leguas de terreno summamente arenoso.

Para soldados que acabavam de fazer uma viagem maritima de sessenta horas, mal alimentados e enfraquecidos pelo enjôo do mar, esta marcha, em que, por falta de meios de locomoção, tiveram ainda de transportar munições e artilharia, foi um duro e pesado sacrificio. Mais sensivel e maior ainda o tornou, alongando o trajecto a percorrer, a ignorancia do "vaqueano".

Afinal, depois de atravessar a lagôa Mangueira, já ao anoitecer, chegaram a estação Vieira, onde fizeram pouso. Poucos momentos depois de acampar, um dos piquetes avançados trouxe a presença do general Laurentino dois soldados extraviados das forças leaes. Contaram elles que a guarnição

da cidade era de 600 homens, além de um contingente de guardas nacionaes, e que da lagôa Mangueira ao mar havia uma linha de trincheiras bem artilhada.

Dando inteira fé a esta informação, desistiu Laurentino de atacal-a. Sem perda de tempo, pelo 1.º tenente Filinto Perry mandou dar conhecimento ao almirante C. de Mello da informação ministrada pelos dois prisioneiros, ponderando-lhe ao mesmo tempo a "prudencia de uma contramarcha, afim de embarcar todas as forças e avançar pela frente da cidade, effectuando o desembarque amparado pelo fogo da esquadra, ou então a reunião de seu corpo d'exercito ao do general Salgado no intuito de combinados atacarem as trincheiras."

Antes deste facto e ainda em marcha, um piquete montado composto de oito praças sob o commando do brioso major João Guedes, foi incumbido de destruir a linha ferrea do Rio-Grande a Bagé, a "distancia nunca menor de cinco kilometros da estação Vieira." (32)

Esta diligencia foi desempenhada com toda a presteza, mas, ainda assim, não poude o valente major obstar a vinda de tropa para o Rio-Grande.

No lugar onde foi damnificada a estrada, o trem descarrilou; o panico dos soldados, julgando encontrar pela frente respeitavel força revolucio-

(32) As palavras entre virgulas dobradas são textuaes de alguns dos chefes, que escreveram sobre esta operação de guerra e nella tomaram parte.

naria, foi grande: “deram vivas a revolução e ao almirante Mello.”

Quando, porém, certificaram-se que apenas havia uma dúzia de homens tiroteando, os correram a bala e seguiram a pé para a cidade.

Foi este um dos graves erros do general Laurentino.

Assim como previu que só por essa via podiam chegar reforços a guarnição do Rio-Grande, devia também prevêr que, na hypothese da vinda de qualquer contingente, no lugar damnificado da estrada, ou o trem teria de parar ou descarrilar, e, então, oito homens seriam insufficientes para atacar a força que, por ventura, viesse.

O acertado era ter mandado postar nesse ou noutro local mais proximo do grosso de seu exercito, forte piquete, que, dado qualquer dos casos, batesse ou aprisionasse a força legal.

Devido a este erro do valente mas inexperiente general civil, por duas vezes entraram reforços para a guarnição do Rio-Grande.

Só então mandou o major Antonio Augusto de Azevedo com a ala direita do 25 batalhão occupar aquella posição, isto é, o local onde estava destruida a estrada.

No mesmo dia foi este contingente reforçado por parte do 8.º regimento de cavallaria rio-grandense, sob o commando do major Damasio, e no dia seguinte (8) por um esquadrão ao mando do

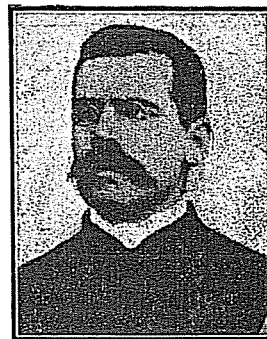
major Guedes, perfazendo toda esta força, que constituia a retaguarda, 130 homens.

O 1.º tenente Perry, em communicação escripta ao general Laurentino, deu-lhe conta da commissão de que tinha sido incumbido.

Nesta mesma occasião recebeu do general Salgado, o seguinte bilhete:

“Barra, Abril 7 de 1894. — General Laurentino.

Amanhã ao amanhecer levanto acampamento. Ahi deveis esperar até minha chegada. Convém mandar cavallos para conduzirem dois Krupp, pois como sabeis, o inimigo dispõe de artilharia, e, por conseguinte nos levará vantagem, achando-se entrincheirado e nossas forças sem os Krupp. — Salgado.” (33)



G.<sup>al</sup> Laurentino Pinto

Apezar do pedido do general Salgado, o general Laurentino, na madrugada de 7, levantou acampamento e avançou “mais tres kilometros para frente”, adiantando-se em pessoa com a 1.ª companhia de marinha ao mando do tenente Jorge Coelho, afim de melhor reconhecer o terreno. O capitão Graciliano Meirelles, que fazia

(33) Pelos termos deste bilhete se depreheende que o general Salgado só levantou acampamento na manhã de 8, sendo certo que o fez na manhã de 7. Ha, portanto, erro neste escripto, ou do autor ou de quem o reproduziu.



a vanguarda desta pequena força, voltou conduzindo alguns cavallos tomados ao inimigo, que, neste tiroteio além de um prisioneiro, teve um homem morto.

O exercito do general Salgado, desembarcando após o do general Laurentino, acampou a pouca distancia da costa. Esta demora mereceu reparo do almirante Mello, conforme se vê de sua ordem do dia n.º 22 de 14 de Abril de 1894.

A censura, porém, parece-nos mais ditada por prevenção que justiça.

Ou porque julgasse facil a tomada do Rio-Grande e quizesse dar as glorias a Laurentino, ou porque, disposto ainda a cumprir o plano combinado tencionasse desembarcar o exercito do general Salgado no caes da cidade, o certo é que em primeiro lugar o almirante deu desembarque ao exercito daquelle general e só depois ao deste.

Eram perto de cinco horas quando concluiu o desembarque do 2.º corpo de exercito libertador rio-grandense. Se marchasse immediatamente, teria pouco depois de acampar, porque dentro de meia hora seria noite cerrada.

Nestas circumstancias, Salgado tendo sua gente enfraquecida pelos soffrimentos de uma longa viagem de mar, julgou mais prudente dar-lhes descanso essa noite e marchar no dia seguinte pela manhã.

Reunidos a 7 os dois exercitos, afim de toma-

rem posição, se approximaram das fortificações inimigas.

O centro e o flanco esquerdo foi occupado pelo corpo de exercito do general Salgado e o flanco direito pelo do general Laurentino. Salgado, com admiravel sangue frio e coragem, fez, pessoalmente, proveitoso reconhecimento, que durou desde as duas horas até ao anoitecer. Verificou-se então que a linha de trincheiras, que se estendia da Mangueira ao mar, não era de montes de areia; que a construcção, sem ser de grande solidez, obedecia, entretanto, a todas as regras da arte da guerra. Urgia, porém, operar.

Comprehendendo isso, o general Salgado combinando com o general Laurentino, resolveram assaltar as trincheiras ao raiar os primeiros clarões da madrugada do dia 8.

Depois de mandar o commandante da retaguarda tomar posição no flanco direito, dirigiu-se o general Laurentino a seus commandantes de brigadas e corpos, afim de transmittir-lhes ordens relativas ao ataque. Nesta occasião, Filinto Perry, commandante da 1.ª brigada, "declarou que iria até o ultimo sacrificio, mas que não tinha plena confiança em parte do 2.º corpo de exercito nacional provisório, pelo que ver-se-ia obrigado a combater com uma pequena parte de seus soldados, sacrificando-os, assim como seus officiaes, que iriam até o fim."

Perante declaração tão formal, feita por um

official cuja valentia não se podia pôr em duvida, o general Laurentino hesitou, robustecendo-o, porém, na crença do que lhe acabava de ser dito, o facto de poucas antes ter sido obrigado a chamar ao cumprimento da honra militar grande parte dos officiaes dos batalhões 17 e 25 e do 8.º regimento de cavallaria ligeira. Os commandantes do 17 e 8.º corroboraram a declaração de Perry, acrescentando que, decidido o assalto, muitos de seus officiaes dariam parte de doente.

O commandante do 25, o major José Borges do Canto, chamado para pronunciar-se a respeito, disse estar de accordo com a declaração de seus collegas, mas, apesar de tudo, estava prompto a cumprir ordens.

Diante a gravidade da situação, o general Laurentino pediu-lhes para formularem por escripto a declaração que acabavam de fazer, convidando-os, em seguida, a conferenciar com o general Salgado, a quem as duas horas da madrugada fizeram identica exposição verbal.

Eis o texto desse documento assignado pelo 1.º tenente Filinto Perry, commandante da 1.ª brigada, tenente-coronel Rodrigo José de Figueiredo Neves, commandante do 8.º de cavallaria e major Manoel Raimundo de Souza, commandante do 17 de infantaria:

“Sobre as probabilidades do exito de um assalto a viva força as trincheiras que defendem a cidade do Rio-Grande, sitiada neste

momento pelas forças revolucionarias, os commandantes dos diversos corpos do 2.º corpo do Exercito Nacional Provisorio, abaixo firmados, são de opinião que é inteiramente duvidoso o resultado de uma acção empenhada nesse sentido, em vista dos importantes trabalhos de defeza que guarnecem essa cidade e da força de artilharia existente na mesma. No combate travado hoje por nossas forças de reconhecimento com o inimigo, deixa vêr a immensa difficuldade que temos em approximar-nos, pelo grande numero de baixas soffridas pelas nossas forças.

Dado o caso, muito provavel, de sermos rechassados pelo inimigo, não dispomos de uma força regular de cavallaria, que possa proteger a nossa retirada e impedir, consequentemente, o massacre immediato. Aggredue-se a estas razões a falta de elementos de guerra, indispensaveis para um ataque nestas condições.

Em vista, portanto, destas considerações, julgamos ser inconveniente o ataque a viva força, porquanto, o fracasso provavel nos acarretará graves e funestas consequencias. Barra, madrugada de 8 de Abril de 1894. Residencia de Bernabé.”

Em vista desta declaração esmagadora, com a qual estava de pleno accôrdo o general Laurentino, os commandantes do 2.º corpo do Exercito Libertador, declararam que sem o apoio decisivo das forças ao mando daquelle general, era impossivel levar o assalto as trincheiras inimigas.

Scientificado pelo general Salgado desta resolução tomada por seus commandados, Laurentino, não só verbalmente mas também por escripto, ponderou-lhe que o "corpo de seu commando não negava auxilio, apenas emittia opinião, estando prompto a cumprir até o sacrificio todas as ordens dos chefes responsaveis."

Apezar desta explicação do general Laurentino, nenhuma confiança podia mais inspirar a sua força. Por um documento escripto tinha manifestado desanimo; por factos pouca disposição para a lucta, tanto que o proprio general confessou ter sido forçado a chamal-a ao cumprimento da honra militar e "reconhecer, salvo mui poucas e honrosas excepções, essa nota indigna para com o 17, 25 e 8.º."

Em taes circumstancias, se o general Salgado, sob sua responsabilidade, ordenasse um ataque decisivo ás trincheiras, era expôr-se a certeza de um fracasso, sacrificando, inutilmente, os valentes.

Sem tomar, nesta difficil emergencia, uma resolução propria, resolveu levar todos estes factos ao conhecimento do almirante Mello, submettendo-os a sua apreciação.

Desta comissão, ainda mais uma vez, foi encarregado o 1.º tenente Filinto Perry.

As nove horas da noite do dia 8 voltou com a resposta do almirante. que ordenava o ataque dentro de 24 horas, sob pena de deixar todo o exercito em terra, com exclusão do batalhão naval.

A barbaridade imposta por este terrivel dilemma, que collocou o exercito entre a espada e a parede, na collisão de fazer-se matar junto ás trincheiras ou ficar encerrado na pequena península arenosa do Rio-Grande, onde seria fatalmente esmagado, provocou um conselho de officiaes de todos os corpos.

Depois de terem alguns revolucionarios falado sobre o objecto da questão que os reunia naquelle momento, o general Laurentino, após varias considerações, propoz e ficou resolvido, que elle e o general Salgado fossem a presença do almirante, afim de "saberem o maximo de tempo que podiam dispor para contar com a esquadra na barra, garantindo-lhes a retirada em dado caso."

Acompanhados do 1.º tenente Perry, na tarde do dia 9, seguiram os dois generaes para bordo do "Republica", fundeado no porto da villa de S. José do Norte, em frente a cidade do Rio-Grande.

A importancia do assumpto podia exigir a presença de um dos generaes junto a pessoa do almirante Mello, chefe de todas as froças; nada, porém, justifica que fossem os dois, abandonando, embora durante a noite, seus respectivos corpos de exercitos.

Uma força, sobretudo diante do inimigo, nunca deve ser abandonada pelo commandante em chefe, por mais valentes e illustres que sejam os seus substitutos. E' este o dever que a todos impõe, em

casos identicos, a consciencia de uma grande responsabilidade.

Após longa conferencia, que prolongou-se além de meia noite, o almirante não fez concessão alguma, manteve a mesma ordem. Ficou, pois, resolvido que o ataque ás trincheiras teria lugar na madrugada de 11.

Na manhã do dia 10, ao pisar em terra, de volta da conferencia com o almirante, recebeu Salgado um officio do general Guerreiro Victoria, no qual lhe dava conhecimento, por communicação do major Guedes, que uma forte columna inimiga vinha construindo a estrada de ferro, estando já sua vanguarda em lucta com a retaguarda revolucionaria. Na vespera, constando a vinda desta força sob o commando do coronel Carlos Telles, os majores João Guedes, Damasio e Antonio A. de Azevedo, acompanhados de um piquete de cavallaria de 30 homens, adiantaram-se uma legua para frente, porém nada descobriram.

O general Laurentino antes de seguir para a Barra, por communicação do major A. A. de Azevedo, teve sciencia da provavel vinda do coronel Carlos Telles. Apesar das ponderações que então lhe fez, de, dada esta hypothese, ser impossivel conter o inimigo, já pela "pouca força que dispunha, já pela escassez de munições", Laurentino, parece, a unica providencia que tomou, foi mandar o coronel Franklin Cunha assumir o commando dessa força.

Nas primeiras horas da noite divisou-se inimigo nas proximidades da Quinta. A pequena retaguarda revolucionaria passou a noite de promptidão e a esperar com anciedade os reforços e munições que, por tres emissarios consecutivos, mandou inutilmente pedir no Quartel General do Commando do 2.º Corpo do Exercito Nacional.

As 3 ½ da madrugada o coronel F. Cunha convidou aos majores Guedes, Damasio e Azevedo para bater o inimigo.

Este ultimo oppoz-se a esse temerario convite, allegando disporem de pouca força e munição, quando, seguramente, teriam de enfrentar forte columna inimiga; estar sua gente completamente a pé, de modo que dado um desastre, "teria que morrer com todos-seus-infantes sob as patas da cavallaria inimiga ou fugir vergonhosamente para o matto beira mar", risco que não corria a gente do coronel F. Cunha por estar toda montada.

Novamente convidado, apesar de suas ponderações, para que não o chamassem de cobarde, como elle proprio confessa, (34) accedeu o convite, pondo-se logo em marcha. Segundo a ordem recebida avançou o quanto poude, até que rompeu fogo — o toque de alvorada que despertou o inimigo.

A resposta não tardou energica e forte, sendo a pequena força revolucionaria obrigada a recuar para não ser envolvida.

(34) Fracasso do ataque a cidade do Rio Grande.

Chegada ao ponto de partida, foi protegida por 50 homens do 25 batalhão, a ala esquerda do 17 e uma companhia do batalhão naval, que tinham chegado pouco antes. O coronel F. Cunha dispôs toda a força em ordem de batalha a espera do inimigo, que se aproximava. (35)

O major Azevedo, encarregado de ir ao acampamento pedir reforços e munições, em caminho, a curta distancia, encontrou o coronel Felipe Portinho, que, a frente de 200 homens, por ordem do general Guerreiro, já vinha em protecção da retaguarda. Como trouxesse munições de sobrecellente, Azevedo voltou em sua companhia.

Em chegando o valente coronel, estendeu tambem a sua gente em linha de batalha.

A distribuição da força revolucionaria era esta: no flanco direito as duas alas direitas dos batalhões 17 e 25 e a 1.ª companhia do batalhão naval; no esquerdo o 8.º regimento de cavallaria e ala esquerda do 17, no centro, um pouco a retaguarda, a brigada do coronel Felipe Portinho.

O inimigo, tambem de linha estendida, quasi toda formada de cavallaria, conservava-se a cerca de 1.500 metros de distancia.

Ao toque dê fogo os revolucionarios, guiados pelo bravo Portinho, avançaram resolutamente, fazendo o inimigo recuar mais de 1.000 metros das posições que occupavam. Com surpresa, porém, vê,

(35) O sr. Antonio Augusto de Azevedo, no folheto a que já nos referimos, censura severamente o coronel F. Cunha, a quem além de inepto considera cobarde.

de repente, a companhia do batalhão naval correndo em retirada. Então com mascula energia pergunta:

“Porque correm os valentes?” (36)



*Cel Felipe Portinho*

Tendo sciencia de que era por falta de munições, por cuja causa tambem não tardaram os soldados do flanco direito a imitar o procedimento dos marinheiros, encarregou o major Azevedo de mandar buscar-as ao acampamento, o qual seguiu pessoalmente no des-

empenho desta diligencia; de volta soube da derrota dos revolucionarios, pelo que tratou igualmente de pôr-se em salvo.

Quando chegaram os dois generaes ao acampamento, já a força revolucionaria empenhada nesta lucta, 500 homens, mais ou menos, tinha sido completamente derrotada e vinha em retirada.

Neste combate, em que cahiram prisioneiros das forças legaes alguns soldados, perderam gloriosamente a vida o major Pacifico Annes Dias e varias praças, tendo sahido ferido o coronel Portinho, tenente-coronel Jonathas Rodrigues, capitão Anaurelino Cidade e outros.

(36) A. A. Azevedo garante em seu folheto que estas palavras são textuaes.

Transportando-se para o campo d'acção e tomando minuciosas informações dos successos, depois de recolhidos todos os extraviados, com excepção dos que tinham fugido para a Barra, o general Salgado, afim de evitar que o exercito ficasse entre dois fogos, o da guarnição da cidade pela retaguarda e o das forças do coronel Carlos Telles, calculadas em 1.500 homens, pela frente, tomou posição entre a lagôa Mangueira e a Barra, e ahi esperou o inimigo, que, sem ataca-lo, seguiu triunphante para o Rio Grande, onde entrou na manhã de 11.

O exercito estava nesta posição quando o general recebeu do almirante Mello a carta seguinte:

“Bordo do cruzador. “Republica”, 10 de Abril de 1894.

Não temos tempo a perder general Salgado ou atacaes amanhã de madrugada ou eu me retiro deixando em terra vosso exercito. Uma demora de 24 horas me poderá ser fatal, pois, é possível, que o Floriano, sabendo que estais em situação critica, mande para aqui sua esquadra, e então nem mesmo os destroços de vosso exercito, se fôr vencido, poderão ser salvos.

Intelligente e militar como sois, comprehendes e avaliaes bem a gravidade de nossa situação. Do camarada e amigo — *Custodio de Mello.*”

Salgado e Laurentino responderam:

“Não podemos atacar o inimigo porque se compõe de forças de cavallaria e não infantaria; perseguindo-os seremos levados ao terreno que mais lhes convier e ahi seremos envolvidos por todos os lados.

Na posição garantida que occupamos actualmente, podemos esperar ataque e nunca atacar inimigo.”

A esta seguiu-se outra intimação do almirante Mello nos mesmos termos.

Na noite de 10 para 11 houve nova conferencia a bordo do “Republica”. Discutiu-se muito sobre o meio pratico de salvar-se o exercito, cuja permanencia por mais tempo na barra, segundo a convicção geral, importava sua completa perdição. Varios alvitres foram suggeridos neste sentido.

Foi aventada a ideia de um desembarque sobre a costa da lagôa dos Patos, mas o pratico a julgou irrealisavel por não poderem os vapores transpôr o Cangussú.

Ao alvitre proposto pelo 1.º tenente Perry de embarcar todo o exercito em dez chatas e rebocal-as até a barra do arroio Velhaco, proximo a villa de S. João de Camaquam, donde facilmente se transportaria á fronteira, oppuzeram-se muitas objecções, mais oriundas do desalento produzido pela magnitude do fracasso, que pela impossibilidade do melhor, senão unico meio de salvação.

Afinal, após calorosa discussão, ficou assentado a partida da esquadra para S. Francisco, porto do Estado de Santa Catharina. Antes, porém, de levantar ferro, o almirante C. de Mello communicou ao general Salgado que "tinha resolvido fazer o desembarque em Castillos, Republica Oriental do Uruguay, porque acabava de ter informação fidedigna de estar a esquadra do Floriano bloqueando os portos de Santa Catharina." O general Salgado, que não tinha outra cousa a fazer, conformou-se com essa resolução.

As seis horas da tarde do dia 11, depois de todo o exercito revolucionario a bordo, a esquadra fez-se ao mar. As 5 horas da madrugada do dia 13 começou o desembarque, que, as 4 da tarde, quando a maior parte da tropa já estava em terra, foi suspenso por intimação da canhoneira de guerra oriental "Rivera". De Castillos levantou ferro e seguiu para Buenos Ayres, onde chegou as duas horas da tarde do dia 16.

Neste porto o almirante Mello dirigiu uma carta ao presidente da republica, onde dizia vir acolher-se a sombra da bandeira da generosa nação argentina, a cujo governo entregava os navios do seu commando. Eis, na integra, os termos deste importante documento:

"Não podendo continuar, por carencia absoluta de recursos, na lucta que a oito mezes se acha empenhada a marinha brasi-

leira com o louvavel intuito de defender a constituição politica de seu paiz, pacifical-o e annullar o militarismo, que tanto o tem anarchisado, venho a este porto com a esquadra sob meu commando, afim de nos acolhermos a sombra da bandeira da generosa nação argentina.

Achando-me embarcado e todo o pessoal desses navios composto de officiaes de marinha, exercito regular, patriotas e marinheiros, desde este momento entrego os ditos navios ao governo argentino, que lhes dará o destino mais conveniente. Saúdo a V. Ex.<sup>a</sup> — *Custodio José de Mello.*"

A seguir para o porto de S. Francisco; a desembarcar o exercito na barra do arroio Velhaco, proximo a villa de S. João de Camaquam; a dolorosa, mas suprema resolução de abandonar os navios num porto nacional; preferiu-se a vergonha de entregal-os a um governo estrangeiro, invocando a protecção de sua bandeira, perdendo-se assim um exercito e a esquadra!...

Estava terminada a revolta naval.

Em longos quatro mezes, deixou o almirante Mello que o marechal Floriano organisasse tranquillamente nos Estados do Norte sua imprestavel esquadra; sacrificou o almirante Saldanha na bahia do Rio; sacrificou o encouraçado "Aquidaban" em Santa Catharina; sacrificou um exercito de 2.000 homens atirando-o em terra estrangeira; por ultimo, sacrificou a propria esquadra, entregando-a ao governo argentino.

Nosso intuito não é fazer o historico da revolta da esquadra; se, accidentalmente, tocamos neste assumpto, expendendo nosso juizo sobre seu resultado final, foi porque nesta ultima phase da lucta ligou sua sorte á revolução rio-grandense.

Ao contrario do que calculadamente assoalhou o governo, os prejuizos de vida que neste tremendo desastre soffreram as forças revolucionarias, não foram grandes.

De Castillos, entre officiaes e soldados, seguiram para Montevidéo, 1.358. O coronel Ignacio Cortez, com parte dos soldados que compunham seu corpo, dirigiu-se por terra para a fronteira, de modo que se póde calcular sem exagero, de 1.450 a 1.500 o numero de revolucionarios desembarcados em Castillos.

Nos navios que foram para Buenos-Ayres, segundo dados officiaes, haviam a bordo do "Republica", "Iris" e "Meteoro", entre gente de bordo, tripulação e tropa 709 pessoas. No "Esperança" e no "Uranus" 359, segundo noticias dos jornaes.

Seguiram, pois, para Buenos-Ayres 1.068, que adicionados aos 1.358 que vieram para Montevidéo, dos quaes cerca de 300 foram entregues ao governo brasileiro, perfaz o total de 2.426 homens, não incluindo o grupo que foi por terra com o coronel Ignacio Cortez. <sup>(37)</sup>

(37) Os soldados entregues ao governo brasileiro eram de tropa de linha, aprisionados em Santa Catharina e Paraná, e foram entregues porque assim o quizeram.

Entre gente de bordo e exercito de terra, póde-se, pois, calcular com segurança, em 2.500 os revolucionarios que nesta occasião emigraram. Não podia ser muito maior o numero daquelles que a 3 de Abril embarcaram no porto de Santa Catharina com direcção a barra do Rio-Grande. Vê-se, portanto, que não foi grande o prejuizo de vidas.

Neste transe de duras provações em terra estranha, a premente e dolorosa situação deste punhado de brasileiros, foi minorada pelo generoso acolhimento das duas nações platinas. O povo da pequena Republica Oriental do Uruguay tornou-se grande em expansões altruisticas.

Organisaram commissões de caridade, deram alojamento, roupas e viveres a este milhar de homens seminús, maltratados pelas intemperies, por todas as vicissitudes de uma vida de dôres e sacrificios.

A esta hospitalidade fraterna, a esta nobre sympathia inspirada pelo infortunio de uma sorte adversa, o Brasil, superior aos odios de uma geração, jamais deixará de ser grato.

Sobre o responsavel pelo grande fracasso desta importante expedição, as opiniões divergem. Uns accusam o almirante Mello, outros ao general Salgado e, finalmente, outros ao general Laurentino.

Para nós o principal responsavel, senão unico, foi o almirante Mello.

Se puzesse em execução o plano combinado em



Santa Catharina, — desembarcar parte do exercito no caes da cidade e outra parte na Macega — de modo que a guarnição então de 600 homens fosse obrigada a dividir-se para acudir a defeza, podia o Rio-Grande não cahir em poder da revolução, mas então a responsabilidade não seria sua. A nosso vêr deste modo a resistencia seria impossivel, e, portanto, a quéda inevitavel.

O almirante, porém, agindo discricionariamente, levado não se sabe porque nova ordem de ideias, segundo alguns receio de encontrar linha de torpedos no canal da barra, modificou completamente este plano.

O exercito para chegar as trincheiras da cidade teve que caminhar tres leguas por terreno summamente arenoso. Com heroico sacrificio, na manhã de 7, poude Laurentino approximar-se das obras de defeza, mas reconheceu não ter forças para atacal-as.

Concita o almirante a pôr em execução o plano combinado, mas, então, quando mesmo quizesse, era tarde.

O canal da barra já tinha sido obstruido e a Macega e outros pontos já estavam artilhados.

Chega Salgado a 7; combina o ataque, mas eis que apparece a declaração dos commandantes e officiaes do corpo de exercito do general Laurentino pondo em duvida o exito dessa operação. As forças do general Salgado perdem a confiança nas d'aquelle

chefe; o desanimo generalisa-se; o ataque, na verdade de exito muito duvidoso, mallogra-se por completo.

Até aqui não vemos como com justiça se possa responsabilisar o general Salgado. A falta que lhe attribuem de não ter desenvolvido maior actividade em tão arriscada e importante operação de guerra, cujo exito dependia principalmente da rapidez de movimentos, se de facto houve, nenhum prejuizo causou. Qualquer que fosse a demora em reunir-se ás forças do general Laurentino, não excedeu a 4 horas, tempo por certo do qual não dependeu a tomada do Rio-Grande, sobretudo attendendo o praso no dia 7, concedido pelo almirante ao commandante da praça, então o do Districto, para evacual-a em 24 horas!...

Após a manifestação do general e commandantes do 2.º corpo de exercito nacional provisorio, o sentimento do desastre foi geral.

Assoberbados pelas difficuldades da situação, pela magnitude do fracasso, pelo risco eminente que corriam, estes tropeços que a principio não passavam de amargas contrariedades, depois da derrota da retaguarda pelo coronel C. Telles, degeneraram em desanimo. Então, desalentados por este revez, com inimigo pela frente e retaguarda, nem mais se podia pensar no assalto. Nesta emergencia só o almirante, sem medir consequencias, ordenava, a todo o transe, o ataque!

Portanto, em vista do exposto, se é forçado a conclusão de ser o unico responsavel por este tremendo fracasso, de todos o de consequencias mais desastrosas para a revolução, o almirante Custodio José de Mello.

Quando mesmo o espirito de benevolencia, equidade ou justiça o absolve desta grande falta e até da entrega da esquadra a um governo estrangeiro, jamais poderá eximil-o da grande culpa de ter posto fóra um exercito de 2.000 homens, bem armado e municiado, quando, desembarcando-o na barra do arroio Velhaco, proximo a villa de S. João de Camaquam, podia, como se lhe propôz, com gloria para si e proveito para revolução, tel-o perfeitamente salvo.

Preocupado com a noticia da esquadra do marechal Floriano em Santa Catharina, perdeu a presença de espirito.

Buscando a propria salvação, atirou, como carga inutil e pesada, em terras da Republica Oriental, nas praias desertas de Castillos, 1.500 revolucionarios maltrapilhos e desarmados. Não podendo alliviar-se do resto da carga por intimação da canhoneira oriental "Rivera", sem perda de tempo, faz-se de rota batida para Buenos Ayres, jogando ao mar objectos de montaria, armas, munições e até mesmo carvão, segundo a versão do tempo.

E assim desapareceu da arena da lucta o 2.º corpo do exercito libertador rio-grandense, do com-

mando do abnegado general Salgado. Diante todos estes factos, os quaes procuramos expôr com a mais sincera imparcialidade, independente de nossa opinião, não será difficil o juizo da posteridade sobre o verdadeiro responsavel pelo fracasso desta importante operação de guerra. (38)

(38) Todos os successos relativos a esta expedição da esquadra, escrevemos tendo a vista a correspondencia trocada entre o almirante Mello e o general Salgado no Rio Grande; a ordem do dia n.º 22 de 14 de Abril de 1894 do referido almirante; a contestação do general Salgado de 27 do mesmo mez; a narração destes successos feita pelo general Laurentino em Buenos Ayres, no jornal "Prensa", de 7 de Maio de 1894; o folheto — Fracasso do Ataque a cidade do Rio Grande — por Antonio Augusto de Azevedo; o folheto — Apontamentos sobre a revolução do Rio Grande do Sul — pelo juiz de direito Antonio Augusto de Carvalho; a parte dada em 26 de Abril de 1894 pelo general de divisão Antonio Joaquim Bacellar ao ministro da guerra e finalmente jornaes daquelle tempo.

## CAPITULO VIII

### Operações de forças revolucionárias que invadiram pelo Alto-Uruguay

SUMMARIO: — Primeira invasão, seu completo fracasso; morte de Jacques de Simone e desbarato de Dinarte Dornelles; segunda invasão; ocupação de S. Borja; abandono desta cidade; marcha ao rumo de S. Luiz; guerrilha proxima a esta villa; volta de Inhacapetum e emigração em Garruchos; terceira invasão; entrada em S. Borja e sequente emigração; quarta invasão; trabalhos do comité revolucionario em S. Thomé; derrota da força de Santhiago do Boqueirão; encontro indeciso com a força de S. Borja; fuga das forças de Claudio de Andrade e Ermelindo Lima; ataque ás forças de S. Borja, aquarteladas no Passo; marcha das columnas de Firmino de Paula e Tito Escobar contra Dinarte; inhabeis operações de Tito Escobar; derrota de Firmino de Paula; fuzilamento de Martins Höer; tomada de S. Martinho e de uma carreta com viveres; morte do major Baptista Dornelles; Dinarte estaciona em Carovy e Espinilho até ir fazer junção com as forças de Gumercindo e Prestes Guimarães.

Ao rebentar a revolução, os federalistas, emigrados em Corrientes, secundaram esse movimento armado.

O capitão Jacques de Simone e Dinarte Dornel-

les puzeram-se a frente das forças invasoras. O primeiro transpôz o Uruguay no passo de S. Marcos, duas leguas acima da cidade de S. Borja, acompanhado por 40 homens, dos quaes 24 vinham armados com "winchesters". Assenhoreou-se sem dificuldade do districto de Camaquam, tendo batido duas ou tres partidas governistas capitaneadas pelo tenente-coronel Claudio de Andrade, a quem causou algumas baixas. O valente de Simone, já a frente de 120 homens, quando procurava fazer junção com Dinarte Dornelles, que passou, em Garruchos, a 28 de Fevereiro, com 17 homens, dos quaes apenas traziam armas de fogo quatro, foi, nesse mesmo dia, batido e morto, nos campos de Itaroquem, por uma força de 600 homens, soffrivelmente armada, ao mando do general Francisco Rodrigues Lima, senador José Gomes Pinheiro Machado e seu irmão Salvador, que vinham de S. Luiz. <sup>(39)</sup> Mais dois ou tres companheiros do arrojado de Simone tiveram a mesma sorte, fugindo os mais em completa debandada.

Dinarte foi, igualmente, corrido, a 1.º de Março; sua gente, que já alcançava a 150 homens, dispersada, mas, nessa occasião, sem prejuizo de um só homem. <sup>(40)</sup>

(39) Consta ter sido este infortunado cidadão assassinado depois de ferido e preso.

(40) Pedro Mello, joven de 16 annos, filho de respeitavel e conhecida familia, e mais dois obscuros cidadãos que tinham pertencido ás forças de Dinarte, conservaram-se occultos em mattos do municipio de Santhiago do Boqueirão, mas foram, afinal, descobertos e mortos por uma partida do capitão republicano Firmino Soares, que, tambem, pouco mais tarde, teve a mesma sorte.

Tinha, pois, fracassado completamente a primeira tentativa revolucionaria no Alto-Uruguay, tendo Dinarte ido dar com 20 homens a Alegrete, onde se incorporou ás forças dos coroneis Prestes Guimarães e Marcellino Pina de Albuquerque.

De Inhanduy até a fronteira da Republica Oriental,



*Cel. Dinarte Dornelles*

onde emigrou o exercito revolucionario, Dinarte o acompanhou sempre. Em Julho tomou parte na expedição do *Jupiter*, sob o commando do almirante Wandenkolk, sendo um dos tres unicos tripulantes que, antes do aprisionamento desse vapôr por um vaso de guerra da esquadra nacional, escapou-se para terra. Perseguido em Santa Catharina por ordem do coronel Serra Martins, fugiu para Santos, donde voltou para Montevidéo e seguiu para o Alto-Uruguay. Em S. Thomé, cidade argentina situada á margem direita do Uruguay, onde já se

achava o coronel Prestes Guimarães, combinou com elle nova invasão ao territorio rio-grandense.

Tendo a guarnição de S. Borja seguido para Uruguayana, afim de fazer junção com as forças do general Hypolito Ribeiro, em principios de Novembro, os revolucionarios transpuzeram, a 10 desse mez, o Uruguay e occuparam a cidade, onde, por ordem do coronel Prestes Guimarães, os commerciantes foram obrigados a entregar a roupa feita existente no mercado e mais alguns utensilios necessarios á guerra, passando-lhes de tudo competente recibo.

Voltando pouco depois a força legal, reforçada por um contingente do 6.º batalhão, os revolucionarios, em numero de 200, que nem ainda se tinham organizado e de tudo careciam, inclusive de armas e munições, abandonaram a cidade e seguiram rumo de S. Luiz de Missões. Perto desta villa, no dia 20 de Novembro, bateram cerca de 200 homens ao mando dos tenentes-coroneis Fructuoso e Cosme Pinheiro Machado. Esta força oppôz fraca resistencia; fugiu logo, sendo pouco o seu prejuizo em homens fóra de combate.

Depois de terem percorrido uma parte do territorio de Missões e batido pequenos grupos governistas, voltaram os coroneis Prestes e Dinarte das margens do Inhacapedum completamente desprovidos de munições de guerra.

De caminho travam ligeiro tiroteio com uma

força de Santhiago do Boqueirão, de 200 homens, a qual, por falta de munições, não foi derrotada.

Chegando a Garruchos a 2 de Dezembro, já com cerca de 300 homens, devido a frequentes incorporações, emigraram para a provincia argentina de Corrientes.

Nesta cruzada, o prejuizo desta pequena força revolucionaria, foi apenas de 6 homens. Outro tanto não aconteceu aos defensores do governo, cujas perdas foram maiores.

Pelo seguinte telegramma particular passado, de Garruchos, a 3 de Dezembro, pelo coronel Prestes Guimarães a um emigrado em Montevidéo, verifica-se a verdade de tudo quanto acabamos de historiar com relação á invasão, cujo effeito foi quasi nullo.

“Fiz excursão victoriosa por ambas as margens do Piratiny, por S. Luiz, S. Nicolau e S. Lourenço; voltei de Inhacapedum e emigrei com os companheiros por carecer de munições. Perdi 6 homens; inimigo perdeu 30, sendo 4 capitães. — *Prestes.*”

A 15 de Dezembro, fez Dinarte, a frente de 160 homens, terceira invasão, passando o Uruguay no vau de Santanna, cuja guarda surprehendeu, mandando-lhe dois ou tres homens e extraviando o resto. Chegou quasi inesperadamente a S. Borja, donde os partidarios do governo retiraram-se a toda pressa para o quartel á margem do Uruguay, a tres quartos de legua da cidade, no lugar denominado Passo. Apesar de ter investido por diversas vezes

esse ponto, onde se entrincheirou a gente do governo, nada conseguiu.

Por duas ou tres vezes, tambem, que os governistas sahiram a tirotear os revolucionarios, foram corridos.

Tendo gasto nestes tiroteios a pouca munição que levou, quatro dias após esta invasão, emigrou, de novo, o chefe federalista, com prejuizo de dois homens. O prejuizo da força legal não foi maior.

Dinarte, sem embargo de todos estes contratempos, não desanimava.

O "comité" revolucionario de S. Thomé, do qual faziam parte Modesto Dornelles, Emilio Trois, dr. Patricio Bertran e Gabriel Albuquerque, secundava-o com admiravel tenacidade. Estes homens não mediram sacrificio para servir á revolução, contrahindo, por ultimo, não pequena divida na succursal do Banco Argentino daquela cidade. Obtinham por compra, ás occultas, armas e munições em Libres, Alvear e até de Corrientes mandaram vir de uma só vez cem "remingtons" e dez mil tiros.

Montaram hospital de sangue em S. Thomé; esmeravam-se no trato dos feridos; vestiam os nús; soccorriam os partidarios necessitados, que vinham dar extraviados ao territorio estrangeiro; emfim, na variedade immensa de serviços a attender, fizeram tudo quanto puderam.

Estes dedicados partidarios da revolução chegaram, aos poucos, a fornecer cerca de 300 armas

ás forças do abnegado coronel Dinarte, que nunca teve mais de 500, incluídas neste numero as tomadas, por diversas vezes, ao inimigo.

A organização da columna missioneira, que chegou a constituir um forte de 2.500 homens, ao mando do coronel Dinarte, deve-se, principalmente, a estes quatro homens, porque o chefe civil da revolução, dr. Gaspar Martins, nunca mandou um tiro para esta força.

O infatigavel "comité", após ingente trabalho, pôde conseguir mais algumas armas e munições, congregar grupos mais ou menos dispersos, aos quaes forneceu meios de transporte e fez marchar até Garruchos, por onde, a 10 de Janeiro de 1894, invadiu, pela quarta vez, o territorio do Rio-Grande, com cerca de 300 homens, o valente e teimoso coronel Dinarte Dornelles.

Não dispunha de mais de 150 armas de diversos modelos, porque além de não ter ainda recebido as 100 da cidade de Corrientes, muito poucas tinha tomado ao inimigo, com o qual, até então, apenas conseguira travar ligeiras guerrilhas.

O centro de operações do caudilho missioneiro foi, a principio, o rincão entre os rios Camaquam e Piratiny, que abrangia quasi exclusivamente o 3.º districto do municipio de S. Borja. No empenho de refazer-se de cavallos para montaria da força e proporcionar oportunidade para a incorporação de federalistas, que andavam occultos pelos mattos, começou a levar as suas excursões até aos municí-

pios de S. Luiz e Santhiago do Boqueirão. A 18 encontrou-se com uma força deste município, mais ou menos de 300 homens, commandada pelos tenentes-coroneis Fausto Machado e Paulino Pinto de Andrade. Depois de fazer a primeira descarga, fugiu de modo vergonhoso, sendo tenazmente perseguida até a serra de S. Xavier.

Logo que o tenente-coronel Manoel Lopes Loureiro, commandante da guarnição de S. Borja, teve sciencia da passagem deste chefe federalista, sahiu a seu encontro a frente de 250 a 300 homens, bem armados e municados. No dia seguinte ao que bateu a força de Santhiago do Boqueirão, travou combate com a gente de S. Borja, a qual recuou e já batia em retirada, quando os revolucionarios abandonaram-na pelas carretas de transporte. Vendido isto, mais com o proposito de retomar o transporte, voltou. Houve, então, confusão entre os rebeldes, começando a fuga e logo a perseguição, contida pelo chefe revolucionario, que mandou os poucos atiradores de que dispunha, pôrem pé em terra e fazerem fogo contra a massa dos perseguidos e perseguidores, que, assustando-se, por sua vez, voltaram as costas e puzeram-se celeres, em desordem, caminho daquella cidade.

Neste encontro, além da perda de uma dezena de homens de parte a parte, teve tambem a força legal o prejuizo de algumas armas e munições.

A 27 ainda o coronel Dinarte correu os tenentes-coroneis governistas Claudio de Andrade

e Ermelindo Lima, tomando-lhes muitos cavallos, entre os quaes 19 sellados. A pequena força commandada por estes dois sub-chefes legaes extraviou-se completamente, ganhando, em confusão, os mattos de Camaquam.

Dando conta de todos estes successos, em data de 27 de Janeiro, o coronel Dinarte Dornelles mandou passar, de Garruchos, ao major Emilio Trois, um dos membros do "comité" de Santo Thomé, o seguinte telegramma:

"Pela madrugada do dia 18 bati forças do Povinho, extraviando-as completamente, deixando ellas no campo 25 mortos e nós um; as persegui até a serra de S. Xavier, onde tomei o resto da cavallada, duas carretas com 30 armas "minié", 16.000 tiros para as mesmas e 4.000 tiros "comblains". Dia 19 bati-me com as forças de S. Borja, tendo nessa occasião mais de 100 homens, dos mais bem armados, em diligencia, mas mesmo assim atropelámos o inimigo, ficando delles mortos no campo 11 e dos nossos 9.

Tomámos dois cargueiros com 3.500 tiros "comblains". Deixei de persegui-los por falta do pessoal em diligencia. Dia 27 corremos Claudio de Andrade e Ermelindo, tomando-lhes 50 cavallos, sendo 19 ensilhados. Temos tido muitas incorporações de companheiros. Espero forças de Pimentel, Lobo, Berthier e outros para seguir ao rumo de S. Borja. Estou em Carovy. Mande noticias do movimento geral. Saúdo companheiros. — *Dinarte.*"

Após estas pelepas, nas quaes se salientava o

tenente-coronel Agostinho Rodrigues, negro disciplinador, honrado, valente e humano, deixou o coronel Dinarte, por mais de dois mezes, de ser incommodado por forças inimigas. Durante este tempo incorporaram-se á sua columna os tenentes-coroneis Pimentel, Cavalheiro, Mello, dr. Eduardo Lima, Berthier e Tico-Dêdê, cujas forças não passavam de 500 homens, quasi todas armadas de grosseras lanças, feitas ás pressas.

Reunidas todas as forças sob seu commando, constituindo um forte de cerca de 900 revolucionarios, marchou sobre S. Borja, guarnecido por pouco mais de 250 homens. Approximando-se, em fins de



Tenente-Coronel  
Agostinho Rodrigues  
ex-ordenança do Barão do Tri-  
umpho, Alferes do Paraguay

Fevereiro, desta praça, a guarnição abandonou-a, recolhendo-se para o quartel, no Passo, onde se entrincheirou. Senhor da cidade, sitiou por terra a força inimiga, que tendo pela frente o Uruguay, só embarcada podia retirar-se. Julgando-a em más condições, visto como os proprios viveres de que se fornecia vinham da margem argentina, afim de socorrê-la, subiu até S. Borja parte da flotilha estacionada em Itaquy. Depois de fazer alguns disparos de grosso calibre em direcção

ao acampamento federalista e de cerrado fogo de metralhadoras contra um grupo de revolucionarios capitaneado pelo dr. Eduardo Lima, que, temerariamente, tiroteou da margem do rio a canhoneira "Vidal Negreiros", cessou o fogo dos pequenos vasos de guerra da esquadilha governista.

O commandante desta expedição de marinha, exagerando até a inverdade este successo, que, afinal, não teve importancia, communicou ao governo, em telegramma official, ter desbaratado os revolucionarios, causando-lhes muitas baixas. Podemos, entretanto, affirmar, como testemunha occular, que não houve prejuizo de um só homem, apenas dois sahiram feridos.

Após 48 horas deste tiroteio, a canhoneira levantou ferro e baixou até Itaquy, donde voltou em seguida.

Reconhecendo que cada vez se tornava mais insustentavel a posição desta força, afim de evitar um provavel desastre, o governo ordenou, em meados de Março, que embarcasse e seguisse para Uruguayana.

Desapparecendo a razão de sua estada em S. Borja, Dinarte levantou acampamento e seguiu para o districto de Camaquam. Desde então começou, francamente, a dominar os municipios de S. Borja, S. Luiz, Santhiago do Boqueirão, e até mesmo parte do de Itaquy, onde, em Abril, começou a operar, com pouco mais de cem homens, o



tenente-coronel Tico-Dêdê, que, dois mezes depois, tinha quasi 600.

Durante o mez de Abril e dahi por diante incorporaram-se varios contingentes á columna missioneira, que já naquelle mez ficou com cerca de 1.500 homens.

Esta força, que, além de bem disposta, estava regularmente montada, dispunha de 20 a 25.000 tiros e umas 300 armas de fogo propriamente de guerra, inclusive as 100 que, por este tempo, já lhe tinha remetido o "comité" de S. Thomé.

Vendo o governo o seu progressivo augmento, cujo dominio estendia-se a uma grande zona, fez marchar contra ella o tenente-coronel Tito Escobar e o coronel Firmino de Paula.

O primeiro, que fazia parte da guarnição de Santa Maria, seguiu pelo passo do Umbú, no Ibicuy, em direcção a villa de Santhiago do Boqueirão, a frente de 780 homens ou pouco menos. O coronel Firmino de Paula, depois da surpresa do Boi Preto, perto da Palmeira, marchou com sua brigada de 700 a 800 homens ao longo da costa do Uruguay.

O objectivo destas duas columnas legaes era, depois de fazerem junção, bater o inimigo ou obrigal-o a dispersar-se. Ou porque as marchas não fossem bem calculadas, ou por quaesquer outras circumstancias, o tenente-coronel Tito Escobar chegou cinco ou seis dias antes do coronel Firmino de

Paula á região dominada pela força revolucionaria do coronel Dinarte.

Tendo noticias de insurgentes para os lados de S. Francisco, mandou de Santhiago do Boqueirão ou das immedições desta villa, onde estava acampado, um contingente de 50 homens, com o intuito de observal-os ou mesmo batel-os.

Esta força encontrou-se no dia 1.º de Maio, no lugar denominado Boqueirão, com 50 revolucionarios ao mando dos coroneis Silvestre Corrêa, José Nunes de Miranda, Tico-Dêdê e Delibio de Barros, que, dias antes, vindos de Alegrete e S. Francisco, tinham feito junção com Dêdê. Estes 50 homens foram completamente batidos; poucos foram dar ao acampamento. A vista deste desastre, tirando-50 homens de cada corpo, formou um todo de 200, e mandou, sob o commando do tenente-coronel José F. de Oliveira, atacar os federalistas. Esta força estendeu linha, mas não resistiu a carga impetuosa dos revolucionarios, que a fez fugir na mais completa desordem e confusão.

Esta derrota custou ao governo cerca de 60 homens mortos, 50 armas de precisão, 8.000 tiros, 70 cavallos, além de muitos soldados extraviados.

Se o commandante dos legaes não mandasse estes pequenos contingentes bater a força revolucionaria, mas, não obstante o receio de Dinarte, fosse com toda a columna, não acarretaria a responsabilidade deste desastre, talvez mesmo não sacrificasse um soldado, porque é possivel que os fe-

deralistas, em menor numero e peores armados, tratassem de, cautelosamente, evitar o combate. <sup>(41)</sup>

Desanimado pelo effeito moral produzido por este revés, durante a noite de 4 de Maio, afim de evitar o inimigo, que provavelmente o bateria, o tenente-coronel Tito Escobar presto retirou-se caminho da colonia de Jaguary.

Dinarte, quando teve noticia da vinda destas duas columnas governistas, estava acampado no Espinilho.

Levantando, sem demora, acampamento, dirigiu-se ao encontro da columna do tenente-coronel Tito, que foi a primeira a chegar. Na madrugada de 5 de Maio, procurando hostilisa-la, já não a encontrou, porque, como vimos, bateu em retirada durante á noite de 4.

Voltando ao encontro da do coronel Firmino de Paula, deu-lhe, a 7, combate em Carovy. A derrota do chefe governista foi completa, porque de sua columna de 700 a 800 homens chegou a Cruz-Alta com pouco menos de metade, soffrendo tenaz perseguição durante quasi tres dias. Pela leitura da minuciosa parte official dada pelo coronel Dinarte Dornelles ao "comité" de S. Thomé, melhor póde-se ajuizar da brilhante victoria alcançada pelo intrepido chefe revolucionario.

(41) O tenente-coronel Tito Escobar, sem negar a verdade destes factos, julgando-os apenas exagerados, sem dizer em que consistiam os exageros, perdendo a compostura, limitou-se a me detrahir violentamente pela imprensa.

Eil-a em sua integra:

"Em fins de Abril, encontrando-me acampado no Espinilho, soube que de Santa Maria vinha uma força de 1.000 homens sob o commando de Tito Escobar e outra de 800, sob o commando de Firmino de Paula, pela costa do Uruguay. Compreendi immediatamente que tinham a intenção de apertar-me sobre a Cruz-Alta. Baixei até o Povinho, onde cheguei a 3 de Maio. A 4 descobri o inimigo na entrada da picada da Colonia. Na madrugada de 5 puz-me em marcha para batel-o, porém quando cheguei, encontrei o acampamento abandonado, porque tinha fugido durante a noite.

A 6 voltei ao encontro de Firmino. A 7, ás 8 horas da manhã, as nossas descobertas se avistaram, em Carovy, em frente a estancia de João Dutra.

Occultando minha gente, mandei provocal-o com guerrilhas, afim de vêr se elle sahia para o campo, visto como se fez forte em um matto. Não correspondendo aos intuitos de minha provocação, limitou-se a estender uma linha de atiradores de infantaria, não longe do matto, e continuou a manter-se nessa posição. As 2 horas da tarde, vendo que não sahiam e vendo que meus lanceiros podiam chegar muito perto do inimigo sem serem percebidos, fiz approximar os quatro corpos desta arma que tinha na occasião.

Ao toque de avançar fizeram uma carga tão impetuosa e linda, que ninguem escapou da linha de infantaria, pois até dentro do matto se matou infantes á lança. Depois

disto mandei retirar a gente para mudar cavallos e voltar. O inimigo aproveitou este momento, illudiu com guerrilhas o corpo que o guardava, e occultando-se pelas canhadas, conseguiu ganhar distancia, em fuga.

Quando voltei, só encontrei cadaveres. Segui perseguindo-o de perto, pousando quasi juntos. No dia seguinte comecei a guerri-lhar com a sua retaguarda, sem podel-a atacar sériamente devido as numerosas restingas, onde se fazia forte emquanto o grosso da força ganhava distancia.

Nesse dia transpôz a força governista o Piratiny e eu fiquei deste lado por chegar a noite. No dia 9 passei e continuei perseguindo-os; pela estrada encontrei muitos arreios, naturalmente de gente que desertava a pé ou que, cansando o cavallo, alliviava-se dessa carga para mais depressa fugir; as duas horas da tarde alcancei, legua e meia adiante de S. Miguel, isto caminhando sem parar desde que amanheceu; estavam começando a carnear; ao me avistarem levantaram atropeladamente acampamento, deixando o gado por carnear, duas carroças, cargueiros, arreios, etc.

Por estar com toda a cavallhada cansada, acampei. No dia seguinte fiz seguir 60 homens para saber noticia dos fugitivos, visto como não tinha mais esperança de alcançal-os. Chegaram em S. João as 9 horas da manhã, onde encontraram duas carretas com alguns viveres, 30 e tantos pares de arreios, estando já os homens do outro lado do Ijuhy. Posso garantir que Firmino, de 800 homens que tinha, não chegou lá com mais de 200;

da sua força se extraviou gente para todos os lados.

Hoje cheguei de volta ao lugar do combate; não posso dar exacto o numero dos mortos do inimigo, porque muitos moradores reuniram-se e cada um enterrou uma porção e eu não pude fallar com todos, mas só o João Dutra enterrou 80. Calculo, entre os outros, que enterrassem 50 a 60. Na perseguição encontrei 12 mortos e 30 feridos; só um gravemente, o Mauricio da Luz.

Peguei um proprio do Firmino, que elle mandava a um piquete de 50 homens, que tinha deixado para trás arrebanhando, queimando casas e matando federalistas moderados. Mandeí o corpo do Cavalheiro batel-o; não tive ainda parte official do resultado, mas sei que se encontraram na Igrejinha e que Cavalheiro o derrotou completamente, tomando-lhe grandes tropas de gado e matando-o quasi todo, visto como por Piratiny passou o capitão e cinco praças dizendo que o resto o Cavalheiro tinha pegado. Emfim, eu calculo que nesta derrota a força do governo não perdeu menos de 200 homens mortos. (42).

Firmino trazia muitos companheiros nossos presos, e na occasião do combate os collocou desarmados na linha, mas p'ra o caso foram felizes, porque só matamos um; os mais passaram-se, entre esses o capitão

(42) A derrota do chefe legal foi grande; mas de seus 800 homens, entre mortos e extraviados, achamos muito a perda de 600, para só chegar a Santo Angelo ou Cruz-Alta com 200. Parece-nos tambem excessivo o numero de mortos, mas não temos dados seguros para uma contestação formal.

Elisiario, João Sá e outros; só não se escapou o Alfredo Pinheiro Machado, que o vão levando a pé e muito insultado. Digam-lhe preciso urgente munição. Carovy, 13 de Maio de 1894. Communiquem Gaspar. — *Dinarte Dornelles.*"

Após estas victorias, o chefe missioneiro permaneceu tranquillo pelas immediações de Carovy e Santhiago do Boqueirão. <sup>(43)</sup>

O coronel Tico-Dêdê, depois da victoria de 1.º de Maio, seguiu com cerca de 400 homens para o municipio de Itaquy, campo onde quasi sempre operou. A 23 desse mez, o coronel Cunha, a frente de cento e poucos homens, que tinham pertencido ao corpo de exercito do general Salgado, dissolvido na Republica Oriental após o desastre do ataque ao Rio Grande, se incorporou ás suas forças.

A canhoneira "Vidal Negreiros" com mais duas pequenas embarcações de guerra, em combinação com a guarnição de Itaquy, que operava por terra, cerca de 250 a 300 homens, tentou obstar a passagem desse grupo de revolucionarios, mas não conseguiu porque a força que devia auxiliá-la por terra, ameaçada por Dêdê, abandonou sem resistencia a posição.

Ficou o tenente-coronel Tico-Dêdê com a incorporação deste valioso contingente, com perto de 500 homens, que foram acampar no lugar deno-

(43) Esta villa era geralmente conhecida sob a denominação de Povinho.

minado Tres Figueiras, a quatro ou cinco leguas do passo do Mariano Pinto, no Ibicuy, onde postou uma guarda de vigia.

A' pequena guarnição de S. Borja reuniram-se tambem mais alguns federalistas, entre elles o coronel Felipe Portinho e os tenentes-coroneis Molina e Padão, que, em 22 de Junho, seguiram a se incorporar á divisão missioneira.

Em 18 de Julho, a já referida canhoneira subiu até aquelle porto, afim de desalojar a diminuta guarnição de 50 homens, que, então, tinha a cidade. O general Salgado, que por esse tempo estava em S. Thomé, tendo aviso desse vaso da flotilha, passou com o activo Modesto Dornelles para S. Borja, com a intenção de organizar resistencia. Apenas com 15 ou 20 atiradores e uma velha peça de ferro, descoberta nas proximidades do quartel onde estava a força legal, com a qual fez alguns disparos contra a canhoneira, carregando-a com pedaços de uma corrente de ferro, repelliu o navio atacante, que, no dia seguinte, levantou ferro e desceu aguas abaixo, levando a bordo dois ou tres feridos.

O coronel Dinarte, depois das successivas victorias que alcançou, augmentou consideravelmente suas forças. Teve incorporações de varios contingentes, inclusive duas ou tres centenas de homens, que tinham pertencido ao exercito do general Salgado. Companheiros de prestigio como Tupy Portinho, Soares Ruivo e tantos outros, que

se conservaram neutros diante a guerra, que ia accessa, por fim, adheriram tambem á revolução e foram engrossar as fileiras da divisão missioneira. Devido a estas frequentes incorporações de grupos mais ou menos numerosos, esta columna revolucionaria chegou a ter mais de 2.500 homens.

Espalhada numa grande zona, onde, seguidos por algumas dezenas de companheiros, iam acampando os subchefes que chegavam, não formava um todo compacto e unido. Percebia-se que a voz de mando supremo do coronel Dinarte não tinha o condão de manter cohesa esta agremiação, embora, quanto ao objectivo commum, fosse animada das mesmas ideias e sentimentos.

Sua autoridade de chefe, com relação a uma grande parte desta força, era mais nominal que effectiva. Se dêsse uma ordem de marcha, a inveja, os espiritos discolos, as ambições contrariadas, os ciumes e rivalidades, eternos ridiculos de todas as revoluções, fariam explosão, e metade ou mais se negaria ao cumprimento dessa ordem.

Commandar forças irregulares é tarefa muito mais difficil do que commandar corpos arregimentados, acostumados ás leis severas da disciplina militar. E' preciso saber-se agradar o povo, proceder-se com tino e diplomacia, principalmente emquanto pela força moral ou meios coercitivos não se pôde sujeital-o, porque, do contrario, os cabeceilhas e subchefes, acompanhados de seus respectivos grupos, retiram-se desgostosos. Quando isto

acontece, a força enfraquece e desmoralisa, razão porque o commandante de uma columna, nestas condições, deve, a todo transe, evitar que se dêem factos desta natureza.

Para um homem de mediocre cultura litteraria e nenhuma instrucção militar, o coronel Dinarte andou com muita habilidade, porque não só manteve a agremiação dessas forças, mas tambem conseguiu não ser desautorado.

Durante o tempo em que permaneceu pelas cercanias de Carovy e Santhiago do Boqueirão, teve descobertas em diversos pontos e mandou uma pequena força de 200 a 250 homens, em explorações até perto da Cruz-Alta. Na Villa Rica correu um piquete legal e destruiu o telegrapho. Em uma estancia, perto de Jaguary, prendeu o coronel Martins Höer, mandante do assassinato do dr. Felipe Alves de Oliveira, juiz de direito da comarca de S. Borja.

Este importante criminoso estava cumprindo a pena de 30 annos de prisão na cadeia de Porto Alegre. Como tivesse fama de valente, o dr. Julio de Castilhos, presidente do Estado, abrindo-lhe as portas da prisão, fel-o seguir, por doente, para Santa Maria, sob o grosseiro pretexto de tratar-se em casa da familia. O seu fim era atiral-o contra os revolucionarios, por isso, sobrepondo a sua vontade a todos os poderes, praticou este acto arbitrario de senhor soberano e absoluto.

O imperio da lei, profundamente golpeado pelo

dr. Castilhos, foi desaffrontado com dura severidade pelos revolucionarios.

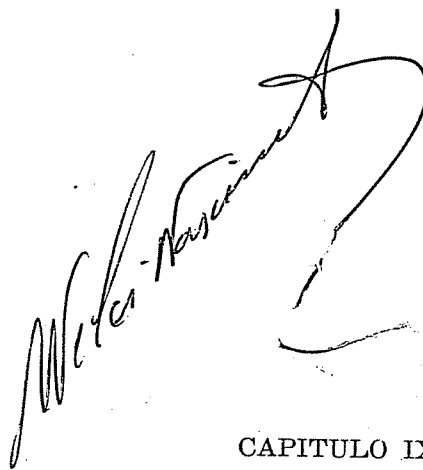
Martins Höer, o sentenciado por crime de morte, foi fuzilado.

Esta mesma força, em 28 de Junho, tomou a villa de S. Martinho. A guarnição, depois de fraquissima resistencia, fugiu, deixando em poder dos revolucionarios todo o armamento e munição, constante de uma centena de armas "Minié", muitas imprestaveis, algumas espadas e pistolas.

Uma carreta, que vinha da Cruz-Alta com armas e viveres, guardada por um piquete ao mando do major Baptista Dornelles, cahiu também em poder desta força, depois de succumbir na lucta o brioso major. O seu substituto legal, o capitão Olegario, fugiu.

Os trophéos desta victoria foram 150 armas, viveres, objectos de montaria e alguns prisioneiros.

Deixemos o coronel Dinarte acampado com a sua divisão por Carovy e Espinilho até fazer junção com as forças do general Gumercindo e coronel Prestes Guimarães.



## CAPITULO IX

### Operações revolucionarias na região serrana

SUMMARIO: — Successos revolucionarios em varios municipios da região serrana; occupação da villa da Soledade pelos federalistas; marcha para Passo Fundo; sua occupação após a retirada da força legal; junção de forças revolucionarias; incorporação de Borges Vieira a Palmeira, marcha para o Lageado e combate do Corisco. Os federalistas do Passo Fundo põem-se de novo em campo; combate do Guãmirim; combate do Passo da Cruz; abandono do Passo Fundo pelos legaes; aproximação das forças de Elisiario Prestes e Borges Vieira; grande combate do Umbú, derrota das forças legaes; discordia entre os chefes; chegada da columna de Santos Filho; combate dos Vallinhos, derrota dos revolucionarios; occupação do Passo Fundo por este chefe legal e sequente abandono; chegada de Ubaldino Machado do Estado do Paraná, marcha para Santo Angelo, combate em caminho, tomada da villa; derrota e morte do tenente-coronel Bueno Galvão; chegada do coronel Prestes Guimarães; sua acclamação a commandante em chefe das forças serranas; segue para Passo Fundo, donde, logo após a sua chegada, chega também a divisão do norte; Prestes e Virissimo retiram-se da cidade e organisam forças; morticínio do Boi-Preto; Prestes levanta acampamento do Campo-Bonito; volta de

Lima de Nonohay; combate dos Tres-Passos; parte official; assassínatos do padre Ramos e João Rachel; Prestes acampa entre Passo-Fundo e Matto Castelhana a espera de Gumercindo.

Só em meados de Abril de 1893 puzeram-se em campo os chefes federalistas dos municípios serranos de Passo Fundo, Soledade e Palmeira. José Antonio de Souza (por antonomasia Palmeira) e Elisiario Ferreira Prestes, á frente de pouco mais de 300 homens, pessimamente armados, marcharam, na segunda quinzena de Maio, sobre a villa da Soledade, que occuparam sem resistencia.

O intendente Aldino José da Rosa Loureiro, ao approximar-se a força revolucionaria, tratou de retirar-se, assim como a guarnição de 300 patriotas, que se dissolveu. Seguindo, após curta demora, nesta povoação, para Passo Fundo, incorporaram no trajecto para esta cidade algumas dezenas de companheiros de causa.

Ao mesmo tempo que occorriam estes successos no município da Soledade, um grupo consideravel de federalistas, sob o mando de Frederico Schultz e Valencio Ramalho, occupava o povinho do Campo do Meio, e o tenente-coronel Amancio Cardoso marchava sobre Passo-Fundo a frente de mais de 600 homens.

Ao ter noticia destes movimentos, o coronel governista Gervasio Lucas Annes e a guarnição da cidade, mais ou menos 200 homens, ao mando do distincto e valente capitão Eleuterio dos Santos

Lima, retiraram-se para fóra, na madrugada de 28 de Maio, pelo caminho que segue para a Cruz Alta. A 31 do mez referido, foi a cidade occupada pelos federalistas, cujo numero então, reunidas todas as forças, orçava por cerca de 1.200 homens, mas povo reunido, sem nenhuma disciplina, quasi desarmados.

A força legal, depois de fazer algumas incorporações, inclusive a do contingente que veio da Cruz Alta, sob o commando do tenente-coronel Affonso, marchou, na madrugada de 4 de Junho, em direcção á cidade. Seriam perto de 500 homens, que, se não estavam bem armados, dispunham, contudo, de melhor armamento que os revolucionarios e havia em suas fileiras mais ordem e disciplina. Ao approximar-se a força governista, não houve combate geral, nem resistencia regular; apenas uma vanguarda federalista de 200 homens tiroteou o inimigo no Boqueirão, arrabalde occidental da cidade. Esta pequena força, na impossibilidade de conter os atacantes, foi obrigada a retirar-se, tendo prejuizo de 9 homens e tres feridos, emquanto o da força governista foi apenas de tres homens. Assim, sem grande difficuldade, caiu, de novo, Passo Fundo em poder da força legal.

A causa deste fracasso foi a desharmonia entre os chefes, promovida, sobretudo, por Palmeira. Oppondo-se ao combate geral, levou o desanimo ás demais forças, que, entretanto, á ponta de lança, podiam ter offerecido séria resistencia ao inimigo,

senão desbaratado por completo. Não quiz, porém, a fraqueza deste chefe improvisado, cujo nome, mais pelos accidentes proprios das revoluções do que pelo merecimento, chegou a alcançar, em dado momento, fama nunca merecida.

Iniciado o tiroteio no Boqueirão, com seu corpo em completa desordem, retirou-se para a Soledade.

Elisiario e Amancio aborrecidos e mesmo desanimados dissolveram suas forças, parte das quaes já tinham debandado.

Só após quatro mezes deste successo começaram, de novo, os federalistas deste municipio a operar.

Estava, porém, acceso o facho revolucionario na região serrana.

O tenente-coronel José Borges Vieira, do municipio da Soledade, já para evitar o perigo que corria, já cansado de soffrer e assistir as violencias, que, impunemente, praticavam, toma armas, reúne 200 companheiros, e acampa, em fins de Agosto, nas immediações da villa daquelle nome.

Acosados por forças inimigas, faz junção com Palmeira e segue direito ao municipio do Lageado, em baixo da serra, pela picada do Corisco e rincão de Nossa Senhora. Na boca da picada trava ligeiro tiroteio, no qual perderam a vida quatro homens, tres governistas e um federalista, contando-se no numero daquelles o alferes Francisco Messias, commandante da policia da Soledade.

Continuando a marcha, acamparam no sitio

denominado Corisco. Tanto Borges, como seus commandados, quasi todos de cavallos ao pasto, descansavam descuidosos, uns dormindo, outros comendo e ainda outros em grupos a roda dos fogões tomando o classico matte. Eis senão quando, d'improviso, chega correndo ao acampamento o menor José Fabricio, filho do capitão Antonio Fabricio das Neves, e, com voz quasi embargada pelo susto e cansaço, dá o alarmante aviso da chegada de forças inimigas, que já o traziam atropelado. Ao receberem tão inesperada nova, houve confusão e até panico, mas o intrepido Borges levanta-se, grita por seus commandados, concita-os a pelejá, e fazendo-os tomar posição, põe-se a frente e aguardam resolutos o inimigo, que é recebido a mortíferas cargas de fuzilaria. O velho coronel José Tavares da Silva, veterano do Paraguay, commandante da força legal e o seu immediato, tenente-coronel Martiniano França, são dos primeiros que caem varados pelas balas federalistas. Desmoralizada com a morte dos chefes, a força atacante retrocede, soffrendo sempre, até certa distancia, mortífero fogo.

Borges que, neste inesperado combate, teve apenas um morto e tres feridos, com a retirada do inimigo, que deixou no campo da lucta 19 cadaveres, cantou victoria. (44)

(44) Affirmam alguns que neste combate as forças legaes perderam 51 homens, entre os quaes 13 officiaes. Não temos dados positivos que garantam a veracidade desta affirmacão.



Recolhidos os trophéos deste brilhante feito d'armas, Borges e Palmeira desceram desassombrados a serra.

Por este tempo, não só estimulados pela passagem do exercito revolucionario para Santa Catharina, mas porque tambem tinha findado o inverno, começaram, de novo, os federalistas do Passo Fundo a pôr-se em movimento.

O tenente-coronel Virissimo José da Veiga, para evitar a perseguição dos republicanos, que o receavam por seu prestigio e valor, refugiou-se na costa da serra do Capôê-rê, cinco leguas ao norte da cidade de Passo Fundo, onde estabeleceu o seu acampamento, chegando a reunir 190 homens. Como dispunha de muito pouco armamento, armou parte de sua gente a cacête de "Guamirim", madeira rija e pesada.

Como este respeitavel agrupamento revolucionario constituisse uma ameaça permanente á segurança dos governistas da cidade serrana, mandaram os chefes politicos desta povoação uma força de 200 homens, regularmente armada, ao mando do major Felisberto, irmão do coronel Gervasio Annes, desalojal-os da posição que occupavam.

A 20 de Novembro estendeu a força legal linha de combate. Parte dos federaes se emboscaram, enquanto outra parte enfrentava o inimigo, que animado seguia os revolucionarios em simulada retirada. Embrenhando-se estes matto a dentro, um contingente daquella força, que já se julgava victo-

riosa, no auge do enthusiasmo, apêa-se dos cavallos e corajosamente os persegue. No cerrado do matto, porém, a força emboscada, de surpresa, ataca-os impetuosamente por todos os lados, e a tiros, golpes de facão e cacête, vão fazendo estragos no inimigo, que, em desordenada corrida, foge disperso em todas as direcções. Alguns conseguem alcançar os cavallos á beira matto, mas ainda assim são perseguidos pelos revolucionarios montados, que, nesta perseguição, ainda fazem mais algumas victimas, entre as quaes o capitão João Crescencio, cujo craneo, dum golpe, Virissimo parte em dois pedaços.

Ao meio dia estava terminado o combate. A' força governista custou esta derrota 34 mortos, entre elles o commandante da força, major Felisberto e o capitão Crescencio.

Os revolucionarios perderam apenas um homem morto e dois feridos, sendo um o valente tenente-coronel Virissimo da Veiga, com um balaço no braço. O resto da força legal retirou-se em precipitada fuga para Passo Fundo, ficando alguns soldados extraviados occultos pelos mattos.

Neste encontro conhecido sob a denominação de combate do "Guamirim" ou do arroio Teixeira, os vencidos deixaram em poder dos vencedores 34 cavallos ensilhados, 10 remingtons, 2 comblains, 13 miniés, pistolas, revólveres, 12 espadas e 15 lanças.

A 20 de Dezembro, acampado no passo da Cruz, ainda o tenente-coronel Virissimo occupava a mes-

*Virissimo da Veiga*  
*com balaço*

ma posição, tendo avançadas para léste até o Matto Castelhano e para o sul até mesmo proximo dos arredores da cidade.

Na madrugada desse dia, approximando-se do acampamento um piquete legalista, foi corrido até perto do Passo Fundo, onde chegando em completa desordem, com prejuizo de dois homens, alarmou a guarnição. Pondo-se, então, o capitão Eleuterio dos Santos a frente de cento e poucos homens, marcha para o passo da Cruz.

Os revolucionarios em numero de 250, sob o commando do major João de Souza Ramos e capitão Theodoro Ignacio da Veiga, na ausencia do tenente-coronel Virissimo, preparam-se resolutos para a lucta. Travado o combate, depois de uma hora de fogo, a força republicana desanimada com a morte do valente capitão Francisco Brizolla e mortal ferimento do commandante Eleuterio dos Santos, inicia a retirada. Perseguida tenazmente pelos federaes até junto dos muros da cidade, fugia na mais completa desordem, chegando ao extremo de abandonar seu proprio commandante, o distincto capitão Eleuterio, que, exausto de forças, a pouco menos de meia legua da cidade, cæe do cavallo, expirando momentos depois.

Neste combate do passo da Cruz tiveram as forças do governo 25 mortos, emquanto que os revolucionarios tiveram um, saindo gravemente ferido o capitão Amaro José do Prado.

Trophéos da victoria: 40 cavallos ensilhados,

20 armas de fogo de diversos typos, pistolas, revólveres, espadas, lanças e um cargueiro de munições.

Assim iam aos poucos os revolucionarios ser-ranos armando-se com as armas tomadas ás proprias forças do governo.

Esta derrota levou o panico aos situacionistas do Passo Fundo, que na noite desse mesmo dia abandonaram a cidade e puzeram-se a caminho da Cruz Alta. Para esta resolução muito influiu tambem a approximação de 600 federalistas ao mando dos tenentes-coroneis Elisiario Prestes e Borges Vieira. Este valente chefe depois de descer a serra, desaviu-se com Palmeira e voltou com seu corpo para o municipio da Soledade, onde encontrando Elisiario a frente de cerca de 400 homens, fez com elle junção, em 20 de Outubro, e marcharam sobre a povoação daquelle nome. A guarnição da villa, commandada pelo coronel Fidencio Rodrigues da Silva, retirou-se para os confins do municipio, donde ainda foi obrigada a retirar-se em direcção a Cruz Alta.

Abandonado aquelle municipio pelos partidarios do governo, seguiu a força revolucionaria, já superior a 600 homens, para Passo Fundo. Em caminho para essa cidade, não longe della, ainda ficou a retaguarda da força republicana, que fugiu para Cruz Alta, em consecuencia da victoria alcançada pelos rebeldes no passo da Cruz. Tão accelerada seguia na fuga, que deixou cair em poder de Prestes e Borges, nas immediações do Carahasinho,

parte da bagagem, consistente em tres cargueiros carregados, duas carretas com generos diversos, bois mansos, gado de córte e animaes cavallares.

Com a retirada das forças governistas da Soledade e Passo Fundo, caíram por completo estes dois municipios em poder dos federaes, cuja posse foi, entretanto, ephemera por falta de unidade de direcção e consequente anarchia. Ao entrar o anno de 1894, achavam-se reunidos na séde deste ultimo municipio de 1.100 a 1.200 homens, commandados por Virissimo José da Veiga, Elisiario Prestes, Borges Vieira e Pedro Bueno de Quadros.

A 1.º de Janeiro, Elisiario e Borges Vieira marcharam com os seus corpos até o Jacuhy, limite entre os territorios da Cruz Alta e Passo Fundo. Ahi foram encontrar o inimigo guardando o passo, havendo por essa occasião forte tiroteio, no qual perderam os federaes dois homens e os governistas tres, entre estes o estimado cidadão tenente-coronel Francisco Victor.

Após esta escaramuça, Elisiario e Borges contramarcharam. A força governista, forte de 1.300 homens, sob o commando do coronel José Gabriel da Silva Lima, secundado pelos coroneis Gervasio Annes e João David, verdadeiro chefe militar da força, pôz-se tambem em movimento. Com pesada bagagem, regularmente provida de armas e munições, confiante no triumpho, marchava sobranceira, certa de chegar, vêr e vencer.

Elisiario Prestes tomando o commando de todas

as forças revolucionarias, no sitio denominado Umbú, a legua e meia da cidade, onde passa a estrada por terrenos que se prestam a vantajosa espera, emboscou a maior parte de suas forças, e só, com o seu corpo visivel, mostrou-se ao inimigo. Animados pela presença desta pequena força, que não excedia de 400 homens, em sua grande maioria lanceiros, como quasi toda a força revolucionaria, os legalistas, de marcha batida, avançaram contra ella.

Logo que as forças governistas investiram contra as de Elisiario, antes mesmo que chegassem ao lugar convencionado, não se pôde conter o valeroso Borges, que atacou impetuosamente por um dos flancos, a quem logo secundou, com a costumada intrepidez, o valente Virissimo e o brioso Pedro Bueno. Atacado por successivas cargas de cavallaria pela frente e flancos, o inimigo faz varias descargas de fuzilaria, mas, por fim, assusta-se, entra a confusão em suas fileiras e já ninguem contém a soldadesca, que, tomada de pavôr, em vertiginosa carreira, foge na mais completa debandada ao rumo da Cruz Alta. Foi nesta fuga desordenada, que teve maiores prejuizos a divisão legal, porque os alcançados pelos vencedores ou morriam lançados ou caíam prisioneiros.

Uma hora, se tanto, durou este importante combate, pronunciando-se logo a victoria pelos revolucionarios, que só tiveram 6 mortos, inclusive o alferes porta-estandarte, e 17 feridos. Os legalistas,

segundo as versões de ocasião, nas quaes, provavelmente, houve algum exagero; tiveram para cima de 200 mortos, entre estes o valente coronel João David, tenentes-coroneis Joaquim Garcia Leal Tattim (da Soledade), Francisco Bier, Procopio Gomes e muitos outros officiaes de menor graduação. O numero de feridos nunca se soube ao certo, havendo apenas noticia de ter sido ferido levemente o coronel Gervasio Annes.

O commandante em chefe da força, o coronel José Gabriel da Silva Lima, bem montado, escapou illeso.

Maiores teriam sido os prejuizos dos governistas, se a consideravel força estacionada no passo do Jacuhy Grande, embora povo reunido, sob as ordens do chefe federalista da Soledade, Antonio Rodrigues Baptista, tivesse sciencia da ida dessa columna para Passo Fundo. Podia então, com tempo, collocar-se em posição de atacal-o, caso fosse derrotada, como foi.

Os trophéos desta memoravel victoria revolucionaria, foram grandes: os vencidos deixaram em poder dos vencedores dois carrós, 12 carréas carregadas com armas, bastantes munições, farinha e outros alimentos; mil e tantas cabeças entre animaes cavallares, muares e vaccuns; 30 cargueiros, armas, munições, estandartes, cornetas e 42 prisioneiros. Na bagagem foram encontrados assados com couros, doces, foguetes, ordens do dia a cele-

brar a sonhada victoria, que o implacavel destino converteu na mais tremenda derrota!

A ausencia de um superior que imprimisse unidade de direcção e cuja ascendencia fosse incontestada, foi causa de sobrevir, após este brilhante feito de armas, falta de homogeneidade de vistas entre os diversos chefes revolucionarios. Corpos inteiros foram dissolvidos, tendo Elisiario se retirado descontente para Butucarahy, sob pretexto de reunir gente. Virissimo e Borges conservaram suas forças reunidas, marchando aquelle, em fins de Janeiro ou principios de Fevereiro, a frente de 400 homens, em direcção a Cruz Alta. A despeito destas latentes rivalidades entre alguns dos chefes, a revolução fazia progressos na região serrana; se não fôra esse motivo, toda ella teria caído em seu poder, inclusive a cidade da Cruz Alta. Se logo após a victoria do Umbú marchassem a tomal-a, fraca ou nenhuma resistencia teria opposto.

Ainda sob a acção immediata do horrivel effeito moral da derrota, os fugitivos, seus provaveis defensores, os que, por ventura, já tivessem chegado, não podiam ter resolução de animo para enfrentar o inimigo vencedor.

Sabedor desta situação e do grande fracasso do Umbú, fez o governo marchar contra os revolucionarios serranos nova columna de 1.100 a 1.200 homens, sob o commando do coronel em commissão Santos Filho, o prisioneiro do Jararaca. Virissimo que tinha seguido ao rumo da Cruz Alta, encontra-

em caminho, no Jacuhy, donde, enquanto retrocede tiroteando, manda por um proprio pedir protecção a Borges.

A 8 ou 9 de Fevereiro, nas immediações do Umbú; sitio fatal ás armas legaes, Santos Filho, militar intelligente, instruido na guerra e desilludido por amarga experiencia; aproveitando a natureza do terreno, simulá offerecer combate, mas com o grosso da força, protegido pelos valles, collinas, restingas e capões de mattos, avança, sem ser logo percebido, quasi uma legua pelo flanco direito inimigo. Conhecida a manobra, a força revolucionaria dividiu-se em duas partes: uma ficou tiroteando as legalistas que simulavam dar combate e outra seguiu, a galope, ao encontro dos que já se approximavam do Vallinho.

Iniciado o tiroteio contra esta força, exclusivamente de infantaria, ao mando do proprio Santos Filho, seguia sem maior novidade quando, ferido um irmão de Virissimo, este, exasperado, sem medir consequencias, num accesso de temeraria coragem, no improprio lugar denominado Areal, manda uma carga de 200 lanceiros contra a massa compacta da infantaria governista.

Com uma bravura tocante as raias de um louco desespero, precipitam-se sobre as linhas inimigas.<sup>(45)</sup>

(45) Consta que Santos Filho, perante tanta temeridade, dissera: "Ou esses homens estão loucos ou bebados." A ser exacto este conceito, affirma-se a bravura dos atacantes, porque em qualquer daquellas duas hypotheses não teriam discernimento para a combinação e arrojô dessa manobra audaz e temeraria.

Avançam sob o fogo de cerradas descargas de fuzilaria, mas não param, avançam sempre, até rompê-las. De novo o inimigo as organisa, de novo as rompe esse punhado de bravos passo-fundenses. Estabelece-se então uma lucta feroz, encarnigada, quasi corpo a corpo de um contra quatro. Trabalha a arma branca; acutilam-se por todos os lados; lanças, golpes d'espada, baionetadas, de todas armas se servem esses irmãos que se matam. A força legal, obrigada a acceitar o combate nesse terreno para não se matar com as suas proprias balas, vence, afinal, pelo numero, ficando senhora do campo. O resto dos revolucionarios sobreviventes retira-se arquejante, ficando o solo alastrado de combatentes de ambos os lados.

Neste combate heroicamente *sui generis*, os revolucionarios disseram ter 59 baixas: 34 mortos e 25 feridos. Entre os primeiros figuram os capitães Bento Pedra, Antonio Padilha, tenentes Nonato F. de Borba, Emiliano Silvestre S. de Miranda, alferes Izolino Antunes Leite e Damaso; entre os segundos figuraram os capitães Theodoro Ignacio da Veiga, tenentes Miguel Fabricio das Neves, Pedro Gaspar e alferes Francisco Ruivo.

Santos Filho em sua parte official, dizendo ter derrotado 1.500 federalistas, quando, em realidade, não passavam de 700, calcula ter lhes dado um prejuizo de 400 homens, com perda apenas de 34 mortos e 15 feridos.

A nosso vêr tanto os revolucionarios como

os legalistas não disseram a verdade inteira: aquelles, diminuindo o numero de suas perdas, visaram tirar a importancia da derrota, e estes, augmentando-o, procuraram dar mais vulto ao combate, attribuindo-se maior victoria.

As forças federalistas transpuzeram da margem esquerda para a direita o Passo Fundo, seguindo em direcção á serra do Capoê-rê. Dias depois Borges Vieira e Pedro Bueno seguiram ao rumo da Soledade, tomando outras forças, fraccionadas em pequenas parcellas, differentes direcções.

Virissimo, tenazmente perseguido até pouco além do Matto Castelhana, embrenhou-se na Serra Geral, occupando com os seus piquetes as bocas das picadas, tendo, por mais de uma vez, de sustentar tiroteios com o inimigo, que durante o mez de Fevereiro, não lhe deu quartel.

Em fins deste mez pensavam os chefes revolucionarios sitiar a força governista em Passo Fundo. Quando Elisiario, Borges Vieira, Pedro Bueno e coronel Francisco dos Santos Teixeira Vaz, todos no municipio da Soledade, tratavam de pôr em execução este plano, Santos Filho, ou fosse para evital-o ou por qualquer outro motivo, emprehendeu retirada para Cruz Alta, conduzindo grande quantidade de animaes vaccuns e cavallares. Talvez fazendo este consideravel levante da propriedade alheia, fosse seu pensamento cortar todos os recursos aos revolucionarios, sendo certo que

esses bens ou seus respectivos valores jamais foram parar ás mãos de seus donos.

Retirando-se Santos Filho, ficou sem objectivo o plano de sitio. Grande numero de revolucionarios, principalmente os que tinham familia, voltaram para suas casás, ficando na cidade apenas com cem homens o coronel Virissimo da Veiga. Os outros chefes, esparsos pelos districtos, no periodo de relativa tranquillidade e cauteloso repouso que se seguiu durante todo o mez de Março, conservaram-se vigilantes e promptos á primeira voz.

Voltando do Paraná, para onde tinha emigrado, começou o coronel Ubaldino Machado, prestigioso chefe federalista da Palmeira, a reunir, pondo-se, em principios de Março, á frente de 400 a 500 homens, em marcha para Santo Angelo. Em caminho, a uma jornada desta villa, bate uma força governista de 250 a 300 homens, que pretendeu tolher-lhe o passo. Quasi sem offerecer resistencia dispersou-se em desordem, tendo para cima de 40 mortos, além de muitos feridos, enquanto Ubaldino só teve quatro baixas e nem todas por morte. Tomando posse da villa nenhuma violencia praticou, nem mesmo mandou prender os adversarios feridos no combate em que foram derrotados, recolhidos em diversas casas particulares.

Na Palmeira tinham ficado dois corpos de patriotas ao mando dos tenentes-coroneis Manoel Fagundes e Marcellino Bueno Galvão. Approxi-



*Gal. Prestes Guimarães*

mando-se por esta ocasião uma força governista que vinha da Cruz Alta, os dois commandantes rebeldes tiveram de retirar-se em direcção ao lugar denominado Fortaleza, ao rumo de Nonohay. O tenente-coronel Bueno Galvão, á frente de um esquadrão de poucos lanceiros, com mais arrojo que prudência, atacou a vanguarda da força legal, que o perseguia, sendo então victima do seu irreflectido valôr.

O coronel Antonio Ferreira Prestes Guimarães, emigrado em S. Thomé (Corrientes), um dos chefes federalistas de mais prestigio, a 14 de Fevereiro, com mais quatro companheiros, com o patriótico intuito de animar a revolução na região serrana, onde gozava de immensa popularidade, embarcou numa canôa, e após 18 dias de fatigante viagem rio acima, a 4 de Março, desembarcou no lugar denominado Cascalho, quatro leguas acima da colonia do Alto-Uruguay. A 8 chegou a Campo Novo onde teve noticias da tomada da villa da Palmeira, nessa mesma data, por forças do governo. Não podendo, então, seguir directamente para Passo Fundo, lugar de seu nascimento e residencia, seguiu pela picada de Inhacorá para Santo Angelo, onde de chegada (13) foi acclamado commandante em chefe das forças revolucionarias serranas pela brigada do coronel Ubaldino Machado, ainda de pösse dessa villa.

Em fins de Março, de volta de Santo Angelo, foi a villa da Palmeira occupada por Ubaldino,

donde já tinha regressado para a Cruz Alta a força governista.

O grosso da brigada revolucionaria acampou no Boi-Preto, cerca de tres leguas da villa, nas abas das mattas do rio da Varzea. Deste lugar, acompanhado por pequena escolta, atravez das florestas do rio da Varzea, seguiu Prestes para Passo Fundo, onde chegou na noite de 3 de Abril, só encontrando Virissimo com a pequena guarnição de seu commando. A 5, ao meio dia, de volta de Santa Catharina, fazia sua entrada na cidade o general Lima, á frente da numerosa divisão do norte. Prestes e Virissimo, com a pequena guarnição, tomaram a estrada sul da Soledade.

O coronel Firmino de Paula que, com a brigada de seu commando, marchava no flanco direito do grosso da divisão legal, ia arrebanhando animaes, praticando duras violencias, crimes atrozes. Na manhã do dia que entraram em Passo Fundo, passando pela residencia do inoffensivo capitão Vidal Francisco de Borba, viuvo carregado de familia, arrancou-o do lar, assim como um filho maior, e sobre uma elvação, donde já se avistava a cidade, mandou degollar tanto ao pae como ao filho!...

O adoentado fazendeiro Ismael Quadros sofreu arbitrariedades praticadas por seus proprios companheiros.

Prestes Guimarães tratou de reunir e organizar as forças de Passo Fundo e Soledade, as quaes,

na ultima quinzena de Maio, acampavam no Campo Bonito, no municipio da Soledade. Em principios de Abril, 7 ou 8, reuniu-se-lhe um contingente de pouco mais de 50 homens, regularmente armados, sob o mando do tenente-coronel Luciano Décusati e Fidencio Gomes Ribeiro. Vinha de Alfredo Chaves, onde forças pertencentes a divisão do norte praticaram actos de desenfreado banditismo. Não podendo fazer mal pessoal aos adversarios de mais nomeada, vingaram-se em seus bens; incendiaram uma dezena de casas de federalistas, demolindo paredes a tiros de canhão. Entrou neste numero a do tenente-coronel Decusati, cuja familia foi obrigada evacual-a!

O general Lima seguiu de Passo Fundo para Nonohay, marchando a brigada do coronel Firmino de Paula para o municipio da Palmeira. Nas immediações do Boi-Preto, onde estava acampada parte da brigada do coronel Ubaldino Machado, surpreendeu e aprisionou o piquete revolucionario de observação. A um unico soldado, sob compromisso de descobrir o lugar do acampamento federalista, foi garantida a vida; todos os outros foram friamente degollados!

Descoberto com precisão o acampamento do Boi-Preto, na madrugada do dia 5, foi grande parte da força de Ubaldino sorprendida e agarrada sem dar um tiro! Elle proprio, o tenente-coronel Ribas Pinheiro e pouca gente mais e a Deus e misericordia.

Boi-Preto



O tenente-coronel João Gabriel, de Santo Angelo, e mais alguns companheiros, não morreram como cordeiros, fizeram-se matar lutando.

Cairam prisioneiros em poder da força governista, segundo a versão revolucionaria, cerca de 250 homens; segundo a comunicação official de

Firmino de Paula 370. Este chefe sanguisedento, com excepção de 40 ou 50 destinados ao serviço do exercito, mandou passar todos pelas armas!...

No lugar denominado Olhos d'Agua foram mortos 140; na Porteira 100 e no sitio do aprisionamento 30.

Emfim, cerca de 300 homens mandou esta féra humana, friamente, matar, entre elles seu proprio primo-irmão Ar-

thur Beck, o salvador de seu filho e seu enfermeiro em Santa Maria.

Esta atroz carnificina, que não foi maior por estar parte da gente licenciada na villa e outros em serviço, como o tenente-coronel Perié, foi causada pela facilidade e descuido do chefe revolucionario, que tendo recebido aviso, por escripto, de Prestes Guimarães, não tomou, como cumpria, as necessarias cautelas.

Firmino de Paula, mais tarde promovido a ge-



G.ª Firmino de Paula  
(autor da hecatombe  
do Boi-Preto)

neral honorario, dando parte deste feito d'armas ao presidente do Estado, passou o seguinte telegramma:

"Cruz Alta, 10 de Abril de 1894. — Viva a republica.

Hoje, 5 manhã, bati Ubaldino acampado Boi-Preto. Completa derrota; morrendo 370 maragatos, muitos delles officiaes. Tomei 3 carretas, 38 armas combalains, 222 lanças, munições, abundante armamento particular, barracas, muitos prisioneiros, 500 animaes, parte minha propriedade. Ubaldino, Brasil Pinheiro e Alfredo Pinheiro fugiram. Encontrei no acampamento porção de fazendas. Amanhã sigo a bater força reunida Palmeira, depois Perié, Campo Novo, representam 600 maragatos. Ubaldino tinha acima 500. — Coronel *Firmino de Paula*, commandante da 5.ª brigada da divisão do norte."

Dos proprios termos deste telegramma, com certeza exagerado para dar mais vulto a seu feito d'armas, se depreheende que não houve combate. Nem se comprehende que houvesse lucta e morresse 370 revolucionarios e nenhum governista!

Houve, pois, uma execranda degolação, requintada por inominavel malvadez sanguinaria.

Após a hecatombe do Boi-Preto, tomou Firmino de Paula caminho de Missões, tocando, de passagem, por Santo Angelo. Em Carovy encontrou-se com Dinarte Dornelles, que lhe inflingiu completa

derrota, causando-lhe grande numero de baixas e perseguindo-o até as proximidades de Santo Angelo.

Em principios de Junho as forças do coronel Prestes Guimarães, em numero de 1.500 homens, levantaram acampamento do Campo Bonito e marcharam com direcção a Passo Fundo. No dia 5 desse mez, a frente de 420 homens, fazia a vanguarda o tenente-coronel Elisiario Prestes, que guardava o passo do rio Jacuisinho, na estrada da Soledade, a 18 kilometros do Passo Fundo.

O grosso da força revolucionaria, a uma legua da vanguarda, estava acampada na fazenda de Ismael Quadros. Ao clarear desse dia, de volta de Nonohay, a divisão do general Lima, á qual se tinha incorporado Santos Filho, fazendo um forte de mais de 3.000 homens, approximou-se do passo, fazendo-se annunciar a tiros de canhão. Não podendo obstar-lhe a passagem, tiroteando sempre em retirada, dirige-se Elisiario para o acampamento dos seus, que se preparam para receber o inimigo. Prestes Guimarães, porém, resolve o contrario, ordena a retirada. Lima, suppondo fuga, activa a perseguição. O commandante da vanguarda, coronel Antonio Caminha, alimentando a mesma convicção, entusiasma-se e se distancia do nucleo da força legal na perseguição aos revolucionarios. Um quarto de legua depois de transpôr o pequeno arroio Tres-Passos, por trás de uma collina, postando a força de ambos os lados da estrada, esperou Prestes a vanguarda governnista. Avançando com summa ra-

pidez, assomou logo na coxilha, sendo quasi, inesperadamente, envolvida por cargas convergentes de todos os corpos da cavallaria federalista.

A infantaria legal foi completamente esmagada; a pequena força de cavallaria que a protegia, fugiu veloz para o grosso da divisão, que formada em quadrado, junto ao passo, sem todavia transpôr-o, conservava-se na defensiva.

Desmoralizado por esta derrota, Lima contramarchou para o passo do Jacuhy, repassando o qual, tomou a estrada da Cruz-Alta.

Prestes Guimarães dando conta desta victoria, publicou a seguinte ordem do dia:

“Ordem do dia n.º 23. — Hontem o inimigo vindo do Passo-Fundo, transpôs pela manhã o passo do Jacuysinho, empregando logo contra nós sua artilharia. Nossa força acampada perto do estabelecimento de Ismael Quadros, se pôz em retirada. O inimigo illudido, suppondo que não encontraria resistencia, nos perseguiu tenazmente. Deste lado do arroio Tres-Passos, quasi em frente a casa do finado Manoelzinho, estendemos nossa linha de batalha, esperando o ataque. As 11 horas em ponto começou o combate já renhido desde o passo. Nossa cavallaria fez prodigios de valôr, fazendo debandar a cavallaria inimiga, que por fim fugiu abandonando a infantaria ás nossas cargas, cujas avanças foram totalmente destruidas. O ini-

migo retrocedeu então, perdendo, como acaba de ser verificado, 150 mortos, entre os quaes varios officiaes, além de grande numero de feridos. Tomamos uma bandeira, 4 clarins, 5 cargueiros de munições, grande parte do archivo e mais de 70 comblains.

Tivemos 30 baixas, 17 feridos e 13 mortos. Entre estes contám-se os tenentes-coroneis Manoel Baptista e José R. Ferreira, capitão Jacyntho de Vargás, tenentes Rufino Leite, Bonifacio Lemos Cavalheiro e alferes Candido Brum; entre aquelles figuram o tenente-coronel Luciano Decusati, major João Carpes, capitães Alfredo Cardoso, João Schwarz, Francisco Claro, tenentes João Antonio Moreira, Alfredo Antonio Kaanapf, Felipe Luca, João Ruivo, sargento Manoel Joaquim e alguns soldados. Hoje, 7, o inimigo retirou-se acobardado pela mesma estrada.

Viva a liberdade!

Acampamento das forças revolucionarias no Tope, 7 de Junho de 1894. — *Antonio Ferreira Prestes Guimarães*, commandante em chefe.”

A esta ordem do dia seguiu-se um “addendum”, não sabemos com que data, nos seguintes termos:

“Foram tomadas 3 bandeiras, inclusive a do 30 batalhão d’infantaria, 6 clarins e não 4 e 2.000 tiros mais encontrados nas patronas dos soldados mortos. Está verificado

que passam de 100 as armas tomadas; algumas lanças, espadas e revólveres. O inimigo queimou na retirada parte das carretas, abandonando muitos objectos que estavam reunindo.

Tenho o gosto de communicar ás forças de meu commando que hoje a noite ou amanhã cêdo faremos junção com o bravo exercito de Gumercindo Saraiva. — *Prestes Guimarães*.”

Esta victoria teve um grande alcance, facilitou a sahida de Gumercindo e seu exercito incolumidade das selvas.

Esta derrota custou a morte do padre Thomaz de Souza Ramos, que vinha prisioneiro das forças do general Lima. Mandaram assassinar esse virtuoso sacerdote no lugar denominado Cruzinha, para onde o fizeram seguir acompanhado por uma escolta, sob pretexto d’envial-o para Porto Alegre.

Neste mesmo sitio, mezes depois, Gervasio Annes, mandou matar a João Rachel pelo unico crime de ser federalista e casado com uma sobrinha do coronel Prestes Guimarães.

Sabendo por seu ajudante de ordens, major Leonel Maria da Rocha, que fôra ao Estado do Paraná, em commissão importante e reservada, da vinda de Gumercindo, Prestes, com toda sua força marchou até ao norte da fazenda do finado capitão Joaquim Fagundes dos Reis, entre Passo Fundo e

Matto Castelhana, onde acampou a espera do legendario chefe revolucionario. Afim de levar-lhe recursos e prestar algum auxilio, fez seguir pela picada das Turmas, que corre em grande extensão da margem esquerda do Pelotas, o mesmo major Leonel, enquanto elle ancioso aguardava o valeroso caudilho.

## CAPITULO X

### Operações do corpo do exercito do general Gumerindo

SUMMARIO: — Chegada do 1.º corpo do exercito libertador a Lages; combate no rio Canôas; deserção das forças do coronel Paulino Chagas; chegada do exercito a Blumenau e Itajahy; Gumerindo segue com o grosso do exercito para Joinville; combate de Itajahy; chegada da brigada do coronel A. Saraiva; embarque dos revolucionarios; A. Saraiva segue para S. Francisco e Guerreiro Victoria para Florianopolis; abandono de Itajahy pelas forças leaes; nomeação do general Piragibe commandante em chefe do exercito provisorio organizado em Santa Catharina; instituição do governo legal provisorio na villa de S. Bento pelo general Argollo; sua retirada para Lapa e sua substituição pelo general Pêgo Junior no commando do districto e pelo coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro no commando das forças; guerrilhas e tiroteios nos Campos dos Tenentes, rio Negro e da Varzea. Ataque, mais ou menos simultaneo de Tijucos, Paranaguá e Lapa; inicio do sitio desta cidade; tomada de Paranaguá; capitulação de Tijucos ou Ambrosios; prisioneiros de guerra; fuga do governador Vicente Machado e do commandante do districto Pêgo Junior para S. Paulo; queda de Curitiba em poder da revolução; peripecias do sitio da Lapa e capitulação desta praça; telegrammas dirigidos pelo almirante Mello e general Gumerindo ao mare-

chal Floriano; influencia do dr. Lavrador junto a Gumerindo; sua volta para o Rio Grande, divisão da força revolucionaria em tres columnas; entrada das forças legaes em Curitiba; perseguença da columna do general José Serafim de Castilhos (Juca Tigre) pelo coronel Braz Abrantes; perda completa desta columna revolucionaria.

Em principios de Novembro deixamos o general Gumerindo a frente do 1.º corpo do exercito libertador, forte de cerca de 1.600 homens, caminho de Lages, onde chegou a 11, sendo festivamente recebido pela população.

O coronel Paulino das Chagas Pereira, que estava commandando a fronteira do Estado, por nomeação do governo provisório, tendo sob suas ordens uma força de 800 patriotas, reunidos por influencia do cidadão José Joaquim de Cordova Passos, seguiu, com todo seu estado-maior, ao encontro do afamado general revolucionario.

Após ligeiro descanso, durante o qual o commercio forneceu gratuitamente a tropa generos na importancia de seis contos, teve o exercito ordem de marcha, seguindo em direcção ao passo das Canôas, no rio do mesmo nome. Aos revolucionarios rio-grandenses incorporaram-se as forças do coronel Paulino das Chagas que, igualmente, marcharam ao mesmo rumo.

A 15, quando já grande parte do exercito tinha transposto o passo, a cinco leguas de Lages, appareceu a vanguarda da divisão do norte.

A pequena força revolucionaria, de 60 homens,

ao mando do coronel Apparicio, que tinha ficado de observação em Lages, bateu em retirada, mas sempre tiroteando o inimigo, até que também transpôz o rio a 18. No passo, á margem direita, tinha ficado a 1.ª brigada, cujo objectivo era retardar a passagem da força legal, dando, assim, tempo a que o grosso do exercito revolucionario ganhasse distancia. Neste lugar a margem esquerda do rio é constituida por forte ribanceira despida de vegetação; para transpô-lo, tinham os soldados legaes de descer por essa ingreme encosta. Sem primeiro desalojar a brigada revolucionaria, essa descida, como a passagem, era por demais difficil, porque o fogo dessa força protegida pelos mattos e accidentes naturaes do terreno, tornava-se summamente mortifero. Durante todo dia e noite de 18 houve vivo fogo, principalmente por parte da força governista, que não cansava de dirigir contra o inimigo, que não se expunha, cerradas descargas de fuzilaria, artilharia e metralha. A 19 continuou do mesmo modo o fogo, até que os federalistas, com receio de serem cortados, na hypothese de parte dos legalistas transporem o rio em qualquer outro ponto, e, mesmo porque, já sem munições, tinham cumprido as ordens recebidas — retardar a marcha da força legal — abandonaram o passo e foram se incorporar ao grosso do exercito.

Neste encontro de somenos importancia que, como de costume, os generaes governistas elevaram á altura de grande feito, e nos tiroteios susten-

tados pelo coronel Apparicio, major Peixoto e outros desde Lages ao passo, tiveram os revolucionarios entre mortos, feridos e extraviados 22 homens fóra de combate.

E' de crêr que o prejuizo das forças legaes, senão maior, pela posição desfavoravel, fosse, pelo menos, igual ao dos revolucionarios, cujos cadaveres encontravam descanso no seio da terra, emquanto os dos defensores da legalidade, no dizer dos moradores dessas paragens, no leito do rio e nas profundezas de um precipício!

A 20 o exercito acampou em Curitibaos.

Na noite deste dia desertou quasi toda a força commandada pelo coronel Paulino das Chagas, ficando apenas reduzida a pouco mais de 50 homens, em cujo numero s'encontravam os chefes, officiaes e poucas praças.

A 21 penetrou na extensa picada, de 36 leguás, que termina pouco aquem de Indayal, a um dia de viagem de Blumenau. Durante seis dias transitaram por esse pessimo caminho, maxime as primeiras 20 leguas. A maior parte da força já ia a pé, de arreios ás costas, trazendo, para evitar essa carga, os cavallos a cabresto, mesmo em máo estado, aquelles que ainda os tinham.

A 29 chegou á villa de Blumenau.

Os habitantes da zona colonial deste nome pretendiam oppôr-se á passagem do exercito revolucionario, visto os legalistas lhes terem feito crêr em sua intenção hostile; convencidos, porém, por

emissarios federalistas, da falsidade dessa informação, corroborada ainda pela correção de seu procedimento, desistiram desse proposito.

A 30 os revolucionarios desceram embarcados o Itajahy até a cidade maritima desse nome.

A 3 de Dezembro o general Gumercindo embarcou com a maior parte do exercito para Joinville, pequena cidade á margem do rio Cachoeira, perto de S. Francisco, por cujo porto ainda é servida. Guarneendo a cidade de Itajahy ficou o general Guerreiro Victoria com pouco mais de 300 homens.

Passando os mesmos trabalhos, luctando com os mesmos obstaculos, vencendo as mesmas difficuldades, senão maiores, devido a conducção de mais pesado trem de guerra, a divisão do norte, tenazmente, marchava em perseguição do corpo de exercito do general Gumercindo. Em Blumenau seus soldados não tiveram a norma de conducta dos federalistas. Os colonos, apesar de sympathicos á força legal, representaram ao general Lima contra o máo procedimento de sua tropa, que não respeitava a propriedade alheia.

No dia 8, a 1.<sup>a</sup> brigada de linha, commandada pelo valente tenente-coronel Tupy Caldas, que fazia a vanguarda da divisão do norte, enfrentou a guarnição de Itajahy, commandada pelo não menos valente, veterano do Paraguay, Guerreiro Victoria.

Como dispuzesse para a defesa da praça de pouco mais de 300 homens e tinha a guardar uma

linha, pelo menos, de seis kilometros, destruiu a ponte do rio Conceição e do ribeirão Canhanduva, afim de dificultar, por esses pontos, a passagem do inimigo, em numero, talvez superior a 1.500 homens, porque tambem fazia parte das forças atacantes a brigada do coronel Antonio Caminha.

Durante todo o dia e noite de 8 houve fogo, ora a grandes, ora a pequenos intervallos. O celebre vapor "Uranus", pertencente a esquadra revoltosa, atracado no porto, atirou mais de uma bomba em direcção ás forças do governo. Estas, procurando contornar os revolucionarios, atravessaram por elevados montes, e assim, pouco a pouco, foram ampliando a linha de ataque e dificultando a defesa, attento ao pequeno numero de federalistas.

A 9 continuou o fogo, havendo troca de tiros de artilharia.

Na tarde deste dia chegou de S. Francisco, embarcada no cruzador "Metereo", a brigada do coronel Apparicio Saraiva, que, incontinente, marchou para a linha de fogo.

Dia 10 continuaram as forças belligerantes a se hostilizar sem pronunciada vantagem para nenhum dos contendores, que, mais ou menos, conservavam as mesmas posições. De tarde, o general Guerreiro resolveu suspender o fogo, fazendo, durante a noite, sem ser incommodado, embarcar todo o material de guerra e a tropa nos dois cruzadores surtos no porto.

Sua intenção não era retirar-se, mas dar des-

canso a força, que a tres dias, em noites mal veladas, resistia heroicamente os ataques do inimigo bastante superior em numero. <sup>(46)</sup>

Os dois vapores e os atiradores que pretendia embarcar em lanchões no Itajahy, estes protegidos por aquelles, bastavam para contel-o a respeitavel distancia.

Ou fosse, realmente, esse seu fim, ou fosse a impossibilidade de continuar a resistencia, o que é mais provavel, o certo é que a 11 o "Metereo", onde estava a brigada do coronel Apparicio Saraiva e o dr. Arthur Maciel, pediu pratico, e sem attender as ordens em contrario, sahiu barra fóra para S. Francisco. Em vista disso, o general Guerreiro, que estava com sua gente embarcada no "Uranus", seguiu para Florianopolis.

Se essas forças demorassem mais algumas horas em Itajahy, teriam recebido um reforço de mais 300 homens, já embarcado a bordo do "Iris", no porto de Florianopolis, para seguir.

As ambições e rivalidades entre os chefes e entre alguns destes e o proprio governo provisorio, começavam a produzir suas tristes consequencias.

O que é verdade tambem, é que, a não ser o estado de guerra, não havia razão para lucta pela posse desta cidade, de nenhuma vantagem para qualquer dos belligerantes.

(46) Esta declaração ouvimos de sua propria boca em Montevidéo.

Nesse mesmo dia foi a cidade occupada pelas forças da União, que não tomaram armas nem munições, como, para armar effeito, disseram falsamente alguns commandantes em suas partes officiaes.

Nestes tres dias de tiroteios foram insignificantes os prejuizos da força revolucionaria, pois não passaram de 8 homens mortos e 11 feridos, entre estes o coronel Vasco Martins.

O snr. Epaminondas Villalba em sua historia da "Revolta da Armada", não sabemos se para attenuar os prejuizos das forças legaes ou exaltar o triumpho, o que é mais certo, disse que, nesta occasião, os revolucionarios tinham 21 canhões. Esta affirmação é absolutamente falsa.

As perdas das forças do governo não sabemos ao certo. O tenente-coronel Tupy Caldas disse ter tido fóra de combate 21 homens, sendo seis mortos. As baixas da brigada do coronel Caminha nem officialmente conseguimos saber. <sup>(47)</sup> Ao cerrar da noite do dia 14 seguiram de Florianopolis cerca de 400 homens, ao mando do general Laurentino Pinto Filho, para, de combinação com o general Gumerindo, desalojar o inimigo. Este, porém, comprehendendo a má posição em que se tinha collocado e

(47) Os moradores das circumvizinhanças, que foram ao campo da acção logo que se retiraram as forças legaes, disseram ter encontrado sepulturas em muito maior numero de que o de mortos constantes da parte official governista.

Sem affirmarmos nem negarmos consignamos apenas esta versão da epocha.

vendo o perigo de lhe ser cortada a retirada — a picada de Blumenau — tratou de regressar sem demora.

Se os membros do governo provisorio fossem mais capazes; se em tão difficeis circumstancias não melindrassem chefes cujo concurso não podiam dispensar; se diante do inimigo não perdessem tempo com frivolas questões de doutrinarismo; essa força estava sujeita a provavel, senão inevitavel desastre, porque muito difficilmente poderia voltar pela referida picada, desde que 300 ou 400 homens lhe embargassem o passo. Entretanto, nada lhe succedeu: teve a gloria de, após uma marcha de mais de 200 leguas por invios e duros caminhos, voltar quasi incolume á terra rio-grandense, graças ás dissensões entre os chefes rebeldes, o eterno ridiculo de todas as revoluções.

Eis a tudo quanto se reduziu o combate de Itajahy, a que os governistas deram grande vulto.

O governo provisorio desde que se constituiu, tratou logo de reunir elementos e organizar resistencia. O general Antonio Carlos da Silva Piragibe, chegado no "Uranus" a 18 de Outubro, foi a 21 nomeado commandante em chefe do corpo de exercito provisorio, em organização, que tinha de operar no Estado de Santa Catharina.

Projectando formal-o de um effectivo superior a 2.000 homens, dividido em duas divisões e quatro brigadas, apezar dos esforços empregados, jamais poudes alcançar aquelle numero, conseguindo, en-



tretanto, reunir uma pequena força, com a qual entrou em operação.

O general Francisco de Paula Argollo nomeado pelo governo da União commandante do 5.º districto militar, chegando em fins de Outubro a Curitiba, a 31 desse mez, a frente de uma columna de 700 homens, marchou em direcção á fronteira de Santa Catharina. A 11 de Novembro, na villa de S. Bento, constituiu o governo provisório legal deste Estado.

O general Piragibe, coronel Jacques Ouriques e outros, com cerca de 300 homens, correram ao encontro da força legal. Esta, ou por noticia de ser numerosa a columna revolucionaria, ou por qualquer outra circumstancia, abandonando a posição que occupava, retirou-se para a cidade da Lapa. Desde então, fazendo quartel general na villa do Rio Negro, conservou-se Piragibe operando ao norte do Estado, cuja fronteira guardava.

Argollo, provavelmente em consequencia desta retirada, foi substituido no commando do districto pelo general Pêgo Junior e no commando das forças em operações pelo coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

Este illustre e valoroso militar só em fins de Novembro podia ter assumido o commando da força, que devia invadir e operar em Santa Catharina, porque o general Enéas Galvão, ainda a 19 desse mez, communicava essa nomeação, pelo telegrapho, á guarnição de Curitiba.

Inutilmente ainda tentou o valente coronel desalojar o general Piragibe do rio Negro, ao qual já se tinham incorporado os corpos de cavallaria rio-grandense dos coroneis José Serafim de Castilhos e Torquato Severo. Foi por esta occasião que tiveram lugar entre as forças belligerantes diversas guerrilhas e tiroteios nos Campos dos Tenentes, rios Negro e Varzea, onde uma força do governo aprisionou, illudindo, um piquete revolucionario, que guardava uma ponte neste rio. Transpondo-o em outro ponto e pondo as divisas usadas pelos federalistas, approximaram-se dando vivas á revolução, até que chegando bem perto apontaram e descarregaram as armas contra o inimigo e deram vivas ao marechal Floriano. Assim, usando deste artificio traiçoeiro, conseguiram aprisionar cerca de 40 homens, á alguns dos quaes tiraram a vida. Foi esta a annunciada victoria do coronel Carneiro no rio da Varzea.

Dizia-se que estas escaramuças obedeciam a um plano, o de ser a força revolucionaria, em dado momento, atacada simultaneamente pelo grosso da divisão legal ao mando do proprio Carneiro e pela brigada do tenente-coronel Ismael Lago, que avançava pelo caminho dos Ambrosios. Batendo ou obrigando o general Piragibe a retirar-se para o interior do Estado, tinha em vista dominar a fronteira e occupar a cidade de Joinville para, deste modo, obstar a invasão no Estado do Paraná e cir-

cumscrever a acção dos revolucionarios a determinados pontos do littoral de Santa Catharina.

O major Felipe Schmidt, em sua apaixonada parte sobre o sitio da Lapa, publicada no "Diario Official", onde até de assassinos chama os revolucionarios, confirma a existencia deste plano, o qual tambem deixa perceber o coronel Jacques Ouriques em seu folheto — "O Drama do Paraná".

O general Argollo com algum esforço e resolução podia conservar a posição de S. Bento e até resistir com vantagem a Piragibe, que então dispunha de pouca gente. Com auxilios que lhe fossem mandados, podia acabar por assenhorear-se de todos os pontos accessiveis da fronteira de Santa Catharina e talvez, até, occupar Joinville.

Se Gumercindo, perseguido por Lima e Pinheiro Machado, ao chegar em Itajahy, não encontrasse abertas todas as portas do Paraná, a situação se tornaria mais difficil e esse Estado não teria caído em poder da revolução. Chegando, porém, esses dois chefes legaes áquella cidade, da qual os revolucionarios foram obrigados a retirar-se depois de tres dias de resistencia, não viram perto nenhuma força amiga, que lhes podesse dar protecção e fornecer recursos bellicos. Olhando para todos os lados só viam facilidades para os revolucionarios, que podiam se transportar nos navios da esquadra revoltosa de uns para outros pontos do littoral do Estado, emquanto que elles só viam um caminho, uma longa picada de 36 leguas,

eivada de difficuldades, prenhe de precipicios, cujo passo obstado pelo inimigo, lhes acarretaria, como já ficou dito, provavel senão inevitavel revés, a menos que não s'embrenhassem por desconhecidos sertões, só povoados por selvicolas e animaes bravios e ferozes, o que, ainda assim, não deixava de ser um desastre. Nestas condições, vendo imminente o perigo, não perderam tempo, retrocederam por esse caminho, antes que o inimigo lhes cortasse a retirada.

Foi quando já estavam de volta as forças commandadas por estes chefes legaes, em meados de Dezembro, que o coronel Carneiro tentou pôr em execução aquelle plano.

Era tarde.

Levar por diante, a despeito de tudo, essa empresa, a qual se oppunha, então, com boas razões o coronel Lacerda, era buscar a derrota por suas proprias mãos. A força de Piragibe já não era de 300 homens, senão o dobro ou mais; além disso, á retaguarda, em Joinville, estava o destemido Gumercindo com a maior parte de seu corpo d'exercito, bem como Laurentino com a brigada de seu commando. Naturalmente convencido da impossibilidade de tal commettimento, sobretudo depois de saber da retirada da divisão dos generaes Lima e Pinheiro Machado, voltou para Lapa com o grosso de suas forças.

Desde então, os federalistas tomaram resolutamente a offensiva e trataram de pôr em execução

o plano de atacar simultaneamente Tijucos, Paranaguá e Lapa. Essas tres praças, cada uma defendida por algumas centenas de soldados, foram, com effeito, embora sem rigorosa precisão mathematica, atacadas quasi ao mesmo tempo.

A 11 de Janeiro de 1894 uma pequena força de pouco mais de 200 homens, pertencente ao 1.º corpo d'exercito revolucionario, investiu contra a povoação de Tijucos, sendo repellida por seus 400 defensores, ao mando do tenente-coronel Ismael Lago. Tendo noticia do perigo em que se achava essa praça, o coronel Carneiro fez, incontinentemente, seguir mais 300 homens para reforçar sua guarnição, cujo commando em chefe foi, nessa mesma occasião, assumir o coronel honorario Adriano Pimentel.

A 14 o general Gumercindo, a frente de parte de seu corpo de exercito, como 800 homens, depois de fraco tiroteio, sitiou a praça. Os defensores resistiram valentemente nos primeiros dias, causando aos revolucionarios, entre mortos e feridos, perdas em numero superior a 50 homens. O prejuizo das forças legaes nunca podemos saber.

O inicio do cerco da Lapa a 14, a tomada de Paranaguá a 17, não podia deixar de influir para a queda de Tijucos ou Ambrosios, porque além de não lhe poder vir protecção de parte alguma e ficar muito exposta a metralha inimiga, não dispunha de recurso para provimento da tropa. Nestas condições, o prolongamento da resistencia seria o sacrificio improficuo de maior numero de vidas, ra-

zão que, com certeza, demoveu os chefes a capitularem no dia 19.

Pelo documento da capitulação firmado no dia 20, garantiu-se a vida e liberdade de todos os officiaes e inferiores, com a condição de não pegarem armas contra a revolução, salvo si se declarasse restauradôra. Eis na integra este topico importante, pelo qual, mais uma vez, ficou bem claro nunca ter tido a revolução intuitos restauradores, como, por calculo, não se cansavam de affirmar os defensores do governo:

“Fica garantida a liberdade plena para todos officiaes da guarnição da praça, sem excepção e constante da relação annexa firmada pelo commandante, com a condição unica de não pegarem armas contra a revolução, salvo o caso de proclamarem esta restauradôra. Igual garantia s'estende a todos os inferiores. (48)

Os trophéos desta victoria foram importantes. A guarnição da praça, composta de 750 homens, inclusive os officiaes, caiu toda prisioneira. Foram arrecadados 4 krupps, 189 manlichers, 181 combains, 258 chassépots, 25 spensers, alguns milheiros de cartuchos, barracas e outros artigos bellicos.

A 21 seguiram os revolucionarios para Curitiba e logo após todos quantos haviam capitulado,

(48) Dessa relação constavam 62 officiaes, inclusive o coronel Pimentel, os tenentes-coroneis Ismael Lago e José Bevilaqua.

não tendo se dado nenhum acto de barbarismo e execução summaria, apesar de terem caído prisioneiros officiaes, que, em Florianopolis, sob palavra de honra, tinham promettido não pegar armas contra a revolução! Entretanto, voltando alguns destes, de novo, para as fileiras do marechal Floriano, correram a narrar pelas columnas do "Paiz" e do "Tempo", jornaes que, diariamente, assácavam os maiores aleives contra os revolucionarios, horrôres de toda especie, inclusive saques, roubos e assassinatos.

E assim honraram a palavra dada e a generosidade com que foram tratados!...

Ao mesmo tempo destes successos em Tijucos, conforme o plano combinado, occorriam outros de natureza semelhante em Paranaguá e Lapa. Na primeira dessas cidades, a 11, em consequencia da noticia d'estarem cruzando na barra navios revolucionarios, revoltaram-se cerca de 150 guardas nacionaes, cujo objectivo era auxiliar as operações da esquadra. Parte desta força, 40 homens, atacaram o quartel onde estavam os soldados que se tinham conservado fieis ao coronel Eugenio Mello; repellidos, com perda de um homem, voltaram á Costeira, donde entrincheirados continuaram a hostilizar as forças legaes. Esta revolta, preparada pelos amigos da revolução, mas precipitada pelos acontecimentos, foi facilmente suffocada pelos recursos que, de Curitiba, promptamente acudiram. A consequencia foi a prisão de 64 guardas e mais

42 cidadãos pelo crime de serem federalistas, suspeitos de cumplicidade nessa sublevação.

Foi para fuzilar parte destes presos que o commandante do districto, o general Pêgo Junior, o mesmo que poucos dias depois se retirou apressadamente de Curitiba, pediu ordem telegraphica ao ajudante general.

Como especime desses tempos de miseria e vergonha, não raro na vida dos povos, em que o desvairamento das paixões obliteram os sentimentos de humanidade, damos na integra esse triste documento e a respectiva resposta, que pouco o sobreleva em brandura.

Eil-o:

"Ajudante General: Rio. — Peço-vos ordem mandar fuzilar principaes chefes federalistas Paranaguá. — *General Pego.*"

"General Pego: Curitiba. — Podeis fazel-o após conselho de guerra, porque governo approvará tudo. — *Marechal Enéas.*"

Por graça do Céu não se consummou mais este barbaro e execrando attentado. A salvação destes **condemnados á morte**, encarcerados em immunda enxovia, sem ar e sem luz, foi ter, logo após, a esquadra revolucionaria forçado a entrada de Paranaguá, depois de tomada a fortaleza da barra, onde arrecadou dois canhões Krupps, treze de alma lisa, 60 carabinas, 20.000 tiros e mais alguns petrechos bellicos.

Preocupados com a defeza do porto e da cidade, na alternativa de uma derrota, caso em que nenhuma generosidade podiam esperar do inimigo, se praticassem acto tão deshumano e cruel, adiarão essas execuções, que, na melhor hypothese, seriam coonestadas por simulacros de conselhos de guerra.

Durante o dia 17, depois de duas horas de fogo, mais ou menos consecutivo, a esquadra continuou a atirar, mas a longos intervallos, contra as trincheiras inimigas, que do mesmo modo respondiam. Chegando, a tarde, o cruzador "Iris", desembarcaram de quatro a cinco centenas de revolucionarios ao mando do brioso coronel rio-grandense Timotheo Alves Paim. A guarnição da cidade, composta na maior parte de pessoal bisonho, sujeita ao serviço das armas mais pela força que por vontade, fugiu em debandada. O coronel Eugenio de Mello, abandonado por seus commandados, foi obrigado, por sua vez, a retirar-se precipitadamente, seguido apenas por 40 ou 50 homens.

Apezar de ter organizado nova resistencia perto da cadeia, quasi exclusivamente com o 111 batalhão da guarda nacional de S. Paulo, unica força da guarnição que melhor cumpriu seu dever, foi levado de vencida pelos marinheiros e federalistas rio-grandenses, comquanto os tivesse recebido a tiros de canhão e cerrada fuzilaria. Momentos depois era o coronel Eugenio feito prisioneiro, só tendo continuado a resistencia, até a madrugada do dia

18, a guarda da cadeia, visto não ter sido atacada seriamente pelos revolucionarios, no intuito de não victimarem alguns dos muitos presos politicos. Afinal, sob garantia de vida, tambem rendeu-se.

Desde esse instante raiou a liberdade para 106 cidadãos, dos quaes parte, além dos martirios por que teriam de passar, seriam irremessivelmente fuzilados, se não fôra a tomada providencial desta cidade pela esquadra.

Dentre os presos achava-se o prestigioso chefe politico Theophilo Soares Gomes, pouco depois aclamado governador do Estado.

Eis os termos da parte official dada pelo contra-almirante Custodio de Mello, ao ministro da marinha do governo provisorio, deste feito d'armas:

"S. Francisco, 18 de Janeiro de 1894. — Ao Ministro da Marinha.

A 13 occupamos a fortaleza da barra, fugindo a guarnição, inclusive commandante, que, acossados no matto, vieram se apresentar em numero de seis soldados artilheiros e 36 guardas nacionaes, todos armados. Ahi encontrámos 2 canhões Krupps e 12 canhões alma lisa, 60 carabinas e munições correspondentes, sendo para estas 20.000 tiros e espadas, artilharia e outros petrechos bellicos.

Hontem, após renhido combate durou duas horas, pela manhã, ao entrar o "Iris", de tarde, recommecemos o fogo, que durou uma hora com efficacia, desembarcando toda a

força que, levando de vencida o inimigo, chegando a apoderar-se de canhões á mão, lográmos penetrar na cidade de Paranaguá, hoje em nosso poder, onde foram feitos muitos prisioneiros, entre outros o coronel Eugenio Augusto de Mello, commandante da praça e o tenente-coronel João Guilherme.

Estamos de posse de 6 canhões Krupps, com as respectivas munições e de grande quantidade de armamento de mão. Officiaes de todos os corpos deram prova de inexcelsível valôr.

Pouco antes de desembarcarmos, general Pego e seus officiaes, perdidos, fugiram precipitadamente trem expresso. Congratulome com o governo por tão glorioso feito que virá attestar nossa dedicação causa Patria. — *Custodio de Mello, contra-almirante.*”

Não nos foi possível saber de quantas praças se compunha a guarnição desta cidade quando foi atacada, mas calculamos, por informações, que não excedia de 400 a 500. Ignoramos, igualmente, o numero de baixas soffridas pelas forças belligerantes, o qual é de presumir fosse insignificante, porque, do contrario, a noticia logo correria mundo e ainda em proporções mais exageradas. Desconhecemos do mesmo modo o numero de prisioneiros feitos pelos revolucionarios, visto como não consta de nenhuma parte official, sendo certo, por outro lado, que, parte da guarnição, evadiu-se para a capital do Estado.

Com a quéda de Paranaguá, caiu tambem

Antonina em poder dos rebeldes, onde arrecadaram 2 canhões Krupps, 74 carabinas, 65 sabres, 10.000 cartuchos e munições para artilharia. Morretes teve a mesma sorte, arrecadando-se nesta cidade 54 carabinas, 48 sabres, 5.000 tiros e munições para canhões.

Tendo conhecimento destes successivos fracassos, o governador do Estado, dr. Vicente Machado da Silva Lima, abandonou, a 18, o governo e fugiu para S. Paulo.

O general Pêgo Junior, commandante do districto, com todas as forças de que dispunha, tomou nesse mesmo dia o trem e segue com o louvavel intuito de reunir-se ao coronel Carneiro, na Lapa. Chegando a estação anterior a da Serrinha, não pôde communicar-se com esta, por já ter sido tomada por uma força revolucionaria ao mando do coronel Torquato Severo. Retrocede então para Curitiba, onde chega na madrugada de 19.

Foi nesta occasião que se deu a debandada geral, ficando a suprema direcção civil e militar do Estado completamente acephala, porque tambem, nesse mesmo dia, pela manhã, o general pôz-se a salvo, seguindo caminho de S. Paulo.

A 20 o almirante Mello e o governador aclamado Theophilo Soares, com grande acompanhamento de povo, chegaram a capital do Estado, onde foram recebidos com vivas demonstrações de apreço, sendo, a cada instante, victoriados pela multidão tomada de enthusiasmo.

A 21 o dr. Menezes Doria substitue o coronel Theophilo Soares no governo do Estado, já quasi todo em poder da revolução, apenas com a exclusão de insignificantes colonias militares e da cidade da Lapa, onde o bravo coronel Carneiro, com pouco mais de 1.000 homens, pôz, durante 22 dias, heroica e desesperada resistencia. (49)

Allucinado pela preocupação de salvar o brilho da honra militar, tocou, em valentia, as raias da loucura.

Não contava com a protecção da divisão dos generaes Lima e Pinheiro, cuja volta para o Rio Grande foi causa de sua precipitada retirada para a Lapa; não contava com a chegada de promptos recursos enviados pelo governo federal, porque, além de não se improvisarem forças para longinquas expedições, cuja maior parte do caminho tinha de ser feito a pé, o vice-presidente da Republica ainda não tinha tempo de saber de sua critica posição. Se até o dia 22 o coronel Carneiro podia ter esperança de algum reforço, a 23, após a chegada dos negociantes de Curitiba, José Loureiro e Arthur Balstor, devia perdela de todo, porque ficou perfeitamente inteirado de sua precaria si-

(49) As forças que este valente militar tinha sob seu commando na Lapa, eram as seguintes: um contingente de artilharia; 17 e 18 batalhões de infantaria desfalcados cada um de 100 praças, que tinham seguido para Tijucos; regimento de segurança; um piquete do 8.º regimento de cavallaria ligeira; os batalhões 108 e 111 da guarda nacional de S. Paulo desfalcados de 180 praças, que tinham seguido para Paranaguá; 13 regimento de cavallaria da guarda nacional da Lapa e batalhões patrióticos 15 de Novembro e Floriano Peixoto.

tução. Parece, pois, que as lagrimas que fez derramar, o numero de viúvas e orphãos que fez augmentar, as centenas de vida que em pura perda fez sacrificar, em summa, a heroica resistencia opposta nesse transe difficil, de nada valeram a causa que com tanto valôr e abnegação defendia.

Os primeiros tiros trocados pelos piquetes das forças legaes com as avançadas da columna revolucionaria, ao mando do general Piragibe, foram a 13 e 14. A 15 o coronel Carneiro rompeu fogo de artilharia contra as forças atacantes, cujo numero orçava então por 1.000 homens. Estas, estendendo-se em linha de batalha, fizeram tambem trôar a artilharia. Estavam feitos os cumprimentos, esse dobre de finados pelos irmãos que iam cair nesta lucta ingloria.

A 17 ficou completamente sitiada a praça, tendo havido renhido fogo entre os atacantes e defensores, que do cemiterio, engenho Lacerda e estação da estrada de ferro, fóra das trincheiras, combateram com valôr. Chuva torrencial, caida na tarde desse dia, pôz termo a lucta, não tendo sido, como em falso affirma o major Schmidt, os revolucionarios perseguidos até dois kilometros além das trincheiras. A 22, dia em que o general Gu-mercindo reuniu-se ás forças sitiadas e em que a guarnição da praça recebeu a bala um **parlamento**, houve fogo durante quasi todo o dia, combatendo ainda as forças legaes fóra das trincheiras. O major Schmidt conta que, no combate deste dia,

os soldados do governo praticaram actos de verdadeira intrepidez e bravura, mas, sem contestarmos sua affirmação, o certo é que desta data em diante só combateram de dentro das trincheiras, ficando o sitio cada vez mais apertado.

Com o fim de cansar o inimigo, tendo-o sempre alerta, haviam todos os dias tiroteios, investidas ligeiras, escaramuças de todo o genero, canhonegos de parte a parte, scenas que, não raro, se reproduziam a noite. A situação dos legalistas ia tornando-se cada vez mais difficil.

A area do terreno occupado diminuia; as deserções augmentavam; os recursos escasseavam; emfim, as difficuldades cresciam de dia para dia. Os revolucionarios ao contrario, diariamente ganhavam terreno, melhoravam suas posições, occupando com a artilharia os principaes pontos, como o Cemiterio, Boqueirão e Monge. Grande parte da rua das Tropas e o alto da Lapa tambem já estavam por elles dominados.

No dia 2 de Fevereiro houve um forte tiroteio, onde perderam a vida alguns brasileiros.

A 7, travou-se o mais encarniçado e sangrento combate, durante este sitio. Os revolucionarios levando por diversos pontos o ataque, o fizeram com extraordinaria impetuosidade. Os sitiados oppuzeram desesperada resistencia, defendendo-se com bravura e coragem. As forças atacantes, com exclusão das commandadas pelo general Laurentino,

que não saíram das trincheiras construidas no engenho Lacerda, combateram com excepcional heroismo. Sem desfazer no valôr desses intrepidos luctadores, não podemos, entretanto, deixar de mencionar, especialmente, o bravo coronel rio-grandense Vasco Nunes Pereira, que, a frente de sua infantaria, atacou com inexcedivel valôr as trincheiras da cadeia, tomando aos sitiados todas as posições entre as ruas das Tropas e Boa-Vista, até uma trincheira colossal.

Vendo o general Gumercindo que, ainda desta vez, não podia tomar a praça, mandou cessar fogo, do meio dia para tarde, contentando-se em conservar as posições tomadas a custa do sacrificio de tantas vidas.

Neste combate, que acabou por desmoralisar completamente a força governista, foi mortalmente ferido o commandante da praça, o valente Carneiro, que falleceu dois dias depois. Igual sorte teve o coronel Candido Dulcidio Pereira, que falleceu no dia seguinte, morrendo no mesmo dia d'acção o commandante do batalhão Floriano Peixoto, tenente-coronel José Amyntas C. de Barros. O numero de baixas, neste combate, foi grande. Só os revolucionarios, entre mortos e feridos tiveram mais de 160. Ignoramos quantas tiveram as forças leaes, não parecendo verosimil que só fossem de 8 homens mortos e 15 feridos, como diz o dr. Marcellino Nogueira, capitão do batalhão Floriano Peixoto, em seu parcial diario do sitio da Lapa. Só



officiaes morreram cinco e de ordinario morrem mais soldados que officiaes.

Uma bomba de dinamite atirada numa casa donde os revolucionarios faziam mortifero fogo, matou, além de cinco soldados, um casal e uma neta deste casal, ficando os cadaveres horivelmente mutilados.

O coronel Carneiro levava sua valentia ao extremo cruel de mandar fazer fogo contra indefezas familias, que tentavam sair do recinto da praça sitiada. Em uma destas occasiões, uma força da brigada do coronel Torquato Severo defendeu valentemente um grupo de mulheres e crianças, fazendo de seus peitos muralhas ás balas que das trincheiras atiravam contra essas inoffensivas creaturas, respondendo, ao mesmo tempo, com energia os fógos dos legaes. (50)

Depois da morte do coronel Carneiro fraqueou a resistencia. No dia 10 o general Laurentino dirigiu uma mensagem ao coronel Joaquim Lacerda, concitando-o, após varias considerações, a depôr voluntariamente as armas em homenagem a Família e a Patria, visto a impossibilidade da resistencia.

Pouco tempo depois de receber o officio do general Laurentino, o coronel Lacerda deu-lhe sciencia de ir convocar uma reunião geral dos officiaes,

(50) Este grupo de mulheres e crianças pertencia ás familias de Bernardino Monteiro, Francisco Xavier, Geniplo Ramos e Sechelero.

afim de deliberarem sobre a resposta, que deviam dar. As 4 horas da tarde do dia 11, uma commissão composta dos tenentes-coroneis Villas Bôas (ajudante de ordens do marechal Floriano Peixoto), Libero Guimarães e alferes Waldhauser, dirigiu-se ao acampamento do general Laurentino, afim de saber quaes as condições impostas pelos chefes revolucionarios para acceitarem a capitulação. Declarou-lhes Laurentino que iria pessoalmente entender-se com o commandante da praça, para aonde, de facto, seguiu, sem demora, sendo recebido com todas as honras correspondentes a sua patente.

Discutidas as bases da capitulação, foram asentadas pela seguinte fórmula:

“E’ concedida aos commandantes e mais officiaes da guarnição da Lapa todas as honras da guerra, attendendo a fórmula heroica por que a defenderam, rendendo-se apenas por circumstancias especiaes supervenientes. Serão entregues pelos capitulados todas as armas, munições e tropas. Aos officiaes é concedida plena liberdade e meios de transporte dentro do Estado, para com os seus bagageiros tomarem o destino que lhes convenha, sob a condição de não mais tomarem armas contra a revolução que tem por fim a defeza da constituição e das leis da Republica. E’ do mesmo modo garantida a liberdade, vida e propriedade a todos os civis que se acharem em armas e que não queiram adherir á causa, devendo tambem fazer entrega das armas e munições.”

Esta acta, pela qual se vê que se sacrificou a liberdade da tropa em beneficio da dos officiaes, foi assignada pelos generaes Gumercindo Saraiva, Carlos Piragibe, Laurentino Pinto Filho, coroneis Julião A. de Serra Martins, Joaquim Lacerda, cidadãos João Pacheco S. Lima, João Domingos Garcia, tenente-coronel Aristides Villas Bôas e muitos outros officiaes de patentes inferiores.

Assim terminou, após 26 dias de lucta desesperada, o famoso sitio da Lapa.

No mesmo dia da assignatura da capitulação, foi a praça occupada pela brigada do general Laurentino, sendo as forças legaes desarmadas. No dia seguinte entraram triumphantes na cidade os generaes Gumercindo e Piragibe.

Neste cerco, em que o mallogrado coronel Carneiro, sem resultado para a causa que defendia, por uma mal entendida comprehensão da honra militar, teimou em caprichosamente se fazer matar, bem como uma grande parte dos mil soldados, que tinha sob suas ordens, cerca de 400 brasileiros perderam a vida, não só mortos em combates, mas tambem por effeito de ferimentos nelles recebidos.

Os trophéos de guerra tomados ao inimigo nesta cara victoria foram 700 espingardas, 6 canhões Krupps, 2 metralhadoras, 200 tiros de canhão e 200 mil cartuchos.

Os prisioneiros, que alcançavam a 500, numero a que estava reduzida a guarnição, em consequencia das deserções e baixas soffridas, foram postos em

liberdade, seguindo a maior parte dos officiaes para Curitiba. Outros, apesar do compromisso tomado, foram, de novo, pôr-se ao serviço do marechal Floriano Peixoto.

Os jornalistas affectos ao governo do vice-presidente da Republica contavam dos revolucionarios os maiores horrôres: violencias, roubos, assassínatos, no dizer desses homens, que, por dinheiro ou paixão, assoalhavam tão perfidas calumnias, eram factos communs, triviaes durante o dominio da revolução no Paraná.

Em circumstancias excessivamente anormaes, em absoluto, é impossivel evitar factos desta natureza; foram, porém, tão raros, que só a cegueira de espiritos apaixonados podia dizer o contrario. <sup>(51)</sup>

Se alguma execução houve, foi ditada pela necessidade da disciplina; foi pena, aliás indispensavel em tempo de guerra, impôsta a algum incorrigivel ou grande criminoso. O major Menandro Barreto, que, por sua malvadez e crueldade, tinha-se tornado o terrôr dos habitantes da Lapa, foi um dos que incorreu nesta pena.

Para evidenciar a falsidade desse labéo infamante assacado contra os revolucionarios, basta reflectir que caíram em seu poder delles numero

(51) O major Felipe Schmidt enumera 8 ou 10 dagollamentos em sua descripção do sitio da Lapa, mas quem por palavras maltrata tão duramente os revolucionarios, imputando-lhes os mais deprimentes conceitos aleivosos, tem direito de ser acreditado?

superior a 1.500 prisioneiros, entre officiaes e soldados, e, no entanto, nem um official, nem um soldado fuzilado!...

Com a quêda da Lapa baqueou no Paraná o ultimo reducto da "legalidade". Antes mesmo deste acontecimento o batalhão patriótico Frei Caneca e um outro que vinha em auxilio da guarnição desta praça, retrocederam acceleradamente para S. Paulo.

De Curitiba, o contra-almirante Custodio de Mello e o general Gumercindo telegrapharam ao marechal Floriano Peixoto, concitando-o, em nome dos supremos interesses da Pátria, a passar o poder para o seu substituto legal, e como elles, a respeitá-lo como primeiro magistrado da Republica.

A estes telegrammas, o tenaz, mas despotico marechal, nem se dignou dar resposta!

Após a tomada do Estado do Paraná, teve o exercito revolucionario quasi dois mezes de relativa tranquillidade.

Esse tempo não perdeu o grande general rebelde improficuamente: tratou de organisal-o, de augmentar seu effectivo, de provel-o de armas e munições, de preparal-o, emfim, para continuando sua marcha, invadir o Estado de S. Paulo, em cujas fronteiras chegaram a se ouvir as descargas e o tropel das avançadas federalistas ao mando de Piragibe e José Serafim de Castilhos.

Por esta epocha começava já a exercer decisiva influencia junto a sua pessoa, o dr. Manoel Lavrador, um dos desterrados de Cucuí. Homem at-

trahente, de boas palavras, de maneiras afidalgadas, dizendo-se possuidor de avultados cabedaes, não lhe foi difficil insinuar-se no animo do valeroso, intelligente, mas inexperto caudilho, que chegou a tel-o em conta de uma summidade, cujas opiniões acatava como se fôra de um oraculo. Tal foi sua ascendencia, que se fez nomear chefe do estado-maior do general, chegando, durante seis mezes, quasi ser, senão mesmo ser, o general do general Gumercindo.

Por seus conselhos obstou a marcha do exercito revolucionario para S. Paulo, a qual, segundo seu modo de vêr, só devia ter lugar se os paulistas offerecessem soldados, dinheiro e armas.

Não se pôde com segurança dizer se houve erro ou acêrto neste conselho; questão complexa e transcendente, cuja resposta depende do ponto de vista sob que cada um se colloque. Em absoluto o paiz ganhou, porque foi menos um Estado, aliás o mais importante da Republica, conflagrado pela revolução.

A ordem do dia n.º 6, datada de Ponta-Grossa, em 7 de Abril de 1894, e assignada pelo general Gumercindo, onde, a par do conceito predito, aventurara-se a ideia da independencia dos tres Estados do sul e descreve-se, com excessivo exagero de brigadas e divisões, a posição das forças rebeldes, vê-se, perfeitamente, que não foi obra do illetrado caudilho gaúcho.

Vencida a revolta da armada na bahia do Rio

a 13 de Março,urgia uma grande victoria para contrabalançar os effeitos desta enorme derrota. Foi então que o general Gumercindo, por seu mentor, suggeriu ao almirante C. de Mello a ideia da expedição ao Rio Grande. <sup>(52)</sup> Abandonado com esse intuito o porto de Paranaguá a 28 de Março; portanto, já sem elementos para evitar não só a possível vinda de forças leaes, mas também o consequente desembarque; certo do exercito que, em marcha, se dirigia por S. Paulo, com o objectivo de retomar o Estado do Paraná; consciente, pois, da difficil posição em que se encontrava; num lance de temeraria ousadia, secundado por inquebrantável energia, resolveu, em demanda das saudosas campinas de seu querido Rio Grande, por entre serras escarpadas, florestas virgens, correntes impetuosas, sertões quasi desconhecidos, essa tão gloriosa, quão memoravel retirada de Curitiba ao Rio Grande, até a funesta paragem do Carovy.

Para levar a effeito esta grandiosa odysseia, não sabemos se errada ou acertadamente, fez mar-

(52) O documento em que baseamos nossa affirmãção, é este:

"Almirante Mello. — Paranaguá.

Estou convicto de que a victoria da revolução depende presentemente de penetrarmos na barra do Rio-Grande. A fraca resistencia que por ventura encontrarmos ali, será nada em relação a que já vencestes tantas vezes, forçando a barra do Rio de Janeiro contra centenas de canhões grossos. A passagem do intrepido, "Uranus" é um feito assombroso sem igual na historia do mundo. Salvemos, pois, o resto da valente esquadra, engrandecendo a revolução e alcançaremos pelo menos a independência de nosso caro Rio-Grande. Viva a Revolução, Saúdo-vos. — Gumercindo Saraiva."

char separados, em tres divisões, seu exercito de cerca de 5.000 homens.

Um de 1.200 a 1.400 homens, sob o mando do coronel José Serafim de Castilhos, de Ponta Grossa seguiria até Garapuava, donde, pendendo para o sul, devia atravessar o Iguassú e o campo das Palmas, até alcançar o Pelotas. Outra de 1.800 a 2.000 homens, ao mando do coronel Apparicio Saraiva, transpondo o rio Negro, devia atravessal-os e seguir em demanda daquelle mesmo ponto, isto é, o Pelotas, em cujas margens ou proximidades devia operar-se a junção das tres columnas expedicionarias.



Coronel José Serafim  
de Castilhos  
(Juca Tigre)

Finalmente outra de 1.500 a 1.600 homens, sob o mando do proprio Gumercindo e coronel Timotheo Paim, seguiria embarcada de Iguassú até o porto da União, donde, pondo-se em marcha, devia atravessar o extremo leste do campo das Palmas e seguir até as margens do caudaloso rio, que separa o Rio Grande do uberrimo Estado catharinense.

Estas tres columnas deviam marchar, até certo ponto, em linhas mais ou menos paralelas, indo Gumercindo no centro, José Serafim de Castilhos no fianco direito e Apparicio no esquerdo.

Na segunda dezena de Abril puzeram-se em marcha as tres divisões, saindo por ultimo a do general Gumercindo.

Em principios de Maio entraram os primeiros batalhões das forças do governo na capital do Paraná. Quatro ou cinco dias depois o coronel Braz Abrantes, a frente de forças respeitaveis, marchou para Ponta Grossa e dahi para Garapuava em perseguição da columna de José Serafim de Castilhos. Este chefe, certo da marcha desta força e, provavelmente, tendo noticias de forças inimigas no caminho a seguir, communicou estas occorrencias ao general Gumercindo, que, não podendo auxiliá-lo, aconselhou-o a seguir para o Paraguay.

Assim o coronel José S. de Castilhos que de Garapuava devia encaminhar-se para o sul, avançou sempre para oeste, seguindo o curso do Iguassú. Passou pelos campos da Laranjeira, internou-se pela espessura dos mattos, atravessou o rio Cavernoso, subiu e desceu serras, galgou precipícios, chegando por fim a Chagú, uma ilha de ervas rasteiras naquelle immenso oceano de selvas.

O inimigo, que tenazmente o perseguia, a despeito dos mesmos obstaculos, não lhe deu tempo de descanso. Obrigado a levantar acampamento, luctando com innumeradas difficuldades, ia sempre seguindo p'ra frente, mas já deixando canhões, metralhadoras, um estendal de cadaveres de animaes cavallares. A 15 de Junho foi o coronel dr. Julio Cezar de Castilhos e Souza, commandante da

artilharia, um pouco atrazado da columna fugitiva, sorprendido e morto, assim como alguns outros revolucionarios. Nesta surpresa, cuja causa foi a deserção do piquete da retaguarda, commandado por Carlos Soares, fizeram as forças legaes duas ou tres dezenas de prisioneiros e tomaram á divisão rebelde os ultimos canhões que, com insano sacrificio, ainda trazia.

Em seguida a este successo tiveram as forças do governo ordem de retroceder. Não era prudente fazel-as avançar em demasia pelo sertão a dentro, sem recursos e já bastante alquebradas pelo cansaço.

Poucos dias depois chegou José S. de Castilhos, a testa de sua estropeada columna á colonia militar do Iguassú, no alto Paraná, andrajosa, mal alimentada e completamente perdida para a revolução. Os primeiros recursos que recebeu, mandou-lhe o pequeno mas activo comité de S. Thomé, que tão assignalados serviços prestou a causa revolucionaria. Esta divisão, donde se achava, só podia seguir para o Rio Grande, ou retrocedendo pelo mesmo caminho até alcançar o territorio então litigioso de Missões, campo Erê e depois o Uruguay, marcha quasi tão longa e penosa como a que acabava de fazer, com a aggravante de já estar desprovida de animaes cavallares para a conducção de munições, extremamente cansada e desanimada, ou atravessando o territorio argentino de Missões, caso que encurtaria o caminho pelo me-

nos um terço, cortando direito a colonia do Alto-Uruguay ou a qualquer outro ponto mais conveniente neste rio.

O commandante militar do governo federal argentino, apesar dos pedidos e empenhos para fechar os olhos á passagem dessa força armada pelo territorio ainda por federar, onde exercia suprema autoridade, não attendeu a nenhuma solicitação desta natureza, desarmando até os pequenos grupos que tentavam essa travessia.

Os rio-grandenses que faziam parte desta columna, cujo numero não podia exceder de 300, chegaram á fronteira da terra natal, no Alto-Uruguay, completamente desarmados; outra parte, provavelmente a maior, seguiu mais tarde para o Paraná, donde a força dos homens que a compunham eram naturaes ou domiciliados; finalmente ainda uma outra, pequena, ficou povoando o territorio nacional argentino, a qual o governo proporcionou terras em condições vantajosas. Assim desappareceu a columna do coronel José Serafim de Castilhos, (Juca Tigre): um desastre para o exercito do general Gumerindo e um duro e tremendo golpe para a revolução.

## CAPITULO X

(Continuação)

### Operações do corpo do exercito do general Gumerindo

SUMMARIO: — Marcha de A. Saraiva; junção com Gumerindo; marcha penosa destas duas columnas reunidas; passagem do Uruguay, o general P. Machado bate um piquete federalista; marcha dos revolucionarios pelas selvas, mas já em territorio rio-grandense; expedição de Torquato Severo, fóra do matto, em busca de gado; auxilio prestado pelos indios; sahida do exercito revolucionario das selvas e junção com Prestes Guimarães; batalha do Pulador; retirada do exercito federalista em direcção á Soledade; marcha da divisão do norte para Cruz-Alta; o exercito revolucionario acampa alguns dias no Campo Comprido; aproximação da divisão do coronel Thomaz Flores; marcha do exercito federalista; B. Vieira e Elisiario ameaçam Cruz-Alta e o major Leonel M. da Rocha bate uma pequena força na Palmeira; tenaz perseguição dos revolucionarios pelas forças leaes; junção da divisão missioneira ás forças revolucionarias; encontro da vanguarda legal com a retaguarda federalista; ferimento e morte do general Gumerindo, seu sepultamento, profanação da sepultura e mutilação do cadaver; marcha da força revolucionaria até o lugar denominado Encruzilhada, a dez leguas de S. Borja; sua divisão em duas co-

lumnas; A. Saraiva e Torquato Severo marcham em direcção ao Ibicuy e Prestes e Dinarte contra-marcham; a força legal divide-se também e persegue sempre, tenazmente, os federalistas; Lima segue no encalço de Apparicio e Pinheiro Machado no de Prestes e Dinarte; este divide suas forças em varias secções; a força de Prestes segue quasi incolume para a serra; emigração de Prestes; surpresa da força commandada pelo coronel F. Portinho; dissolução completa das forças de Prestes e Dinarte; Apparicio não podendo passar o Ibicuy toma para o norte e segue rumo da Cruz-Alta, que cae em seu poder após ligeira peleja; combate no Campo Novo; afim de evitar o completo desbarato de sua columna, emigra para a Republica Argentina, na colonia do Alto-Uruguay.

Apparicio, a despeito das difficuldades natu-  
raes dos caminhos, avançava sempre. Em Campos  
Novos fez junção com o general Gumercindo.

Estes dois vultos proeminentes da revolução,  
não esquecendo o bravo Torquato Severo, braço  
direito, senão cabeça de Apparicio, tinham um  
exercito de cerca de 3.500 homens. Dispunham de  
bastante armamento e munições, algumas bocas de  
fogo, inclusive metralhadoras, tudo conquistado a  
preço de muito sangue e labôr.

Calcule-se o numero de animaes cavallares  
precisos para a conducção de todo este pesado ma-  
terial bellico e montaria de grande parte deste  
exercito, e ter-se-á uma ideia dos trabalhos, sof-  
rimentos e miserias por que passou esta massa  
de seres vivos, caminhando, durante mais de um  
mez, em tempo invernos, através de florestas  
virgens, invios sertões e paragens desertas.

Desde que estas duas columnas puzeram-se em  
movimento, começaram a perder gente. As deser-



*Coronel Torquato Severo*

ções eram frequentes: das forças do general Gu-  
mercindo, ao deixar o porto da União, desertaram  
contenares de homens, o mesmo acontecendo a di-  
visão de Apparicio ao transpôr ás fronteiras do Pa-  
raná, no rio Negro.

Apezar dos pessimos caminhos e das grandes  
distancias, a não ser o prejuizo das deserções, mar-  
charam as duas columnas, até fazerem junção,  
sem incidente de maior. Traziam ainda todo o

material bellico, comquanto os pesados carros de artilharia demandassem esforços ingentes.

Reunidas as duas columnas, já bastantes desfalcadas, seguiram direito ao passo do Barracão, no Pelotas, onde foi impossivel a passagem, por achar-se fortemente guarnecido por forças inimigas. Então descendo pela margem direita, foram transpô-lo em passo não frequentado, abaixo do Barracão. Neste trajecto as difficuldades subiram de ponto. Tiveram de atravessar 20 a 30 leguas de florestas virgens; de abrir caminhos por entre o sombrio cerrado dessas selvas; de subir e descer terrenos accidentados, elevando-se, as vezes, á altura de serranias, cobertas por densas vegetações seculares; de galgar abysmos e despenhadeiros; de descer valles profundos; de transpôr pantanos e correntes impetuosas; de, finalmente, abrir passo por onde podessem transitar cargueiros, cavalhada, carroças, carros de artilharia e toda a pesada bagagem de um exercito ainda superior a 2.000 homens.

Nesta marcha de duras provações e penosos sacrificios, em que os soldados já começavam a alimentar-se sómente de milho, abobora, pinhão e palmito, tornando-se cada vez mais difficil o transporte da artilharia, tiveram que abandonar a maior parte dos canhões, atirando-os ás profundidades de escarpados precipicios.

Afinal, depois de uma quinzena, ou pouco mais,

de marcha, alcançaram o ponto em que deviam transpôr o Uruguay.

Nesta operação gastaram de oito a dez dias.

Faltavam apenas passar cerca de 100 homens dos coroneis Fragoso e Chicuta, este da Lagôa Vermelha, quando, a 31 de Maio, foram atacados por cerca de 500 homens da divisão do norte, que tinham ficado operando no Estado do Paraná ao mando do senador Pinheiro Machado. Depois de demorado tiroteio, foram os revolucionarios desalojados da posição que occupavam, perdendo, neste combate, de oito a dez homens mortos.

O resto da força extraviou-se, embrenhando-se na espessura dos mattos.

Os legalistas fizeram alguns prisioneiros, todos soldados que, por doença ou vencidos pelo cansaço, não tiveram forças para fugir. Arrecadaram a "animalada" inservivel, tres Krupps, duas metralhadoras e mais algum material bellico, que, por seu peso, depois de inutilizados, os revolucionarios já tinham abandonado.

Foram estes, e por esta fórma tomados os trophéos de guerra desta grande "victoria republicana", conforme o dizer entusiasta do "orgão official".

Da propria parte deste combate se depreheende que não teve o alcance, nem a importancia, que, na occasião, se lhe quiz dar.

O senador Pinheiro Machado telegraphando,



em 1.º de Junho, ao marechal Floriano, assim se exprimiu:

“Hontem, 31 de Maio, a gloriosa 4.ª brigada e o 5.º corpo da 6.ª, approximadamente 500 homens, alcançaram em um matto um *piquete* (53) das forças de Gumercindo, que ainda não tinha passado o rio Pelotas.

.....  
 .....  
 O inimigo foi completamente desfeito. Deixou nos despojos nove carros, artilharia, tres Krupps, tres metralhadoras e armões, mais de 500 animaes, muitos cargueiros, bagagens, grande numero de armamento de toda a especie, trinta e tantos mortos, mais de 100 feridos, extraviados e desertores, que aos montões se atiravam n'agua. Tivemos sete mortos e dez feridos, etc. Campos Novos, 1.º de Junho de 1894. — *Pinheiro Machado.*”

Evidentemente ha exagero nos termos deste ruidoso telegramma. E' fóra de duvida que estes canhões e metralhadoras, conforme dissemos, já tinham sido abandonados pelos revolucionarios, porque, de outro modo, tratariam logo de passal-os, não deixando para fazel-o por ultimo e sob a guarda de um simples *piquete*. Sobreleva ainda notar o quanto ha de incoherente e inverosimil neste telegramma. Qualifica de *piquete* a força rebelde, dizendo, entretanto, ter matado trinta e tantos.

(53) O proprio senador confessa que foi um *piquete*.

ferido mais de 100, afóra os extraviados, desertores e os que aos montões se atiravam n'agua!...

Transposto o caudaloso Uruguay em fins de Maio, o exercito marchou para leste, approximando-se cerca de duas leguas do passo do Barracão; desta altura contramarchou de novo para oeste, mas sempre por entre a magestade selvagem de densas florestas. Afinal acampou nos extensos campos-tres do major Claro, onde descansou de oito a dez dias. Neste local carneou algumas rezes arrebanhadas pelo bravo Torquato Severo, que saindo p'ra o campo, em descoberta, poudo conduzir essa ponta de gado, que foi como o maná do deserto, porque a alimentação dos revolucionarios já quasi só consistia em milho e pinhão.

Foi na solidão sombria desta triste paragem que, o já celebre revolucionario, attribulado pela continua preocupação de salvar seu exercito, cogitou no commettimento audaz de fazel-o descer em balsas rio abaixo. Convencido da inexequibilidade deste plano, conformou-se em proseguir nessa via dolorosa através dos sertões.

Depois de ter trazido munições de boca ao exercito, o incansavel e valente Torquato tornou, de novo a sair p'ra o campo, tendo, a 13 de Junho, fortissimo tiroteio com forças do general Arthur Oscar, que o fez recuar até onde estava acampado o grosso da força revolucionaria. Os governistas avançaram resolutamente matto a dentro, sendo,

afinal, obrigados a se retirarem por causa da noite, que se aproximava.

Em seguida a este successo, Gumercindo levantou acampamento, continuando a penosa e difficil marcha.

Ao transpôr o rio Forquilha, foi o exercito auxiliado pelos mansos e bondosos selvicolas, que lhe prestaram, d'então por diante, até sair das selvas, valiosos serviços.

Para o exito desta memoravel marcha revolucionaria muito concorreram tambem esses brasileiros semi-selvagens, já guiando os melhores caminhos, já auxiliando na passagem dos rios em canôas e balsas, já mesmo conduzindo munições e até provendo a força federalista com o unico alimento capaz de que dispunham — o frugal milho.

Depois de passar o Forquilha, ainda em lucta com a propria natureza, teve de transpôr o Ligeiro e varios pequenos riachos, cujos atoleiros offereciam sérias difficuldades a superar. Afinal, a 24 de Junho, depois de duros trabalhos e soffrimentos, a frente de pouco mais de 1.600 homens, pisou de novo a campanha rio-grandense, podendo com justo orgulho dizer que, nos annaes das revoluções americanas, tinha realisado a mais assombrosa de todas as façanhas.

Nesse mesmo dia, horas depois, fez junção com o esforçado coronel Prestes Guimarães, que foi a salvação de seu reduzido exercito.

A 26, toda a força revolucionaria, em numero

de 3.100 a 3.200 homens, desfilou, ao som de musica, pelo centro da cidade do Passo-Fundo, indo pernoitar pouco além, no Pinheiro Torto. Na manhã do dia 27, no sitio do Umbú, avistaram-se as duas avançadas inimigas. Era a divisão do norte que, em numero superior a 3.500 homens, procurava enfrentar a força revolucionaria.

Iniciado combate entre as duas avançadas, ás 8 horas da manhã, a força do governo, muito d'industria, recuou mais de legua, até o lugar denominado Pulador, onde já estava o grosso do exercito.

Este local, a duas leguas do Passo-Fundo e proximo a fazenda de Antonio de Mello, por sua optima posição estrategica, foi previsto e previamente escolhido pelos chefes legaes. Quasi circumdado de banhados e mattos, tornava difficil, senão impossivel, as cargas da cavallaria revolucionaria.

Foi neste sitio, em que as forças do governo tinham a frente e os flancos protegidos por obstaculos naturaes, que travou-se a mais sangrenta e renhida de todas as batalhas da revolução rio-grandense. Entrou em acção toda a infantaria federalista do exercito do general Gumercindo, armada a manlicher.

Os revolucionarios, de linhas estendidas, convergiam seus fôgos contra os tres grandes quadros formados pelo exercito legal, parte do qual vacillou, chegando mesmo, em certo momento, a

recuar desorganizado; encontrando, porém, forte e poderoso apoio um pouco a retaguarda, num quadrado formado por Santos Filho, reanimou-se, de



*General Francisco Rodrigues Lima*

novo, recrudecendo então ainda com mais ardor o furor da peleja.

A cavallaria revolucionaria tentou varias vezes carregar, mas diante da natureza do terreno, onde

cavallos e cavalleiros caíam nos atoleiros dos banhados, estacava sem acção.

Depois de cinco horas de fogo, já ao anoitecer, a infantaria federalista esgotou a munição e começou, apressadamente, a retirar-se. Contida pelos chefes e protegida pela cavallaria, principalmente do coronel Timotheo Paim, que foi o ultimo a abandonar o campo, retirou-se em boa ordem, voltando, como toda a força, ao Pinheiro Torto.

A força legal, cujos prejuizos não foram pequenos, dando graças vêr o inimigo pelas costas, sem poder perseguil-o, limitou-se no inicio da retirada, a dar-lhe alguns tiros de canhão.

Pela seguinte ordem do dia, publicada pelo general Gumercindo, pondo de parte a acrimonia de alguns topicos e os lances de rhetorica de lugares communs, melhor se poderá ajuizar do que foi esta sangrenta batalha:

“Quartel-General do Commando em Chefe do 1.º Corpo do Exercito Libertador, 28 de Junho de 1894.

Camaradas! E’ orgulhoso que me sinto quando aos meus commandados tenho de dirigir-me da maneira por que hoje o faço.

E’ sentindo mais vigôr, mais acceso o fogo do meu patriotismo, quando, em ordem do dia, tenho de relatar actos por vós praticados, que se os nossos compatriotas e os estrangeiros presenciassem admirar-se-iam de tanto valôr, de tanta coragem, de tanta fé e de tanto amôr patrio, como revelastes no

combate de hontem dado nas proximidades do Passo-Fundo.

Não é só a lucta travada que dá direito á admiração, é mister saber do vosso passado, pelo menos desde o dia 25 de Abril, dia em que, sahindo do Estado do Paraná, emprehendi a minha retirada para o Rio Grande do Sul, aonde era meu dever regressar, não só para vir em auxilio de meus companheiros de invasão e de luctas, como tambem por entender ser ahí, no Rio Grande, a base e ponto inicial e principal de nossa lucta, para então conhecer-se que tendes direito a essa admiração. Essa retirada ufana-me dizer-vos, é um facto brilhante para as forças revolucionarias, e na historia universal moderna não encontrareis muitas iguaes.

Luctastes com as chuvas, com a nudez, com a fome, com os rios; andastes a pé por picadas, em sertões impossiveis de acreditar-se que por taes lugares e com taes sacrificios pudesseis cruzar e soffrer, vós, centenaes de patriotas! que tenho a gloria de ter sob o commando. Cerca de 150 leguas já eram feitas em taes condições pessimas, quando vos surgiu, a 21 de Junho, o campo, a aspiração então vossa e de todos.

[De combinação com o exercito sob o commando do general Prestes Guimarães, vos fiz avançar sobre a cidade do Passo-Fundo, abandonada então pelos mercenarios que se haviam retirado umas cinco leguas para trás. Continuando a minha cruzada, a 26 emprehendestes marcha.]

Presenciastes, vós mesmos, o quanto de

magestoso era essa marcha; vinheis então unidos aos vossos novos companheiros, já admirados pelo passado, pela vespera dando, desarmados, a 6 de Junho, combate a um corpo de linha do exercito do tyranno, o 30 batalhão d'infantaria, perfeitamente armado, derrotando-o completamente e apoderando-se de todo o seu armamento; 4 carretas, papeis do archivo, estandarte, 10.000 tiros, e fazendo cair no solo cerca de 150 ingratos da patria. Estas duas columnas iam cruzar pelos campos, afim de libertar a nossa patria. Ao amanhecer de 27 os nossos pique-tes annunciaram a presença do inimigo.

Camaradas! Por um momento vacillei do vossos ardôr! As vossas fadigas, o vosso cansaço natural produzido pela vossa penosa marcha reclamavam um réposo e ereis merecedor desse réposo a vista desses sacrificios, e emprehender um combate era abusar de vossas forças.

Consultei aos coroneis commandantes, vossos intermediarios ante mim e elles foram o espelho em que mirei o vosso intimo, a vossa pertinacia na lucta, o vosso desejo de pelear com o inimigo, valente e audaz nos botés aos cofres da nação brasileira, de pauperando-os, mas insignificantes e assustados ante o fogo das nossas armas e o brilho das nossas invenciveis lanças! Deliberei dar combate. Com a deliberação tomada, saia logo após do campo uma densa nuvem de fumo produzida pelo fogo ateado por nós e pelo inimigo nos campos em que se ia dar a peleja e essa nuvem negra era como uma significação do luto com que iam, dahi

a horas, cobrir-se esposas, irmãos e filhos, victimas innocentes de homens indignos de uma patria, e de um solo e infelizmente em nossa cara terra. Um na cadeira presidencial e o outro dirigindo o governo do nosso grande e infeliz Estado, ambos inspirados por sonhos satanicos, combinaram-se em fazer dos ricos pobres, dos pobres miseraveis e de todos victimas!

A vós, companheiros de liberdade, cabe a gloria de ser obstaculo dessas terriveis ambições!

Por entre essa densa nuvem não tardou a se ouvir o zunir das balas. Empenhara-se a lucta! Durante meia hora de fogo, os nossos companheiros, em numero de cincoenta, pertencentes a infantaria da 1.<sup>a</sup> brigada, sob o commando do coronel Apparicio, fizeram recuar o inimigo.

Sairam então dois corpos do exercito em perseguição. Já pelo campo encontramos victimas desse combate, seis mortos do inimigo, entre elles um major e um alferes, sendo de nossa parte um só victimado, o major Felipe Nery Pinto, soldado valente, que, com a vida, pagou a sua bravura, e nem mais um ferido tivemos.

Após meia legua de marcha, fizestes alto devido a arrogancia desusada do adversario, que queria dar combate. Fiz avançar a 1.<sup>a</sup> brigada, sob o commando do coronel Apparicio Saraiva. O que se passou podeis imaginar, dizendo-vos ser impossivel mão humana descrever a ousadia dessa brigada, como tambem a da 2.<sup>a</sup>, sob o commando do coronel Torquato Severo, que avançando, a

1.<sup>a</sup> pelo centro e a 2.<sup>a</sup> pela direita, chegaram até a inacreditavel distancia de 30 metros, proximo do quadrado inimigo e essa posição sustentaram até a tarde.

Emquanto esses inimitaveis libertadores operavam assim, a 3.<sup>a</sup> brigada, sob o commando do coronel Timotheo Paim, operava pela esquerda; onde com coragem e sangue frio cumpriu a missão por mim designada.

Ao declinar do dia, vendo a impossibilidade de destroçar completamente o inimigo, que procurou posição excepcional, vos fiz retirar das posições em que vós estaveis, por serem impossiveis de ser sustentadas como até estavam desde que se occultasse o sol. Pela primeira vez o inimigo mostrou alguma astucia procurando um lugar em que era protegido pela retaguarda por um grande banhado e por um vallo que impedira que operasseis sobre o flanco esquerdo. Devido a posição que nossos adversarios occupavam, o corpo do general Prestes, não pode operar com seus lanceiros, entretanto elles deixaram nesse combate provas dos seus desejos, carregando pelo flanco esquerdo, mas recuando ante os vallos e banhados, que cercavam o inimigo, que tornavam impossiveis e irrealisaveis as suas operações de carga e se taes obstaculos não existissem, a esses companheiros caberia a gloria de destroçar o inimigo, como já a 6 de Junho fizera com o 30 batalhão d'infantaria do governo do marechal vermelho. Camaradas! Se o meu intimo de brasileiro se alegra em ter patriocios tão denodados e de ter esses denodados

sob o meu commando, elle se entristece quando tenho que lamentar perdas de alguns companheiros: entre elles recórdo-me do coronel Pereira Pinto, do meu estado-maior; dos majores Jacyntho Lacerda e Felipe Pinto. Essas perdas attingiram ao numero de 88 homens, contados pelo coronel Virissimo no campo da lucta. A memoria desses companheiros perdurará entre vós saudosa e eternamente.

Os nossos feridos foram em numero de 150 homens. O inimigo, posso vos dizer, soffreu perdas superiores ao triplo das nossas.

Acabo de receber parte do coronel Virissimo da Veiga, e por ella sou sabedor de que o corpo sob seu commando, que fôra ao campo da lucta, hoje de manhã, não encontrou o inimigo, o qual durante a noite se ausentára, abandonando o terreno e, diz-me o mesmo coronel, ter contado de mortos, do inimigo, 382 pessoas, entre as quaes três mulheres e que calcula ser maior esse numero, visto haver lugares desconhecidos em que foram enterrados mais mortos.

Assim, pois, se não tivestes a gloria, alcançastes a victoria que os adversarios não poderão allegar, nem a gloria, nem a victoria, e se essa mortandade não fosse bastante para vossó triumpho, ainda temos a nosso favôr a posse de 143 armas, em sua maioria combalains e 9 cunhetes de munição, que vieram augmentar o nosso armamento.

Sinto não poder citar os nomes de dois dos meus commandados, sendo um destes cabo, julgo eu foram victimas das balas;

estes dois patriotas tendo recebido ordem de fazer pontaria sobre dois vultos no campo inimigo, que reconheceram ser o general Rodrigues Lima e coronel Firmino de Paula, cumpriram essa ordem com tanta felicidade que, logo após o estampido dos tiros viu-se a quêda desses instrumentos do tyranno, sendo de admirar a certeza do tiro que attingiu o general Lima, devido a grande distancia que separava esse general da lucta. Assim, se esses chefes adversarios não pagaram com a vida a sua malvadez na terra, já tiveram a marca merecedôra de todo o ingrato ao solo abençoado como o nosso.

Ao terminar incito-vos, meus commandados, a continuarem na lucta até hoje ainda protegida por Deus e pelos bons brasileiros, que querem uma patria e não um solo. Em primeira ordem do dia espero fazer as promções devidas.

Avante, camaradas, que o dia da victoria final não está longe.

(Assignado) *Gumercindo Saraiva*. — Está conforme. — *Fernando Pires Ferreira Filho*, secretario do general Gumercindo." (54)

(54) Não se pôde, com toda a exactidão, apurar a verdade das partes officiaes sobre esta batalha. Quer os legaes, quer os revolucionarios, allegando perdas relativamente pequenas, se attribuem a victoria, imputando-se, reciprocamente, grandes prejuizos.

O alféres José Coelho Maciel, um dos officiaes que tomou parte nesta batalha, contesta, com boas razões, que o coronel Virissimo da Veiga podesse contar, no dia 28, os cadaveres dos soldados mortos em combate, porquanto, nesse dia, estava o alludido coronel além do Passo-Fundo, entre esta cidade e o matto Castelhana, tendo até tiroteado com forças legaes. Outra circumstancia em que se baseia o alféres Maciel para affirmar a falsidade desta informação, se de facto foi dada pelo coronel Virissimo, é que este revolucionario não podia, a 28, percorrer

As diversas partes desta batalha dadas telegraphicamente pelos chefes Rodrigues Lima, Firmino de Paula, Salvador Pinheiro, Santos Filho e outros, ao governo do Estado, apregôam uma grande victoria, com incalculaveis perdas para os federalistas.

O que parece fóra de duvida é que a victoria não se accentuou, pronunciadamente, para nenhum dos lados. O triumpho governista limitou-se a ficar senhor do campo em que combateu, mas em tão deploravel estado que nem sequer perseguiu o exercito revolucionario.

Do Pulador, lugar do campo de batalha, seguiu a divisão do norte para a Cruz-Alta, conduzindo grande numero de feridos.

O exercito revolucionario, sem ser incommodado, marchou, a 28, com direcção a Soledade, ficando de observação no Passo-Fundo o valente coronel Virissimo da Veiga, que se houve nessa commissão com valôr e pericia. Santos Filho com sua brigada, mais com o intuito de cobrir a retirada do general Lima do que travar combate, se apresentou a vista de Passo-Fundo a 28; tiroteia sem

o campo de batalha, porque só foi abandonado pela divisão legal a 30.

O que o alferes Maciel affirma pôde ser verdade, mas não é verosimil que, neste encontro, considerado pelo proprio governo como uma grande batalha, a força legal só tivesse 58 baixas por morte, menos que os revolucionarios, que combateram de linhas estendidas, enquanto que a força legal combateu em quadrado, offerecendo, portanto, alvo mais seguro ás balas inimigas. Outro facto que, tambem, podemos affirmar é que o coronel Virissimo percorreu o campo de batalha, quando não a 28, logo depois de abandonado pela divisão legal.

resultado nesse e nos dois dias subsequentes com Virissimo e retira-se, afinal, a 1.º de Julho, caminho da Cruz-Alta.

Livre do inimigo, percorre com calma o campo da batalha de 27, manda trazer das mattas os ultimos cargueiros de munições, uma metralhadora e alguns soldados de Gumercindo que, por estropeados, tinham ficado occultos pela espessura dos bosques.

Em meados de Julho estava o exercito revolucionario acampado a 6 leguas da villa da Soledade, na embocadura leste do Campo Comprido, donde seguiram para as Quatro Leguas, especialmente recommendados ao chefe federalista José Antonio Ferreira, vinte feridos dos mais graves; com elles seguiu o capitão de fragata Alexandrino Alencar, ex-commandante do encouraçado "Aquidaban".

Com a aproximação do coronel Thomaz Flores, que a frente de uma forte columna de 1.500 homens das tres armas invade o municipio da Soledade, o exercito revolucionario levanta acampamento e marcha ao rumo da serra debaixo ou do Pecegueiro, transpõe por um pique não frequentado o Jacuysinho, entra de novo no campo e toma a estrada da Cruz-Alta. Seguindo por ella deixa esta cidade a esquerda e a villa de Santo Angelo a direita. Do Lagoão desprende-se sobre Cruz-Alta uma força de Elisiario e Borges Vieira que, sem outro resultado, põe-na simplesmente em alar-

ma; não assim a que marchou sob o commando do major Leonel M. da Rocha sobre Palmeira, que, em 31 de Julho, não só poz em debandada a guarnição dessa villa, mas tambem matou-lhe 14 homens e tomou armas, munições e arreios.

De principios de Agosto em diante, a divisão do norte, completamente refeita, bem montada e armada, secundada efficazmente pela intrepida brigada militar do Estado, ao todo cerca de 4.000 homens, pôz-se em tenaz perseguição dos revolucionarios. Prestes Guimarães, cujas forças faziam a retaguarda, já então em numero de 900 homens, mal montados e armados, viu-se, por mais de uma vez, em situação difficil e perigosa. Na eventualidade de obrigado a travar combate, nem certeza podia ter da protecção do exercito do general Gumerindo que, em marchas acceleradas, ordinariamente distanciava-se muito da retaguarda. Avançando sempre, a 10 de Agosto, em Carovy, o exercito revolucionario incorporou-se á divisão missioneira do coronel Dinarte Dornelles, ficando com cerca de 4.000 homens. Desde logo passou a retaguarda do exercito a ser feita por este chefe, que, no mesmo dia, travou combate com a vanguarda do exercito legal, commandada pelo coronel Fabricio Pilar.

Atacada com resoluta energia pela força revolucionaria, não poudé o valente Pilar resistir. Com perdas de cargueiros de munições, de mais de 20 homens, seguia já em desordenada retirada,

prestes a ser envolvido, quando recebe protecção do regimento do tenente-coronel Bento Porto, que contém o inimigo. Então organisando-se, de novo, secunda o fogo e a resistencia contra as audazes e successivas cargas da cavallaria missioneira. O denodado Apparicio Saraiva que, em pessoa, tambem tomou parte no combate, recebe a fatal noticia de ter sido gravemente ferido o general Gumerindo.

Corre a chamado do irmão, vulgarisa-se a nova, arrefece o combate, e, já noite, conclue-se pela tranquilla retirada dos atacantes.

As 5 horas da tarde, examinando o campo de provavel batalha no dia seguinte, acompanhado apenas por dois officiaes, recebe, de força inimiga emboscada ou fugitiva num matto proximo ao lugar do combate, certa descarga, que o fére mortalmente.

Assim foi ferido o grande general americano, como attestou todo o seu estado-maior, confirmado pelo testemunho publico da epocha, e não dirigindo em pessoa o combate, como, erradamente, disse, em ordem do dia de 11 de Agosto, o coronel Manoel do Nascimento Vargas.

Essa inverdade official só podia ser suggerida pela vaidade de attribuir ás armas legaes a gloria de, em lucta franca e leal, no campo da peleja, ter dado morte a primeira figura da revolução rio-grandense.

Mas não; o heróe foi ferido pela fórma predita.



Uma bala alcançou-lhe o braço, outra o peito. Esta sem força para atravessar o corpo, offendeu seriamente o pulmão, causando-lhe, em consequencia de hemorragia interna, duas ou tres horas depois, a morte. Mesmo ferido caminha ainda alguns momentos a cavallo, passa depois para uma carreta, onde vê Apparicio, por quem insistentemente perguntava.

Não podendo supportar os solavancos da carreta, passaram-no para uma padiola, onde exhala o ultimo suspiro.

Assim terminou, gloriosamente, seus dias, por amôr ás liberdades da terra rio-grandense, o valente brasileiro.

Transportado o cadaver em uma carreta durante a noite de 10 e dia 11, sepultaram-no, afinal, na noite deste dia, no cemiterio de Santo Antonio, entre os rios Camaquam e Itacuruby, no municipio de S. Borja ou Santhiago do Boqueirão.

Deste acto de piedosa caridade christã, foi lavrada a seguinte acta:

“As oito horas e meia da noite do dia 11 de Agosto de 1894, no Estado do Rio Grande do Sul, no cemiterio dos Capuchinhos de Santo Antonio, entre os rios Camaquam e Itacuruby, junto a estancia de Antonio Moraes, foi sepultado o cadaver do general Gumerindo Saraiva pelos senhores coronel Cisereo Saraiva, representante da familia do finado, coronel Manoel Lavrador, chefe do estado-maior general, coronel Do-

mingos Ribas, chefe do quartel-general, major Fernando Pires Ferreira Filho, secretario particular do general, major Leopoldo Engelke, secretario do estado-maior general, capitães-ajudantes de ordens Lindolpho Weber, Hilario Montiel, João Freitas, Henrique Freitas, Flores, tenentes-ajudantes de ordens Jeronymo Freitas, Pedro Cabrera, Cyriaco Moura, todos pertencentes ao exercito libertador e, pelo dr. Lucas Bicalho Hungria, 1.º tenente-medico do encouraçado “Aquidaban” e 2.º tenente-honorario da armada Henrique Ferreira Sarti.

A sepultura do finado foi depois visitada pelos coroneis Carlos Gama, Augusto Amaral, Timotheo Paim, F. Varella e Apparicio Saraiva, irmão do general, major José Julio Silveira Martins e capitão Hygino.

Neste acto nada occorreu que merecesse aqui ser mencionado e para que conste levantamos a presente acta, que assignamos.

Capuchinhos de Santo Antonio, 11 de Agosto de 1894. — Cisereo Saraiva, C. M. Lavrador, chefe do estado-maior general, coronel Domingos Ribas, chefe do quartel-general, dr. Lucas Bicalho Hungria, ex-1.º tenente do corpo de saude da armada e ex-cirurgião do encouraçado “Aquidaban”, major Fernando Pires Ferreira Filho, secretario particular do general, major Leopoldo Engelke, secretario do estado-maior general.”

No dia seguinte, ao passarem as forças do governo pelo cemiterio, o coronel Firmino de Paula, commandante da vanguarda, mandou desenterrar

o cadaver do legendario general, postandô-o a beira da estrada.

Deste acto hyenescos, repugnante á almas nobres, o coronel Pantaleão Telles deu noticia telegraphica ao presidente do Estado, nos seguintes termos:

"Viva a nossa cara Patria!

Firmino de Paula acaba de communicar ter desenterrado o cadaver do bandido Gumerindo.

Gumerindo morreu dos ferimentos recebidos a 10, na lucta com os regimentos da brigada militar.

Os heróes desta acção devem ser recompensados, portanto, Pilar e Bento Porto.

Saúdo-vos, bem como generaes, ministro da guerra e Frota. — *Pantaleão Telles.* — Iguariacá (13 de Agosto)."

Foi talvez para encobrir esta selvagem profanação, contraria ao respeito universalmente tributado aos mortos, que o coronel Manoel do Nascimento Vargas, em ordem do dia de 24 de Agosto de 1894, disse não ter havido um unico soldado humanitario que atirasse sobre os restos do seu chefe uma pá de terra ao menos.

A acta acima transcripta e o telegramma do coronel Pantaleão Telles, documentos officiaes de incontestavel authenticidade, desmentem formalmente a affirmacão do credulo coronel.

Esta descoberta regosijou a força governista: o commandante da vanguarda deu largas a sua conhecida indole.

O general Francisco Rodrigues Lima ao approximar-se do cadaver, contavam os seus proprios commandados, bradava em altas vozes: as orelhas são minhas.

Não temos como affirmar se cortaram ou não, mas a dar-se credito ás versões do tempo, foi a vontade do valente general satisfeita, sendo certo que se consentiu na pratica dessa impiedade, foi mais por fanfarrice do que por malvadez.

A exemplo do chefe diz-se ter havido officiaes, que, por actos de identica natureza, profanaram o corpo do illustre morto. Um major, separada a cabeça do tronco do corpo do heróe, num gesto de repulsivo canibalismo, cujo remorso ha de castigar-o por toda a vida, levou-a para, como mais eloquente trophéo de victoria, ser apresentada ao presidente do Estado!... (55)

Movido por sincera ou simulada indignação, constou não ter a rancorosa autoridade querido vel-a.

Após estes féros e ináuditos ultrages, desfilou o exercito legal por junto o seu corpo, que, como é de vêr, foi ainda objecto de grotescos motejos por parte da rude soldadesca.

No Estado do Rio Grande foi este desejado, mas inesperado successo, festejado com verdadeiro delirio pelos partidarios do governo. Em lingua-

(55) A imprensa publicou ter sido o autor desta execranda hediondez, o major Ramiro de Oliveira, mais tarde intendente de Santa Maria.

gem repassada de indisivel satisfação, transmittiram para todos os Estados a feliz nova.

Tal era a conta em que tinham o valôr dessa celebridade gaúcha, que vendo no seu desaparecimento a victoria da causa legal, não puderam dissimular a grande alegria que lhes alagou a alma.

Expandiram-se em ruidosas manifestações de regosijo, vomitando as mais virulentas imprecações contra o cadaver, ainda quente, desse notavel brasileiro.

Para julgar-se do odio que lhe votavam, basta transcrevêr alguns topicos de um dos muitos artigos que, sobre sua morte, publicou o órgão official do partido de que o dr. Julio de Castilhos era chefe.

Eil-os:

“Miseravel!

Pesada, como os Andes, te seja a terra que generosamente cobre teu cadaver maldito.

Caiam sobre essa cova asquerosa todas as penas concentradas das mães que sacrificastes, das virgens que violastes, besta, féra do sul, verdugo do Rio Grande.

.....  
Morto o bandido é preciso enterral-o bem fundo na execração publica, para que as ex-halações daquella monstruosidade humana não vão empestar as paginas da historia da brava terra gaúcha.

.....  
Maldita seja para sempre a memoria do bandido.”

Só a cegueira da mais violenta paixão partidaria podia ditar este rancoroso necrologio diffamatorio.

Não! Elle não merecia: quando mesmo erasse em sua paixão, foi um apóstolo sincero da liberdade. Tudo sacrificou por amor de seu ideal: commodidades, posição, bens de fortuna, a propria vida.

Não foi uma vulgaridade, foi um heróe, por fim, a propria revolução.

De simples camponio, conquista por sua actividade, audacia, heroismo e genio estrategico, o primeiro lugar na revolução rio-grandense.

O recinto da Patria tornou-se pequeno para conter a fama de seu nome: até no estrangeiro já era admirado.

Tinha a nobreza de um cavalheiro medieval: tenaz, valente e generoso. De intelligencia inculta, tinha, entretanto, rasgos de concepções geniaes, sobretudo na resolução dos mais arduos problemas de estrategia. Sem noção do que fosse arte militar, burlou, no entanto, durante mais de dois annos, a frente de povo reunido, muitas vezes desarmado, do valôr e disciplina do exercito legal, da sciência e estrategia dos generaes da Republica.

Foi, incontestavelmente, um genio militar, o Napoleão dos Pampas, como bem lhe chamou o grande jornalista brasileiro, José do Patrocínio.

Sua portentosa marcha de Curitiba ao Rio Grande, até o fatal Carovy, não tem igual na his-

toria da America. Ninguém ainda fez tanto com tão pouco.

San Martin, militar illustrado e intelligente, atravessou os Andes, mas depois de um lento preparo de dois annos, tendo a seu lado a nacionalidade argentina, que, embora embrionaria, fornecia-lhe dinheiro, armas e soldados.

A situação do valoroso revolucionario era inteiramente diversa, mil vezes mais difficil.

Tinha por diante, até as fronteiras do sul do Estado, cerca de 200 leguas a percorrer; cincoenta de puro sertão, de densas florestas virgens, por entre as quaes, não raro, viu-se obrigado a abrir caminho; tinha, para pisar em terras do glorioso Estado meridional, de transpôr o caudaloso Uruguay, por si terrivel barreira, quasi impossivel, guardada pelo inimigo.

Como se não bastassem todos estes ingentes obstaculos para aggravar sua perigosa situação, ainda pela retaguarda perseguiam-no forças inimigas e pela frente o aguardavam tambem consideraveis forças governistas. Tinha, emfim, que luctar com as imposições brutaes da natureza, com os soldados da União e com os inesgotaveis recursos de uma nação rica e poderosa.

Para conjurar todas estas difficuldades, quasi sobrehumanas, só contava com os recursos creados pelo seu fertil engenho, com sua vontade de ferro, e com o valôr de seus commandados.

Com estes unicos elementos fez essa para sem-

pre memoravel retirada de Curitiba ao Rio Grande.

Nem a má vontade, nem a inveja, nem o odio, sem attentar contra a justiça poderá negar o grande merito da temeraria ousadia desta operação militar.

O melhor elogio que se pôde fazer a Gumerindo Saraiva, é repetir este juizo de uma imprensa estrangeira: a America acaba de perder o mais popular de seus ultimos caudilhos e o Brasil, talvez, o primeiro de seus generaes.

Com a morte de Gumerindo a revolução soffreu o maior de todos os golpes.

Era elle o unico homem que, por seu prestigio, mais alento lhe dava; era a unica esperanza para a qual se voltavam, cheios de fé, todos os partidarios desse movimento armado.

Na mesma noite do dia em que elle foi morto, as tres forças reunidas, Dinarte com 1.500 homens, mal armados, Prestes com 900 e Apparicio com 1.300, marcharam em retirada pela estrada de Iguaçu.

Quatro ou cinco dias depois, na Encruzilhada, dez leguas a leste de S. Borja, ponto onde se bifurcam duas estradas, Apparicio e Torquato Severo seguiram com a columna do finado Gumerindo ao rumo do Ibicuy, com intenção de transpôr-o e ganhar o territorio da Republica Oriental do Uruguay.

Em vida era esse o pensamento do grande cabo

de guerra. Seu fim era dar descanso a infantaria, que estava em misero estado, enquanto elle, a frente de uma divisão de cavallaria, com o mesmo ardôr e constancia, continuaria a sustentar a lucta no Estado rio-grandense.



*Coronel Apparicio Saraiva*

As columnas serrana e missioneira contra-marcharam em direcção a S. Borja: repassaram o Iguariaçá e seguiram rumo do fatal Carovy por um caminho paralelo a estrada geral.

A 16 já em marcha por esta estrada, passaram pelo historico cemiterio de Santo Antonio, onde

tiveram occasião de verificar a profanação da sepultura do pranteado Gumercindo.

Dividida a força revolucionaria, a legal que tenazmente a perseguia, tomou o mesmo expediente.

O general Lima, com cerca de 2.000 homens, marchou no encaço de Apparicio; os coroneis Salvador Pinheiro e Manoel do Nascimento Vargas, a frente, mais ou menos, de igual força, marcharam em perseguição de Prestes e Dinarte.

A 16 atropelaram pequeno piquete que guardava um passo no Iguariaçá.

No dia 17, depois de já terem transposto o Camaquam, nas proximidades da Igrejinha, margem esquerda do Piratiny, Dinarte communicou ao coronel Prestes Guimarães que ia dividir suas forças em quatro secções, afim de perturbar e illudir o inimigo, que, cada vez, mais audaz, se aproximava. Seu fim real era melhor fugir a perseguição da força legal, a qual não podia enfrentar. Sua columna, além de estar quasi a pé e desprovida de munições, já se achava reduzida a menos de metade. A maior parte da sua gente era natural dos municipios de S. Borja, S. Luiz e Santhiago do Boqueirão, os quaes sendo abundantes em arroios, valles, serras, mattos e rios, facilitou-lhes a dispersão, visto como nos proprios pagos encontraram seguro abrigo.

A columna serrana, talvez em numero de 700 homens, guiada pelos coroneis Francisco dos San-

tos Vaz, Antonio Rodrigues Baptista, José Borges Vieira e Pedro Bueno de Quadros, quasi toda a pé, maltrapilha e de arreios as costas, seguiu para Passo Fundo e Soledade. A que se dirigiu para esta villa, a 22, nas immedições da serra de Caxambú, tiroteou com uma pequena força inimiga, tendo prejuizo de alguns homens.

Para S. Luiz seguiu tambem um grupo consideravel de revolucionarios serranos, que emigrou, a 24, em companhia do abnegado coronel Prestes Guimarães, que foi internado para a capital da provincia de Corrientes.

As quatro secções do chefe missioneiro, inclusive a que commandava o bravo coronel Felipe Nery Portinho, foram surprehendidas, a noite, no lugar denominado Timbaúva, perdendo uma dezena de homens. Os soldados que a compunham, em grande numero, bem como todos os officiaes e chefes, transpondo o Uruguay em varios pontos, desde S. Xavier até Garruchos, emigraram para a Republica Argentina.

Dissolveu-se assim a divisão do coronel Dinarte Dornelles, ficando os municipios de S. Borja, Boqueirão, S. Luiz e Itaqui, occupados, durante sete mezes, pelos revolucionarios, completamente dominados pelas forças legaes.

Apparicio e Torquato Severo, a frente da columna do finado Gumerçindo, exigindo um supremo esforço dessa gente estropeada pela longa marcha de Curitiba ao Rio Grande, seguem da Encruzilhada

direito ao passo da Cachoeira, no Itú, onde o transpõem. Deixando ahi uma pequena força para retardar a passagem do general Lima, que o perseguia, dirigem-se, á marchas forçadas, para o passo Novo, no Ibicuy. Não podendo transpô-lo por se achar guardado por forças inimigas, tomam para o norte, e sempre á marchas forçadas, seguem caminho da Cruz-Alta.

O general Lima não lhe dava quartel; perseguia-o com affinco.

Na precipitada marcha em retirada, iam ficando pela estrada soldados, que exhaustos de cansaço, abandonavam-se á discricção do inimigo. Esses, que, vencidos pelas fadigas e soffrimentos, em desespero de causa, no auge do desalento, tomavam essa infeliz resolução, eram inexoravelmente mortos!

Foram assim trucidadas algumas dezenas de pobres e obscuros cidadãos, na maioria estrangeiros, polacos, porque os nacionaes, sabendo da implacavel crueldade dos defensores do governo, só em ultimo extremo deixavam-se pegar.

Na madrugada de 26 atacam Cruz-Alta. A guarnição em vão tenta resistir, mas, afinal, após quarenta e muitas baixas, inclusive 14 a 15 mortos, recúa, fazendo-se forte no edificio da Intendencia Municipal.

O coronel José Gabriel da Silva Lima, commandante da praça, na communicação official deste successo ao presidente do Estado, disse terem os

revolucionarios deixado nas praças e ruas 33 mortos e 29 prisioneiros. E' completamente falsa, nesta parte, a communicacão do perverso coronel, cujo objectivo, deturpando por tal fórma a verdade, foi, talvez, senão attribuir-se a victoria, suavisar, com sérios prejuizos ao inimigo, a derrota.

O valoroso Apparicio, que, mais ou menos, perdeu o mesmo numero de homens que a força legal, entra na cidade, provê-se do mais necessario, e, sem perda de tempo, afim de evitar os governistas que já se approximavam, marcha em direcção ao Povinho do Campo Novo.

O general Lima, deixando parte da força, a mais estropeada, na Cruz-Alta, segue nas pegadas da columna fugitiva.

Afim de garantir livre passo no Uruguay, após tres dias de marcha, o intrepido Torquato Severo, a frente de 500 homens, tomou a dianteira e foi occupar a colonia do Alto-Uruguay. Para facilitar esta diligencia e dar tempo a que o grosso das forças revolucionarias transpuzesse o caudaloso rio, sem ser incommodada, a 31, no Campo Novo, quasi a entrada da picada que segue para a colonia, aproveitando a situação vantajosa do terreno, esperou Apparicio a força legal e offereceu-lhe combate. Depois de um tiroteio de muitas horas, cujo principal objectivo era retardar a marcha do general Lima, retirou-se picada a dentro, conduzindo consigo todos os feridos, com perda apenas de meia

duzia de homens, devido a excellente posição que occupava.

Os legalistas que, neste combate, segundo a parte official, só tiveram 9 mortos e 23 feridos, seguiram, ao amanhecer do dia 1.º de Setembro, no encalço da columna revolucionaria. Tal era o seu deploravel estado de miseria e cansaço, que só mesmo a ideia da salvacão podia dar-lhe alento para este ultimo e supremo esforço.

Quando, na primeira dezena de Setembro, o general Lima chegou á barranca do Uruguay, já não encontrou o inimigo.

Toda a columna revolucionaria tinha emigrado para a Confederação Argentina, sendo os ultimos a passarem os valentes Apparicio e Torquato.

Desappareceu, assim, a ultima força federalista, mais ou menos organizada, que ainda operava no solo do Rio Grande.

Esta retirada, obrigada á marchas forçadas, honra, sobremaneira, aos briosos chefes Apparicio e Torquato, porque sem munições, quasi a pé, acosados pela teimosa perseguição do inimigo, conseguiram pôr a salvo de 1.100 a 1.200 homens.

No territorio do Estado não havia, em verdade, mais nenhuma força organizada; quer, porém, na Republica Argentina, quer na Republica Oriental, quer no centro do proprio Estado occultos pelos mattos e serras, fervilhavam federalistas, que só

espreitavam o momento azado para, de novo, tomarem armas.

Nem a nudez, nem a fome, nem os desastres, nem o cortejo de todas miserias, abatiam essas almas varonis; confiavam no triumpho da justiça e da liberdade, as vezes tardio, mas sempre certo.

## CAPITULO XI

### A revolução na zona colonial do Alto Taquary

SUMMARIO: — Tomada em Setembro de 93 das villas de Venancio Ayres, Estrella e Lageado; apprehensão de armas e munições; Santos Filho repellé os revolucionarios, que se retiraram para o Encantado; chegada de Palmeira, e Borges Vieira a esse lugar, retirada deste; guerrilhas com o coronel Lautert; nova tomada da Estrella e occupação de V. Ayres e Lageado; Santos Filho repelle novamente os rebeldes e expeditiona por todos os pontos do Alto Taquary; Zeca Ferreira ataca e toma Santa Cruz e apprehende armas e munições; as forças do governo o repellem desta villa; segue com Alexandrino Alencar a se reunirem a Gumercindo, que já não encontram e regressam; combate a Cháchá Pereira; degollas mandadas fazer por este chefe cruel; Zeca Ferreira ataca o Lageado e é repellido; Santos Filho de volta da serra; tiroteios com os revolucionarios; escaramuças de Annibal Geraldo; pacificação.

Na segunda quinzena de Setembro de 1893, os federalistas mais resolutos puzeram-se em campo na região colonial do Alto Taquary.

Em 18 desse mez, um grupo de pouco mais de 20 homens, capitaneados por Pedro Iungblut e ou-



tros, assaltou a villa de Venancio Ayres, guarnecida apenas por 7 homens, onde apprehendeu armas minié, lanças, espadas e 11.000 tiros. Deste ponto seguiu para a Estrella, que a 17 foi occupada, bem como o Lageado, por Pedro Huber, Miguel Scherer, José Altenhoff, João Marques de Freitas e outros, cujas forças orçavam por pouco mais de 100 homens, e as quaes s'incorporou o grupo de Jungblut.

Sabedor destas occorrencias e receoso de que fosse atacada a cidade de Taquary, o governo ordenou ao coronel Santos Filho, o prisioneiro de Jararaca, que corresse em defeza desses lugares. Santos Filho, a frente de 380 homens, seguiu da Cachoeira para Taquary, onde chegou a 20. Certo de que esta cidade não seria atacada, subiu o rio deste nome a 22, embarcando parte de suas forças, 400 soldados, em tres vapores, seguindo outra parte por terra, pelas duas margens do rio, afim de desalojar os revolucionarios das povoações ribeirinhas desta corrente d'agua.

Em varios pontos das margens desse confluente do Jacuhy houve tiroteios, como na barra do arroio Sampaio, no passo do Lageado, sempre com perdas de vida, de parte a parte.

Santos Filho, occupou, pois, sem maior difficuldade Estrella e Lageado, dizendo, em sua parte official, ter causado 16 baixas, por morte, aos federalistas, tendo tido apenas tres feridos. Pelos proprios dizeres deste documento official, que, como de costume, exageravam suas vantagens e

attenuavam as dos contrarios, percebe-se, sob o ponto de vista militar, a pouca importancia destes encontros. Santos Filho, depois de deixar guarnições naquellas duas villas, voltou com a maior parte de sua força para Cachoeira.

Os revolucionarios retiraram-se para o Encantado, donde pediram auxilio a José Antonio de Souza, por antonomasia Palmeira, que, com Borges Vieira, chegaram a esse lugar a frente de 400 homens. Tendo este chefe s'indisposto com Palmeira, voltou com seus 200 companheiros para Soledade, ficando este no Encantado com cerca de 400 rebeldes, pessimamente armados, como todos quantos operaram no Alto Taquary, que sustentaram a revolução combatendo com armas e munições tomadas aos legaes.

Em Outubro parte dessas forças atacaram a guarnição da Teutonia, ao mando do coronel Lautert, que, guerrilhando com a avançada federalista, retirou-se, percebendo, naturalmente, a superioridade dos atacantes. Lautert, por mais de uma vez, tiroteou a guarnição revolucionaria, ao mando de Pedro Huber, que occupou Teutonia, mas nunca pôde desalojar-a, havendo sempre mutuos mas insignificantes prejuizos.

Palmeira que, como vimos, tinha ficado no Encantado, desceu até o arroio do Meio, a pouca distancia da Teutonia, tendo a esse tempo, 23 de Outubro, 1.000 e poucos homens sob suas ordens. A 24 mandou José Altenhoffen atacar Estrella, se-

guindo de protecção uma força ao mando de Pedro Huber, que quando chegou, já Altenhoffen, após algumas horas de fogo, tinha tomado a villa, apri-  
sionando toda a guarnição, composta de cento e poucos homens. Arrecadaram 22 comblains, 45 miniés, espadas, lanças e 10 a 12.000 tiros. Consta que desta feita os federalistas fuzilaram 6 prisioneiros por bandidos e ladrões.

Abandonando essa praça, seguiram a reunir-se ao grôssô das forças do Lageado, cuja guarnição, tomada Estrella, fugiu para Taquary.

Venancio Ayres foi tambem occupada, por segunda vez, tendo a guarnição, em tempo, se retirado.

A vista deste novo levante dos federalistas no Alto Taquary, o governo ordenou ao coronel Santos Filho, que seguisse da Cachoeira, ondê estava, com as forças de seu commando, a dar, novamente, combate aos rebeldes. Partindo, sem perda de tempo, pousou a 9 de Novembro nas cercanias de Venancio Ayres, onde se lhe incorporou a guarnição desta villa.

Dividindo sua força em tres columnas, tendo por objectivo o Lageado, onde s'encontrava o grôssô dos revolucionarios, fel-as marchar por tres picadas. Essas columnas, a despeito da resistencia que foram encontrando por esses caminhos através do matto, iniciada desde a meia noite do dia 10, no Travessão, e a 11 na embocadura do arroio Sampaio, na picada dos Moinhos, sustentada por Al-

tenhoffen, Pedro Huber, Manoel Baptista, Iungblut, Antonio da Trindade Filho e outros, attingiram seu alvo — o Lageado, que tomaram, após um combate mais sério. Sustentaram esta peleja, os revolucionarios que, recuando das picadas, iam se concentrando na villa, na convicção de serem secundados por Palmeira, que, entretanto, tinha se retirado para o Encantado, com 40 ou 50 companheiros, tendo antes dissolvido a força sob seu commando, que embora muito mal armada, orçava por cerca de 1.000 homens.

O coronel Santos Filho encareceu, excessivamente, este feito militar, em sua parte official de 13 de Novembro; por outro lado, porém, diminue seu valôr, dizendo que tendo brigado, a peito descoberto, durante quatro horas de renhido fogo, só teve 5 mortos e alguns feridos!

Este numero de baixas tem-se em qualquer guerrilha de somenos importancia.

Outro exagero é o dizer ter apprehendido grande quantidade de munições. Onde iriam os revolucionarios busca-las, aos quaes o valente coronel, em sua pinturesca linguagem, não se cansa de tratá-los de bandidos, pagandq com essa moeda a gratidão de lhe terem poupado a vida?

Seria de surpreender a derrota das forças legaes, bem armadas e municiaadas, tendo a combater bandos indisciplinados, desprovidos de armas e munições, sem unidade de direcção, o que equivale o commando de Palmeira, um incapaz elevado

a altura de chefe mais pelo acaso, commum nas revoluções, que pelo merecimento.

Os revolucionarios depois de improficuamente luctarem com as forças do governo, que s'entrencheiraram numa mangueira, retiraram-se para a Forqueta, tendo antes feito recuar a força do coronel Lautert, que vinha de Taquary reunir-se a Santos Filho, não chegando por isso ao tempo do combate de 11.

Os rebeldes, após a derrota do Lageado; em consequencia de desavenças entre os chefes, se dissolveram, retirando-se diversos grupos para o lugar predito.

As forças leaes expedicionaram de 13 de Novembro a 15 de Dezembro pela Forqueta, Arroio do Meio, Corvo, Encantado, Costão, Conventos, Guaporé, Teutonia, havendo por todos esses sitios tiroteios, de ordinario com prejuizos de vida. Os mais fortes foram os da Forqueta, o do dia 27, no Corvo, e o de 1.º de Dezembro, no Costão.

Deixando guarnições nas povoações do Alto Taquary, retirou-se Santos Filho com as forças de seu commando para Cachoeira, em fins de Dezembro.

Em 6 desse mez Iungblut reuniu-se a Trindade em Santa Barbara e seguiram para Alfredo Chaves e dahi para S. João do Herval, donde em fins do mez alludido, sahiram com 220 e tantos homens e foram se reunir no Pratinha, nos campos da Vaca-

ria, com Procopio e Generoso Bravo, ficando, então, elevadas todas as forças de que dispunham a pouco mais de 300 homens. Dahi seguiram com direcção a Lagôa Vermelha, donde, depois de combaterem com Heleodoro Branco, foram obrigados a retirar-se, havendo prejuizos de parte a parte. Desta feita vieram dar em Alfredo Chaves, em 1.º de Janeiro de 1894, onde se dissolveram. Trindade dirigiu-se para Passo-Fundo acompanhado por poucos homens e Iungblut e outros foram reunir-se a José Ferreira, mais conhecido por Zeca Ferreira.

Este chefe, residente na serra do Herval de S. João, na linha divisoria entre os municipios de Santa Cruz e Soledade, no lugar denominado — Quatro Leguas — tinha grande prestigio, gosava de influencia real entre os habitantes dessa zona, naturalmente por ser homem de bom juizo e coração, porque não se tendo o que dar, só essas qualidades nos fazem merecer a estima de nossos semelhantes.

Reunindo-se parte dos extraviados do Lageado, Estrella, emfim da região do Alto Taquary, ás forças de Zeca Ferreira, que dispunha de bastante pessoal, mas quasi desarmado, resolveram atacar Santa Cruz. A frente, mais ou menos, de 500 homens, marchou Zeca Ferreira com este destino, e a 10 de Fevereiro, facilmente, tomou essa cidade; guarnecida apenas por 30 homens, dos quaes morreram 2 e ficaram prisioneiros 9. Foram apprehendidas cerca de 100 armas miniés, algumas de

outros typos, munições e pouco mais de um conto de réis da Intendencia e collectoria.

Vindo do Rio Pardo o coronel legalista José Bonifacio Machado com forças das tres armas, os revolucionarios, após guerrilhas em que perderam 4 homens, retiraram-se, causando tambem baixas ás forças do governo, entre as quaes a do capitão do exercito Ouriques.

Em Abril atacou a villa de Venancio Ayres, defendida por cento e poucos homens. Depois de prolongado tiroteio, em que houve feridos e mortos de parte a parte, os legaes foram obrigados a abandonar a villa, que foi occupada.

Em segiuada a este successo, Zeca Ferreira retirou-se para as Quatro Leguas, subindo a serra em fins de Julho, em companhia do capitão de fragata Alexandrino de Alencar, o ex-commandante do couraçado "Aquidaban", torpedeado em Santa Catharina, Iungblut e mais 150 homens, afim de se reunirem a Gumerindo, que já não encontraram, pelo que regressaram.

Tendo noticia que o capitão Cháchá Pereira, a frente de 300 homens, se dirigia da Serra para o Lageado, mandou uma centena de revoltosos esperal-o, travando-se, a 6 de Agosto, cerrado tiroteio entre as duas forças. Cháchá aos gritos annunciava ter tido licença de Zeca para passar, mas comquanto conferenciasse a esse respeito com José Rocha, finda a conferencia, os revolucionarios con-

tinuaram emboscados a hostilisal-o. Afinal passou, mas perdeu o gado que levava, cargueiros, alguma munição e teve o prejuizo de mais de uma dezena de homens mortos, entre os quaes o tenente Marçal, o official que no dia do ataque a casa do tenente-coronel Facundo Tavares, em Porto Alegre, tentou penetral-a saltando por uma janella. Os revolucionarios, que combatiam emboscados, tiveram 5 mortos e 10 feridos.

Cháchá chegando a Santa Cruz mandou matar Hildebrando Alves de Souza e Roberto Lourenço de Mello, filho do tenente-coronel Francisco Lourenço de Mellô, retirados da cadeia de Porto Alegre com esse fim em Agosto de 1894. Conta-se que estes infelizes foram presos a poucas leguas dessa cidade, conduzindo algumas centenas de tiros para os federalistas; que cruelmente espancados para delatarem quem os tinha fornecido, preferiram morrer a comprometter os companheiros. Como nada conseguissem dessas almas de aço, foram fuzilados, segundo uns e mortos a pauladas segundo outros, depois de terem feito as covas onde deviam ser enterrados!

Mezes antes, em Fevereiro, ainda o deshumano Cháchá, em S. Sebastião do Cahy, mandou tambem fuzilar o capitão Manoel Cesario Pereira das Neves, retirado da cadeia da referida cidade para aquelle tragico fim. Seguiu amarrado de pés e mãos, atirado no tombadilhô do vapôr, sob fogosa canicula, isto na culta capital do Estado!

Eram communs estes actos deshumanos praticados por forças do governo.

Foi por esta mesma epocha, 9 de Março de 1894, que o tenente-coronel Alfredo Mesquita, approximando-se da villa de S. Martinho com o regimento de seu commando, mancommunado com seu intendente, Praxedes Pereira, mandou degollar, depois de despido, atado e castrado, o probo e estimado fazendeiro Balbino Manoel Francisco de Souza.

Illaqueando a boa fé desse idolatrado cidadão, com o pedido de receber uma partida revolucionaria, que se approximava, quando era legal, Praxedes o entregou ao cutelo de seu algoz, tudo por ser monarchista, ter sympathia pelos federalistas e laços de chegada parentesco com a familia Tavares!

Zeca Ferreira continuando acampado no campo de suas operações, de combinação com Annibal Geraldo Pereira, Iungblut, que estavam no Encantado e Virissimo que a elles se reuniu, resolveram atacar Lageado, o que levaram a effeito a 17 de Dezembro, a frente de 400 a 500 homens. A guarnição dessa villa, com o refôrço que recebeu da Estrella, repelliu os atacantes, causando-lhes umas 20 baixas, inclusive 10 mortos, tendo, provavelmente, prejuizo mais ou menos igual.

Derrotados, voltaram p'ra o Encantado, donde desprenderam em fins de Janeiro de 1895 um con-

tingente de 80 homens, que destroçou uma guarda governista na colonia do Travesseiro.

Em principios de Fevereiro entrou Santos Filho, com cerca de 300 homens, no Encantado. Viinha da Lagôa Vermelha, aonde fôra em auxilio de Heleodoro Branco, afim de conter as correrias de Palmeira. Acampando a pouco mais de legua da povoação, mandou, a esse lugar, um piquete em diligencia, que, sorprendido por Annibal Geraldo, foi batido, tendo diversas baixas por morte e perdás de cavallos ensilhados e algumas armas.

Em meados do mesmo mez tirotearam o proprio Santos Filho abaixo do Perau, no lugar denominado Palmas, tendo havido feridos e mortos, sendo de presumir maior numero entre os legaes, porque os rebeldes estavam emboscados.

Na 3.<sup>a</sup> decada de Abril, todos os revolucionarios que s'encontravam no Encantado, em numero de 200, ao mando de Annibal Geraldo, excursionaram pelos campos do Triumpho, tiroteando com forças de S. João do Montenegro e Taquary. Trazendo, de volta, algum gado arrebanhado, principal objecto desta excursão, acamparam na colonia Frankreich, onde receberam a incorporação de Alexandre Joaquim e Machadinho, acompanhados de 50 homens.

Depois desta junção tiveram um encontro com forças do governo, sem maiores consequencias, retirando-se em seguida para o Encantado, onde os foi encontrar a pacificação.

Nunca houve um combate campal d'importancia entre os revolucionarios do Alto Taquary e as forças legaes. A lueta limitou-se a encontros d'emboscadas, surpresas, guerrilhas, escaramuças, ataques ligeiros e retiradas rapidas. Não podiam, mesmo, fazer a guerra d'outra maneira, porque eram verdadeiros agrupamentos de povo reunido, sem nenhum principio de organização militar, dispondo de poucas armas e munições, quasi, exclusivamente, as tomadas aos legalistas. Muito ainda fizeram em prol da ideia pela qual abnegadamente se bateram.

## CAPITULO XII

### A revolução nos municipios de S. Francisco de Paula de Cima da Serra e Taquara.

SUMMARIO: — Inicio de perseguições e violencias; cerco ás casas de Baptista e Bento Soares e resistencia daquelle; Cháchá e coronel Neves; attentados deste; novo ataque contra o coronel Baptista; alferes Piracuruca; alferes Figueiró e coronel Neves; tomada de Taquara; revolta do destacamento de Tres Forquilhas; apprehensões de armas; lueta entre as forças legaes e as de Baptista; incendio das casas de Bento Soares e de Baptista e represalia deste; prisão da senhora de Baptista; derrota das forças de Neves; Thomaz Flores sobe a serra; Chagas tenta obstar; segue para Vaccaria, onde conferencia com Salgado; volta e entrega do commando a Belisario Baptista; suas operações; brutalidades do alferes O. Capistrano; nova prisão da senhora de Baptista; desligam-se das forças deste alguns cabecilhas, que seguem para Vaccaria e voltam com Demetrio Ramos; ataque a casa do coronel Jacob Adam e morte deste; regresso de Ramos para Vaccaria, sua derrota, pacificação.

O inicio das perseguições e arbitrariedades contra os federalistas de S. Francisco de Paula de Cima da Serra data da nomeação de Affonso Marques de Oliveira Velho para delegado desse muni-

cipio, em Setembro de 1892. O alvo preferido por essa autoridade d'escassas lettras, que, provavelmente, cumpria ordens, foi o chefe opposicionista coronel Felisberto Baptista de Almeida Soares, homem de grande prestigio e valôr, ao qual tratou logo de prender.

Com este objectivo, acompanhado por numerosa escolta, dirigiu-se a residencia de Baptista, pondo-a em sitio, mas não o encontrou.

Em Janeiro de 1893, com o mesmo fim, Affonso Marques cercou a casa do capitão Bento Soares, genro do coronel, que, nessa occasião, ahi s'encontrava com a familia. Tendo cerca de 18 pessoas em sua companhia, como sabia que a prisão podia custar-lhe a vida, resistiu, havendo então forte tiroteio entre a gente do delegado e de Baptista, que, apesar de ferido gravemente, assim como um filho, conseguiu escapar-se. Nesta peleja os atacantes tiveram 2 homens mortos e os atacados 3 feridos.

A casa de Bento Soares foi saqueada, de nada valendo o pranto e o pavôr da familia de Baptista contra a selvagem prepotencia dos agentes do governo.

De então por diante o delegado, discricionariamente, punha e dispunha dos haveres dos adversarios, aos quaes molestava e perseguia com implacavel rancôr, encontrando mão forte na pratica de attentados de toda a especie por parte do alferes Oscar Capistrano.

Em Março subiu a serra o capitão Cháchá Pereira, que acampou no lugar denominado Morrinhos, em terras de Bento Soares. Em sua companhia veiu o coronel Francisco d'Oliveira Neves. O capitão, comquanto para punir em pouco tivesse a vida humana, era, todavia, soldado disciplinador, mantendo, por isso, sua força em compostura regular. O coronel Neves, porém, influencia politica no municipio da Taquara, não observou a mesma linha, mostrou-se perseguidor e máo, desmandando-se em actos de duras violencias. Por essa epocha de triste memoria, a voz publica o accusa de ter sido causa das mortes de José Ignacio de Brito, Manoel Jardim da Gloria, Celso Baptista de Almeida Soares, José Viegas e Gaudencio de tal.

Durante a estadia do capitão Cháchá, comquanto Baptista, cuja influencia não deixava de incommodar o governo, se conservasse inactivo pensando seu ferimento em seguro retiro, foi, comtudo, atacado por um contingente de suas forças ao mando do alferes B. Fortes, sahindo illeso do tiroteio havido. Retirando-se o capitão Cháchá, passou o commando ao alferes Piracuruca, que foi uma garantia de ordem e segurança.

Em Agosto passou a commandar a guarnição o alferes da brigada policial Antonio Figueiró, que operando de accôrdo com o coronel Neves e tenente-coronel Francisco Baptista de Lucena, enveredaram pelo caminho das tropelias e violencias, inclusive attentados á vida, como os praticados contra

Bernardo João Cabeleira e Manoel de tal. Sentindo-se Baptista, a vista do procedimento desses homens, sem garantias, tomou armas.

Mandou atacar por Virgilino de Oliveira Pinto a guarnição da villa da Taquara do Mundo Novo, que fugiu.

Caiu em poder dos atacantes 10.000 tiros, 50 armas e muitas lanças.

Em Tres Forquilhas, o destacamento policial de 30 homens, commandado por um sargento, revoltou-se por iniciativa do cabo Pedroso, passando-se para os revolucionarios. A principal causa deste acto d'indisciplina foi o cobarde e iniquo assassinato do deputado provincial Luiz de Moura Azevedo, mandado praticar pelo sargento, commandante do destacamento, que soffreu pena de Talião.

Dando combate a força de Figueiró, a teria destroçado se não fôra soccorrida por um reforço de 100 homens, ao mando do coronel Neves, que a salvou. Reunidas as duas forças legaes marcharam em direcção a fazenda de Bento Soares, que depois de mettida a sacco, entregaram-na ás chamas, assim como a do coronel Baptista, cuja senhora e mais pessoas de familia foram conduzidas presas para a freguezia aonde tinham acampamento.

Baptista, em represalia, incendiou tambem alguns predios de republicanos e vôu em defeza da mulher, mas Neves, Figueiró e Lucena retiraram-se prestos para Taquara, conseguindo assim o destemido cidadão reunir-se a sua esposa e filhos.

As forças legaes, reforçadas, voltaram a atacar Baptista, que estava acampado na casa de Manoel Cidade, mas foram completamente derrotadas após algumas horas de combate, sendo Neves um dos primeiros a pôr-se a salvo. Os legalistas perderam armas, munições, bagagens, cavallos, tendo alguns chegado a Taquara, a noite, distante do lugar da lucta 14 leguas. Como nenhum dos belligerantes dêsse parte deste combate, ficou ignorado o numero de feridos e mortos de cada uma das forças, sendo, entretanto, certo que das forças legaes foram vistos no campo da lucta 11 cadaveres d'infantes de tropa de linha, sacrificados pela cavallaria, que fugiu.

Neves, a frente de 300 a 400 homens, tentou mais uma vez, em companhia do dr. Manoel Telles de Queiroz, subir a serra, mas Antonio Corrêa obriga-os, em fuga, a voltar para Taquara. Todos estes successos occorreram de Outubro de 1892 a Janeiro de 1894.

Em principios de Fevereiro o coronel Thomaz Flores, a frente de uma columna de 1.000 homens, das tres armas, toma caminho da serra.

Por este tempo já tinha Baptista, por enfermo, passado o commando de suas forças ao major Hypolito das Chagas, que se lhe tinha apresentado com alguns alumnos da escola militar. Hypolito tentou embargar-lhe o passo, mas não conseguiu, sendo uma das causas deste insuccesso, o ter-se-lhe



esgotado as munições. Neste encontro, que teve lugar a 7 e 8 do mez predito, o coronel Flores disse em sua parte official ao ministro da guerra, que teve 24 baixas, entre as quaes 5 mortos. Os revolucionarios, segundo foi voz corrente, só tiveram um homem ferido, o que é verosimil, porque combateram emboscados, resguardados pelos mattos que cobrem as serras lateraes da estrada.

O coronel Flores, que foi um elemento de ordem e moralidade, conservou-se por algum tempo em Cima da Serra, donde, retirando-se a chamado, deixou parte de suas forças, que se reuniram a contingentes da divisão do norte e a columna do coronel Arthur Oscar, de volta de Santa Catharina. Tendo arrebanhado o maior numero de animaes que puderam, estas forças, quasi todas, seguiram para a capital do Estado. Hypolito, depois que o coronel Flores chegou em Cima da Serra, seguiu para Vaccaria, onde conferenciou com Salgado, que ahi então s'encontrava.

Regressando para S. Francisco, acochado pelos legalistas, Chagas dissolveu sua gente, reunindo-a pouco depois no Canella. Ahi entregou o commando a Belisario Baptista, que, corrido pelo coronel Pilar, da divisão do norte, retirou-se para o Raposo, onde encontrou uma pequena força vinda de Caxias, sob o commando do tenente Ribas, que foi batida, tendo perdido toda a animalada que conduzia para aquelle municipio. O proprio Ribas foi dar ferido áquella villa.

Tendo, em principios de Abril de 1894, chegado ao Rio Grande a esquadra que conduzia os exercitos dos generaes Salgado e Laurentino, quasi todas as forças legaes que estavam na serra seguiram para Porto Alegre, ficando apenas uma pequena guarnição ao mando de Juvencio Xavier de Abreu e Affonso Marques, que logo passaram o commando a Lula Machado. Belisario, que tinha tido um ligeiro encontro com legalistas no Potrerinho, seguiu a atacar a guarnição da villa, que foi completamente derrotada, fugindo para Taquara, com perda 8 homens mortos e alguns prisioneiros. Os atacantes tambem tiveram mortos e feridos. Desde então os federalistas ficaram senhores do municipio de S. Francisco de Paula. Vindo, neste entretanto, uma pequena força de Caxias, commetteu assassinatos e roubos, incendiando varias casas no Raposo, entre as quaes ainda figurou uma do coronel Baptista.

O alferes O. Capistrano, que tinha ficado na Taquara e foi um degenerado na pratica de arbitrariedades de toda a especie, fez tambem uma incursão em Cima da Serra, prendendo, por essa occasião, a mulher do coronel Baptista, que se achava na serraria de Pedro Gross. Se não fôra a intervenção do alferes E. Abbott, maior teriam sido as violencias á liberdade desta senhora, que até foi levada para o acampamento.

Belisario Baptista, em represalia a algara da força de Caxias, atacou esta villa, que tomou, cau-

sando algumas baixas a pequena guarnição. Parte de suas forças procederam mal, praticaram actos de banditismo, entre os quaes o assassinato do tenente-coronel Miguel Dutra.

Após este successo, Belisario regressou para o municipio de S. Francisco. Por este mesmo tempo, o capitão Cháchá a frente de 250 homens e depois outra pequena força commandada pelo capitão Martins, foram de Caxias a Cima da Serra, mas logo regressaram, sendo o ultimo corrido por Belisario.

Não tendo Antonio Corrêa, capitão Magalhães e os Leões querido entregar dois soldados de suas forças, condemnados a ser fuzilados por praticarem actos de banditismo, desligaram-se das forças de Baptista e seguiram para Vaccaria, onde se reuniram a Demetrio Ramos, que a frente de 400 homens marchou para S. Francisco. Não sabendo que intenções trazia, Baptista preparou-se, mas Demetrio desceu a serra em direcção a Sapiroanga, donde segue para o Passo-Grande e ataca a casa do tenente-coronel Jacob Adam, pondo-a em sitio.

Intimado a render-se, preferiu o valente Adam lutar até morrer, o que se realisou, sendo para isso necessario entregarem sua casa ás chammass. 20 dos seus 30 companheiros tambem pereceram, perdendo os rebeldes 2 homens. Este facto teve lugar a 18 de Janeiro de 1895.

Voltando, após este feito, para Cima da Serra, Demetrio propõe a Baptista atacarem Cháchá, ao que se oppz o chefe federalista; por vêr nesse offi-

cial uma garantia de ordem. Então Demetrio regressa para Vaccaria, onde foi destroçado por gente de Avelino Paim, indo alguns de seus soldados reunirem-se ao coronel Vicente Gomes, com quem tomaram a villa da Conceição do Arroio, marchando em seguida para Cima da Serra, inclusive o coronel, que depois voltou para Santo Antonio, onde se conservou até a pacificação.

O coronel Baptista, como todos os companheiros que lhe ficaram fieis, depois da expulsão dos máos elementos de sua força, conservaram-se, de armas na mão, vigilantes, até que as depuzeram por força da pacificação.

Se a lucta nesta região não teve echo emocional, como noutras zonas do Estado, não foi, entretanto, menos dura e heroica, porque os revolucionarios não tinham fronteira estrangeira para aonde correr em momentos difficeis e onde com relativa facilidade podessem adquirir elementos bellicos.

Aqui, isto é, em Cima da Serra, os federalistas combateram e sustentaram a revolução com armas e munições tomadas aos legaes.

Se os agentes do governo do Estado não se tivessem desmandado em actos de arbitraria prepotencia e malvadez, contra os quaes, em defeza de suas vidas, bens e liberdades, os federalistas tiveram de tomar armas, pouco ou quasi nada teria se feito sentir a revolução nesta circumscripção do territorio rio-grandense.

## CAPITULO XIII

## Terceira invasão. — O almirante Saldanha da Gama em campo

SUMMARIO: — O almirante Saldanha da Gama faz causa commum com a revolução rio-grandense e colloca-se a frente da nova organização das forças, dividindo-as em quatro corpos; invasão dos 2.º e 3.º corpos; reemigração de parte do 2.º; combate de 27 de Outubro junto a villa do Rosario; fuga dos revolucionarios; tiroteios entre Menna Barreto, Barcellos e Carrion; combate das Trahyras; operações do 3.º corpo; tiroteios com as guarnições de Arroio Grande, Cacimbinhas, Piratiny e Camaquam; perseguição deste corpo pelas columnas leaes dos coroneis Savaget e Menna Barreto; surpresa do passo do Valente pelo coronel Telles; junção do 3.º corpo com o 1.º e derrota na Serrilhada da vanguarda do coronel Telles; fim do 3.º corpo; invasão do 1.º; derrota do coronel Sampaio no passo das Pedras; guerrilha com a guarnição de D. Pedrito; combate da Estiva; retirada dos revolucionarios; noticia do armisticio.

Depois da derrota do Sarandy, dissolução da columna do general Pina, das forças missioneiras e serranas dos coroneis Dinarte Dornelles e Prestes Guimarães e emigração da divisão do general Ap-

*Almirante Saldanha da Gama*

paricio, nenhuma força revolucionaria consideravel, regularmente organizada, tiveram mais a combater os legalistas. Apenas conservaram-se reunidos no territorio do Estado alguns grupos, mais ou menos numerosos, como o de Ismael Soares, Gaspar Barreto, Manoel Machado, Barcellos e do proprio Pina, que, após o desastre da Encruzilhada, retirou-se para o Rosario com cerca de 200 companheiros, resto de sua brigada, onde permaneceu socegado desde 19 de Junho até Outubro. Em toda a linha da fronteira, tanto da Republica Oriental como d'Argentina, haviam milhares de revolucionarios, que, apesar de soffrerem duras privações e miserias, aguardavam oportunidade de, novamente, invadir o territorio da Patria.

As forças legaes, parece, tambem cansadas e crentes de ter a revolução tocado a seu termo, não diligenciaram perseguir esses grupos, de modo que gosaram quatro mezes de relativa tranquillidade.

Durante esse tempo, os directores da revolução não descansaram; trataram de organizar novos elementos para uma terceira invasão.

O illustre almirante Saldanha da Gama, já então de volta da Europa, associou-se á causa dos federalistas rio-grandenses, tomando parte activa e intelligente na direcção de todos os negocios relativos á invasão projectada.

Rafael Cabeda conservava sua gente disseminada pelos departamentos de Rivera e Taquarembó, Republica Oriental, mas promptos a primeira voz;

Estacio Azambuja mantinha-se pelo Aceguá com 400 a 500 homens; José Bonifacio da Silva Tavares, Guerreiro Victoria, Zeferino Silveira e outros dispunham tambem de pessoal disposto pelas immediações da Carpintaria; Prestes Guimarães e Dinarte Dornelles, emigrados na fronteira de Corrientes, Republica Argentina, aguardavam recursos, Apparicio e Torquato, com suas forças a pé, maltrapilhas, soffrendo privações de todo o genero, completamente desarmadas, ora marchando, ora se occultando, afim d'evitar a dispersão pelas autoridades argentinas, desciam, lentamente, pela costa oriental do rio Uruguay, no intuito de atravessal-o em Santa Rosa e seguirem para o theatro das operações.

A organização proseguia com a possivel brevidade.

Como não houvesse dinheiro, o almirante Saldanha exigiu um ultimo e supremo esforço dos emigrados e dos brasileiros partidarios da revolução domiciliados na Republica do Uruguay. Graças a este expediente e a incansavel actividade e maneiras diplomaticas do almirante, conseguiu-se ainda reunir 32 mil pezos ouro.

Com este dinheiro e mais algum que lhe forneceu o conselheiro Gaspar Martins, pode acudir as necessidades instantes das forças em via de organização. Comprou armas e munições.

Estas forças dividiu-as em quatro corpos de 2.000 homens cada um.

Apparicio Saraiva, com a graduação de general, seria o commandante do 1.º corpo composto das brigadas do coroneis Torquato Severo e Ulysses Reverbel. Deste corpo fazia parte o resto das forças do legendario Gumercindo.

O segundo corpo, sob o commando do general Antonio Carlos da Silva Piragibe, compôr-se-ia da gente de Rafael Cabeda, em cujo numero entravam os contingentes de Bento Xavier, Manoel Machado, Gaspar Barreto, Timotheo Paim, Ismael Soares e outros; o terceiro sob o commando do general Guerreiro Victoria, seria composto das forças dos coroneis Estacio Azambuja, Collares, Zeferino Silveira, Carolino Amaral, Barcellos e José Anastacio; finalmente o quarto, sob o commando de Prestes Guimarães, tambem com a graduação de general, seria composto de pessoal serrano, da gente dos coroneis Dinarte Dornelles, Felipe Portinho. Augusto Amaral e outros.

Além destes corpos havia projecto de organizar-se um batalhão de 400 navaes, sob o mando do 1.º tenente Antão, o valente commandante da fortaleza de Villegaignon.

Todas estas forças ficavam sob a chefia do almirante Saldanha.

Em Outubro, parte do corpo do general Piragibe passou para o territorio do Estado rio-grandense, acampando em Upamoroty. E' o que se deduz de sua ordem do dia de 9 desse mez, na qual

declarou receber de Rafael Cabeda o commando desse corpo, isto é, o 2.º.

Em fins de Dezembro estava tambem parte do 3.º corpo, sob o commando de Guerreiro Victoria, com cerca de 800 homens, após a incorporação de Carolino Amaral, (56) acampado no Brasil.

A organização do 4.º corpo não passou de projecto.

O 1.º do commando de Apparicio Saraiva, devido a carencia absoluta de elementos e ao precario estado em que chegou da longa marcha, que, por terra estranha, fez do Alto Uruguay ao Rio Grande, só em fins de Fevereiro pôde invadir.

O 2.º corpo, que foi o primeiro a transpôr a fronteira, nunca chegou a ter mais de 1.000 homens, e isto por pouco tempo, porque parte delle, quando Piragibe, logo depois de 9 de Outubro, deixou o commando, emigrou. Só ficaram os valentes coroneis Bento Xavier, Delibio de Barros e outros menos salientes, que s'internaram no Estado em direcção á villa do Rosario.

Segundo dissemos, Pina e Ismael Soares, após o desbarato, dispersão e emigração das principaes forças revolucionarias, conservaram-se no municipio do Rosario com grupos, mais ou menos, numerosos. Foi a razão porque Bento Xavier tomou, de preferencia, essa direcção. Auxiliado por con-

(56) Tres annos após a revolução, os agentes das autoridades do governo do dr. Julio de Castilhos assassinaram este chefe federalista em Santa Izabel e ficaram impunes.

tingentes dos grupos desses dois chefes, resolveu atacar uma força legal, acampada perto da villa daquelle nome. Na madrugada de 27 de Outubro mandou carregar sobre a linha inimiga, levando-a de vencida até a villa, com cuja guarnição oppôz resistencia efficaz no quartel.

O tenente-coronel revolucionario Joaquim Ladisláo e Silva, conhecido por Bahiano, que carregou com summa intrepidez, caiu varado por uma bala na frente de seus commandados. Morreram tambem neste combate sem importancia o major Serafim Timbaúva, alferes Clemente de tal e mais algumas praças. A força legal, commandada pelo coronel Ramiro de Oliveira, teve fóra de combate dez homens mortos, oito praças do exercito e dois patriotas, dos quaes um era tenente.

Na essencia é o que consta da parte deste combate, dada pelo coronel Bento Xavier ao coronel Rafael Cabeda, salvo o numero de mortos attribuido por aquelle coronel ao inimigo, mais de 50, que é evidentemente exagerado, como o total da força governista, 600 homens. (57)

Logo após este combate, approximando-se uma força governista ao mando do coronel Bento Porto, foram os revolucionarios obrigados a levantar acampamento, sendo tenazmente perseguidos. Desta feita Bento Xavier, com grande parte de sua gente,

(57) Fazemos esta affirmacão baseada no que, por escripto, nos referiu o cidadão Amaro Gomes Souto, residente na villa do Rosario, muito conhecido por sua siseude e um dos mais considerados do lugar e além de tudo insuspeito por pertencer ao partido federalista.

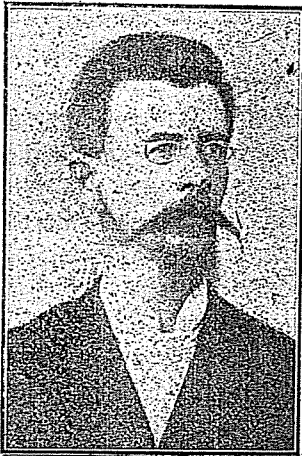
emigrou em Quarahy e o general Pina na Serri-lhada. Foi por esta mesma epocha, Outubro, que o general Menna Barreto procurou atacar os chefes rebeldes Barcellos e Carrion. Estes, que não dispunham de mais de 300 homens, não poderam resistir a força legal, pelo que, depois de ligeiro tiroteio no rincão do Inferno, retiraram-se guerrilhando em distancia de mais de duas leguas, até que o inimigo os abandonou. Barcellos reuniu-se, então, ao coronel José Bonifacio da Silva Tavares, que s'encontrava no Espantoso, rio Negro, após o combate das Trahyras.

Conforme ficou dito, o 2.º corpo, ao ephemero mando do general Piragibe, nunca teve mais de 1.000 homens, elevando-se a este numero com a incorporação dos 300 de José B. da Silva Tavares, que não pertenciam a esse corpo. Em seguida á sua desorganisação, Tavares retirou-se com seus 300 companheiros, e ao passar pelas pontas de Upamoroty reuniu-se a Gaspar Barreto, que estava acampado nesse sitio, seguindo ambos, então com cerca de 600 homens, para o município de Bagé, ao rumo da fazenda do Limoeiro, sobre a costa do arroio do Tigre, onde chegaram na tarde de 4 de Novembro. Nesta paragem souberam que o coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz estava acampado na invernada de Camaquam, e que do passo reforçados, no rio daquelle nome, tinham marchado 300 homens com direcção a predita fazenda e acampado, a 4, no rincão das Palmas. Neste mes-

mo dia Pantaleão levantou acampamento e marchou para Bagé, para aonde também, na madrugada de 6, dirigiu-se a outra força.

Tendo os dois chefes federalistas resolvido dar combate e esta força, Gaspar Barreto marchou com o objectivo de atacal-a pelo flanco direito, cortando-lhe a retaguarda e Silva Tavares pelo flanco esquerdo.

A força legal, transpondo o arroyo das Trahyras, tinha apenas caminhado pouco mais de um kilometro, quando avistou a brigada de Gaspar Barreto, iniciando-se immediatamente entre as duas forças nutrido fogo de fuzilaria. Receando as cargas de cavallaria, o commandante governista formou quadrado e contramarchou com o fim de s'entrincheirar numa casa, que já lhe tinha ficado a uns dois kilometros a retaguarda.



*Tte.-Cel. Gaspar Barreto*

Os revolucionarios carregaram impetuosamente por todos os lados do quadrado, mas apesar de terem-no abalado, não conseguiram obstar, devido os accidentes do terreno, que mesmo algum tanto em desordem, mas luctando sempre, alcançasse a casa alludida.

Desalojados da primeira linha de defeza, depois de heroica resistencia, s'entrincheiraram na casa, donde continuaram a resistir com firmeza e valôr.

Os revolucionarios, no ardôr da peleja, levaram a audacia até a loucura de lancearem pelas janellas aquelles que combatiam de dentro de casa. A aproximação do coronel Pantaleão, que correu em auxilio do bravo tenente-coronel Cypriano da Costa Ferreira, commandante desta força, obrigou os revolucionarios a se retirarem sem tomar a casa.

Este encontro, conhecido sob a denominação de combate das Trahyras, onde os federalistas eram superiores em numero, mas, como sempre, inferiores em armas, foi um dos mais encarniçados e sangrentos da revolução. Tiveram 28 mortos, dos quaes 19 succumbiram junto a casa onde s'entrincheirou a força legal.

Teve fim neste memoravel combate o afamado guerrilheiro Fidelis Fagundes, espirito rustico, original por sua vida aventureira e valente até a temeridade; o major Damasio Sarmento, o bravo capitão Pedro José Ribeiro, além de muitos outros. Foram perdas extremamente sensiveis á revolução.

Segundo a parte official dada pelo austero e valoroso tenente-coronel Cypriano da Costa Ferreira, a força legal teve 48 mortos e 52 feridos, contando-se quatro officiaes no numero daquelles. Para melhor juizo historico trasladamos para estas paginas as partes officiaes sobre este combate, inclusive a do tenente-coronel Cypriano, que destôa

da norma em geral seguida pelos chefes governistas em documentos desta natureza, onde, a par do insulto soêz aos adversarios, exageravam de modo ridiculo a valentia dos seus, o valôr de insignificantes tiroteios, chegando, por mais de uma vez, ao extremo de converterem derrotas em victorias.

Eis na integra as partes a que alludimos:

Commando da 1.<sup>a</sup> brigada da 1.<sup>a</sup> divisão do exercito libertador.

Ao cidadão coronel José Bonifacio da Silva Tavares, commandante da 1.<sup>a</sup> divisão.

#### PARTE

Em cumprimento as ordens que pessoalmente me foram dadas por V. Ex.<sup>a</sup>, segui hontem as 7 horas da manhã com a brigada de meu commando, afim de sahir pelo flanco direito do inimigo que vinha em direcção a Bagé, e cortar-lhe, se fosse possível, a retaguarda, conseguindo cumprir o que determinastes.

Ao avistar-nos se iniciou um fogo nutrido e simultaneo entre minha brigada e o inimigo, que segundo parece, temendo alguma carga de cavallaria, formou immediatamente quadrado, dirigindo-se a uma casa que já havia ficado a retaguarda para entrincheirar-se melhor. Assim comprehendendo, mandei que os lanceiros carregassem sobre o quadrado, conseguindo rompel-o, porém não sem obstar a que o inimigo se apoderasse, já em debandada, da casa, devido ao máo terreno que impossibilitava todos os movimen-

tos da minha cavallaria. Ordenando então a retirada dos lanceiros, ordenei que avançassem os atiradores, sustentando um vivo fogo, até vosso signal de cessal-o, afim de vosso enviado parlamentar com o inimigo.

Cumprindo o signal immediato que mandastes fazer após o parlamento, de **avancar, fogo e carga**, tratei de atacar a casa e mangueira contigua, onde se achava o inimigo, conseguindo apoderar-me dessa posição, ficando o terreno coberto de cadaveres do inimigo.

Nessa posição, devido a falta de espaço, tive que avançar em columna cerrada, sofrendo numerosas descargas do inimigo que nos prejudicaram bastante, já difficultando o ataque decisivo sobre a casa, ultimo reducto que nos restava para ficar totalmente dono do campo d'acção, já tambem pelas perdas que começamos a ter de alguns companheiros, o que até então não tínhamos a lamentar. Recebendo ordem de V. Ex.<sup>a</sup> para retirar-me, a vista da parte d'approximação de duas columnas inimigas, em número muito superior a nossa, que vinham em protecção da que tínhamos derrotado, uma de Bagé e outra de Camaquam, ficando a primeira a uma legua de distancia e a outra a duas, obedeci.

Não só pelo calculo que fiz, como tambem pelos mappas que encontramos no archivo inimigo, de que meus soldados se apoderaram, era a columna inimiga mandada pelo capitão do exercito e tenente-coronel da brigada militar Cypriano da Costa Ferreira e em numero de 300 homens, inclusive 70 homens de cavallaria, que em debandada



fugiram as primeiras descargas. Tomamos 200 cavallos, armamento Mauzer, munições e outros petrechos bellicos. Tambem fizemos alguns prisioneiros, que depois confessaram, com effeito, ser a columna inimiga de 300 homens, mais ou menos, e haver apenas sobrevivido 60 dentro da casa, quasi todos feridos. Apesar de conhecido o valôr dos officiaes e soldados do exercito libertador, cumpro um dever salientando o heroismo da força sob meu commando, que chegou até a lancear o inimigo dentro da casa pelas janellas e portas defendidas a bayonetas pelo inimigo que nunca deixou de fazer fogo.

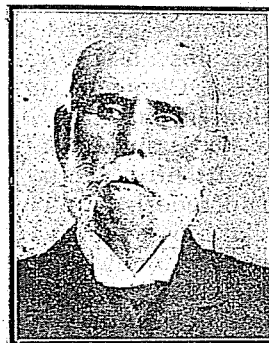
Desgraçadamente temos que lamentar a morte de 19 companheiros, victimas de sua coragem, entre os quaes se acham os seguintes officiaes: major Damasio Sarmiento, capitão Pedro José Ribeiro, alferes Frederico Reichman e 15 feridos, sendo officiaes, os maiores Francisco Gomes Machado e Dario Luiz de Vasconcellos. Este commando o felicita pela esplendida victoria que acabou, mais uma vez, de obter as armas do Exercito Libertador, defensores da liberdade rio-grandense contra a ignominiosa tirannia que hoje nos envilece.

Acampamento em marcha, 7 de Novembro de 1894. — *Gaspar Barreto.*”

“Commando da 1.ª divisão do Exercito Libertador. — Acampamento em marcha, fazenda do Limoeiro, 6 de Novembro de 1894. — Exm.º snr. general em chefe do Exercito Libertador.

Na tarde do dia 4 chegamos a fazenda do Limoeiro, na costa do arroio do Tigre, communicando-nos as avançadas que na invernada de Camaquam se achava acampado o coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz e que do passo dos Enforcados marchavam 300 homens ao rumo da fazenda do Limoeiro; esta força acampou a 4 perto da venda das Pedras, nas Palmas.

A columna que estava acampada na invernada marchou na tarde de 4 com rumo a Bagé pelo caminho de Alves Branco. No dia 6, pelas 7 da manhã tive communicação que a columna que tinha ficado acampada nos campos de Luiz Delfino, nas Palmas, marchava com rumo a estancia do Limoeiro; puz-me então em movimento, fazendo marchar a columna do coronel Gaspar Barreto pelas sangas do cerro das Pedras Brancas, com o fim de atacar o inimigo pelo flanco direito e cortar-lhe a retaguarda.



*Coronel J. Bonifacio da Silva Tavares*

Marchei com o resto das forças de meu commando pelo flanco esquerdo, ao rumo do capão dos Enforcados; observando, vi que o inimigo já tinha passado o arroio das Trahyras e deixado de oito a dez quadras para trás a casa de Antonio Vieira, parando junto a um rancho que existe neste ponto. Mande então estender as linhas para tomar-lhe o flanco. Ao avistar as forças atacantes, o

inimigo formou quadrado, retirando-se. Nossas forças carregaram sobre o quadrado inimigo que em poucas cargas de lança seca foi completamente desfeito, continuando este em retirada até a casa de Antonio Vieira, onde chegaram entreverados com os nossos lanceiros; perto de cem conseguiram entrincheirar-se na referida casa. Enviei parlamento, porém, foi recebido a bala. Reorganizei as forças e ataquei o ponto em que estavam entrincheirados, o que foi levado a effeito com o maior denodo por nossos soldados. No mencionado ataque tivemos a desgraça de perder 19 bravos dos nossos, que cairam mortalmente feridos. Cito com orgulho os nomes destes valentes: tenente-coronel Fidelis Fagundes, major Damasio Sarmiento, capitão Pedro José Ribeiro, tenente Rodolpho Azevedo e alferes Frederico Reichman. Entre os feridos contam-se o bravo tenente-coronel Adam Latorre, tenente Rosado, major Francisco Gomes Machado, major Dario e capitães Solles e Eleuterio de Mello, etc. Como prejuizos materiaes tivemos nesta accção de 40 a 50 cavalloos mortos. Tomamos ao inimigo grande quantidade de munições, armas, a cavahada, equipagens, o archivo, os instrumentos da banda e até o proprio estandarte.

Cumpro-me scientificar-vos que o inimigo abandonando as armas, as inutilisavam, tirando-lhes as peças mais necessarias a seu uso. Pelo archivo verificamos que esta força era o 2.º batalhão da brigada policial com um effectivo de 213 praças d'infantaria

e 70 a 100 de cavallaria, todos ao mando do tenente-coronel Cypriano da C. Ferreira.

Nossas baixas são approximadamente de 40 homens. Conjuntamente envio-lhe a parte do coronel Gaspar Barreto, que tão valioso concurso prestou a esta victoria.

Ao retirar-me vi fumegar a distancia minha casa, sabendo depois que coube igual sorte a do Barão de Santa Tecla. Foi grande a mortalidade do inimigo e pelo calculo que fizemos mais tarde, pudemos comprovar que tiveram 230 baixas, das quaes 100 feridos, logrando apenas escapar 50.

Felicito a V. Ex.<sup>a</sup> por mais esta victoria da revolução. — *José B. da Silva Tavares.*" (58)

A parte official dada pelo commandante da força legal, foi a seguinte:

"Commando do 2.º batalhão de infantaria da brigada militar do Estado. — Acampamento na estancia do Vieira, municipio de Bagé, 7 de Novembro de 1894.

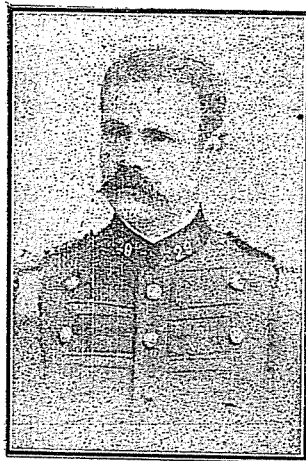
Ao snr. coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante da brigada militar.

#### PARTE

Cumpro honroso dever communicando-vos que hontem pelas 7 horas da manhã travei combate com uma força revolucionaria de 700 a 800 homens sob as ordens do intitu-

(58) Gaspar Barreto, após a revolução, em conversa, disse-nos que os federalistas tinham perdido neste combate 28 homens mortos, 19 junto a casa e 9 antes do ataque a esse reducto. O coronel J. B. da Silva Tavares attribue ao inimigo um prejuizo excessivamente exagerado.

lado general Zeca Tavares. <sup>(59)</sup> Conforme determinastes, na tarde de 3 do corrente, marchei da fazenda de José Saraiva, no Camaquan, com o batalhão de meu commando e um piquete de cavallaria do regimento da reserva para os serviços propios desta arma.



*Tenente-Coronel Cypriano da Costa Ferreira*

Nos dias 4 e 5 conservei-me no rincão de Palmas, onde encontrei e fiz bater pequenos grupos rebeldes. Na madrugada de 6 levantei acampamento tomando rumo de Bagé, em cujas proximidades deveria encontrar-vos, segundo as instruções que recebi. Havia marchado a extensão de 2 leguas seguramente, quando ao transpôr o arroio das Trahyras para a margem esquerda, appareceram diversas vedetas do inimigo, que fugiram em diferentes direcções perseguidas pelas avançadas; immediatamente vi assomar por toda a parte fortes piquetes inimigos, notando na frente numerosa força de cavallaria, que tornava inefficaz a acção offensiva de minha vanguarda.

Completamente envolvido em campo aberto, ordenei a retirada, em quadrado, para a casa da estancia do Vieira, situada

(59) Os revolucionários não passavam de 600 homens.

a margem esquerda do citado arroio e a um quarto de legua para minha retaguarda; tentava ahi entrincheirar-me, pois, contava apenas com o total de 230 homens, inclusive o contingente do regimento da reserva e officialidade.

Já então o inimigo que aproveitara as coxilhas para occultar-se, avançava rapidamente carregando sobre as quatro faces da formatura, sendo, porém, repellido por descargas successivas que o faziam recuar aterrado com a fuzilaria dos nossos valentes soldados, que a passo ordinario lograram a posse da casa indicada. Occupada esta posição que nos deveria dar a victoria do combate, o inimigo abandonou a carga, organisando um ataque a pé e a cavallo auxiliado pelos accidentes do terreno.

Nossos bravos vigilantes guardam seus postos. Rompe a fuzilaria inimiga e o combate s'empenha de novo vigorosamente. A refrega torna-se mortifera e encarniçada. A impetuosidade do assalto força-nos a abandonar nossa primeira linha de defeza, onde o fogo engajou-se a peito descoberto. Alguns mais audazes lançam-se sobre nossas bayonetas encontrando a morte.

Nosso ultimo reducto, envolvido numa saraivada de balas, está rubro de sangue; mas a resistencia firme, energica vence a tenacidade e vehemencia do ataque! O inimigo desordena-se e retira-se com grandes perdas para não mais voltar. Era cerca de uma hora da tarde.

Onze lanças, muitos fuzis de diversos systemas, espadas e outros artigos bellicos,

ficaram em nosso poder. Teve o batalhão 74 baixas, sendo mortos 3 officiaes e trinta e duas praças. O piquete de cavallaria conta 13 mortos, inclusive um official e 13 praças feridas; ao todo 100 homens fóra de combate. De uns e outros envio-lhe a inclusa relação nominal e posso garantir-vos que entre os mortos e feridos do inimigo achou-se varios officiaes superiores e subalternos.

Submettendo ao vosso alto criterio a narração do combate de 6, dóe dizer-vos que tombaram no campo da peleja o bravo e calmo veterano capitão João Machado de Moraes Sarmento, o joven e intrepido tenente Francisco Antonio de Freitas, uma das esperanças da brigada estadual; o destemido alferes Raymundo Nunes de Araujo, distincto por suas qualidades militares e o valoroso alferes do regimento da reserva Manoel José Fernandes.

Terminando, sinto viva satisfação deixando aqui registrado que durante a lucta excepcional que sustentei com um inimigo muito superior em numero, poderosamente contribuíram para o brilhante resultado do combate do arroio Trahyras, o ardor, a disciplina e heroismo dos officiaes e praças em geral; orgulho-me de patentear esse facto que tanto honra não só a brigada estadual, mas também e principalmente o batalhão que tenho a gloria de commandar.

Cumpro ainda o imperioso dever, affirmando-vos que o contingente de cavallaria do regimento da reserva, que combateu sob minhas ordens, portou-se n'altura dos creditos de que goza a valente e já famosa cor-

poração a que pertence. — *Cypriano da Costa Ferreira*, tenente-coronel."

Conforme dissemos, o 3.º corpo, sob o commando do general Guerreiro Victoria, com 700 homens, mais ou menos, na terceira dezena de Dezembro, estava também acampado no Brasil.

Na tarde de 25 deste mez acampou junto ao arroio Chasqueiro, depois de ter corrido um piquete da guarnição da villa do Arroio Grande, que, perseguido até esta povoação, soffreu algumas baixas. Proseguindo, lentamente, a espera das partidas incumbidas de arrebanhar cavallo, passou a 6 de Janeiro de 1895 por Cacimbinhas, batendo a pequena força do tenente-coronel Madruga, que, segundo a parte dada ao dr. Piratinino de Almeida, teve um prejuizo de 8 homens, fugindo, afinal.

No dia 20 entrou na villa de Piratiny, tendo antes ligeiro tiroteio com uma pequena força ao mando do tenente-coronel Leão Terra, que perdeu dois homens, tanto quanto os revolucionarios.

Levantando acampamento desta villa, onde suppriu-se de algumas necessidades, passou por Cangussú, seguindo em direcção a S. João de Camaquam, onde entrou a 2 de Fevereiro, tendo já sob seu commando mais de 1.000 homens, devido as constantes incorporações de grupos partidarios da revolução.

A guarnição, composta de 250 homens, offereceu fraca resistencia, pondo-se logo em fuga, com

prejuizo de dois homens. A força atacante perdeu o valente capitão Antonio Ruivo.

Desprendendo-se desta força o chefe revolucionario Carolino Amaral, que com pouco mais de cem homens, durante toda a revolução, nunca deixou de operar no municipio de Santa Izabel, atacou, de surpresa, a 10 de Fevereiro, pela madrugada, a estação de Piratiny, tendo cahido em seu poder o tenente-coronel legalista João Paulo Botelho, bem como seu cabo de ordens, que foram mortos. Este official superior governista tinha se feito notavel por actos de maldade, tornando-se o terror do povo desse sitio. Além destes morreram mais dois ou tres homens, caindo prisioneiros varias praças, que foram mandadas em paz, depois d'entregarem as armas. Carregando com a munição que poude, afim d'evitar o inimigo, que acudiu de Pelotas e Bagé, retirou-se para o campo de suas operações — o municipio de Santa Izabel.

A força de Guerreiro Victoria arrebanhou no municipio de Camaquam numerosa cavahada, demorando 14 dias na villa deste nome, donde levantou acampamento a 16, evitando o inimigo, que tratava de sitial-a.

Na madrugada do dia seguinte a vanguarda da divisão do coronel Savaget, que a perseguiu todo dia, guerrilhou incessantemente com sua retaguarda, até que a perdeu de vista. Seguindo, então, com direcção ao passo do Candiota, retrocede por deparar com forças contrarias e segue para

Torrinhas, pontas do Camaquam, onde permaneceu dois dias. Marcha, deste ponto, com rumo a Bagé e acampa no passo do Valente.

Sabedor disto, Carlos Telles sahe de Bagé as 11 horas da noite do dia 10 de Março e surprehende, na madrugada de 11, depois de morta a sentinella que estava no passo, a força revolucionaria, chegando a penetrar em seu acampamento. Levantando o dia, os federalistas se retiraram com algum prejuizo em direcção a Carpintaria, estacionando no passo do Seival, na costa do rio Negro.

O coronel Telles volta a Bagé, donde torna, sem demora, com maior força em perseguição do inimigo. Percebendo-a, a columna revolucionaria atravessou o rio Negro e fez junção com o general Apparicio Saraiva, que invadindo o territorio rio-grandense em fins de Fevereiro, estava acampado em S. Luiz. As duas forças reunidas não passavam de 1.500 a 1.600 homens.

As de Telles, que eram iguaes em numero, senão superiores, porém muito melhor armadas e equipadas, acamparam, por sua vez, no passo do Seival, o qual tambem transpuzeram e foram acampar na estancia do Barão de Santa Tecla.

A 16, o coronel Chagas, em cumprimento de ordens, a frente de 200 praças, foi atacar a vanguarda do coronel Telles, composta de mais de 300 homens de cavallaria. Enganjando nutrido fogo, os revolucionarios, obedecendo um plano, foram retirando-se, em direcção a ilha de S. Luiz, fazendo

um percurso de tres leguas, sempre tenazmente perseguidos pelo inimigo, que bem montado e já a curta distancia, procurava com empenho e confiança derrotar esta pequena força, que, de cavallos cansados, estava, de facto, prestes a ser envolvida.

Na altura da ilha de S. Luiz, onde se achava emboscado, apparecendo, d'improviso, Apparicio, a frente de 300 lanceiros, atacou, de flanco, com desusada violencia a força legal, pondo-a logo em desordem, infringindo-lhe a mais completa derrota. Tal foi a violencia do choque, que os perseguidores, na maior anarchia e confusão, fugiam, uns para o territorio da Republica Oriental, outros ao rumo do grôso da força de Telles, que estava no passo de S. Luiz e finalmente outros sem norte, só procurando na fuga a salvação. Mais de 40 cadáveres foram contados no campo d'acção, além de muitos petrechos bellicos. Este foi o segundo combate que, durante a revolução, feriu-se no lugar conhecido sob a denominação de Serrilhada.

Depois desta junção com a columna de Apparicio, findaram as operações do 3.º corpo, retirando-se o commandante, general Guerreiro Victoria, enfermo, para a Republica Oriental.

Dos quatro corpos revolucionarios projectados, não falando do 4.º que nunca chegou a se organizar, só faltava invadir o 1.º, de Apparicio Saraiva.

A 27 de Fevereiro estava bivacado em territorio rio-grandense.

A 28 de ~~de~~otou o coronel João Cezar Sampaio nas pontas do Ibirapuitan, no passo das Pedras ou Lageado, municipio de Santanna. Tendo Sampaio partido da cidade deste nome com cerca de 200 homens, afim de recolher-se a capital do Estado, onde ia assumir o cargo de quartel-mestre general, foi sorprendido no lugar referido por cerca de 500 a 600 revolucionarios, que sem difficuldade derrotaram e puzeram em fuga a força legal.

As versões do tempo não foram favoraveis ao valôr do coronel Sampaio neste combate, onde morreram heroicamente o capitão João Baptista de Avila Ortiz, alferes Raposo, Francisco de Paula de Amaral Menna e outros officiaes, além de 40 a 50 praças de pret. O coronel, afim de justificar-se, escreveu uma carta a redacção do jornal "A Federação", onde, tomado de odio e despeito, revelou, em linguagem acrimoniosa, entranhado rancôr aos partidarios da revolução e ao seu illustre chefe civil.

Caiu em poder da força victoriosa todo o archivo do coronel, tres carroças, cargueiros, armas, cavallos ensilhados, etc. Encontrou-se a copia de um telegramma que, em 7 de Dezembro, dirigiu ao dr. Julio de Castilhos, no qual se mostrava resentido por não ter sido promovido a general, pondo, ao mesmo tempo, em evidencia seu cego partidatismo, visto como sendo delegado do governo da União, perguntava, entretanto, ao dr. Castilhos, se

queria que continuasse a manter boas relações com o commandante da fronteira Oriental.

Melhor que nós dá conta deste feito d'armas a parte official de Apparicio Saraiva, assim concebida:

"Acampamento em marcha, 1.º de Março de 1895.

Exm.º snr.: Tenho a communicar-vos que os acontecimentos de nossos tres primeiros dias de marcha, são lisonjeiros. No primeiro dia desprendi uma columna ao mando do coronel Manoel Machado, para uma commissão, seguindo nós pelo caminho. A noite, ás dez, acampamos na estancia de Manoel Ayres Coelho, no cerro Azul.

Na vespera tive noticias que o coronel Sampaio tinha se ausentado de Santanna, a frente de 500 homens, com destino a Cacequi. Já o tinha observado quando elle pôz-se em movimento; fazendo voltar a força de meu commando, costeamos o cerro a galope, afim de alcançal-o. Ao chegar nossa vanguarda a frente do inimigo, este estendeu linha de guerrilha, começando um pequeno tiroteio, que immediatamente cessou com a aproximação de nossos lanceiros. O inimigo tratou de fugir, mas os nossos á porfia disputavam o caminho para perseguil-o. A perseguição durou até a noite. Os perseguidos, regularmente montados, alliviavam os cavallos dos objectos de montaria, occultando-se muitos nos mattos, fugindo outros em diversas direcções. O coronel Sampaio, montado em cavallo de raça, corria na frente.

Por fim o grupo de fugitivos não era mais que de 35 homens.

Tomamos tres carroças, alguns cargueiros, armas em numero superior a 50, não sendo maior o numero pela difficuldade de s'encontrar no meio do capinzal, onde as atiravam os fugitivos.

No caminho ficaram mais de 60 mortos, entre elles o capitão João Baptista d'Avila Ortiz, commandante do 5.º regimento, capitão Lucio, do 32 batalhão, alferes Raposo, ajudante do coronel Sampaio e outros officaes. Morreu tambem o alferes Francisco de Paula do Amaral Menna, do 5.º, sobrinho do nosso companheiro coronel Augusto Amaral.

Dos nossos morreu o tenente Ciriaco Moura e tivemos tres feridos. Fizemos dez prisioneiros, entre elles um clarim e o 1.º sargento Joaquim Bittencourt da Rocha, muitas mulheres e crianças. Tomamos todo o archivo, instrumentos de musica e 80 e tantos cavallos ensilhados.

Dos companheiros que commigo têm feito toda a campanha, tenho pleno conhecimento e hontem formei meu conceito sobre a presteza de movimentos, promptidão de acção e bravura da que se chama divisão santannense. Com homens como os que compõem a columna a meu mando, não ha paiz que seja escravo por muito tempo. Não tenho nome que citar, porque todos cumpriram com seu dever como sempre.

Nossa perseguição foi além do passo de Bacaquá uma legua. Estamos acampados no passo da Areia, devendo marchar esta

tarde em direcção combinada. Supponho que não conhece o coronel Sampaio, por isso mando-lhe como lembrança seu retrato. Saúde e perseverança. — *Apparicio Saraiva.*" (60)

Depois deste combate a força revolucionaria retrocedeu, tendo a 5 de Março guerrilhado com a guarnição de D. Pedrito, commandada pelo general Elias Amaro, onde houve mortos de parte a parte, mas em pequeno numero. Seguindo na direcção de Serrilhada, fez a 15 ou 16 junção com a força de Guerreiro Victoria, destroçando, como já vimos, nesse dia, a vanguarda do coronel Carlos Telles.

O coronel legalista dirigindo-se para Bagé, afim de receber reforços, marchou em seguida para D. Pedrito, onde chegando a 19 reuniu-se ás forças de Elias Amaro.

A 20 sahiram desta villa, atravessaram o passo de Santa Maria e marchando sempre pela costa do rio acima, no campo dos Ferreiras, no lugar denominado Estiva, Ponche Verde, encontraram a 21 a columna de Apparicio Saraiva. Trouvou-se então forte guerrilha, tendo sido rechasada a cavallaria governista, que se retirou para junto da infantaria com prejuizo de 20 ou 30 homens no dizer dos federalistas e apenas 8 no dos legalistas, que, por sua vez, attribuiram maior prejuizo aos revolucionarios. Vendo que não podiam

(60) Conforme dissemos, Sampaio escassamente<sup>a</sup> teria 200 homens, portanto, é exagerado o numero de 500, que lhe attribue Apparicio.

enfrentar a força inimiga, forte de 1.800 homens bem armados e municidados, os federalistas, que não passavam de 1.500, já com escassez de munições, retiraram-se, sempre tiroteando a força inimiga que os perseguia, até abandonal-os.

Desta feita parte dos revolucionarios emigraram e Apparicio com o resto da força tomou rumo de S. Gabriel, mas retrocedendo passou por Bagé e foi acampar nas pontas do rio Negro, onde tiroteou uma força do governo, que foi desalojal-o e seguiu para a Serrilhada, ahi encontrando-o acampado a noticia do armisticio para a paz.

A revolução, balda de elementos, já tinha perdido todo o primitivo vigôr; agora a custo se arrastava e não foi sem ingentes sacrificios que os corpos de Piragibe, Guerreiro Victoria e Apparicio, que, por ultimo, estavam fundidos só no deste chefe, sustentaram-na até o armisticio. D'então por diante, sem esperança de victoria, salvo acontecimento imprevisto, só poderia prolongar-se mediante guerra de recurso sustentada por habeis e valorosos caudilhos.



## CAPITULO XIV

## Saldanha da Gama

SUMMARIO: — Actividade de Saldanha; trabalho de Sisipho; desanimo da maior parte dos partidarios da revolução; esperanças no governo de Prudente de Moraes; sua ascensão a presidencia e geral decepção do modo por que entendia poder ser feita a pacificação; a opinião nacional a reclama instantemente; a revolução prosegue sem vigor; mudança do commandante do 6.º districto e dos diplomatas do Prata; difficuldades supervenientes com a mudança destes; Saldanha transpõe o Quarahy e acampa no campo Ozorio, no rincão de Artigas; carta do commandante do 6.º districto ao general Tavares solicitando uma conferencia; Tavares consulta Gaspar Martins e Saldanha; resposta de Tavares; ataque ao acampamento de Saldanha, derrota e morte deste chefe; suspensão de hostilidades; pacificação; considerações finais.

O contra-almirante Saldanha da Gama foi, incontestavelmente, quem alentou a terceira invasão federalista.

Dependendo assombrosa actividade, inculcando animo aos fracos; harmonisando desintelligencias, superando difficuldades de todo o genero, acudindo pressuroso as mais urgentes necessidades com os

parcos recursos de que dispunha e a custo conseguia, organisou, como vimos, os corpos de Piragibe, Guerreiro Victoria e Apparicio Saraiva.

Dispondo de boas relações com os chefes politicos dos departamentos da Republica Oriental do Uruguay, fronteiros ao Brasil, em geral sympathicos a revolução federalista, o abnegado e illustre marinheiro ia, apesar d'insanos labôres e não poucas vezes amargas desillusões, vencendo todos os obstaculos. Tinha um verdadeiro trabalho de Sisipho.

Esses corpos organisados com tão ingentes sacrificios, a proporção que entravam em campanha, eram desfeitos pelas forças do governo, cujo embate não resistiam por muito tempo, embora alcançassem triumphos parciaes, que não compensavam as perdas de vida, porque nenhuma esperança mais havia de victoria da revolução. Essa era a convicção geral, só já vislumbrando os espiritos fortes a oportunidade de uma paz honrosa.

A ascensão do dr. Prudente de Moraes a magistratura presidencial, a 15 de Novembro de 1894, era anciosamente esperada como um penhór de paz. Este estado d'alma da maioria dos partidarios da revolução difficultava extremamente o operoso almirante, não só no objectivo de levantar os animos, senão tambem e principalmente no de organizar novas levas para a invasão. Tal era a funda descrença de todas as almas na victoria, que, nem mesmo a grande decepção causada pela attitude de

Prudente de Moraes, cujas manifestações pacíficas discordavam agora de seu modo de sentir na mensagem apresentada ao Congresso, onde dizia que só mediante submissão incondicional dos rebeldes se poderia fazer a pacificação, modificou este estado psychologico. Procuravam por todos os modos justificá-lo, não vendo nesses dizeres a sinceridade de seus sentimentos, mas a pressão do governo dos alferes, do qual só com geito e habilidade aos poucos podia libertar-se.

Só o almirante e o conselheiro Gaspar Martins, cujo apoio jamais lhe faltou, acompanhados por um pugilo de homens resolutos, não desanimavam nesse ambiente, onde fundo era o cansaço dos espiritos.

Quando, mesmo, também participassem desse estado d'animo, não se trahiam por manifestações exteriores.

Entretanto, a onda da pacificação avolumava-se; a consciencia nacional a reclamava como uma necessidade instante, embora á contragosto do jacobinismo sanguisedento e do rancoroso presidente rio-grandense, que não a queria, porque dispondo dos cofres da União, a custa dos quaes beneficiava os patriotas, o seu desejo era exterminar os revolucionarios ou submettel-os incondicionalmente, domando-lhes a altivez até á humilhação.

Entrementes ia a revolução penosamente se arrastando, avançando e recuando. Perseguidos, batidos, acossados por todos os lados, os revolucio-

narios, nas situações difficeis e perigosas, corriam a se abrigar a sombra da bandeira oriental, para, illudindo a vigilancia de suas autoridades ou com a connivencia dellas, de novo, invadirem o territorio patrio. (61)

A mudança do commandante do 6.º districto e dos arrebatados diplomatas de occasião que estavam no Prata, operou sensível modificação na atmosphera da politica tanto externa como interna.

O resultado das reiteradas reclamações do governo brasileiro sobre as facilidades que encontravam os revolucionarios no territorio da Republica Oriental, ora presentes ao governo desta republica por um ministro mais habil, creou sérias difficuldades ao infatigavel batalhador.

A destituição do coronel Lecueder, chefe politico do departamento de Artigas, que dava ao illustre marinheiro ostensiva protecção, seguida da ordem aos mais chefes politicos d'internarem todos

(61) O illustre snr. Dunshee Abranches, na sua excellente obra — A Revolta da Armada e a Revolução Rio-Grandense — no capitulo XLVII, diz que no momento mais agudo desta phase da revolução, em que o almirante foi a alma, as forças combatentes chegaram a s'elevantar a mais de 7.000 homens.

Ha perfeito equivoco neste dizer, porque Saldanha não organisou simultaneamente o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º corpos, unico modo por que poderia ter reunido aquelle numero. A invasão do 2.º seguiu-se a do 3.º, que já só se reuniu a parte daquelle, porque a outra parte emigrou logo que Piragibe deixou o commando; quando o 1.º invadiu, só encontrou parte do 3.º e ainda alguns contingentes do 2.º O 4.º, que devia ser constituido por forças de Prestes, Guimarães e Dinarte Dornelles, não chegou a ser organizado. Parece que o almirante deu essa denominação ás forças que deviam invadir sob o commando de David Martins, das quaes sómente parte passaram, quando o almirante invadiu.

os emigrados 30 leguas longe da fronteira, foi um golpe d'effeito desastroso para a revolução.

Saldanha, em virtude dessa ordem, foi obrigado a transpôr o Quarahy com toda a gente que tinha sob seu commando, cerca de 700 homens, acampando no rincão comprehendido entre o Quarahy e Quarahy Chico, nos campos de Ozorio. O notavel militar escolheu esse lugar por offerecer vantajosas condições estrategicas. Terreno crespo de serros bordados de arvoredos, cortado de grótas escabrosas, tinha os flancos naturalmente defendidos, ficando-lhe aos fundos, mais ou menos a 1/2 legua, o Quarahy, cujas picadas facilitavam a retirada para a republica visinha em caso de possivel desastre. Na frente mandou levantar trincheiras de pedras, com abertas nos extremos, para, resguardando seus combatentes, melhor defender-se dos inimigos. Desde fins de Abril conservava-se nesse sitio, onde a 28 deste mez, sustentou forte tiroteio com uma força legal.

A campanha sobre a pacificação continuava a ganhar terreno, já se levantava a altura de aspiração nacional.

Foi obedecendo a injunção deste sentimento que o general Innocencio Galvão de Queiroz, nomeado commandante do 6.º districto militar, dirigiu ao general Tavares, em 28 de Maio, a seguinte carta, solicitando-lhe uma conferencia:

“Capital Federal, 28 de Maio de 1895. —

Cidadão general João Nunes da Silva Tavares.

Tendo sido nomeado commandante do 6.º districto militar e de todas as forças em operações no Rio Grande do Sul, tenciono partir para lá nos primeiros dias do mez vindouro. Meus intuitos no desempenho dessa penosa commissão são de todo o ponto patrioticos, e feliz me julgaria se a pacificação do Rio Grande se realizasse, sem que uma só gôta de sangue fosse vertida por aquelles que luctam, sabendo que se batem com irmãos.

Inteiramente alheio aos interesses e planos partidarios do vosso Estado natal, não tenho odios ou vinganças a exercer; desejo que termine essa guerra de irmãos que vai conduzindo á ruina um Estado que pôde prosperar e ser feliz, no gozo da paz; interessado pelos credits da Republica e pela sorte futura do paiz, como brasileiro que sou e soldado que tem o dever de sustentar as instituições de sua patria; aninhando assim com sinceridade taes principios, não posso, não devo atirar-me á lucta antes de empregar meios conciliatorios para alcançar dos revoltosos a deposição das armas, mediante condições honrosas para o governo federal que represento e para os rebeldes de que sois o verdadeiro chefe.

Creio em vosso patriotismo e dedicação á terra que vos foi berço, estou intimamente convencido de que não hostilisaes as instituições do paiz, e sei que nem hombridade vos falta, nem de maior honorabilidade precisais para que vos repute um homem de bem e um cidadão prestimoso. Assim, pois, antes de hos-

tilisar as forças que commandais é meu dever ouvir-vos e tratar convosco, como chefes, a pacificação do vosso Estado.

Para isso é que vos dirijo estas linhas ditadas por amor dos creditos do exercito que commando e pela consideração que me mereceis como cidadão de valôr e serviços prestados á Patria; para isso é que vos convido a marcar dia em que vos possa mandar receber na fronteira de Bagé, afim de conferenciardes commigo no meu Quartel-General.

Podeis acreditar na lealdade do vosso camarada. — General *Innocencio Galvão de Queiroz.*”

O velho e honrado general gaúcho, sempre na linha de impecavel lealdade, nenhuma resolução tomou, sem antes ouvir sobre tão delicado quão importante assumpto o conselheiro Gaspar da Silveira Martins e o almirante Saldanha, aquelle chefe civil da revolução e este, actualmente, a alma militar.

Neste sentido dirigiu-lhes as seguintes cartas:

“Ao conselheiro Gaspar da Silveira Martins, em 18 de Junho de 1895. — Apresento a v. ex.<sup>a</sup> minhas cordiaes saudações. Junto a esta remetto copia de uma carta do sr. general Innocencio Galvão de Queiroz, commandante do 6.<sup>o</sup> districto militar, e da resposta que vou dar. V. ex.<sup>a</sup>, inteirado do conteúdo da dita carta e resposta, me scientificará do vosso modo de pensar sobre tão importante questão. — De v. ex.<sup>a</sup>, etc., etc. — *J. N. da Silva Tavares.*”

“Ao almirante Saldanha da Gama, em 18 de Junho de 1895. — Pelo conteúdo das copias junto, v. ex.<sup>a</sup> se inteirará do que occorre neste momento, no Estado do Rio Grande, relativamente á nossa questão. Pela minha resposta, protelando o dia da conferencia, verá v. ex.<sup>a</sup> que é meu intuito ouvir a opinião dos amigos, e principalmente a de v. ex.<sup>a</sup>, cujo alto criterio, lealdade e patriotismo são tão apreciados por quem é de v. ex.<sup>a</sup>, etc. — *J. N. da Silva Tavares.*” (62)

Foi, pois, com sciencia e audiencia do notavel tribuno rio-grandense, que nunca foi contrario a pacificação, como tambem não o era o almirante Saldanha, (63) que Tavares contestou ao general Galvão nos seguintes termos:

Pontas de Poncho Verde, 18 de Junho de 1895. — Cidadão general Innocencio Galvão de Queiroz.

Acabo de receber vossa carta datada de 28 do mez de Maio, invocando o meu patriotismo e dedicação á terra que meu deu berço para convosco combinar os meios de pacificar o glorioso Estado do Rio Grande do Sul, de modo honroso para o governo da

(62) Conforme declaração do general Tavares em publicação que fez no “Correio do Povo” de 8 de Junho de 1898, Saldanha não recebeu essa carta, porque quando chegou a Quarahy, já elle tinha morrido no combate do campo Ozorio.

(63) Carta de Saldanha da Gama, de 4 de Maio de 1895, ao conselheiro Gaspar Martins, onde dizia: “Obstaculo a pacificação! Isso nunca! — Apenas, faço votos para que a pacificação, se vier a realisar-se, seja tão proficua, quão honrosa.”

União que dignamente representais e para a revolução.

Permitti que vos pondere que nunca estiveram em jogo nem o governo federal, nem as instituições de nossa patria, a despeito da intervenção da União em uma questão de character puramente local, que obrigou o paiz ao desgosto de presenciar uma lucta entre irmãos em que têm desaparecido milhares de cidadãos uteis á patria brasileira, ao Estado e á familia.

Sou o primeiro a lamentar as desgraças occorridas em tão largo periodo; mas bem sabeis — não foi mero capricho que me levou ás armas — e mais tarde o Brasil inteiro fará justiça ás nossas intenções e a historia será inflexivel na apreciação dos factos.

Comquanto parte neste pleito de honra, sinto-me como vós com animo calmo e sereno para tratar a paz, com honra para todos e com a paz conquistarmos o direito de viver em liberdade.

Não vos posso marcar o dia em que me deveis mandar receber na fronteira, porque o exercito revolucionario acha-se muito internado no Estado e eu, como vós, desejo suspender as hostilidades emquanto durar a nossa conferencia.

Por telegramma, logo que se approxime o exercito, que para isso já mandei ordem, marcarei dia e lugar em que estarei á vossa disposição.

Confiança na vossa lealdade, vos saúda o vosso camarada. — *João Nunes da Silva Tavares.*

Emquanto os chefes em lenta correspondencia concertavam sobre o dia da conferencia para se tratar da pacificação, as operações de guerra proseguiam em franco declinio por parte das hostes revolucionarias, quasi reduzidas a simples guerrilhas, sem maior importancia, tiroteios ligeiros, escaramuças dexteras mas infructiferas.

O almirante continuava acampado no rincão de Artigas, no campo Ozorio, talvez, sem alento de uma esperanza, curtindo amarguras, que só Deus sabe.

Parece, afinal, que o general Hypolito, que não o perdia de vista, resolveu-se atacal-o energicamente.

Diariamente Saldanha, para não ser sorprendido, mandava explorar, em grande extensão, os terrenos circumvisinhos ao acampamento.

Na manhã de 24 de Junho o piquete que saiu em descobertas, composto de 16 praças e um official, divisou forças inimigas na estancia Ozorio. Verificou que essa columna governista compunha-se de muita infantaria e não pequeno numero de cavallaria. Immediatamente o official fez, por um proprio, essa communicação ao almirante, que se preparou, correndo todos a seus póstos.

A força inimiga marchava na direcção do acampamento federalista, tiroteando já suas avancadas o piquete revolucionario, que recuava para o seio dos seus.

O almirante, em rigôr, dispunha de 400 com-

batentes, porque dois dias antes Pina, Chiquinote e Carlos Libindo tinham partido para o interior do Estado com mais de 200 homens, tendo em vista se reunirem a Apparicio. Saldanha ficou apenas com 140 homens do corpo de Vasco Martins, 150 de Ulysses Reverbel, então commandado pelo tenente-coronel Processo de Andrade, visto ter Ulysses seguido na vespera em diligencia e pouco mais de 100 atiradores de marinha.

Entre as 9 e 10 horas, os governistas, em numero superior a 1.200 homens, mais ou menos a meia legua do acampamento federalista, dispuzeram suas forças, ficando a infantaria no centro e a cavallaria nos flancos. A infantaria revolucionaria tomou posição nas trincheiras com parte das forças de Processo, occupando os flancos a cavallaria de Vasco Martins e o resto da de Processo. A linha das forças leaes approximava-se cada vez mais e o combate proseguia animado, até então sem vantagens pronunciadas para nenhum dos beligerantes.

Quando a linha estava a cerca de 400 metros, investe de lanças em riste um esquadrão de 40 cavalleiros, que a infantaria acclama com entusiasmo das trincheiras. A meio caminho, porém, contritados pelos contrarios da mesma arma, em numero muito superior, redemoinha e volta perseguida de perto pelo inimigo e, em vez de vir occupar a posição donde tinha partido, desorientado pela perseguição, vem direito ao centro da infantaria, que

suspende o fogo para deixal-o passar. Simultaneamente o grósso da cavallaria legal, desbaratando a reduzida cavallaria revolucionaria, penetra no campo entrincheirado, já então defendido por pequeno numero d'infantes, s'estabelece medonha confusão, pronuncia-se franca a derrota, o inimigo golpêa a direita e a esquerda, vendendo os de mais animo caro a vida, cuja salvação outros buscam na fuga para as picadas a retaguarda.

Saldanha, que, segundo o dizer de testemunhas, retirava-se no tranco do cavallo, alentando uma resistencia já impossivel, ou, quem sabe, procurando na morte o fim desse transe de amarguras infinitas, foi, afinal, alcançado, lanceado e morto.

Estava terminada a tragedia, para cujo sinistro complemento, ainda os republicanos degollaram e despiram dezenas de cadaveres, inclusive os dos jovens officiaes de marinha que ahi tombaram ou lhes caíram nas mãos, fazendo o mesmo ao glorioso almirante, cuja orelha esquerda cortaram. (64)

As forças do governo eram commandadas pelo coronel Candido Azambuja e tenente-coronel João Francisco Pereira e Souza, cujos instinctos sanguinarios eram notorios.

Nunca se soube ao certo o prejuizo das forças revolucionarios. Os governistas estimaram-no em cerca de 200 homens mortos e os federalistas em 100 a 150; sendo certo que entre estes figuram os

(64) Auto d'exame no cadaver em 10 de Agosto de 1895.

seguintes officiaes: major Horacio Machado, os 1.º tenentes da armada Luiz Timotheo Pereira da Rosa, Fernando Pinto Ribeiro, este victima de sua lealdade aos companheiros d'armas, visto como depois d'estar preso um anno, assim que o puzeram em liberdade, desertou e foi juntar-se a elles: capitão-ajudante Tranquilino Drago, capitão Arthur Torres, guarda-marinha Alberto de Sá Peixoto, aspirantes Adriano Chaves Capello Piloto Luden, Roberto de Barros, Dorval de Moraes, capitão Larré, José da Silva Guimarães, Antonio Canuto, alferes Borges, Peregrino, Luiz Escobar, Ulysses Azevedo e outros, cujos nomes nos escapam.

O general Tavares dando conhecimento a seus commandados da morte do almirante Saldanha da Gama, fez publicar a seguinte ordem do dia:

“Quartel-general do commando em chefe das forças revolucionarias, em 30 de Junho de 1895. — Ordem do dia.

Armas em funeral!

O almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, que, apesar de suas conhecidas ideias, mostrou-se sempre disposto a servir o governo civil de sua patria ou a retirar-se á vida privada se seu nome fosse um obstaculo a pacificação do nosso glorioso Estado, acaba de desaparecer das fileiras dos luctadores pela liberdade.

No dia 24 do corrente, pela manhã, forças inimigas, em numero de 1.500 homens, atacaram os 250 bravos marinheiros se

mandados pelo inclyto almirante, que, depois de heroica resistencia, foi aniquilado com todos os seus companheiros pela brutalidade numerica.

A perda foi sensível, tanto para a revolução como para o paiz inteiro. Saldanha da Gama é um nome historico, e que muito honrou nossa patria nos diversos certamens profissionaes em que a representou, fazendo sobressahir a marinha brasileira. A mutilação do seu cadaver é a deshonor das forças legaes lançadas contra os libertadores da nossa terra natal, asselvajada por uma horda de fanaticos, pela dictadura positivista.

A nossa causa continúa a ser a causa da liberdade e da humanidade, e quanto mais barbaro e selvatico fôr o procedimento dos nossos adversarios, mais justificado será perante a historia o nosso procedimento, a nossa tenacidade na lucta.

Chamam-nos os assassinos do Rio Negro — onde aprisionámos o marechal Isidoro, o coronel Pantoja, toda a officialidade do 28 batalhão de infantaria, que hoje gozam de plena liberdade; e elles, os puros, os immaculados, mutilam cadaveres, nunca fizeram um só prisioneiro!

As forças legaes têm se conservado fóra das leis da humanidade e emquanto durar o dominio do assassinato e das mutilações no Rio Grande do Sul, com armas ou sem ellas, conserve-se de pé o nosso protesto contra o aviltamento da patria.

Armas em funeral!

Que todos os nossos companheiros se

cubram de luto por oito dias, em honra á memoria de Saldanha da Gama, são as ordens que deveis transmittir aos vossos commandados.

Não vos recommendo coragem e resignação, porque essas são as vossas companheiras dos dias de gloria e das horas de amargura. — *João Nunes da Silva Tavares*, general em chefe.”

A hecatombe do campo Ozorio repercutiu dolorosamente em todo o paiz, só festejando-a com musica e foguetes os adversarios barbarisados por feroz rancôr partidario.

O dia da conferencia para se tratar dos preliminares da pacificação estava, entretanto pendente de resposta telegraphica do general Tavares, que, talvez, se tivesse marcado para tres ou quatro dias após a resposta epistolar, que deu ao general Galvão, independente da approximação do exercito revolucionario, não se dêsse o lugubre successo de 24 de Junho.

Essa resposta, porém, só a deu o velho general em telegramma de 1.º de Julho, assim concebida:

“1 de Julho. — General Galvão. — Pelotas. — No dia 8 do corrente estou ás vossas ordens no passo do Viola. Dei ordem para a suspensão de hostilidades; desde já espero identico procedimento de vossa parte. Estando vosso quartel general em Pelotas, vos peço seja nossa conferencia em Bagé. Aguardo vossa resposta. — General *Tavares*.”

O general Galvão contestou-lhe, sem demora, no dia 2, pela fórma seguinte:

“2 de Julho. — General Tavares. — Melo. — Recebi vosso telegramma. Ordenei suspensão de hostilidades. No dia 8 mandarei official e força de confiança receber-vos no passo do Viola. Meu estado de saude não permite ir a Bagé. Peço-vos a fineza de vir até Pelotas. Em trem especial, meu estado-maior vai receber-vos allí. Confiai na minha lealdade e dos camaradas. A conferencia será demorada e aqui melhor trataremos. Saudades. — General *Galvão de Queiroz*.”

Como se vê a suspensão de hostilidades mediu apenas 9 dias da grande catastrophe do campo Ozorio.

Estava escripto; a fatalidade não obedece leis.

Attendendo o pedido do commandante em chefe das forças legaes, o general Tavares, acompanhado de um grupo de revolucionarios, seguiu a 9 de Julho até a estação de Piratiny, a pouco mais de 50 kilometros de Pelotas, onde no dia 10 verificou-se a conferencia com o general Galvão. Dessá conferencia foi lavrada a acta seguinte:

I — Acta da conferencia que, em 10 de Julho de 1895, teve o general de divisão Innocencio Galvão de Queiroz, commandante em chefe das forças em operações no Estado do Rio Grande do Sul, com o general honorario João Nunes da Silva Tavares, chefe dos



revolucionarios contra o governo do Estado, em Piratiny.

O general Silva Tavares declarou em nome dos seus commandados que nunca luctou nem lucta contra a Republica nem contra o governo da União; que é e sempre será sustentaculo das instituições republicanas; que sómente o governo do dr. Julio de Castilhos o levou a pegar em armas com seus companheiros para defeza de seus direitos políticos e evitar violencias de que foram victimas.

Declara mais que está prompto a depôr as armas perante o governo da União desde que este lhe garanta e a seus companheiros, effectiva posse de todas as garantias e direitos que a Constituição confere a todo o cidadão brasileiro; procedendo-se á reconstituição do Estado do Rio-Grande, de accôrdo com a Constituição Federal e ficando-lhe o direito salvo de requerer indemnisação por prejuizos que soffreram com o abastecimento das forças do governo e outros em suas propriedades. Eu, tenente Emilio Sarmento, ajudante de ordens, servindo de secretario, a presente escrevi em duas vias que vão pelos dois referidos generaes assignadas. — *Innocencio Galvão de Queiroz.* — *General João Nunes da Silva Tavares.*"

Em 31 de Julho o governo da União communicou, reservadamente, ao commandante do 6.º districto que acceitava a 1.ª e 3.ª condição, não acceitando a 2.ª por não ser da competencia do poder executivo e sim do legislativo.

De posse dessa comunicação, reuniram-se, de novo, os dois generaes e firmaram, definitivamente, a paz em 23 de Agosto, conforme se vê dos documentos officiaes infra:

Aos 23 dias do mez de Agosto de 1895, 7.º da Republica, no quartel-general do commando do 6.º districto militar e de todas as forças em operações no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, reunidos os generaes bacharel Innocencio Galvão de Queiroz, commandante em chefe; e João Nunes da Silva Tavares, chefe dos revolucionarios contra o governo do dr. Julio de Castilhos, para ajustarem a pacificação do Estado, foi pelo general de divisão Innocencio Galvão de Queiroz declarado, em nome do presidente da Republica:

Que o governo da União, tomando em consideração a proposta de paz que, por intermedio do commandante das forças legaes, lhe fôra presente, resolvêra acceitar duas das condições da mesma proposta, recusando a terceira pôr estar fóra das attribuições do Poder Executivo da Republica determinar revisão da Constituição dos Estados e ser isso da competencia exclusiva do Poder Legislativo; que o governo entende ser dever do poder publico federal é estadual assegurar a todos os brasileiros obedientes á lei a posse effectiva ou o livre exercicio de todos os direitos e garantias que a Constituição lhes confere e a sinceridade do regimen republicano impõe; que, depostas as armas pelos rebeldes com a sua submissão á lei, o gover-

no cumprirá esse dever em relação a elles e não consentirá que seja illudido; que taes garantias não importarão amnistia que, só o Congresso Federal pôde conceder e concederá provavelmente desde que os rebeldes depuzeram as armas, visto já lhes ter negado por se acharem elles com as armas na mão; que, cessada a lucta armada no sul, não só os rebeldes, como os que luctaram pela legalidade e os que não tomaram parte na lucta, ficarão todos com direito para reclamarem pelos tramites legais, de quem de direito, a indemnisação dos prejuizos que houverem soffrido.

E, exposta a decisão do governo federal pelo commandante em chefe das forças em operações no Rio Grande do Sul, consultado a respeito o general João Nunes da Silva Tavares, respondeu este: Que a condição da revisão da constituição estadual, exigida pelos revoltosos para deposição das armas, não foi com vistas ao governo executivo da Republica; esperam os revoltosos que, tendo della conhecimento, o Congresso resolva ácerca do assumpto, afim de firmar-se real e duradoura a paz no Rio Grande do Sul, esperança que ainda nutrem, porquanto, quaesquer que sejam os bons desejos e a sinceridade do presidente da Republica, affirmando a effectividade dos direitos e garantias permittidos, serão taes direitos e regalias illusorios diante da impossibilidade de uma fiscalisação permanente e effectiva sobre justiça e governo, que se baseam em uma constituição contraria á lei federal; que, con-

fiantes no patriotismo e lealdade, do chefe do governo da União, vão depôr as armas para que o facto de se acharem em lucta armada não seja impecilho a que se lhes reconheça a justiça da causa pela qual até hoje se bateram, que outra não foi senão a necessidade de repellirem, pela força, as violencias e o arbitrio de um poder inconstitucional e discricionario; que acredita no criterio e justiça do Congresso Federal para o qual vai, em nome dos rebeldes, appellar no momento em que estes se submettem ao regimen da lei, o que, no dizer do governo da Republica, lhes permite gosarem dos direitos e regalias que o poder publico deve assegurar a todos os cidadãos brasileiros; que os rebeldes não fizeram questão de indemnisação de prejuizos nem reputam favor ou concessão o que o governo promette a todos — neutros e os que luctaram — e que decorre da simples condição de brasileiros; que não acredita que o governo deseje desarmal-os para punil-os pelo facto de se haverem rebellado contra o governo do Estado, porquanto seria isso o requinte da má fé e da iniquidade; que têm na lealdade e correção do exercito brasileiro os mais significativos penhores para não recusarem depôr com hombridade perante elle as armas de que lançaram mão, não para combatel-o, mas para luctarem com adversarios politicos do seu Estado; que elle, chefe dos revolucionarios, não pôde, porém, prescindir para a deposição das armas que o commandante em chefe das forças legais tome tambem o compromisso de dirigir-se ao governo da União, pedindo o exame da Constituição do Estado.

do Rio Grande, que vai de encontro á lei federal. E o general em chefe das forças legaes, annuindo a essa exigencia, lavrou-se a presente acta que eu, capitão escripturario Marcolino Antonio dos Santos, escrevi. — General *Innocencio Galvão de Queiros*. — General *João Nunes da Silva Tavares*.”

Immediatamente o general Galvão passou o seguinte telegramma ao presidente da Republica:

“Quartel em Pelotas, 23 de Agosto. — Sr. presidente da Republica.

Está assignada a paz do Rio Grande de accôrdo com vossos desejos e decisão. Tavares está aqui. Pelotas em regosijo indescriptivel. Aceitai sinceros parabens pela glorificação do vosso nome, acatamento da vossa autoridade e paz do Estado do Rio Grande. Viva a Republica! — General *Galvão*.”

Por sua vez este magistrado deu sciencia deste feliz acontecimento ao presidente do Estado do Rio Grande do Sul, que lhe contestou pela fórma que se segue:

“Palacio Porto Alegre, 23. — Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica. — Acabo de receber vosso telegramma, que cordialmente agradeço, confessando-me penhorado pelas vossas expressões. Restabelecimento da paz neste Estado, mediante submissão dos rebeldes, nos elevados termos da

vossa digna decisão, determina immenso regosijo no Rio Grande do Sul, que, como theatro principal da caracterisada tentativa contra instituições republicanas, soffre desde Fevereiro de 1893 os funestos effeitos da lucta armada. <sup>(65)</sup>

Ao mesmo tempo tão auspicioso successo envolve vossa justa e nobre benemerencia, attenta a situação honrosa em que se conservam prestigiados os poderes publicos. Faço votos para que aquella submissão seja definitiva. Pela minha parte, tudo envidarei no sentido de auxiliar-vos a tornar effectivas as garantias e direitos constitucionaes.

Em nome do Rio Grande do Sul dirijo-vos sinceras congratulações, extensivas ao vosso governo.

Aceitai minhas cordiaes saudações. — *Julio de Castilhos*.”

Contra o final do pacto da pacificação, em que o commandante em chefe das forças legaes tomou tambem o compromisso de dirigir-se ao governo da União pedindo o exame da constituição do Estado do Rio Grande, o governo federal protestou sob o fundamento de que seu delegado não podia annuir a essa exigencia do chefe revolucionario, visto como já tinha declarado em sua decisão não poder assumil-o por não ser da competencia do

(65) O dr. Julio de Castilhos, de boa ou má fé, entende que a constituição que deu ao Rio Grande é obra republicana, visto attribuir a revolução federalista, cujo principal objectivo era a sua reforma, caracterisada tentativa contra instituições republicanas.

executivo, ratificando, entretanto, tudo mais quanto constava da acta, certo de que isso não seria motivo para o não restabelecimento da paz e congratamento dos brasileiros. (66)

Estava, alfim, terminada a guerra civil, que, em 28 longos mezes, inundou de sangue o solo rio-grandense; fez, segundo os melhores calculos, mais de 12.000 victimas, praticando-se durante esse tempo, para vergonha da terra de seus autores e da civilização, actos canibalescos de repulsiva e hedionda perversidade.

Em diversas zonas do interior do Estado o direito de propriedade desapareceu; as fazendas de criação, sobretudo dos revolucionarios, despovoaram-se, foram entregues ao saque, que enriqueceu não pequeno numero de pobres, arruinou bastantes ricos e reduziu a miseria remediados.

Eis, além de milhares de brasileiros que emigraram para a Republica Argentina e de viúvas e orphãos que, privados do arrimo de seus chefes, ficaram na mais extrema pobreza, os fructos dessa tremenda calamidade social, que jamais são provocadas pelos povos cujos governos respeitam seus direitos.

O unico beneficio real dessa revolta foi terem os federalistas tomado armas para morrerem matando, porque comquanto o delegado do governo

(66) Telegramma de 25 de Agosto do presidente da Republica, dr. Prudente de Moraes, subscripto pelo ministro da guerra, ao commandante do 6.º districto.

da União lhe desse conhecimento que, no Rio Grande, por toda a parte se degollava homens, mulheres e crianças, estando muito desenvolvido o saque, elle continuou a dar toda força ao governo estadual, que consentia na pratica de todos esses horrôres.

A constituição dictatorial do Rio Grande, cuja reforma foi um dos objectivos da revolução, embora manifestamente attentatoria dos principios constitucionaes da União, ficou intacta, amparada pela força material e moral do governo da Republica. E' possivel que, por muito tempo, continue ainda triumphante essa machina compressôra das liberdades rio-grandenses, mesmo agora que occupa a curul presidencial um jurista distincto que, em pleno parlamento declarou — o Rio Grande não tem constituição.

A tangente do poder executivo não ter competencia para promover a reforma da lei constitucional de qualquer Estado não procede, porque uma de suas obrigações é assegurar a execução das leis federaes e manter a fórmula republicana federativa. Portanto esse argumento a que se tem abrigado a fraqueza de todos os presidentes da republica para não enfrentarem a solução desse problema, que não só diz respeito aos principios constitucionaes da União, senão tambem ás liberdades do povo de uma das unidades da Federação, é um fragil pretexto.

A' memoria do autor dessa obra que, dissimu-

ladamente, concentra todos os poderes na mão do presidente do Estado, tendo até o direito d'escolha de seu successôr, como outr'ora o tyranno Pedro Grande da Russia e o sultão de Tunis, seus partidarios levantaram estatua.

Entretanto, o cadaver do famoso tribuno que, na mais ampla comprehensão do amôr ás liberdades patricias, proclamava os verdadeiros principios liberaes, esse nem ao menos descansa no solo patrio, dorme exilado em terra estranha. Talvez um dia, as gerações por vir, cujo gráo de perfeição moral deve ser superior ao da actual, melhor avaliando a mentalidade e belleza de sentimentos entre aquelle que dizia "inimigos não se poupa, nem na pessoa nem nos bens", e o que dizia "guerra civil não, maior flagello póde cair sobre um povo", repare a clamorosa injustiça, apeando do pedestal da estatua a figura bronzea do dictador para em seu lugar collocar a do grande estadista liberal.

A historia, as vezes, tem destas sancções, duras mas justas.

F I M

## INDICE

Prefacio . . . . .	3
Introdução . . . . .	11
CAPITULO I — Invasão . . . . .	147
CAPITULO II — Juncção das forças de Tavares ás de Salgado. Emigração dos revolucionarios. Gumercingo em acção . . . . .	183
CAPITULO III — Gumercingo Saraiva sustenta a revolução em Junho e Julho. Expedição do "Jupiter" . . . . .	217
CAPITULO IV — Operações das forças dos generaes Gumercingo e Salgado desde que fizeram juncção até transporem o rio Pelotas, divisa entre os Estados do Rio Grande e Santa Catharina . . . . .	241
CAPITULO V — Operações da chamada divisão de Santanna . . . . .	265
CAPITULO VI — Operações e fim do exercito organizado pelo general Tavares em Pirahy . . . . .	273
CAPITULO VII — Operações do 2.º corpo d'exercito libertador rio-grandense ao mando do General Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, após a invasão do Estado de Santa Catharina e separação do 1.º corpo de exercito, até seu desaparecimento do theatro da guerra . . . . .	309
CAPITULO VIII — Operações de forças revolucionarias que invadiram pelo Alto-Uruguay . . . . .	349
CAPITULO IX — Operações revolucionarias na região serrana . . . . .	371

---

CAPITULO X — Operações do corpo de exercito do general Gumerindo.....	399
CAPITULO X — (Continuação).....	435
CAPITULO XI — A revolução na zona colonial do Alto-Taquary.....	471
CAPITULO XII — A revolução nos municipios de S. Francisco de Paula e Taquara.....	483
CAPITULO XIII — Terceira invasão. O almirante Saldanha em campo.....	492
CAPITULO XIV — Saldanha da Gama.....	520



